

ANNE CAROLINE MARIANK ALVES SCALIA

**A COMPANHIA DE JESUS E A FORMAÇÃO DA
CULTURA SEXUAL BRASILEIRA: UM ESTUDO
HISTÓRICO E DOCUMENTAL A PARTIR DOS
ESCRITOS DO PADRE MANUEL DA NÓBREGA**



ARARAQUARA – S.P.
2009

ANNE CAROLINE MARIANK ALVES SCALIA

A COMPANHIA DE JESUS E A FORMAÇÃO DA CULTURA SEXUAL BRASILEIRA: UM ESTUDO HISTÓRICO E DOCUMENTAL A PARTIR DOS ESCRITOS DO PADRE MANUEL DA NÓBREGA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da Educação, Programa de Pós em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Trabalho Educativo: Fundamentos Psicológicos e Educação Especial

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Bolsa: CNPq

ARARAQUARA – S.P.
2009

Scalia, Anne Caroline Mariank Alves

A Companhia de Jesus e a formação da cultura sexual brasileira: um estudo histórico e documental a partir dos escritos do padre Manuel da Nóbrega / Anne Caroline Mariank Alves Scalia – 2009

180 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

ORIENTADOR: PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO

1. Brasil -- História -- Período colonial -- 1500-1822. 2. Século XVI. 3. Nóbrega, Manuel da, 1517-1570. 4. Educação sexual -- História. 5. Jesuítas. 6. Cartas. I. Título.

ANNE CAROLINE MARIANK ALVES SCALIA

A COMPANHIA DE JESUS E A FORMAÇÃO DA CULTURA SEXUAL BRASILEIRA: UM ESTUDO HISTÓRICO E DOCUMENTAL A PARTIR DOS ESCRITOS DO PADRE MANUEL DA NÓBREGA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da Educação, Programa de Pós em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Trabalho Educativo: Fundamentos Psicológicos e Educação Especial

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Bolsa: CNPq

Data da defesa: 10/09/2009

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Dra. Arilda Ines Miranda Ribeiro
Universidade Estadual Paulista

Membro Titular: Dra. Eliane Rose Maio Braga
Universidade Estadual de Maringá

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Para aqueles que dão sentido à minha vida

Marcia Mariank Alves

Rodolfo Scalia

Rodrigo Alexis Scalia

Agradecimentos

Gostaria de deixar meus agradecimentos aqueles que acompanharam o desenrolar desta pesquisa e que contribuíram para sua realização.

Em primeiro lugar aos meus pais, Marcia e Rodolfo, pelo apoio e incentivo imensuráveis e pelas oportunidades que me deram na vida; ao meu irmão Rodrigo por compreender a distância e tornar-se meu melhor amigo. Amo vocês.

Aos professores que norteiam meu referencial profissional e acadêmico embasado pela humildade.

Aos amigos distantes, mas sempre amigos. Estes para os quais assumo meu total desleixo em ser presente. Que bom que vocês semeiam nossa relação.

Aos colegas do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) pelos bons momentos e desabafos. Em especial à Ana Paula, Andreza, Regina e Shirley que mais que colegas foram minhas amigas dividindo lamentos e conquistas.

À Andreza, florzinha, que ao morar comigo trouxe em suas melodias o toque de alegria de que precisava. Apesar de muitas vezes eu querer matá-la pelo repertório escolhido.

Ao romance iniciado na fase de redação final desta pesquisa que me deu fôlego para suportar o stress, me fez esquecer prazos e rir à toa.

Agradeço ao CNPq pela concessão da bolsa de estudos à qual possibilitou a realização do presente estudo.

Finalmente quero agradecer ao orientador e amigo Paulo Rennes, pelo exemplo de pesquisador e pessoa, pela paciência, pelo respeito e oportunidades.

Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem e que amanhã recomencarei a aprender. Todos os dias desfaleço-me e desfaço-me em cinza efêmera: todos os dias reconstruo minhas edificações em sonhos eternos.

Cecília Meireles (1979, p.141)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar e analisar as concepções acerca da sexualidade e de comportamentos e condutas sexuais, construídas a partir da incorporação de informações e valores adquiridos sob o olhar, regras e relações estabelecidas com as orientações jesuíticas no primeiro século do período colonial brasileiro, representadas pelo discurso de Manuel da Nóbrega em suas cartas e que podem ser considerados os primeiros documentos sobre educação sexual no Brasil. A cultura sexual brasileira foi forjada ao longo da história, na medida em que atitudes e comportamentos, valores e normas sociais, determinações religiosas e influências dos diferentes povos íam dando forma a essa cultura. A semente dessa cultura foi germinada durante o período colonial quando chegaram os primeiros conquistadores e teve início o processo de miscigenação racial. Na atribuição do que é certo ou errado, normal ou patológico, aceitável ou inadmissível está implícito, de acordo com Michel Foucault, um amplo exercício de poder que socialmente discrimina, separa e classifica. Desta forma, as relações e influências religiosas sob esse campo temático elucidam questões pertinentes que necessitam ser observadas para que se possa entender a difusão de idéias sexuais no período. A análise de 23 escritos do Padre Manuel da Nóbrega, primeiro jesuíta a trazer os preceitos cristãos da Companhia de Jesus para o Brasil, passou a ter grande relevância científica para o construto da educação sexual brasileira, posto que em suas linhas encontra-se rico material sobre as atitudes sexuais vigentes na sociedade brasileira do século XVI, juntamente com prescrições, valores e condutas consideradas aceitáveis pela Igreja.

Palavras – chave: Companhia de Jesus. Manuel da Nóbrega. Brasil Colônia. Século XVI. História da Educação Sexual. Cartas.

ABSTRACT

The target of this work is investigate and analyze the conceptions about sexuality and sexual behaviors and conducts, build through incorporation of informations and values obtained under the view, rules and relations based with the Jesuit orientations in the first century of Brazilian colonial age, represented by Manuel da Nóbrega's speech in his letters and it could be considered the first documents about the Brazilian sexual education. The Brazilian sexual culture was formed through the history, at the same time that acts and behaviors, values and social rules, religious determinations and foreigner influences gave to this culture a form. The seeds of this culture was formed during the Colonial age, at the first conquerors' arrive and the miscegenation process begun. In the attribution of what is right or wrong, normal or pathological, acceptable or not are implicit, according Michel Foucault, a large exercise of power that socially discriminates, separates and classifies it. This way, the religious relations and influences under this thematic field solve relevant questions that need be observed in order to understand the distribution of sexual ideas in the period. The analysis of 23 Father Manuel da Nóbrega's writings, first Jesuit to bring to Brazil the Christian precepts of Company of Jesus, it passed to gain large scientific relevance for the building of Brazilian sexual education, since that in his lines we can find extensive material about sexual attitudes used in sixteenth century Brazilian society, with prescriptions, values and behaviors considered acceptable for the Church.

Keywords: Company of Jesus. Manuel da Nóbrega. Colonial Brazil. Sixteenth Century. Sexual Education History. Writings.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa do Brasil no século XVI.	23
Figura 2	Busto do Pe. Manuel da Nóbrega.	41
Figura 3	Uma feiticeira e seu demônio cavalgando um fállico cabo de vassouras rumo a um sabá. Da obra de Hexen Meystery; de Ulrich Molitor, 1545. Série de Arquivos de pintura de Dôver.	44
Figura 4	Descobrimento do Brasil, tela de Oscar Pereira Silva, no Museu Paulista (Museu do Ipiranga), na capital paulista.	46
Figura 5	Trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha.	47
Figura 6	Cena antropofágica: mulheres da tribo retalham o morto. Da obra Duas Viagens ao Brasil de Hans Stadem.	52
Figura 7	O diabo que faz amor com a bruxa. Da obra Volden Unhlden und Hexex, de Ulrich Molitor, Constance, 1489. Série de Arquivos de Pinturas de Dôver.	53
Figura 8	Família de índios botocudos.	54
Figura 9	A Primeira Missa de São Paulo de Piratininga: o marco do nascimento da cidade	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

D.	Dom
Dr.	Doutor
Ir.	Irmão
N	Nosso
N. S.	Nosso Senhor
Pe.	Padre
S.	Senhor
S. A.	Sua Alteza
Sto	Santo
Sra.	Senhora
V. A.	Vossa Alteza
V. M.	Vossa Mercê
V. R.	Vossa Reverência
V. S.	Vossa Santidade

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	14
1 A POLÍTICA EXPANSIONISTA DE PORTUGAL E O COMPROMISSO DE CRISTIANIZAÇÃO.....	21
1.1 A obra das Missões no plano do Governo Geral.....	22
2 A COMPANHIA DE JESUS E OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	27
2.1 As bases da Reforma	28
2.2 A exigência de uma Reforma parte da própria Igreja	29
2.3 As bases do movimento de Contra-Reforma	31
2.4 A fundação da Companhia de Jesus	36
2.5 Os fundamentos institucionais e morais da Companhia de Jesus	37
2.6 Manuel da Nóbrega, um “herói” de última hora	40
3 A CULTURA DOS HABITANTES BRASILEIROS NO SÉCULO XVI	43
3.1 O testemunho de Pero Vaz de Caminha	45
3.2 Traços da cultura indígena pré-jesuítica	50
3.3 Os colonos como tropeço da ação civilizadora	57
4 O SISTEMA DE ENSINO NO BRASIL NO SÉCULO XVI	65
4.1 O aldeamento como recurso educacional	67
4.2 O Colégio da Sede do Governo Geral, o processo de sua criação e os seus recursos	70
4.3 O Colégio de São Vicente – a sua criação e o seu significado de centro de irradiação do ensino	73
4.4 Colégio de São Paulo de Piratininga	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	90

ANEXOS: Escritos do Pe. Manuel da Nóbrega.....	98
Anexo A: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa.....	99
Anexo B: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa.....	101
Anexo C: Ao Doutor Martin de Azpilcueta Navarro, Coimbra	105
Anexo D: Informação das Terras do Brasil [Aos Padres e Irmãos de Coimbra].....	110
Anexo E: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa.....	113
Anexo F: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa.....	117
Anexo G: Aos Padres e Irmãos de Coimbra.....	119
Anexo H: A D. João III, Rei de Portugal.....	121
Anexo I: A D. João III, Rei de Portugal.....	123
Anexo J: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa.....	125
Anexo L: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa.....	127
Anexo M: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa.....	131
Anexo N: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa.....	133
Anexo O: Ao P. Luís Gonçalves da Câmara, Lisboa.....	136
Anexo P: Ao P. Luís Gonçalves da Câmara, Lisboa.....	141
Anexo Q: A D. João III, Rei de Portugal.....	142
Anexo R: Ao P. Inácio de Loyola, Roma.....	143
Anexo S: Ao P. Miguel de Torres, Lisboa.....	144
Anexo T: Ao P. Miguel de Torres e Padres de Portugal.....	150
Anexo U: A Tomé de Sousa, Portugal.....	157
Anexo V: Ao Cardeal Infante D. Henrique de Portugal.....	171
Anexo X: Ao P. Diego Laynes, Roma.....	174
Anexo Z: Certificado do P. Manuel da Nóbrega.....	179

APRESENTAÇÃO

Escrever esta dissertação foi o desafio maior que me propus. Ainda é. Desde minha graduação e com certeza no decorrer de minha vida acadêmica escrevo e reescreverei sobre a história da educação sexual no Brasil Colônia. O pior é que me frustro quando não o faço, ocupando-me de outras atividades burocráticas. Nunca pus tanto de mim, jamais me esforcei tanto como neste trabalho, retomando leituras, reescrevendo e revendo pensamentos, lutando com o stress que me assolava.

No decorrer final desta empreitada, essa angústia se aguçou porque me vi na iminência de não conseguir concluí-la no prazo estipulado. Sempre os prazos. Se você hoje, a tem em mãos para ler (e espero, criticar), em letra Arial, é porque afinal venci, fazendo-a existir. Assim espero.

Acabo de ler, meio por cima, a última versão (confesso que não foram muitas). Aquela de pós-leitura e correções do orientador. É uma boa dissertação, acho agora: desafiante. Mas eu não queria largá-la. Pedia mais de mim. Mas os prazos mais uma vez bateram em minha porta. Mas, de certa forma, penso que nenhuma pesquisa se completa. Isso é o que mais me instiga. E consola. Posso dizer com total certeza que meu objeto me traz prazer e vibro ao som de orgasmos múltiplos com uma nova descoberta. O que acontece é que a gente se cansa das cobranças, como se as nossas já não bastassem, e muitas vezes temos vontade de esquecer a dissertação, relegar a uma gaveta nosso objeto, nossas questões e hipóteses. Não tenho muita certeza, mas suspeito que você também agirá assim.

Me pergunto por que me ocupei de tarefas tão variadas, como que fugindo da dissertação? A resposta é, não sei! Não foi para descansar, certamente. Mas isso teve um preço. Uma vez completada a redação, a primeira leitura crítica que consegui fazer dela toda me assustou: não dizia nada, ou pouco dizia que não tivesse sido dito antes. O pior é que não respondia às questões que propunha muito menos quebrava com as concepções solidificadas, quase que engessadas poderia dizer, de autores do começo do século XX no que tange à formação de nossa sexualidade. Estou falando de célebres autores como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre.

Atrás de respostas para este dilema, mergulhei, nas semanas seguintes, em estudo e desespero. A ousadia de escrever uma dissertação que quebrasse

discursos já enraizados no contexto intelectual me custou alguns olhares duvidosos dos que pensam ser a sexualidade um tema banal para os moldes acadêmicos. Frases como “Existe pesquisa sobre isso?” ou “Precisa de pesquisa pra isso?” no mínimo desanimam.

Ocorre, porém, que completada a tarefa, vejo os limites daquilo que alcancei em relação ao que buscava. Minha pesquisa ajuda, é certo, a dissipar brumas sobre a formação de nossa sexualidade e a história da educação sexual no Brasil Colônia, mas é claramente insuficiente para minhas ambições.

Portanto, não se iluda comigo. Além de cientista social por formação, tenho uma postura diante de questões que entrelaçam fé e educação sexual. Faço política e tento fazer ciência movida por razões éticas. Não procure, aqui, análises isentas. Política também é movida por paixão. Apesar de suas limitações, esta é uma dissertação que quer ser participante, que aspira a influir sobre as pessoas, que aspira ajudar a construir “nossa” história da sexualidade quebrando “gessos” científicos, ajudando assim a encontrarmos a nós mesmos ou, no mínimo, a incentivar novos pesquisadores a adentrarem nesta empreitada árdua que é a nossa história sexual. Ousado e audacioso com certeza, mas melhor assim do que ficar empoeirada entre tantas outras nas prateleiras de uma biblioteca.

INTRODUÇÃO

A preocupação em **inventar** o Brasil, isto é em descobrir o país, suas supostas raízes históricas, contidas na linha de continuidade dos eventos históricos, unindo presente e passado, encadeando os processos sociais, políticos e culturais, marcou o horizonte de muitos historiadores do começo do século XX (FREYRE, 1980; HOLANDA, 1994, 2000; PRADO, 1929). Envolvidos com a tarefa de determinar futuros possíveis, de encontrar as formas de superação dos obstáculos ao desenvolvimento social e econômico, perguntaram-se pelos traços que marcaram a cultura brasileira, pelas características essenciais do povo brasileiro, pelo passado que nos havia constituído como tal. Procuraram responder que país é esse nos termos das interpretações de nossas origens históricas, da colonização aos dias atuais (HOLANDA, 1994, 2000). A pergunta que nos é colocada desde então gira em torno de que país queremos ser, pergunta retomada em sucessivas ocasiões, inclusive agora, na era da globalização, em que se desfazem as antigas referências nacionais (GRAU, 1996; KING, 1988; NOGUEIRA, 2001).

Se hoje os conceitos de nação, Estado e consciência nacional envelheceram e são insuficientes para dar conta das múltiplas realidades políticas, no início do século XX pareciam extremamente férteis para representar a comunidade imaginada e desejada. Se hoje para a maioria das pessoas, a identificação nacional não exclui outras formas de identificação que constituem o ser social, como a religiosa, a sexual, a étnica, naquele momento significava a possibilidade mesma de encontrar um forte laço comum, a partir do qual as dificuldades sociais poderiam ser problematizadas e possíveis soluções poderiam ser aventadas e compartilhadas (HOLANDA, 1994; PRADO JÚNIOR, 1942).

Para essa geração do século XX, no entanto, as questões se colocavam de outro modo e, fundamentalmente, tratava-se de estabilizar, fincar estacas e definir nossa suposta identidade cultural. Tratava-se de compreender o passado para transformar o presente: libertar-se de um fardo, romper com as pesadas tradições que emperravam o progresso e entrar no compasso da história. O leque de questões que eles se colocavam tinha por objetivo detectar as raízes do mal, entender os problemas sociais tão violentos e gritantes em nossa sociedade e, principalmente, a incapacidade de nos constituirmos como uma Nação moderna, rica e poderosa.

Quase todos esses autores davam especial ênfase à índole pacífica, acomodada, preguiçosa e imitativa do povo brasileiro, tentando entender de onde havíamos herdado esses traços. Sérgio Buarque de Holanda (1994), por exemplo, perguntava-se, em uma visão evolucionista, porque a modernidade não se completava no país, quais eram os entraves à formação da esfera pública moderna no Brasil, tentando perceber as linhas tendenciais de uma possível modernização transformadora que pudesse nos igualar, ou ao menos aproximar, das fases de desenvolvimento de povos mais adiantados.

São consagrados os trabalhos produzidos nessa época, como “Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira” (1929), de Paulo Prado; “Casa grande e senzala” (1980), de Gilberto Freyre; “Evolução política do Brasil” (1933) e “Formação do Brasil contemporâneo” (1942), de Caio Prado Júnior; “Raízes do Brasil” (1994) e “Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização no Brasil” (2000), de Sérgio Buarque de Holanda. Estes brilhantes estudos, amplamente elogiados e difundidos, formaram inúmeras gerações, moldaram a consciência nacional, tornando-se nossas principais referências acerca de nós mesmos, lentes através das quais passamos a nos olhar e a reconhecer nossa imagem de brasileiros.

Como escreveu Senatore (2005, p. 17),

construindo nossa história a partir dos relatos dos cronistas, viajantes e da própria historiografia – forjou-se um mito sobre o nosso passado. Mito onde a nossa sociedade é representada em suas origens como uma sociedade sem pecado e onde tudo era permitido.

Contudo, hoje, a nosso ver, o que mais se destaca nessas obras, principalmente nas duas primeiras é a maneira pela qual é construída uma interpretação da realidade brasileira e, portanto, uma idéia de identidade nacional. O objetivo destas palavras é chamar a atenção para um ponto interessante: é basicamente em torno da dimensão sexual que se produz a referência maior das características que explicam o povo brasileiro, sua índole e sua vocação. O desenvolvimento histórico que se observa ao longo de nossa história estaria contido, em germe, nesses traços que se constituíram durante o período colonial, nas relações primárias que se estabeleceram na “infância” do Brasil, quando chegaram os primeiros conquistadores e teve início o processo de miscigenação racial.

Não deixa de ser muito intrigante a lacuna que a religiosidade brasileira apresenta em sua historicidade, sendo o Brasil até hoje embebido de religião, país católico onde se multiplicam seitas protestantes e onde o sincretismo religioso está em toda parte. Alguns historiadores se dedicaram a esse campo do período colonial, como Laura de Mello e Souza (1986) e Ronaldo Vainfas (1997; 1999; 2004).

O relativo desdém dos historiadores diante das religiosidades contrasta, aliás, com a sensibilidade de sociólogos, etnólogos, e, sobretudo dos antropólogos, que sempre perceberam a importância do sobrenatural e do misticismo na sociedade brasileira (CLASTRES, 1978; CUNHA, 1986; FERNANDES, 1989; LÉVI-STRAUSS, 1957). Talvez por isso, nos últimos trinta anos, o estudo de nossos três primeiros séculos tem passado por uma renovação considerável, dentro e fora da academia.

Por tudo isso, também chama a atenção o fato de que apenas recentemente passou-se a perceber a centralidade conferida à sexualidade no discurso dos historiadores voltados para a interpretação científica da realidade brasileira e para a definição da identidade nacional. Alguns historiadores, a exemplo do próprio Ronaldo Vainfas (1997), questionaram a imagem desregrada da Colônia, produzida pelos observadores dos primeiros séculos da colonização e reproduzida pelos historiadores contemporâneos, encontrando muitas regras de sexualidade e formas de culpabilização, onde outros viram apenas o caos e descompromisso.

À fornicção tropical não faltaram, pois, normas bem rígidas [...]. Por mais sexualmente intoxicada que tenha sido a colônia, como quer Gilberto Freyre, os valores da família, mescla da cultura popular e do discurso oficial se fizeram presentes (VAINFAS, 1997, p. 65).

O erótico permeia nosso cotidiano, das piadas aos jogos de sedução, das roupas aos comportamentos, nos escritórios, nas escolas ou nos bares. Vivemos uma cultura, uma sociedade extremamente erotizada, estimulada pela indústria do turismo, na exportação das mulatas sensuais, do samba, do carnaval e de tudo aquilo que conhecemos como o “Imaginário do Brasil Tropical”, onde não há limites, só excessos e onde não se conhece o pecado.

Na atribuição do que é certo ou errado, normal ou patológico, aceitável ou inadmissível está implícito, de acordo com Michel Foucault (1988), um amplo exercício de poder que socialmente discrimina, separa e classifica. Nessa perspectiva, a sexualidade se constitui não apenas como um aspecto importante da

formação dos sujeitos e dos grupos, mas como um elemento que compõe a identidade pessoal.

A sexualidade, desta forma, apresenta-se como um dos campos mais férteis no que remete a novos estudos. Nem por isso ela deixa de ter menos importância e/ou complexidade sob a vida humana, posto que ainda hoje não estamos ou, para melhor dizer, não tomamos consciência dos múltiplos aspectos culturais, psicológicos e biológicos envolvidos, ou seja, os valores, atitudes e conflitos que permeiam nossas vidas desde nosso nascimento e que estão intrinsecamente relacionados ao exercício da sexualidade. Como afirma Ribeiro (2005, p. 01),

questões ligadas à sexualidade e que contribuíram para a construção de um conhecimento sexual no Brasil têm sido objeto de estudos e pesquisa das ciências humanas em geral, particularmente da educação, da antropologia, da psicologia e seus afins, da sociologia, da história e das ciências médicas.

Todas as nossas ações, atitudes e sentimentos em relação ao outro perpassam, ou até mesmo incluem, elementos de sexualidade, seja de forma aberta e consciente ou, de maneira mais camuflada, sempre a temos presente. Não por menos, é impossível, portanto, falar de questões sexuais sem que tomemos atenção sob a importância da herança cultural que nos vêm transmitidas por antepassados. Em permanente estado de mudança, as sociedades, como salienta Michel Foucault (1988, 2008), vêem os padrões herdados se modificarem, se adaptarem, resultando em novos comportamentos, novas ações, desejos, valores, enfim, resultando na expressão de uma nova sexualidade.

Em seu discurso, Foucault (1988, 2008) chama a atenção ainda para o fato de que a sexualidade constitui uma espécie de pilar sobre o qual se assenta a própria sociedade e que, portanto, está sujeita a normas; uma sexualidade que deriva do que é proibido e permitido. Através do conhecimento da educação sexual de um povo pode-se identificar a sua vida e os seus costumes, as suas raízes históricas e as suas grandes aspirações, o grau de evolução de sua experiência e as possibilidades do seu futuro.

Atualmente dois fatos têm preocupado governos, psicólogos, sociólogos e educadores – o conhecimento da realidade sexual brasileira no quadro presente, e o conhecimento das perspectivas do seu futuro. Porém sem qualquer alusão a um determinismo histórico, específico ou genérico, somos levados a concluir que é

sempre um prognóstico falho e perigoso o que se faz do futuro de um povo, de uma nação, sem o sólido conhecimento de sua realidade presente; e da mesma forma, somos levados a não acreditar no levantamento de uma realidade sexual brasileira, para os planos de investigação de uma educação sexual, quando apenas fundada nos fatos presentes, desvinculados da sua causalidade ou precedência histórica.

Trabalhos recentes como os de Reis; Ribeiro (2001, 2004, 2005) e Ribeiro (2002, 2004, 2005, 2007) têm realizado inovadores estudos sobre momentos históricos e a educação sexual no Brasil, mas como salienta Ribeiro (2005, p. 2), “[da colônia] até nossos dias temos quinhentos anos de história, mas a história da educação sexual carece de estudos que resgatem sua especificidade, abrangência e importância”. Desta forma, as relações e influências religiosas sob esse campo temático elucidam questões pertinentes que necessitam ser observadas ou até mesmo revistas para que se possa entender a difusão de idéias sexuais que influenciaram não apenas conceitos, mas comportamentos e atitudes das gerações posteriores.

Assim, da obra de Serafim Leite “Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega” (1955a), retirou-se 46 escritos do Pe. Manuel da Nóbrega, primeiro jesuíta a trazer os preceitos cristãos da Companhia de Jesus para o Brasil, que passaram a ter grande relevância científica para o construto da educação sexual brasileira, posto que nas linhas de 26 destes encontra-se rico material sobre atitudes e comportamentos sexuais na Colônia do século XVI, os valores, as condutas e os anseios. Dos 26 escritos o trabalho contém análise de 23, evitando assim a repetitividade de argumentos. Michel Foucault (1988) nos mostra que a sexualidade como pensamos atualmente foi sócio-historicamente construída, portanto, para travarmos esta análise, fez-se necessário um resgate histórico não apenas da Companhia de Jesus, sua construção e solidificação, como também da estrutura econômica, social e educacional que envolveu o Brasil colonial do século XVI, período este que antecede a vinda do Pe. Nóbrega ao Brasil, mas que também caracteriza os anos de difusão dos preceitos, dogmas e valores cristãos sobre o território além mar de El-Rei D. João III.

O objetivo deste trabalho é investigar e analisar as concepções acerca da sexualidade e de comportamentos e condutas sexuais, construídas a partir da incorporação de informações e valores adquiridos sob o olhar, regras e relações estabelecidas com as orientações jesuíticas no primeiro século do período colonial

brasileiro, representadas pelo Pe. Manuel da Nóbrega e seus escritos e, que influenciaram a formação da cultura sexual brasileira.

Nos limites desta pesquisa, não se trata precisamente de decidir sobre a moralidade ou imoralidade historicamente constitutiva do país, mas a partir de Michel Foucault (1988, 2006, 2007, 2008) destacar a importância que o discurso da sexualidade assume na leitura que fazemos de nossas origens históricas. Como observou o antropólogo norte-americano Richard Parker (1994), aliás, a noção da sexualidade não está apenas presente na percepção que cada indivíduo faz de sua existência, mas na auto-interpretação de toda a sociedade.

Refletimos sobre o sistema de representações sociais presente no imaginário quinhentista europeu, especificamente o que ele nos informa, através de crônicas como as de Hans Staden (1999), Jean de Léry (1980) e Gabriel Soares de Souza (1971) sobre a sexualidade na Terra Brasil e a sua transformação no contato com os Pe. Jesuítas durante o século XVI. Isto é, através da estrutura que constrói a sexualidade colonial (a alteridade e a identidade sexual dos seres humanos), pretendemos analisar as transformações dessa mesma sexualidade no contato, na maior parte das vezes crítico, com o europeu catequizador. Contudo, sem ignorar que toda cultura do contato, decorrente da fricção interétnica, é um sistema de valores altamente dinâmico que engendra novas categorias sociais (OLIVEIRA, 1976), o que nos permite, desta forma, pensar em transformações mútuas, embora desiguais, acontecendo nesta mesma modalidade de contato interétnico.

Nestes termos, esta pesquisa é de cunho histórico utilizando-se como metodologia a pesquisa exploratória (GIL, 1994) realizada através de pesquisa de papel, ou seja, pesquisa bibliográfica e documental. Os procedimentos técnicos foram, desta forma, da leitura exploratória à leitura interpretativa.

Um dos processos de abordagem que empregamos foi o da ordem crescente de especificação, ou seja, ordem de especificação progressiva. Partimos dos fatos de implicação mediata, para chegarmos aos fatos de implicação mais imediata e específica. Assim, iniciamos o trabalho pelo levantamento causal do descobrimento do Brasil e sua techedura político-religiosa, sem os quais não se processaria mais tarde a nossa educação sexual nas circunstâncias em que se processaria. Posteriormente, ainda dentro do critério de especificação crescente do objeto da pesquisa, abordamos os fatos ligados à Companhia de Jesus, suas origens, suas metas, a formação de seus educadores e as bases de sua orientação pedagógica.

Finalmente, mas não menos importante, a partir da análise do discurso pautado em Michel Foucault (1988, 2006, 2007, 2008) e em sua genealogia do poder, passamos mais diretamente à investigação dos dados e dos fatos estritamente ligados aos objetivos específicos da presente pesquisa, a configuração da educação sexual brasileira a partir dos escritos do Pe. Manuel da Nóbrega, primeiro jesuíta a desembarcar em solo nacional, para, na conclusão, estabelecermos, de um lado o nosso próprio juízo crítico, e de outro, os elementos e a oportunidade para o livre exame e as conclusões dos estudiosos interessados.

Pretendemos, com isto, contribuir para o desenvolvimento da historiografia da educação sexual no Brasil, servindo de parâmetro e subsídio para a compreensão da evolução das concepções de sexualidade e a institucionalização do conhecimento sexual no Brasil.

1 A POLÍTICA EXPANSIONISTA DE PORTUGAL E O COMPROMISSO DE CRISTIANIZAÇÃO

Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não lingüística. Relação de poder, não de sentido.

Michel Foucault (2008, p. 05)

O descobrimento do Brasil, bem como o início da educação sexual brasileira apresentam-se como vicissitudes oriundas de certo número de fatores – políticos, geográficos, econômicos, sociais, históricos e religiosos.

Evidentemente os precedentes históricos de nosso descobrimento não constituem a primeira preocupação ou objetivo central do presente estudo. Todavia, na medida em que condicionam a existência das nossas instituições e fundamentam o modo de ser e de pensar do período colonial, o seu conhecimento se faz necessário, indispensável. O nexos entre a nossa formação jesuítica e os seus precedentes históricos é tão importante que o estudo daquela sem o conhecimento destes induziria fatalmente os espíritos a juízos grosseiros, a falsos conceitos e a quase total incompetência para explicarem a idiossincrasia do homem brasileiro – produto de etnias diversas, ao menos por dois grupos étnicos, o indígena brasileiro e o africano, mais o grupo português, a razão pela qual tivemos, nos primórdios de nossa formação, um credo religioso predominante e não outro, os motivos pelos quais viemos a ser o que hoje somos, a pensar e a conceber como atualmente pensamos e concebemos, em fim, a aspirar os ideais que aspiramos.

Por força de circunstâncias históricas, os fundamentos da educação jesuítica no Brasil, da metade do século XVI à metade do século XVII e os das empresas marítimas dos portugueses no Ocidente caminharam inseparavelmente, passo a passo e dentro de idênticas perspectivas, tal como as duas linhas de uma mesma paralela (MOURA, 1995). Daí abordarmos ambas quando a uma nos referirmos.

Assim, os fatos ou as vicissitudes que envolveram o descobrimento do Brasil e os primórdios da sua educação se inserem num contexto histórico de múltiplas dimensões – a política de auto-afirmação, a princípio, da jovem nação portuguesa; a

geografia hesitante que ao mesmo tempo em que predispõem a sua gente para as formidáveis aventuras e grandes empresas marítimas, através da projeção do seu território nas águas do Atlântico e de princípios ancoradouros, dificulta as possibilidades de competição marítima dos portugueses, isolados no anglo ocidental superior do grande mar fechado, palco exclusivo do intercâmbio e das rotas marítimas das nações mediterrânicas, nos séculos XIII e XIV; o compromisso da nação portuguesa com a fé cristã (MOURA, 1995), especialmente com o catolicismo, que buscando implantar e alargar com o mesmo ímpeto com que perseguia as vantagens de um comércio mais rentável.

Objetivando a unidade e a síntese dos precedentes históricos das empresas marítimas e culturais de Portugal, que fundamentam e explicam atitudes e concepções que refletiram diretamente na identidade do processo e do conteúdo da educação sexual e da formação cultural do povo brasileiro durante o século XVI, realizaremos a reconstituição necessária dos mais significativos fatos.

1.1 A obra das Missões no plano do Governo Geral

Os primeiros anos de implementação do regime de capitanias hereditárias não foram animadores. O historiador Capistrano de Abreu (2000) ressalta em seu texto que em princípio havia resultados positivos, mas incompletos. Os insucessos da maior parte delas, os excessos de alguns capitães-governadores, a conveniência de proteção às mais desvalidas, mais a necessidade de um órgão central que representasse diretamente os interesses da fazenda real, provocaram a alteração do sistema, com a criação do Governo Geral que daria unidade à administração, aos planos de defesa e fortificação da Terra. Southey (1965, p. 221) assim retrata a situação:

Meio século tinha decorrido da conquista do Brasil, e tanto capital havia já ali enterrado, que principiaram estas colônias a olhar-se como possessões de não pequena monta. Cada governador de capitania exercia ilimitada autoridade, o que equivale a dizer que também abusava dela. Estavam a propriedade, a honra e as vidas dos colonos a mercê destes senhores, e gemia o povo sob pressão intolerável. Chegaram as queixas aos ouvidos do rei; pesou este as

vantagens que prometia o país, especialmente para o cultivo do açúcar, e perigo de lograrem os franceses estabelecerem-se ali, ganhando os naturais à sua parcialidade; e resolveu revogar os poderes dos diferentes donatários, deixando-os na posse de suas concessões, e nomear um governador geral com plena alçada civil e militar.

Enquanto D. João III nomeia a Tomé de Souza primeiro Governador Geral do Brasil, o Provincial de Portugal, Simão Rodrigues, nomeia o Pe. Manuel da Nóbrega para fundar a nova Missão além-mar. A 29 de março de 1549 chegam a Bahia (Figura 1) onde se instala a sede do Governo Geral (FERREIRA, 1957). Curioso, porém, é a nomeação de Nóbrega para esta missão evangelizadora, pois quem recebera licença de D. João para desembarcar em solo brasileiro, e lá permanecer por três anos, foi o Ir. Simão Rodrigues (FERREIRA, 1957; LEITE, 1955b).

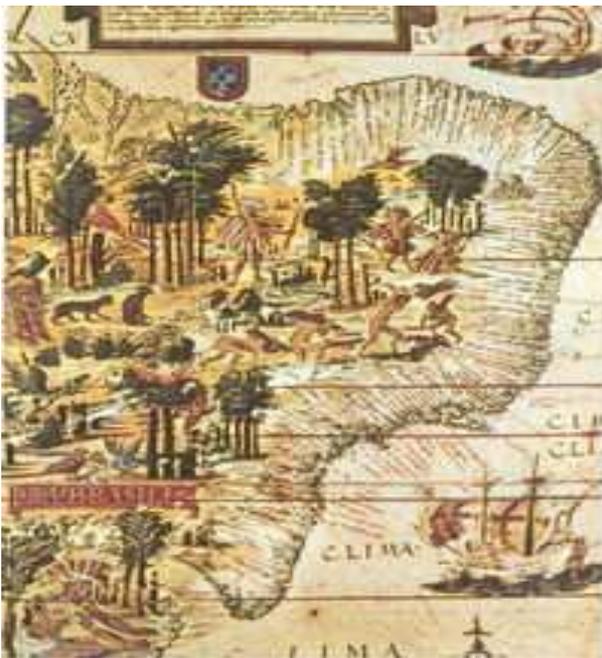


Figura 1: Mapa do Brasil no século XVI

(WIKIPÉDIA, 2009).

Inácio de Loyola por sua vez, decide que o enviado para fundar tal missão deveria permanecer no Brasil para toda sua vida, aconselhando Simão Rodrigues a abandonar tal empreitada nomeando quem fosse para se instalar no Brasil (LEITE, 1955a). Nóbrega, assim, foi avisado tardiamente de sua nomeação e quando chegou a Lisboa, Tomé de Souza já estava à sua espera na nau de embarque para o Brasil. Baseado numa tríplice composição de órgãos, o Governo Geral, segundo Leite (1938) foi lotado da seguinte maneira:

- Para Governador Geral, encarregado da administração central, foi nomeado Tomé de Souza, homem de muitos e comprovados feitos valorosos, no Oriente e a serviço da Coroa portuguesa. Muito bem andou El-Rei em nomeando para o exercício da mais importante função no novo regime, uma vez que se houve com muito brilho e muito sucesso no curso do seu governo que dura de 1549 até 1553. Recebeu dedicada colaboração de Diogo Álvares Correa, o Caramuru¹ e soube dar a melhor colaboração aos inacianos que trouxera para inaugurar a catequese nesta região do novo mundo.
- Para Ouvidor-mor, encarregado da função judiciária ou distribuição da justiça, nomeou-se ao Pero Borges.
- Para Provedor-mor, ou titular dos negócios da Fazenda de El-Rei, nomeou-se Antônio Cardoso de Barros.

D. João III criou um Regimento a cada órgão, a fim de definir-lhes as atribuições e de dar o necessário provimento para que se cumprissem, na devida conta, os termos de tais atribuições.

No Regimento do Governador Geral encontramos os objetivos magnos a se cumprirem dentro da nova ordem. O grande historiador da Companhia de Jesus no Brasil, Pe. Serafim Leite enaltece a ordem com que D. João III dispôs esses objetivos, dando precedência ao serviço de Deus e da religião. É a seguinte a apresentação do Pe. Serafim Leite (1956, p. 05, grifos do autor):

Primeiro, “o serviço de Deus e exalçamento da nossa santa fé”;
 Segundo, “o serviço meu e proveito dos meus reinos e senhorios”;
 Terceiro, “o enobrecimento das capitanias e povoações das Terras do Brasil e o proveito dos naturais dela”. Estão presentes, como se vê, o serviço de Deus, o serviço e proveito geral, o enobrecimento e serviço particular do Brasil. A “fé” em primeiro lugar; o “império” em segundo. Mas ambos.

¹ Entre Caramuru e o Pe. Manuel da Nóbrega logo se estabeleceu uma amizade, e o Superior dos Padres (como ficara conhecido Nóbrega) contava com ele para os aldeamentos dos índios. “Temos ordenado que Diogo Álvares esteja com eles como Pai e Governador, por ter grande crédito e ser muito estimado deles todos” (Carta de Nóbrega, 10 de abril de 1549). A aparição misteriosa de Diogo Álvares na Bahia (em virtude de naufrágio ao que parece), sua imposição perante os índios, sua relação com sua esposa, a índia Paraguaçu, sua numerosa descendência, tornaram-no famoso e lendário. Sobre Caramuru há vasta bibliografia (CALMON, 1949; AMADO, 1998), mas seria digressão já alheia à vida de Nóbrega entrar noutros pormenores que não estes da mútua compreensão e amizade entre os dois “patriarcas”, o da Companhia de Jesus no Brasil e o da gente baiana.

A despeito de serem ou não sinceros os propósitos régios ao colocar El-Rei a propagação da fé antes do interesse material do Estado, a nossa posição não é tão generosa e pia quanto à do Pe. Serafim Leite, o “gênio” da historiografia luso-brasileira.

É verdade que a história das grandes navegações portuguesas se confunde com a própria história do alargamento da fé pelos reis portugueses. E sempre que as disputas pelas posições comerciais arrastaram os controversos, mouros e cristãos, às paliçadas sangrentas, estes faziam os seus exércitos marcharem sob os estandartes da Cruz de Cristo, elevando as lutas em nível de luta religiosa. Portugal não ficou a margem de tais acontecimentos. Mas a história nos prova, repetidas vezes, que não há uma precedência dos interesses religiosos sobre os seculares (MOURA, 1995) em se tratando de nações católicas como Portugal e Espanha, como afirma o historiador jesuíta. O caminho das Índias, por exemplo, pelo Ocidente ou pela costa sul-africana não se buscou, ao menos diretamente, por meras divergências de natureza religiosa, mas pela inviabilidade do comércio das especiarias, interceptado pelos mulçumanos turcos. Um exemplo mais próximo, a própria conversão dos nossos indígenas, sem deixarmos de levar em conta a **piiedade** de Portugal, teve que esperar meio século, e mais haveria de esperar, não fossem tão persistentes as ameaças estrangeiras sobre os domínios portugueses do novo mundo (MOURA, 1995).

No ultramar ibérico, a expansão do catolicismo esteve presente desde o começo da colonização, estimulada não por Roma, mas pelos reis, que através do padroado exerciam absoluto controle sobre as Igrejas espanhola e portuguesa. Nos domínios portugueses foram sempre os jesuítas que, desde os primórdios da expansão, lograram obter a primazia no campo missionário, a começar pela Índia, onde, dirigidos por Francisco Xavier, estiveram antes mesmo do Concílio de Trento. O Brasil não foi exceção a esse quadro, e desde 1500 salientaram-se os objetivos missionários da colonização: Pero Vaz de Caminha (1963), nosso primeiro cronista, escrevera a D. Manoel exaltando o acrescentamento de nossa Santa Fé como a principal obra a ser feita na terra descoberta. Apesar das divergências entre Estado e a Igreja – e não foram poucas - e dos conflitos que opuseram colonialismo e a ação missionária no Brasil, estaríamos de acordo com Boxer (1981, p. 98) “a aliança estreita e indissolúvel entre a Cruz e a Coroa, e o trono e o altar, a fé e o império,

era uma das principais preocupações comuns aos monarcas ibéricos, ministros e missionários em geral”.

Em se tratando de D. João III, é importante salientar, a precedência de uma ou de outra ordem não acusar a preterição de nenhuma delas. O indubitável, para esse período, é que esse monarca foi o que poderíamos chamar de o mecenas da nossa educação e cristianização (LEITE, 1938, 1955a). Pretendeu sempre o melhor (de acordo com seus valores e preceitos) para o gentio e sua conversão, ao mesmo tempo em que tudo fez para que isso se concretizasse.

2 A COMPANHIA DE JESUS E OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Quizera não saber o que quero, mas em todo o caso somente querer a Jesu Crucificado².

Manuel da Nóbrega (LEITE, 1938, p. 01)

O que era a Companhia de Jesus? O que eram, afinal, os seus representantes educadores e o que representaria a sua cultura diante da cultura da época? E de que natureza era a educação ministrada no Brasil? Estas perguntas se fazem tão necessárias, quanto mais se sabe que a sua resposta vai definir a origem e as condições da formação social, política, ético-religiosa e intelectual que, no curso dos primeiros séculos de educação, lançaram o fundamento e a afirmação da vida nacional.

A circunstância mesma do surgimento da Companhia de Jesus, em meio ao tenso clima respirado pelas nações europeias, e muito especialmente a Santa Fé, justifica a sua existência e enaltece o seu formidável labor de recondução da Igreja à sua inegável dignidade anterior. Quando o seu fundador, Inácio de Loyola morreu esta ordem contava com mais de mil membros e meio século depois com 13.000. Os jesuítas prestaram o mais relevante serviço ao Pontificado no trabalho da Reforma Católica com as suas missões, a formação do clero e a educação da juventude, na propagação da fé católica e no ensino da sua doutrina. Segundo Burns (1952), deveu-se em grande parte ao trabalho da Companhia de Jesus o fato de a Igreja Católica ter recuperado muito de sua força a despeito da secessão protestante. Em outras palavras, como articulava Michel Foucault (2008), rigorosamente as práticas ou relações de poder passavam a exercer-se nas entrelinhas da estrutura inaciana e no que remete à sexualidade, podemos dizer que é essencial não desarticularmos fé e educação sexual, pois foi a partir do cristianismo que se passou a proferir que para saber quem és, conheças teu sexo. Este se tornou o núcleo, portanto, onde se alojaria a “verdade” do sujeito humano.

² Vindo a Coimbra o Pe. Simão Rodrigues ordenou que cada um lhe escrevesse o seu sentimento acerca de sua postura diante da Companhia de Jesus. O escritinho do Pe. Manuel da Nóbrega continham essas palavras.

2.1 As bases da Reforma

À Ordem Jesuítica estivera reservado o nobre destino de promover o movimento da Contra-Reforma. Foram, sem nenhum favor, os grandes educadores do centenário renascentista.

A inquietação que o homem renascentista (DELUMEAU, 1984) projetou nas suas relações para com Deus através da religião provocando, como causa mediata, mas fundamental, a cisão no seio da Igreja. Embora as razões imediatas surgissem, umas após outras, como que preparando o clímax para o desfecho da Reforma. As manifestações geralmente explosivas do reformador, o ex-agostiniano, Martinho Lutero, não tiveram um poder de influência negativo de dismantelar a unidade da Igreja, nem como uma força externa, atuante de fora para dentro, nem como uma força interna e autônoma. Como uma oposição externa, apenas logrou explorar o clima de instabilidade religiosa, de profundos reflexos políticos e sociais (CHAUNU, 1994). Tripudiando sobre as desgraças de viciosas e decadentes imposições de estruturas secundárias da Igreja, abriu oportunidades novas a príncipes alemães até então marginalizados e desprestigiados em relação à hierarquia temporal religiosa, instigando-os a se firmarem no poder, através da oposição e do repúdio à ordem e à autoridade eclesiásticas com vantagens do Estado sobre a Igreja.

Os intelectuais de inícios do século XVI mostravam-se sobremodo inquietos com a decadência da cristandade, e desejavam com ardor aproximar a humanidade de Deus, qualquer que fosse a luta a ser travada com o demônio. Tal foi a substância do humanismo cristão e, conseqüentemente, a da Reforma e da Contra-Reforma, do que resultou um vasto e ambicioso programa de evangelização de massas em todos os domínios da vida social e religiosa. (VAINFAS, 1997, p. 21).

Reafirmando, a rebeldia luterana também não vulnerou a Igreja a partir do seu âmago, mas apenas representou, na ordem pessoal, um dos seus membros corrompidos, que disputavam a fraude das indulgências; na ordem teológica, o inconsequente contestador das grandes conquistas dos doutores da Igreja, quando não o retardatário apresentador de medidas já reclamadas dentro da própria Igreja, como veremos posteriormente.

Do ponto de vista externo, obstina-se Lutero em criar a sua retaguarda política, uma vez que a sua situação era quase insustentável. Intenta mover os príncipes em favor de sua causa, porém através de estimulador pretexto – o fortalecimento do poder temporal em detrimento da autoridade eclesiástica e, em especial, da autoridade do papado. As adesões não foram além da minoria, mas suficientes para que Lutero não permanecesse só, para estabelecer uma base territorial e humana onde as suas idéias pudessem vingar (BURNS, 1952). Importa, todavia, lembrar que superada a crise, mais tarde Lutero sequer conseguiria manter a unidade dos seus adeptos, cujos mais ilustres foram Zwínglio e Calvino.

2.2 A exigência de uma Reforma parte da própria Igreja

Além do mais, a propaganda mesma de uma reforma substancial, de extensão e profundidade já vinha sendo exigida, como afirmamos acima, dentro da própria Igreja. Dos mais insuspeitos, sobre tal matéria, é o depoimento dos historiadores da Igreja, Bihlmeyer e Tuechle (1964, p. 495), ao afirmarem, em sua “A História da Igreja”, que toda a cristandade ocidental tinha consciência da situação de mal-estar da Igreja e que “encontra-se difundidíssima a persuasão de que uma profunda reforma da Igreja era absolutamente necessária, se se quisesse esconjurar o perigo de uma ruína total”. Afirmam ainda os historiadores Bihlmeyer; Tuechle (1964, p. 495, grifos do autor):

Da questão da reforma ocuparam-se todos os concílios da época. Já o concílio de Viena de 1311-12 [...] notava como defeitos principais a incapacidade e a vida mundana de numerosos prelados e eclesiásticos, o abuso da jurisdição, o relaxamento das funções religiosas, a acumulação de benefícios, a isenção dos mosteiros, a excessiva multiplicação das reserwações e provisões papais”. Em seguida mencionam uma proclamação dos clérigos – “Nos concílios de Constança e de Basiléia [...] os padres reclamaram uma reforma geral da Igreja “in capite et membris”. Contudo faltou a coragem de começar consigo mesmos, impondo-se os sacrifícios necessários, e assim não se foi além dos limites das pequenas reformas parciais, insuficientes para mudar notadamente a situação geral.

Como se verifica, as linhas da Reforma tiveram diretamente em Lutero o seu idealizador. Elas não foram o fruto de suas reflexões e do seu amadurecimento no propósito de reformar. As bases da sua reforma não nasceram a priori no seu pensamento, antes da eclosão da crise que, por assim dizer, surpreende a Lutero que não vislumbrara nem as suas consequências, nem as suas proporções. Daí improvisar a mística de reformador e improvisar as próprias bases da reforma.

Como vimos, a propaganda da necessidade de uma reforma profunda da Igreja, não nascera com Lutero; o retorno às fontes do cristianismo era uma idéia agitada anteriormente, já com os precursores da reforma protestante; a justificação pela fé sem o concurso das boas obras, enquanto justificação pela fé, não é criação sua, porém, na dispensa dos bons atos ou práticas é que reside a sua inovação teológica (CHAUNU, 1994). O não reconhecimento da autoridade pontifical é de sua lavra, todavia, não é senão uma posição política, nunca, nas circunstâncias, uma verdade ou um princípio teológico. Quando, por fim, Lutero determina o retorno às fontes, isto é, aos Textos Sagrados, ou seja, ao Novo Testamento, nada cria de novo em matéria teológica, porque estes Sagrados Textos jamais foram abandonados pela Igreja. Mas, quando confina a verdade a estas fontes, sim, concebe de modo personalístico as verdades cristãs. Essa posição de Lutero torna-se insustentável, uma vez que representa o desprezo total pela elaboração milenar da inteligência inspirada dos doutores, teólogos e santos da Igreja (BIHLMAYER; TUECHLE, 1964). O acervo cultural, espiritual e intelectual da Igreja, desde a difusão do Cristianismo, a obra apologética em defesa da Doutrina do Cristo contra os pagãos, até a sistematização filosófica dessa Doutrina pelos grandes doutores da patrística, ou até a revisão doutrinária empreendida na escolástica, sendo respectivamente Sto. Agostinho e São Tomás de Aquino os mentores dos nomes dos momentos do pensamento da Igreja, é de um tesouro místico-teológico-cultural dos mais expressivos da inteligência humana. Relegar tudo isso e sobrepor-se a soma das inteligências, da experiência e da sabedoria secular é a um tempo transbordar-se de insano orgulho e praticar-se o mais imperdoável golpe, no mínimo, contra a cultura não só religioso-teológica, como a filosófico-intelectual da humanidade.

Por isso é que afirmamos, linhas atrás, que Lutero não consegue desmorrar pelo âmago, interiormente, a instituição. Ele não consegue dar rigorosamente uma fundamentação teológica a sua Doutrina. E a própria Doutrina, pela intransigência e

pessimismo do seu elaborador que não comunica a esperança na providência e na bondade divinas, se desintegra do universo cristão.

Conclusivamente, se Martinho Lutero não conseguiu ser original, nem apresentar uma vigorosa força de oposição interna à Igreja capaz de independentemente das suas precárias condições, abalada por si mesma, ao menos pode ser o instrumento da Reforma e que logrou levá-la à sua conclusão e a produzir os fenômenos que produziu: primeiramente, o grande conflito entre os países europeus; depois a organização e institucionalização de sua Igreja, a formação de ilustres adeptos que exerceram marcada influência não só no setor religioso, como também educacional.

Por outro lado, toda a caótica situação fazia prever a derrocada da Igreja, não excluía a idéia da existência das importantes reservas morais (!!!!????) de seus filhos que, como tem acontecido em todos os momentos de crise interna, sustentaram-na e conduziram-na a um status moral superior ao precedente com muito brilho.

2.3 As bases do movimento de Contra-Reforma

É dentro desse quadro histórico que surge a Companhia de Jesus e se apresenta como uma daquelas **reservas morais** de que falamos, capazes de reconduzir a Igreja ao seu triunfo, purificada, redimida dos seus erros de natureza contingencial e humana, uma vez que na ordem espiritual ela não tem hesitado.

Essa Ordem religiosa nasce em perfeita sintonia com a sua época, promove propriamente uma salutar e profunda reforma da Igreja, sem despir-lhe a personalidade – a natureza e o sentido, sem alterar a sua identidade e sem afetar a sua unidade. Nesse sentido é mais adequado falar-se na Reforma da Igreja; o contrário deu-se com a impropriamente chamada Reforma luterana que cinde a Igreja e cria uma outra Igreja, outra crença, outra religião. Todavia, para mantermos a clareza da exposição e a coerência com a terminologia consagrada nos estudos, manteremos a expressão Reforma para o movimento protestante e Contra-Reforma para a reação da Igreja matriz através da obra jesuítica (BIHLMAYER; TUECHLE, 1964).

A atualização e modernidade da Companhia de Jesus se fazem sentir por múltiplos fatores, porém o mais marcante de todos é a sua tendência mais secularizante que dividiu a atitude religiosa entre a contemplação e a operatividade. Com efeito, enquanto as Ordens Monásticas, dentro de um estilo de vida e dentro do seu tempo levaram os monges e os cristãos em geral ao estado permanente e exclusivo de contemplação, de recolhimento e clausura, de oração e vigor espiritual, em detrimento da matéria ou das coisas temporais, os inacianos atendem, na ordem dos valores religiosos, a dupla natureza do homem – a espiritual e a corpórea. Entregam-se as orações, exercícios espirituais, mas também ao cuidado daquilo que compreende a ordem natural e temporal. Assim, conciliam as orações e as ações (FERREIRA, 1957; LEITE, 1955a), são contemplativos e atuantes, conciliam fé e razão, o transcendente e o contingente, o homem limitado, a criatura decaída pelo pecado – e Deus – o Criador, a Suprema Perfeição. Na obra inaciana, poderíamos dizer, harmonizam-se os fins últimos do homem, em um nexo de subordinação do natural ao fim último sobrenatural, identificando Deus como centro do homem. Consequentemente, os jesuítas não praticaram o exercício do plano natural e o exercício devotivo do plano sobrenatural, como dois comportamentos distintos e isolados. Pelo contrário. Os exercícios, quer de um como de outro plano, estiveram sempre coordenados entre si e sempre debaixo da subordinação divina. Todas as suas finalidades se encaminham para Deus.

A presença da nova Ordem no século – nas missões do Novo Mundo, como nas Índias, nos pequenos e nos grandes núcleos de população, nos confessionários, nas prédicas e no altar, como nos colégios e universidades – é que reconquistaria o prestígio e o terreno perdido pela Igreja e reacenderia a fé dos seus.

Teófilo Braga (1898, p. 13) na sua monumental obra “História da Universidade de Coimbra”, estudando os exercícios espirituais, a grande força formadora do jesuíta, invoca o testemunho do historiador francês, Henri Martin que a respeito diz:

O protestantismo rejeita todas as coisas exteriores, reduzindo toda religião ao espírito, ao invisível. Loyola esforça-se para tornar toda a religião, todos os objetos da fé, sensíveis e palpáveis. Emprega os olhos do espírito em imitar a função dos olhos da carne, e prolonga pelo pensamento o reino dos sentidos no mundo da alma.

Os jesuítas prosseguiram na trilha aberta pelos franciscanos. Como sabemos, o homem medieval foi por excelência o homem de Deus, por antinomia ao homem

do mundo que foi o renascentista. Aquele se afigurava perfeitamente a imagem de suas concepções religiosas em que a fé sobrepunha-se à razão. Daí o unilateralismo de atitude – o isolamento e as mortificações ascéticas, a interiorização do homem para estar mais próximo de Deus e mais distante do mundo e do pecado. Foram os franciscanos no século XIII que, partindo da mística de São Francisco que sentia em cada elemento da natureza a presença Divina, estenderam a Religião para além da contemplação e do ascetismo. Dessa maneira passaram os religiosos franciscanos a buscar as manifestações divinas nas criaturas e a levar a palavra de Deus às criaturas. Essa exteriorização do espírito abriu novas perspectivas à Religião que deveria desenvolver esse processo para harmonizar-se com virtualidades humanísticas que precipitariam uma Nova Idade.

Historiando a crise religiosa e política por que passava a Universidade de Coimbra, Theófilo Braga (1898), na qualidade de positivista, busca os depoimentos de Augusto Comte que, apesar de sua radical oposição à Igreja não consegue esconder certas verdades que ressaltam o valor da Companhia de Jesus. Assim, lembra as tendências diversas do protestantismo e do catolicismo. As deste, conduzidas pelos inicianos no sentido de reafirmar a autoridade espiritual do Papa, ao lado da autoridade temporal. E as tendências do protestantismo que rejeitara a autoridade espiritual de Roma, para subordinar a religião ao Estado, isto é, subordinar a autoridade espiritual à temporal. E, posteriormente, o radical fundador do positivismo declara: “deve-se reconhecer que a instituição jesuítica emanou de uma necessidade sincera e profunda de restabelecer dignamente a autoridade espiritual, tornando-a própria preencher, melhor do que na Idade Média, o seu destino social” (BRAGA, 1898, p. 8).

O período de 15 de agosto de 1534, data da fundação de fato da Companhia de Jesus, até 1545, ano em que, depois de muitos ensaios, o papa Paulo III consegue instalar o grande Concílio de Trento³, foi de preparação e labor junto às

³ Convocado em 1536 para realizar-se na cidade de Mântua, depois, em 1537, na cidade de Vicência, Paulo III, pela bula de 19 de novembro de 1544, “*Laetare Jerusalém*”, consegue finalmente a instalação do Concílio de Trento, cidade italiana com população alemã. Este Concílio, é verdade, arrastou-se por cerca de 18 anos, entre suas sessões e breves e longas interrupções, porém os seus resultados foram os melhores para a confirmação dos dogmas negados pelos protestantes, para a definição dos “livros inspirados” e da *Vulgata* como texto oficial, do valor da tradição apostólica ao lado das Santas Escrituras e da autoridade dos padres doutores da Igreja como fonte de interpretação bíblica; e, finalmente, para o fortalecimento da hierarquia e da autoridade do Sumo Pontífice (LEITE, 1938).

almas e aos enfermos. O período de realização do Concílio Tridentino foi marcado pela mais ativa participação da Ordem; prestigiados os jesuítas por Paulo III que em 1540 já aprovava a Companhia de Jesus como “Ordem Regular”, agora se dedicam ao mais decisivo trabalho apostolar (LEITE, 1938). Isto é, desde 1548, sob licença pontifical já demandam as missões do Oriente e Ocidente. Praticamente dividiram o mundo em três partes para as suas lutas e conquistas espirituais: Oriente e Ocidente junto a bárbaros e a selvagens e a civilizada Europa, junto aos homens comuns; aos estudantes nos colégios e universidades, e aos homens de influência nas cortes e palácios.

O êxito do processo pressupunha, portanto, ampla reordenação da sociedade à luz dos valores cristãos, implicando profunda reforma de costumes e valores existentes. Na versão católica da Reforma, procurou-se já antes do Concílio de Trento, mas, sobretudo após 1560, defender o matrimônio enquanto sacramento e instituição. Era assunto delicado, já que a postura da Igreja em face do matrimônio sempre fora problemática, e durante séculos permanecera o casamento como união profana (BROWN, 1990), remédio para os que não conseguiam viver castos – era o que pregava São Paulo na Epístola aos Coríntios (1Cor 7,8). Até o século XII foram poucos, como Santo Agostinho (2004), os que viram o casamento como sagrado, mas mesmo este associava sacramento matrimonial com fidelidade e procriação, considerando impura a cópula conjugal em si. Longos debates e muita hesitação precederam a inclusão do matrimônio entre os sete sacramentos da Igreja – o que definitivamente ocorreu com as sentenças de Pedro Lombardo em 1150. A partir de então a cópula conjugal, profana em Agostinho, assimilava-se ao mistério da encarnação, verdadeiro sacramento, desde que o matrimônio se baseasse no mútuo consentimento dos cônjuges. O essencial dos ritos consistia na aceitação recíproca e pública dos parceiros pelas palavras de presente diante do sacerdote, a quem cabia abençoar a união.

As decisões dos séculos XII e XIII não anularam, contudo, as normas comunitárias e os ritos tradicionais que, de alto a baixo da escala social, regulavam casamentos e uniões conjugais no Ocidente cristão (BARSTOW, 1995). Variando regionalmente segundo as tradições e as culturas dos povos europeus, os ritos matrimoniais espelhavam sempre uma aliança entre família, e os próprios casamentos atendiam antes de tudo a interesses ligados à transmissão do patrimônio, distribuição de poder, conservação de linhagens, reforço de

solidariedades comunais. Mais importantes do que a benção sacerdotal às uniões eram as promessas de casamento feitas pelo homem à família da noiva. A intervenção eclesiástica nesse processo tornou-se crescente a partir do século XIII, mas se adaptou, em geral, aos costumes de cada lugar. O verdadeiro casamento não era, pois, o sacramento matrimonial dos doutores da Igreja, formalizado no recebimento mútuo dos cônjuges diante do sacerdote, mas sim os contratos firmados no plano social, comunitário e familiar (FLANDRIN, 1988).

Assim, em meados do século XVI havia, do lado católico, duas frentes de combate a propósito do casamento: reafirmá-lo como sacramento diante da negação protestante, pois Lutero o julgava uma necessidade física, e convertê-lo em instituição basilar da chancela eclesiástica sobre a vida dos fiéis: eliminar os ritos populares de casamento ou, ao menos, subordiná-lo à cerimônia oficial, sobrepondo-se o sacramento ao aspecto contratual das uniões; zelar pela obediência e regular as dispensas dos antigos impedimentos de parentesco que o direito canônico julgava prejudiciais ao matrimônio⁴ (SILVA, 1984), impedir a coabitação dos noivos antes do recebimento da benção, reforçar a indissolubilidade matrimonial⁵. Próximo do modelo gregoriano de casamento, o matrimônio de Trento acrescentou-lhe, porém uma nova disciplina, homogênea o suficiente para fazer da cerimônia eclesiástica o único, perfeito e verdadeiro casamento cristão.

No afã de controlar de perto a vida dos fiéis, a Reforma Católica não se limitou a reafirmar dogmas e regras sobre o casamento a fim de difundir-lo como norma geral. Foi além e preocupou-se, como jamais o fizera, com a vida das famílias, as relações entre pais e filhos, maridos e esposas, os sentimentos domésticos, a convivência diária nos mais diversos aspectos, ou seja, a Igreja adentrou no seio privado da sociedade. A Companhia de Jesus revelar-se-ia muitíssima ciosa dessa importante esfera da vida social, multiplicando regras e conselhos para o bem-viver. Tudo para indicar, diz-nos Flandrin (1984, p.120), que a Igreja Tridentina vislumbrou na família um dos lugares privilegiados da vida cristã e,

⁴ Entre os impedimentos que anulavam o casamento destacamos: o natural (consangüinidade até o quarto grau); espiritual (contraído no batismo, entre o que batiza e o batizado); legal (adoção). Podemos citar ainda outras situações, como rapto, impotência, falta de testemunhas, ausência de pároco e disparidade de religião (SILVA, 1984).

⁵ Segundo o direito canônico, os casos que permitiam pedido de separação eram o adultério, heresia, inclinação para o mal (roubar, matar, sodomia) e loucura. Nizza da Silva esclarece que o “divórcio” nada mais era do que a separação, pois os cônjuges só podiam voltar a casar se fosse dada sentença de matrimônio nulo. (SILVA, 1984).

“talvez, porque a Reforma lhe havia ajudado a tomar consciência da força dos laços domésticos e das possibilidades que ofereciam para vigiar e educar a massa de fiéis”. Foi, portanto comum às duas Reformas o projeto de domesticação dos indivíduos via célula familiar. De igual modo o foi, como veremos nos escritos do Pe. Manuel da Nóbrega, o método de contensão das relações sexuais e das uniões ilícitas, tanto as que transgrediam o casamento como as que vicejavam á sua margem.

2.4 A fundação da Companhia de Jesus

Inácio de Loyola é a centelha. Nasce em 1491, na Província Basca – Guipuzcoa, ao norte da Espanha. Pamplona é o início. Até os 30 anos sua vida de fidalgo está envolta na rotina militar. Em 1521, Pamplona, no coração de Navarra, é sitiada pelos invasores franceses e a guarnição, onde Inácio Lopes de Loyola é capitão, oferece resistência e este recebe ferimentos na perna. Recolhido à casa paterna enquanto se submete a delicados tratamentos, são-lhe dados livros religiosos para leitura. A leitura e sua reflexão operam uma transformação radical nas atitudes de Loyola. Disposto a viver e a lutar por Cristo, após a convalescência passa a uma vida de penitência, orações e mendicância. Daí para frente a sua vida e toda edificação e, sobretudo, formação. Visita a Cidade Santa (Jerusalém) no ano de 1523. Na volta visita várias cidades da Itália, já como um decidido pregador de Exercícios Espirituais. Várias vezes esteve às voltas com os Tribunais inquisitoriais, chegando a ser preso e processado, vindo a ser absolvido. Compreende desta forma, que deveria completar a sua formação intelectual em estudos humanísticos, filosóficos e teológicos, realizados em Alcalá, Salamanca e Paris. Podemos dizer que o Colégio Santa Bárbara de Paris, dirigido pelo intelectual português, Dr. Diogo de Gouveia⁶, é o berço da Ordem Jesuítica. Aí estudam Francisco Xavier e Simão Rodrigues, este, futuro primeiro Provincial da Ordem em Portugal, aquele, o futuro Apóstolo das Índias. É no colégio que também conhecem o já sacerdote Pedro

⁶ Diogo de Gouveia é também o ilustre conselheiro de D. João III de Portugal e viria sugerir a este, em 1548, o convite aos inacianos para dirigirem as missões portuguesas de Ultramar (LEITE, 1955a).

Fabro. Ou seja, sob o teto do Colégio Santa Bárbara reúnem-se quatro dos sete fundadores da Companhia de Jesus (LEITE, 1938, 1955a).

Após os votos, Inácio e os companheiros deliberaram fundar a Companhia de Jesus, isto em 1539. Sete homens, Inácio de Loyola, Simão Rodrigues, Pedro Fabro, Francisco Xavier, Afonso Salmerón, Nicolau Bobadilha e Diogo Lainez (os quatro primeiros do Colégio de Santa Bárbara de Paris), vão oferecer o mundo a maior glória de Deus – as boas e más obras humanas, as lamas dos humildes, como dos poderosos, o homem bárbaro e o civilizado, súditos e reis, choupanas e palácios, o Oriente e o Ocidente, todos os reinos, todos os homens, as obras, as orações, o bem e o mal. Sete homens através de um juramento a tudo isso se comprometem perante Deus, o Papa e suas consciências. Dir-se-ia audacioso se os fatos não houvessem, no curso dos tempos, demonstrado o prodígio de tal Ordem (BIHLMAYER; TUECHLE, 1964).

2.5 Os fundamentos institucionais e morais da Companhia de Jesus

Nenhum fato histórico, nenhum fenômeno social, político, religioso ou educacional existe sem que existam também as suas causas geradoras profundas, os seus fundamentos. Não há fenômeno social como obra do acaso (DURKHEIM, 1973). Por conseguinte, o poder e a autoridade alcançados pela Ordem jesuítica, bem como a indiscutível influência que exerceu na Idade Moderna, em todas as áreas da atividade humana – social, política, religiosa e educacional – são fatos verificáveis e explicáveis, assentados em bases concretas e definidas. A magnitude do fenômeno chamado obra ou ação jesuítica mostra à nossa inteligência que, para atingi-lo não bastaria a mera vontade humana, nem dependeria apenas de organização institucional. Esse fenômeno exigiria o concurso de circunstâncias; Michel Foucault (1988, 2008) apesar de afirmar que a instituição estatal não é fundamental nas redes de poderes que imperam na sociedade, esclarece que ao tratarmos de instituições religiosas no século XVI devemos ter um olhar apurado diante de nosso objeto, já que neste caso o poder está relacionado à soberania e não a relações de poder. Estamos diante de uma ordem institucional que como qualquer outra nesse período carrega a relatividade do poder do homem, sobretudo

no tocante à firmeza de sua estrutura interna, precisão do seu funcionamento e a adaptabilidade ao meio externo. Mas evidentemente isso não diz tudo dentro das perspectivas de uma organização humana. Exigir-se-ia suporte não apenas de toda aquela organização, mas a presença de uma condição histórico-social-cultural que a Ordem soube resgatar de forma exemplar. No tocante à base humana, individual, a presença de espíritos capazes de crer nos desígnios gerais da Ordem e nas suas próprias forças para se aplicarem com a necessária determinação o discurso jesuítico.

A “Fórmula do Instituto” é o documento que contém os princípios fundamentais da Ordem e que instrui o Processo de sua aprovação que culmina com a bula do Romano Pontífice, Paulo III, de 27 de setembro de 1540. Os termos do mencionado documento retirados da obra “História da Companhia de Jesus no Brasil” de Serafim Leite (1938) podem ser assim resumidos:

Condições e Objetivos - tomam-se na conta das condições exigíveis para o ingresso na Companhia:

- a. querer ser soldado de Deus sob a bandeira da cruz;
- b. servir a Deus, único Senhor;
- c. servir ao Romano Pontífice, como vigário do Senhor na terra;
- d. fazer voto solene de castidade perpétua;
- e. ter consciência de que é membro de uma Ordem que tem os objetivos que se seguem.

- Objetivos Principais:

- a. procurar o proveito das almas, na vida e doutrina cristã;
- b. propagar a fé, pela pública pregação e ministério da palavra de Deus, pelos exercícios espirituais e obras de caridade;
- c. (objetivo principal) ensinar aos meninos e rudes as verdades do cristianismo;
- d. consolar espiritualmente os fiéis no tribunal da confissão.

Outros princípios estabelecidos na “Fórmula do Instituto”

- a. Órgãos e atribuições.

- A Congregação é o mais alto colegiado da Companhia, viria constituir-se, mais tarde, dos titulares de cada Província.

- O Prepósito, até certo ponto representa o executivo em relação à Congregação que teria o papel legislativo, dentro da teoria administrativa. O Prepósito viria a ser o Geral da Companhia.

- À Congregação reserva-se a decisão dos casos mais importantes, os de rotina administrativa resolviam-se pelo Preposto. Inicialmente, este convocaria a Congregação que, por maioria de votos aprovavam a matéria das Constituições que o Preposto faria. Ainda ao Preposto caberia a distribuição das funções de cada um; a ele deveriam obediência.

b. Obediência:

- A obediência se fazia de modo rigoroso e relativamente à hierarquia, ou à natureza dos encargos. Por exemplo: o jesuíta não tinha direito de opção com respeito às missões em que deveria servir. Esse princípio de obediência era tão sério que não permitia ao clérigo tratar do assunto com os superiores ou estes entre si tratarem do mesmo.

Mas, para que não haja entre nós quem ambicione ou recuse tais missões e incumbências – dizia a “Fórmula do Instituto” – prometa cada um que nunca, nem direta, nem indiretamente, tratará delas com o Pontífice Romano, mas deixará todo esse cuidado a Deus, ao mesmo Pontífice, como a seu Vigário, e a Prepósito da Companhia; e o Prepósito por sua vez prometa, com os demais, que não negociará com o dito Pontífice para ser enviado a esta ou aquela missão, a não ser com o Conselho da Companhia (LEITE, 1938, p. 7).

c. Pobreza:

- Estabelece a “Fórmula do Instituto” disposições rijas com relação à pobreza evangélica, condenando a avareza em favor do bem estar do próximo, determinando o jesuíta ao voto perpétuo de pobreza. Proíbe inclusive aquisição de quaisquer direitos civis sobre bens estáveis, ou rendas e proventos.

Após a elaboração da “Fórmula do Instituto”, e respectiva aprovação, Inácio de Loyola é escolhido por todos os confrades para assumir a função vitalícia de Geral da Companhia, em 1541. Na qualidade de Geral, em 1547, começa a trabalhar na elaboração da Constituição da Ordem, sempre colhendo sugestões dos demais para que aquela atingisse o maior grau de perfeição. Não obstante esse procedimento, de acordo com Serafim Leite (1938), enquanto viveu, procurou completá-la e aprimorá-la. Por outro lado, passaria a vigorar em datas diferentes em cada Província e de acordo com os meios de correspondência.

É importante lembrar que as Constituições jesuíticas tinham aplicação uniforme em cada Província, em cada reduto jesuítico, Casas ou Colégios. Daí a unidade no procedimento geral da Ordem, admitindo-se sempre o acréscimo de

elementos que satisfaçam as condições regionais. Mas, além do plano de base fundamentalmente humanística, permitia-se o acréscimo de elementos exigidos pelas condições locais. É o que aconteceu no Brasil, onde, ao lado do programa humanístico, incluíram os educadores um programa prático (FERREIRA, 1957; LEITE, 1938, 1955a, 1955b).

Comprometidos com as indagações com que abrimos a presente sessão, acerca do que era a Companhia de Jesus que se dispunha a trazer o Evangelho, a civilização de modo geral e de modo particular a educação à gentildade brasileira; acerca de quem eram os nossos educadores e de que natureza seria a educação dos dois primeiros séculos fundamentais da nossa formação, que haveria de traçar não apenas nosso destino histórico, as diretrizes políticas e o caminho da fé, mas as perspectivas culturais e sexuais da nossa nacionalidade fica um importante aspecto a ser discutido ainda nesta sessão: Quem foi o Pe. Manuel da Nóbrega, primeiro inaciano a trazer para solo brasileiro os preceitos da Companhia?

2.6 Manuel da Nóbrega, um “herói” de última hora

Nascido a 18 de Outubro de 1517, em Portugal, ao que parece no Minho, não se conhecem documentos coesos do que foi a vida do Padre Manuel da Nóbrega (Figura 2) até sua apresentação diante da Companhia de Jesus. Sabe-se que devia ser homem nobre, já que seu pai, Baltazar da Nóbrega era desembargador e havia sido Juiz de Fora do Porto em 1532. Por esta informação pensa-se que aí Nóbrega tenha iniciado seus estudos de humanidades. O fato é que começou a freqüentar a Faculdade de Cânones por 1534 como bolseiro de El-Rei, isto é, com moradia e favor de D. João III, em atenção aos merecimentos de seu pai (FERREIRA, 1957).

Graduou-se Bacharel na Faculdade de Coimbra a 14 de Junho de 1541, de forma que se graduava em Direito Canônico antes mesmo de seus 24 anos completos com a observação de não ser ainda Padre. Intencionado em seguir na Universidade, Nóbrega presta concursos que, tem fins sempre negativos por ser gago. Nas palavras de Franco (*apud* LEITE, 1955b, p. 28):

Em Coimbra se graduou de Bacharel. No tempo que nela se davam lugares, como ele era muito gago, não fazia conta de se opor a eles, mas o Doutor Navarro o não consentiu. Como sabia o que nele tinha, lhe aconselhou que se opusesse. Acomodando-se ao seu parecer, fez sua lição de ponto com tanta satisfação, que o juízo de todos se lhe devia o primeiro lugar. Mas como o Reitor da Universidade tinha outros empenhos, fez o possível porque se lhe não desse. Estava tão seu adverso, que públicamente, depois de acabar a hora da lição, disse que fosse por diante e lesse mais, que por ser gago não tinha lido hora inteira. Virou ele então o relógio e leu com a mesma satisfação tanto tempo que foi necessário fazerem-lhe sinal algumas vezes que acabasse, e assim acabou. E porque o Reitor estava já inclinado à outra parte, não se lhe deu senão o segundo lugar, posto que levou a hora do primeiro a juízo de todos os doutores.

Como os episódios dos concursos não levaram Nóbrega ao êxito da fala, desenganou-se. E como diria ainda Franco (*apud* LEITE, 1955b, p. 29) “Vendo que o mundo o desprezava, fez propósito de o desprezar a ele”. Circunstâncias da vida, o fato é que se ficasse em primeiro lugar seria Nóbrega professor universitário e não “professor” de mais alto magistério, a imensa Universidade das Almas, como Vieira chamaria mais tarde as selvas do Brasil (LEITE, 1938).



Figura 2: Busto do Pe. Manuel da Nóbrega (BAIRRO DO CATETE, 2009).

Nóbrega entra para a Companhia de Jesus em 21 de Novembro de 1544, já Padre, ocupando o cargo de Procurador dos Pobres (FERREIRA, 1957). Não obstante o impedimento da fala, Nóbrega pregava muito (LEITE, 1955a, 1955b), o que parece chamou a atenção de seus companheiros na nova instituição. Conhecido como apóstolo de ação direta por seus Irmãos, Nóbrega parece receber tal cargo por

destacar-se pelo **santo zelo** e dedicação em tirar as pessoas de pecados mortais durante suas peregrinações.

Assim como a Índia, D. João III queria que o Brasil recebesse os padres da Companhia de Jesus para a conversão dos gentios realizando, desta forma, a expansão da Igreja para o Novo Mundo.

A nova Missão estava já aprovada por S. Inácio para a hipótese de se fundar o Provincial Simão Rodrigues, a quem El-Rei dera licença de ir e ficar lá três anos. O andamento interno das coisas da Província portuguesa da Companhia de Jesus aconselhou o Provincial a permanecer no seu posto e a nomear quem fosse não por três anos, mas para toda a vida. Nóbrega, que em Junho de 1548 ainda residia nas margens do Minho (Sanfins), foi avisado tarde e quando chegou a Lisboa já Tomé de Sousa ia de vela, ficando à sua espera a nau do Provedor-mor, donde, pouco depois, passou para a do Governador Geral (LEITE, 1955b, p. 51).

Eis que parte o Pe. Manuel da Nóbrega para o Brasil para realizar o desejo Del-Rei de transmitir os valores cristãos aos gentios do além-mar. Ao seu lado aportam na Bahia no dia 29 de março de 1549 acima de mil homens (note-se: apenas homens), dos quais quatrocentos degredados acusados dos mais variados crimes: assassinatos, roubos e o que de acordo com Vainfas (1997, p. 41) tinham cunho moral,

freiráticos que invadiam mosteiros para arrebatam as esposas de Cristo; os que desonestassem virgens ou viúvas honestas; os que fornicassem com [...] parentas; os que violassem órfãs ou menores sob tutela; os que, vivendo da hospedagem alheia, dormissem com parentas, criadas ou escrava brancas do anfitrião; os que dormissem com mulheres casadas [...].

Eis, “in genere”, a resposta que encontramos nos documentos da Companhia de Jesus, nos arquivos da historiografia, na documentação do tempo (LEITE, 1938), no testemunho de seus apologistas (FERREIRA, 1957; LEITE, 1955a, 1955b), nas críticas (ABREU, 2000; WREGE, 1993). Quanto à conclusão dos demais a respeito do valor ou não da instituição que nos trouxe a cruz e o alfabeto, a unidade cultural e a reflexão sobre o nosso próprio destino e liberdade, fica articulamos nas linhas que seguem a construção, direta ou indiretamente, de uma educação sexual miscigenada e conflitiva, mas que serviria de base para a formação da sexualidade brasileira dos séculos seguintes.

3 A CULTURA DOS HABITANTES BRASILEIROS NO SÉCULO XVI

E disse a Adão: Porque deste ouvidos à voz de uma mulher e comeste da árvore, de que eu tinha ordenado que não comesses, a terra será maldita por sua causa; tirarás dela o sustento com trabalhos penosos todos os dias de tua vida.

Gêneses: 3,17 (BÍBLIA SAGRADA, 1985, p. 28)

Deve-se atentar, neste momento, para duas linhas de educação sexual que surgem no Brasil no período pré-colonizador que geram na Colônia duas posições antagônicas em relação às práticas sexuais: uma baseada nos deleites sexuais da cultura gentílica e, a outra, trazida pelos jesuítas que, tinham verdadeiro horror pela nudez das índias e a sua liberdade sexual (RAMINELLI, 2004). Pensemos nessa moral jesuítica pela nudez, nessa aversão à *conduta feminina*. Nóbrega e os outros inicianos não desconfiaram de que era seu próprio Lúcifer que chegava ao Novo Mundo (VAINFAS, 1999). Este era o momento em que trabalho e sexo eram separados na esfera humana, cabendo a figura feminina o local dos prazeres do corpo, do proibido, do mau. O imaginário jesuítico é pautado por idéias divulgadas no Velho Mundo como verdades absolutas, verdades estas encontradas em manuais como *Malleus Maleficarum* (KRAMER; SPRENGER, 1993) que no início do século XVI era difundido para contenção, identificação e punição do sexo feminino. A mulher torna-se o perigo encarnado (Figura 3), cabendo aos padres a contenção do mau que elas representam. Mais fácil manifestar a fraqueza feminina pelo desejo carnal do que o olhar de cobiça do homem sobre ela. Daí o horror pela nudez das índias, a nudez que corrompe e que leva o homem a cometer os pecados nefandos e mortais aos valores cristãos.

O disciplinamento do corpo é estudado com afinco por Foucault (2007, p. 119). É ele quem diz:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil, e inversamente. Forma-se, então, uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus

comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).

Mesmo falando em século XVI, Michel Foucault (1988, 2007, 2008) é mais do que pertinente em nossa análise já que ao se preocupar com o corpo visa compreender como o poder influencia e é exercido nos microespaços pelos indivíduos e pelos diversos grupos de uma sociedade. Assim, estudar o controle e o processo de normatização das condutas, atitudes e comportamentos das índias, traduz-se em Foucault numa análise apaixonada e cabível, mas que desencanta a sociedade deste período.



Figura 3: Uma feiticeira e seu demônio cavalcando um fálico cabo de vassoura rumo a um sabá (MOLITOR, 1549).

Ainda pautados pelos preceitos e valores cristãos, os jesuítas desprezavam a poligamia indígena tentando impor seus princípios religiosos sobre a sexualidade dos habitantes da terra Brasil. Assim, como observa Ribeiro (2005, p. 05) “a educação sexual, passada informal e naturalmente, sem ninguém pensar que fosse de fato uma educação sexual, de livre que era, ia muito lentamente absorvendo o sentido de pecado que lhe atribui a Igreja Católica”.

Estigmatizadas pelo olhar dos que por aqui passaram, as mulheres, principalmente as índias, nos primeiros relatos e crônicas sobre o Brasil ganharam lugar de destaque no construto literário seiscentista europeu. O apetite sexual descrito pelos cronistas, na maioria jesuítas, era comparado ao desejo das velhas índias tupinambás de comer carne humana, reunindo em si os piores atributos de Eva (RAMINELLI, 2004). A Bíblia já havia representado a mulher como fraca e suscetível. Desde Eva, as tentações da carne e as perversões sexuais surgem do sexo feminino. Os eruditos do final da Idade Média partem comumente da falta de autocontrole para explicar as perversões sexuais das mulheres. Aí está incluído o desejo canibal que, aproxima o ato de beber e comer da cópula. Se a misoginia cristã explica a ligação da imagem feminina à perversão, a teoria da degeneração⁷ permite entender as características atribuídas às velhas índias.

3.1 O testemunho de Pero Vaz de Caminha

Não é sem razão que se tem chamado a Carta de Pero Vaz de Caminha de certidão de nascimento do Brasil. Do Brasil moderno diríamos, porque com ou sem este atestado o Brasil já existia desde tempos pré-históricos. Evidentemente, a terra existiu desde sempre; é certo que os nossos indígenas não nasceram com o descobrimento europeu do Brasil. Em relação a esta descoberta (Figura 4) é que se pode aceitar dizer, obviamente com algum excesso retórico, que a Carta de Pero Vaz de Caminha representa a certidão de nascimento do Brasil. Foi o seu primeiro documento escrito, foi a sua qualificação pela descrição de sua terra e da sua gente.

Pelas circunstâncias em que foi escrita, ela tem a feição de um retrato, de uma imagem estática, uma figura sem dimensionalidade mais profunda da realidade da terra e da gente (CORTESÃO, 1999). É o documento possuidor de uma força de

⁷ Os desregramentos, o pecado e a danação originaram-se da fragilidade moral do sexo feminino. A serpente conseguiu convencer a mulher em razão da debilidade de seus princípios morais. Para Yves d'Evreux, as velhas índias reuniam em si a decadência corporal e espiritual da humanidade. Entre as mulheres, o tempo não provocava o aprimoramento do espírito, mas a sua degradação. Por isso as anciãs estavam incumbidas da preparação da cauinagem, origem das bebedeiras e das cerimônias que antecederiam a ingestão de carne humana. As transgressões perpetradas durante a vida traduziam-se em rugas, seios caídos e costumes abomináveis (RAMINELLI, 2004).

impacto pelo qual se atestou a existência da terra com algumas de suas características físicas, quanto à sua gente, igualmente, se atestou a sua existência e a de alguns dos seus hábitos e caracteres físicos, nunca chegaria a penetrar a espiritualidade do homem na sua psicologia profunda. E não poderia ser de outra maneira. A Carta (Figura 5) foi escrita após os breves contatos de alguns dias da expedição cabralina com o gentio. Todavia, algumas concessões lhe são devidas.

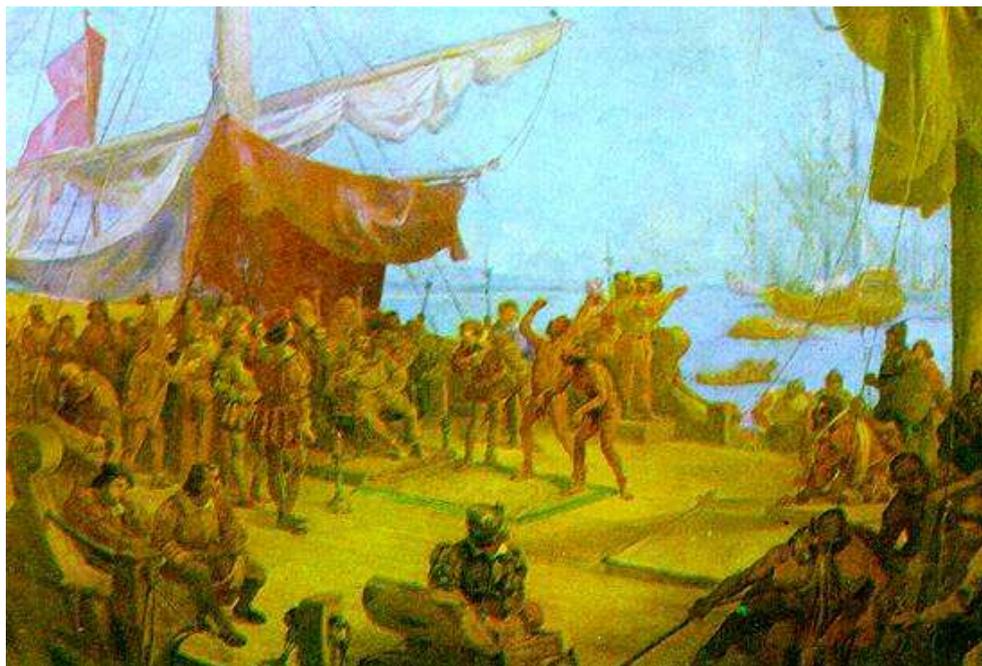


Figura 4:

“Descobrimiento do Brasil”, tela de Oscar Pereira Silva, no Museu Paulista (Museu do Ipiranga), na capital paulista (SILVA, 1980).

A idéia mais cabal que Caminha nos dá acerca do indígena é a de que se trata de um homem de muito baixo nível cultural, fisicamente formoso e sadio e sem nenhum tipo de vergonhas. Caminha, após dizer da grande extensão da terra, em que as vistas se perdiam entre terras e arvoredos, diz ainda nada saber sobre a existência de ouro ou prata. Fauna e flora não estiveram esquecidas, mas é, sobretudo, a referência ao homem e seus usos que nos interessa no presente capítulo.

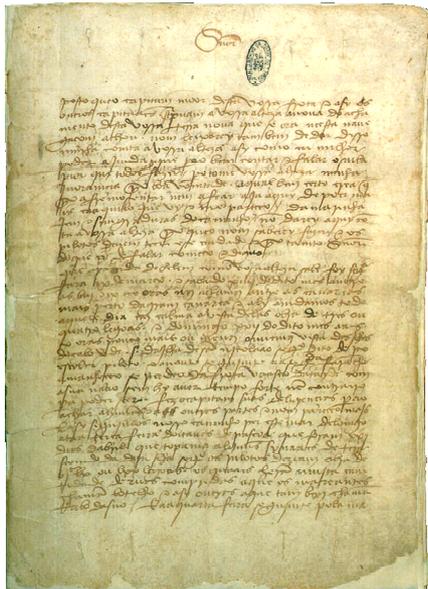


Figura 5: Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha

(EMBAIXADA DE PORTUGAL, 2008).

Quase toda a preocupação da Carta está voltada ao homem. É irrepreensível a fidelidade do longo relato de Caminha, que através de uma plasticidade realística vai dando conta a El-Rei (CORTESÃO, 1999), desde os fatos mais sérios e curiosos até os anais hilariantes, chegando até à intimidade.

Uma longa carta, onde toda multiplicidade de observações foi minuciosamente relatada. Um fato, todavia, ressalta-se na crônica: a constante preocupação com o homem (CORTESÃO, 1999). Depois de cada assunto tratado procura descobrir o nativo retirando-se para além do rio; ou colaborando na busca da água nas cabaças e o seu transporte até os batéis; ou praticando as suas danças, ou intercambiando arco e fecha com os visitantes; ou apresentando-se, homens e mulheres desnudos, inocentes, bem formados na sua plástica. Elas, graciosas e capazes de causar inveja na sua beleza e limpeza às mulheres do Reino (CORTESÃO, 1999). Tão grande o seu interesse pelo nosso natural que pôde, dentro do mais breve contato com ele, portanto, dentro de circunstâncias tão precárias, fazer prognósticos surpreendentes acerca do seu comportamento. Daí afirmarmos, linhas atrás, que embora a Carta não pudesse penetrar profundamente a espiritualidade do homem nativo, dada a transitoriedade do contato, algumas concessões lhe eram devidas. Chegam a impressionar alguns aspectos do Documento, algumas observações de Pero Vaz de Caminha, mais tarde afirmada pela experiência dos jesuítas.

Caminha reitera quase exaustivamente o comportamento fugidio, a esquivaz do indígena. O autor da Carta insiste nessa característica, dizendo a El-Rei que a qualquer agrado que se lhes fizessem, bastava passar um mimo da mão do doador para as suas e já “se esquivavam como pardais (com medo) do cevadouro”. Continua: “Ninguém lhes ousa falar de rijo para não se esquivarem mais. E tudo se passa como eles querem para os bem amansarmos!” (CAMINHA, 1963, p. 50).

A fugacidade do indígena que chegou a chamar a atenção de Caminha, não é um mero receio a estrangeiros recém-chegados. É uma característica cultural marcante do nosso gentio (ABREU, 2000; CLASTRES, 1978; CUNHA, 1986; FERNANDES, 1989), a qual muito dificultaria à sua catequese, e da qual muito se queixariam os jesuítas. Estes tinham redobrada paciência com a suscetibilidade do indígena que por qualquer coisa, se melindrava e, isto acontecia, afastavam-se sem retornar. O próprio Serafim Leite (1938, p. 9) na obra “História da Companhia de Jesus no Brasil” observa que, “esta última disposição de espírito é assinalada por todos os que escreveram sobre tais assuntos. Alexandre Rodrigues Ferreira traça um retrato pessimista do índio do Rio Negro: desgosta-se por nada e por tudo; desconfiado, dissimulado e fujão”.

Tinha o indígena os seus fermentos, isto é, as suas bebidas fermentadas, tal como atestam os jesuítas, todavia o vinho lhe era estranho e de sabor desagradável. Demonstrando que o indígena, sem o contato com o branco colonizador, não possuía o hábito do vinho, Pero Vaz ousa proferir como homem de vivência, que bastava acostumarem-se com o vinho, para aceitá-lo. Foi o que com o correr do tempo aconteceu. Os colonos, responsáveis, de acordo com os jesuítas, pelo mais negativo exemplo de convívio com os indígenas, alimentar-lhes-iam o hábito do vinho, cujos efeitos, ao lado da própria aguardente nativa fabricada pelas mulheres (ABREU, 2000), seriam os mais maléficos no curso do processo civilizador. Segundo depoimento dos jesuítas alguns colonos chegavam a manter as suas lavouras com o trabalho indígena remunerado a vinho. Colonos e mulheres, no olhar de Nóbrega, os grandes entraves para a catequização indígena.

A embriaguez dos indígenas, facilitada pelos colonos, tem sido reiterada e vezes denunciada na correspondência jesuítica como a fonte dos demais males. O vício da embriaguez generalizou-se entre os indígenas que neste estado desrespeitam a lei de Deus, perdem o temor dos padres, tomam a várias mulheres, devoram os inimigos e tornam-se turbulentos.

O zelo de Caminha pelos nativos, retratado na Carta, leva-o a uma observação confirmada meio século mais tarde pelo Pe. Manuel da Nóbrega e discutida por outros autores. Trata-se da existência ou não de religião entre os nativos do Brasil. Caminha observa a falta, entre estes, de uma crença anterior: “Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências” (CAMINHA, 1963, p. 60). É praticamente este o pensamento de Nóbrega externado na carta que em 1549 escreve aos padres e irmãos de Coimbra: “Esta gentilidad a ningúna cosa adora, ni conocen a Dios, solamente a los truenos llaman Tupana, que es como quien dize cosa divina” (LEITE, 1956, p. 150). Evidentemente Nóbrega apresenta com estas palavras um estado do espírito religioso dos indígenas, muito mais do que define uma tendência contrária à crença religiosa propriamente. Em analisando manifestações escritas dos inicianos e cartas de Nóbrega, podemos afirmar que os jesuítas não quiseram dizer que o gentio não possuísse a natural disposição religiosa, ou mesmo que era contrário à religião. Mesmo porque Nóbrega pensava ser a religião algo inato na humanidade. O que se vinha observando, numa vivência direta e que se tornaria secular entre os primeiros educadores do Brasil, é que o indígena não possuía uma crença definitiva em uma divindade definida, que “He gente que nenhum conhecimento tem de Deus, nem de ídolos, fazem tudo quanto lhe dizem.” (LEITE, 1955a, p. 21). Nas palavras do Pe. Manuel da Nóbrega (LEITE, 1955a, p. 54),

Não sei como os que têm amor a Deus e desejam a sua glória podem sofrer não se embarcar logo e vir cavar na vinha do Senhor, que speciosa est nimis et tam paucos habet operários. Cá poucas letras bastam, porque é tudo papel branco e não há mais que escrever à vontade; mas é muito necessária a virtude e zelo de que estas criaturas conheçam ao seu Criador e a Jesus Cristo seu Redentor.

As referências jesuíticas sobre o assunto quiseram sempre significar que, à falta de uma convicta e definida crença, os indígenas aceitariam melhor a doutrina cristã que se lhes ofereciam os filhos da Companhia de Jesus. Estes em suas cartas costumavam dizer que em matéria religiosa o gentio era como uma tábula rasa⁸, em

⁸ Logo na primeira carta do Brasil escrita por Pero Vaz de Caminha o índio ganha o estereótipo de ser uma tábula rasa, ou seja, um ser que por não apresentar nem fé, lei ou rei está suscetível a qualquer imposição e/ou conduta externa (CLASTRES H., 1978).

que tudo estava por fazer, fato condicionante para o sucesso catequético. No entanto, não apenas na história da educação e catequese brasileiras como em toda relação europeu/indígena, encontramos conclusão oposta gerada nos momentos de reveses, na árdua luta catequética em que muitos esforços eram aplicados.

[...] mas essa gentildade, como não têm ídolos por quem morram, tudo quanto lhes dizem crêem; somente, a dificuldade está em tirar-lhes todos os seus maus costumes, mudando-os noutros bons segundo Cristo, o que pede continuidade entre eles e que vejam bons exemplos e que vivamos com eles e lhes criemos os filhos de pequenos em doutrina e bons costumes. E por esta maneira temos por certo que todos serão cristãos e melhores do que os brancos que aqui há. (LEITE, 1955a, p. 157).

3.2 Traços da cultura indígena pré-jesuítica

Tomando-se as características gerais da cultura indígena pré-jesuítica, poderemos formar o seguinte diagnóstico: as tribos do litoral de São Vicente, Salvador, Espírito Santo e Rio de Janeiro, como as do interior, por ocasião do período compreendido entre o descobrimento do Brasil e o início da catequese, encontrava-se no estágio neolítico. Essa caracterização é comprovada pela documentação da época, que informa sobre a condição do instrumental indígena, fabricado com a pedra polida.

Os indígenas estavam divididos por nações, tribos e famílias. Embora alguns autores qualifiquem como monogâmica a sua organização familiar, o certo é que os homens viviam com muitas mulheres sem, contudo, ficarem elas diminuídas no seu status social (CLASTRES, 1978; CUNHA, 1986). Ligados à organização familiar encontramos certos traços horripilantes à ética jesuítica, aos nossos sentimentos e reações. Às vezes, antes de devorar o inimigo, davam-lhe antes da morte uma irmã por esposa; morto o inimigo e vítima da antropofagia heróica, se ele obteve filhos com a irmã dos seus algozes, estes os comiam, isto é, comiam, por vingança, entendendo que a filiação fosse apenas paterna (ABREU, 2000; FERNANDES, 1989; SOUZA, 1971; VAINFAS, 1997).

As guerras ferviam contínuas; a cunhã prisioneira agregava-se à tribo vitoriosa, pois vigorava a idéia da nulidade da fêmea na procriação, exatamente como a da terra no processo vegetativo; os homens eram comidos em muitas tribos no meio de festas rituais. A antropofagia não despertava repugnância e parece ter sido muito vulgarizada: algumas tribos comiam os inimigos, outras os parentes e amigos, eis a diferença. (ABREU, 2000, p. 39).

No dia-a-dia da catequese, na correspondência interna em que se abordavam os problemas específicos da missão e, sobretudo nos discursos voltados para os índios, predominaram, sem dúvida, a detração, a hostilização dos costumes, a má vontade que Laura de Mello e Souza (1986) observou nos jesuítas em face das gentes do trópico. Observamos isto em quase todos os padres, inclusive entre os que mais se empenharam em defender os índios contra a escravização. Manuel da Nóbrega em seus apontamentos de 1558 (LEITE, 1955a, p. 279-280) recomendava castigo e sujeição dos aborígenes como único remédio para cessar o sofrimento da nação portuguesa no Brasil.

Depois que sua Alteza mandou Governadores e justiça a esta terra, não houve saltearem os gentios nem tomarem-lhe o seu como antes, nem por isso deixaram eles de tomar muitos navios e matarem e comerem muitos cristãos [...], se o gentio fosse senhoreado ou despejado, como poderia ser com pouco trabalho e gasto, e teriam vida espiritual, conhecendo a seu criador e vassalagem a S. A. e obediência aos cristãos [...]. Este gentio é de qualidade que não se quer por bem, senão por temor e sujeição, como se tem experimentado e por isso se S. A. os quer ver todos convertidos mande-os sujeitar [...].

Os indícios de que a mão do demônio agia por detrás dessa aparente inocência recolheram os portugueses, sobretudo da licenciosidade em que julgavam viver os índios e, particularmente, da relação que mantinham com o próprio corpo.

Primeiro, os selvagens vão para uma cabana, pegam todas as mulheres da cabana e aplicam-lhes fumaça. Depois a mulher precisa gritar, pular e dar voltas até que fica tão exausta que cai ao chão como se estivesse morta. Então o feiticeiro diz: “Vejam, agora ela está morta. Logo a farei viver novamente”. Quando ela volta a si, ele diz que doravante está apta a adivinhar coisas futuras, e quando vão guerrear, as mulheres devem fazer adivinhações sobre a guerra. (STADEN, 1999, p.103)⁹.

⁹ Capítulo 24 da obra de Hans Staden (1999), intitulado “Como transformam suas mulheres em feiticeiras”.

Imediatamente depois de morto o prisioneiro, a mulher (já disse que a concedem a alguns) coloca-se junto do cadáver e levanta curto pranto; digo propositadamente curto pranto porque essa mulher, tal qual o crocodilo que mata o homem e chora junto dele antes de come-lo, lamenta-se e derrama fingidas lágrimas sobre o marido morto mas sempre na esperança de comer-lhe um pedaço. (LÉRY, 1980, p. 178).

Repugnáva-lhes, antes de tudo, o canibalismo (prática inteligível e assustadora para o missionário), fato que corroborava a visão do ameríndio como ser animalesco, selvagem e monstruoso (Figura 6). Mas inquietava-os, em grande medida, o que consideravam falta de lei, ausência de interdições quanto à exibição do corpo e às relações sexuais.



mulheres da tribo retalham o morto (BRY, 1540).

Figura 6: Cena antropofágica:

O corpo tem sido visto em diversas culturas e filosofias presentes no Ocidente como um obstáculo à ascensão e liberação do espírito. Desde os gregos já se encontrava esta visão dicotômica, a morte sendo apresentada como instante de liberdade em que o corpo era forçado a abrir os grilhões que aprisionavam a alma. O pensamento socrático o considerava um impedimento à verdade por propiciar a sedução e os desvios à lógica. Platão o concebia como cárcere ou sepultura que encerrava o saber e a razão. Mas, ele não deixava de ser o lugar onde a alma repousava (RANKE-HEINEMANN, 1996; SANTOS, 1986).

O conjunto de disposições contrárias ou de cautela em relação ao corpo difundidas pelo universo judaico-cristão salienta o cuidado em relação ao corpo da mulher e às suas mais variadas representações.

Essa visão, segundo Peter Brown (1990), é difundida desde São Paulo e se consolida na renúncia sexual permanente, através do apelo à continência, ao celibato e à virgindade perene, ou seja, através de uma negação sistemática do contato com a carne – fonte de todo o pecado que arrasta o mundo. Esta disjunção que se estabeleceu entre alma e corpo, no cristianismo sustentou o distanciamento e a fobia ao corpo e à carne, em particular da mulher.

Acreditava-se, como mencionado anteriormente, que a mulher tinha ligações íntimas não com Deus, mas com o diabo (Figura 7) – travestido no corpo de uma serpente, por exemplo -, sendo considerada um ser terreno tirado da costela de Adão e motivo da perdição deste e da sua expulsão do paraíso.



Figura 7: O diabo que faz amor com a bruxa. (MOLITOR, 1489).

Em seu Livro “Corpo e Sociedade”, Peter Brown (1990) analisa a prática da renúncia sexual permanente entre os cristãos desde os anos 40 a 50 d.C. até a década de 430 d.C.. Ele revela que, desde o início, o cristianismo preocupou-se com a dimensão espiritual do ser humano. Para tanto, ele centrava força naquilo que poderia desviar, corromper o ser espiritual que residia naquele corpo. Assim, visou a continência do corpo, no valor da virgindade, da castidade e do celibato a correção do indivíduo e da sociedade. A continência do corpo era a negação ao ato sexual e o total desapego à carne. Deste modo, Brown constata que o cristianismo projetou, desde o início, este processo de normatização social de que nos fala Foucault

(1988, 2006, 2007, 2008) sobre os discursos da sexualidade e as relações de poder que se estabelecem através do mesmo.

Desta forma, foram os jesuítas, em sua maioria, que viram na nudez das índias uma prova de escândalo, ocasião de torpezas e de ofensa a Deus. Decifrando a genealogia de tal despudor, Nóbrega (LEITE, 1955a, p. 239-240) localizou-a no pecado de Cam, que escarnecera da nudez de seu pai, Noé, sendo por isso exilado e condenado à servidão.

Isso podem-vos dizer chãmente, falando a verdade, que lhes veo por maldição de seus avoz, porque estes creemos serem descendentes de Chaam filho de Noé, que descobrio as vergonhas de seu pai bêbado, e em maldição, e por isso, fiquarão nus e tem outras mais misérias. Os outros gentios, por serem filhos de Set e Japher, era razão, pois eram filhos de benção, terem mais alguma vantagens.

Os habitantes nus do Brasil quinhentista (Figura 8) causaram profundo desalento ao Pe. Manuel da Nóbrega que tudo fez para vesti-los desde que chegou à Bahia: quis dar a roupa sobressalente dos padres para os índios batizados; pediu roupas ao Pe. Simão Rodrigues; considerou a possibilidade de os próprios índios fiarem o algodão de seus vestidos; e incluiu essa medida no plano geral de aldeamento de 1558.



Figura 8: família de índios botocudos (FAYET, 2006).

Também peça V. R. algum petítório para roupa, para entretanto cubrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada mulher, polla honestidade da religião christã, porque vem todos a esta Cidade à missa aos domingos e festas, que faz muita devação, e vem rezando as orações que lhe insinamos, e nom parece honesto estarem nuas entre os christãos na igreja, e quando as insinamos. (NOBRÉGA *apud* LEITE, 1938, p. 39).

Julgava imperioso cobrir o corpo dos índios, alegando variadas razões: o escândalo que dariam nus aos padres vindouros; a ofensa a Deus, sobretudo ao assistirem a ofícios divinos com as vergonhas à mostra; a excitação que índias nuas causariam nos cristãos. Era preciso ocultar-lhes o corpo, uma vez batizados: pela nudez em si, descabida em gente cristã, e pelo que essa nudez poderia incitar. (VAINFAS, 1997, p. 33).

Gabriel Soares de Souza chegou a nomear um dos capítulos de seu memorial com o título “Que trata da luxúria dêstes bárbaros”, escrevendo, de fato, o mais completo resumo das torpezas ameríndias: luxuriosos ao extremo, não havia pecado da carne que os tupinambás não cometessem em matéria de incesto, poligamia e outros mais; as velhas, observou, granjeavam os meninos ensinando-lhes o que não sabiam¹⁰, e todos só conversavam sujidades que cometiam a cada hora. Aos apetites libidinosos, certamente, atribuiu o hábito que muitos tinham de engrossar o pênis: “costumam pôr nele o pêlo de um bicho tão peçonhento que lho faz logo inchar, com o que se lhe faz o seu cano tão disforme de grosso, que os não podem as mulheres esperar, nem sofrer” (1971, p. 308). E, tratando do que pouquíssimos ousavam falar, comentou serem “muito afeiçoados ao pecado nefando”¹¹, do qual não se envergonhavam, e o que servia de macho dele se vangloriava, tomando essa bestialidade por proeza, ao passo que alguns efeminados armavam tendas e se faziam de mulheres públicas.

Desde o nascimento, as principais tribos indígenas que entraram em contato com os europeus e inacianos do século XVI, tinham seus membros diferenciados através do sexo. Assim, enquanto o pai era responsável por cortar o cordão umbilical de seu varão, presenteando-lhe com tacape, um arco e flechas ornamentadas com

¹⁰ Por falta de parceiras jovens – já que o homem só poderia se casar quando fizesse um prisioneiro, além de outras restrições – os rapazes tupinambás “contentavam-se com as velhas, apesar de as saberem estéreis”. (FERNANDES, 1989, p. 158).

¹¹ Florestam Fernandes afirma que a sodomia recebia o beneplácito social entre os tupinambás, embora o “papel passivo” exercido por homens fosse sujeito a insultos, utilizando-se a palavra “tivira”. Quanto as mulheres que se “casavam” entre si, adquiriam “toda espécie de parentesco adotivo e de obrigações assumidas pelos homens em seus casamentos”. (FERNANDES, 1989, p. 160-161).

penas de papagaio (símbolo do grande guerreiro), às crianças do sexo feminino eram legados os primeiros cuidados pela própria mãe e sem nenhum presente de boas vindas (RAMINELLI, 2004).

Na lógica tribal, o resguardo do pai simbolizava a importância do papel paterno no ato de gerar a criança, não recaindo apenas sobre a mulher, como na cultura lusitana, o sexo do bebê (CUNHA, 1986). A abstinência sexual após o parto, ou a quarentena inserida na sociedade ocidental posteriormente, tem origem nas sociedades indígenas que, cuidavam para que suas novas mães mantivessem um único bebê, amamentando-o até aproximadamente seus dois anos de idade. Quando alguma mulher ficava grávida de um inimigo, matava e comia o recém-nascido, mantendo a lógica da vingança através da antropofagia e a idéia de parentesco pela linhagem paterna (FERNANDES, 1989).

A menina indígena atingia a idade adulta após a primeira menstruação, o que gerava grande festa na tribo, posto que esta poderia ser preparada para o casamento. Através de um ritual de passagem, estas meninas ganhavam várias cicatrizes pelo corpo que lhe garantiriam ventres sadios e filhos bem formados (CLASTRES, P., s/d). Tal como na cultura européia, o sangue menstrual causava certa repulsa por parte das comunidades indígenas. Para estes, a menstruação era responsável por atrair espíritos maus que poderiam acometer o sexo masculino, gerando assim, a abstinência sexual também nesses períodos.

Não havia cerimônia de casamento, mas a vontade do homem e da mulher, podendo o marido expulsar a mulher e vice-versa, quando estivessem fartos do convívio. Neste caso, e com o consentimento da mulher esta poderia ser presenteada a outro homem. A poligamia era aceita entre os homens em sinal de prestígio e suas mulheres lhe deviam obediência, mas não submissão (RAMINELLI, 2004). O adultério feminino causava grande horror entre os indígenas, porém antes do casamento a liberdade sexual feminina não provocava desonra. Desta forma, eram raros os casos de mulheres que casassem virgens, sendo os instintos sexuais coibidos apenas com o casamento, quando seus maridos as vigiavam de perto, movidos pelo ciúme e pela admiração que tinham pelo corpo de suas esposas.

Porém, fosse pela poligamia, pela instabilidade das uniões, pelos incestos ou infidelidades, os jesuítas julgavam que, se casamentos havia entre os indígenas, eram falsos. O único remédio para os índios era casá-los, uní-los na forma e na regra da Igreja. Nóbrega era, porém realista e o dia-a-dia da catequese fez-lhe ver

que a missão deveria adaptar-se ao Novo Mundo, recuar taticamente frente às particularidades da Colônia. Foi esse recurso em relação ao casamento, em que a impressão de licenciosidade absoluta deu lugar ao reconhecimento de que os índios contraíam matrimônio e, ainda, de que havia normas a regê-lo.

E em muitas coisas guardam a lei natural. Nenhuma coisa própria têm que não seja comum, e o que um tem há-de repartir com os outros, principalmente se são coisas de comer, das quais nenhuma coisa guardam para outro dia, nem curam de entesourar riquezas. A suas filhas nenhuma coisa dão em casamento, antes os genros ficam obrigados a servir a seus sogros. Qualquer cristão, que entre em suas casas, dão-lhe a comer do que têm, e uma rede lavada em que durma. São castas as mulheres a seus maridos. (LEITE, 1955a, p. 65).

Nóbrega passa a suplicar que Roma atenuasse o rigor dos impedimentos: que sua Santidade tivesse largueza destes direitos positivos, e deixasse os padres celebrarem casamentos entre parentes por afinidade. Ou seja, era preciso casá-los com uma só mulher, ainda que à custa das regras oficiais.

Ho gentio desta terra como não tem matrimonio verdadeiro com animo de perseverarem toda a vida, mas tomão huma molher e apartão-se quando querem, de maravilha se achará, em huma povoação e nas que estão ao derredor perto, quem se poça cassar dos que se convertem, legitimamente, à nossa fé, sem que aja inpidimento de consanguinidade ou afinidade, ou de publica onestidade. E este nos he o maior estorvo que temos, nem os poder pôr em estado de graça, e por isso não lhe ouzamos a dar o sacramento do bautismo, pois he forçado fiquarem ainda servos do peccado. Será necessário aver de Sua Santidade nisso largueza destes direitos positivos e, se parecer muito duro ser de todo o positivo, ao menos seja de toda afinidade, e seja tio com sobrinha, que he segundo grão de consaguinidade, e he quá o seu verdadeiro casamento. (LEITE, 1955a, p. 205).

3.3 Os colonos como tropeço da ação civilizadora

Porquanto os jesuítas tenham tomado maior zelo e interesse pela causa da educação e proteção do nativo, a grande verdade é que só em parte este era, inicialmente, o objetivo das missões empreendidas por El-Rei. Com efeito, o rei de Portugal, de acordo com Serafim Leite (1938), enviou a Companhia de Jesus,

sobretudo para dar assistência espiritual aos portugueses que se encontravam nos seus domínios de além mar.

Sem cogitar das suas causas, a inversão dos objetivos das missões foi um fenômeno constatado.

Bem, de um ou de outro modo, os portugueses dos domínios ultramarinos, a que temos chamado colonos, estiveram também debaixo da assistência espiritual dos sacerdotes jesuítas e, portanto, sob o processo educacional brasileiro da época.

No plano ideal, o colono já batizado, conhecedor das verdades cristãs, nascido e crescido sob o influxo do catolicismo, religião oficial do reino, deveria ser o decisivo elemento de apoio à missão dos educadores inacianos. Tanto o seriam pela consciência cristã da necessidade do alargamento da fé, com o seriam pelo exemplo de vida que teriam condições de dar. Todavia, no plano do concreto, a experiência real processou-se inversamente (ABREU, 2000; FERREIRA, 1957; LEITE, 1938). Foram o pólo negativo da catequese, pois a sua vida foi sempre o exemplo oposto da ética imposta pelos educadores. Enquanto os jesuítas impunham aos indígenas as diretrizes da moral cristã, os colonos abusavam das mulheres índias, espoliavam aos índios e os reduziam ao cativeiro; mas tudo isso era precedido do seu aliciamento e enfraquecimento moral que começava desde a colaboração do colono para a embriaguez do índio e sua revelia à aprendizagem cristã, que em nada interessava à lógica colonial escravista. Além do retardamento e do comprometimento da educação do natural, ainda representou uma ação de oposição aos desígnios do Rei e aos esforços materiais da nação portuguesa.

Fosse pela intolerância moral que ostentavam por princípio, fosse pelo que observaram no início da colonização, Nóbrega cedo percebeu que o mal não campeava só entre o gentio. O excesso de liberdade, a falta de lei moral com que o ameríndio ofendia a Deus, vira também na conduta dos portugueses recém-chegados do Reino (LEITE, 1955a).

Nóbrega não pouparia críticas aos primeiros colonos que, tão logo desembarcavam, tratavam de amancebar-se com as índias da terra, e não contentes com esse já monstruoso pecado, muitos se uniam a várias mulheres de uma só vez, prontos a copiar o estilo dos caciques. Quase todos, dizia, tinham suas escravas por mancebas e outros livres que pediam aos índios por mulheres, quando não as arrebatavam diretamente. Cultivar o pecado e dar escândalos, comprometendo com isso a base moral de toda a obra missionária, eis o que pensaria ser o principal

objetivo desses colonos ao migrarem para o Brasil, repetiria Nóbrega. E, se ousavam admoestá-los, instando para que se casassem com uma só índia, os padres eram logo ofendidos.

Esta me parece agora a mayor empresa de todas, segundo vejo a gente docel, somente temo ho Mao exemplo que o nosso chritianismo lhes dá, porque há homens que há muytos annos que se nom confissão, e parece-me que põem a felicidade em ter muytas mulheres. (LEITE, 1955a, p. 25).

Nesta terra há hum grande peccado, que hé terem os homens quase todos suas negras por mancebas, e outras livres que pedem aos negros por mulheres, segundo ho costume da terra, que hé terem muitas mulheres. E estas deixam-nas quando lhe apraz, o que he grande scandalo para a nova Igreja que o Senhor quer fundar. (LEITE, 1955a, p. 29-30).

Visitando eu as vilas vizinhas a esta terra, confessei muitos e se fez fruto, deixando muitos ou casados com a concubina e sanido de muitos pecados; e destes há muitos cristãos, que estão aqui no Brasil, que têm não uma só, mas muitas concubinas em casa, e fazem baptizar muitas escravas sob pretexto de bom zelo e para as fazer amigas com mau fim, persuadindo-se que por isto não seja pecado [...]. (LEITE, 1955a, p. 79).

Escrevendo em junho de 1553, Nóbrega veria no célebre João Ramalho o exemplo perfeito do que faziam os portugueses no Brasil: sua vida corria à moda dos índios, cercado de mulheres que geravam enorme quantidade de filhos, os quais, mal atingiam a puberdade, seguiam o exemplo do pai, unindo-se a várias mulheres sem cuidarem se eram irmãs ou parentas. Assim, indignava-se o Pe. Manuel da Nóbrega, perpetuava-se a linhagem do pecado de João Ramalho, verdadeira “*petra scandali*” para o inaciano.

Nesta terra está um João Ramalho. É o mais antigo dela e toda a sua vida e a dos seus filhos é conforme à dos Indios e é uma petra scandali para nós, porque a sua vida é principal estorvo para com a gentilidade que temos, por ele ser muito conhecido e muito aparentado com os Índios. Têm muitas mulheres. Ele e seus filhos andam com irmãs e têm filhos delas, tanto pai como os filhos. [...] e assim vivem andando nus como os mesmos índios (LEITE, 1955a, p. 173-174).

Os queixumes do provincial dirigir-se-iam, ainda, contra os clérigos seculares que chegavam ao Brasil após a instalação do bispado da Bahia, acusados de iguais

pecados e de convivência com os amancebamentos dos leigos: além de maus exemplos e costumes, diziam ser lícito estar em pecados, escrevia Nóbrega (LEITE, 1955a, p. 89) ao Pe. Simão Rodrigues em 1551.

Os clérigos desta terra têm mais ofício de demônios que de clérigos: porque, além de seu mau exemplo e costumes, querem contrariar à doutrina de Cristo, e dizem públicamente aos homens que lhes é lícito estar em pecado com suas negras, pois que são suas escravas e que podem ter os salteados, pois que são cães e outras coisas semelhantes, por escusar seus pecados e abominações, de maneira que nenhum demônio temos agora que nos persiga senão estes. Querem-nos mal, porque lhes somos contrários a seus maus costumes e não podem sofrer que digamos as missas de graça, em detrimento de seu interesse.

Passados alguns anos, Nóbrega (LEITE, 1955a, p. 320) não mudaria de opinião, em carta a Tomé de Souza, denunciando padres que insistiam em manter-se eles próprios amancebados com suas escravas.

[...] e trouxe consigo huns clérigos por companheiros que acabarão, com seu exemplo e mal usarem e dispensarem os sacramentos da Ygreja, de dar com tudo em perdição. [...]. Mas como eles vierão, introduzirão na terra estarem clérigos e dignidades amancebados com suas escravas, que pêra esse efeito escolhião as melhores e de mais preço que achavão, com achaque que avião de ter quem os servisse, e logo começarão a fazer filhos e fazer-se criação.

Estenderia, assim, ao clero colonial o julgamento que fizera dos desterrados que cá se lançavam: escória de padres que destruía quanto se edificava no Brasil; melhor que não viessem, que não se embarcassem sacerdotes sem ser sua vida muito provada.

Porque o Bispo leva outros modos de proceder com os quais creio que não se tirarão pecados e se roubará a gente de quanto dinheiro puderem ganhar, e se destruirá a terra. Seus clérigos absolvem quantos amancebados há e dão-lhes o Senhor e o seu pregador [...]. A evitar pecados não veio, nem se evitarão nunca, senão depois de cá haver tantas mulheres que as não queiram! (LEITE, 1955a, p. 149).

A combater essas dificuldades sempre estiveram os jesuítas, donzelões intransigentes nas palavras de Gilberto Freyre (1980), o que muitas vezes levou a Companhia a chocar-se com a política colonizadora da monarquia e com poderosos

interesses escravistas que já surgiam no século XVI. Povoar a qualquer preço ainda que por intermédio de pecados, essa foi sabidamente a diretriz da política colonizadora, e Gilberto Freyre (1980) foi dos que mais insistiram nesse ponto, relacionando a escassez da população portuguesa, sua limitada capacidade migratória, com a frouxidão da ortodoxia moral na colonização do Brasil.

A política de povoamento da Coroa portuguesa parece, assim, confirmar a função e a imagem que Laura de Mello e Souza (1986) atribui à Colônia: lugar de purgação, purgatório da Metrópole. Na medida do possível, o Pe. Manuel da Nóbrega (LEITE, 1955a) tentou diminuir a vinda dos indesejáveis do Reino para a Colônia: que viesse melhor gente, que mandassem homens de bem, especialmente pessoas casadas no lugar dos degredados que cá faziam muito mal, dizia em 1549 em carta ao Pe. Simão Rodrigues: “Trabalhe V. R. por virem a esta terra pessoas casadas, porque certo hé mal empregada esta terra em degradados, que cá fazem muyto mal, e já que cá viessem avia ser para andarem alferrolhados nas obras de S. A.” (LEITE, 1955a, p. 39).

Mas colônia de exploração, o Brasil não facilitaria, pelo menos no começo, a vinda de famílias do Reino, estimulando antes os aventureiros desejosos de enriquecimento rápido, além dos degredados que vinham à força, homens errantes em sua maioria, temerosos de viver em terra estranha, ansiosos por voltarem à Portugal. Cientes do que animava a Coroa a colonizar o Brasil – a extração de riquezas e a ocupação litorânea a todo custo -, Nóbrega tratou de ao menos atenuar as consequências morais da imigração predominante. Alegando que os homens se recusavam a casar com suas escravas concubinas por não quererem libertá-las, solicitou a D. João III provisão declarando que tais matrimônios não forrariam as esposas índias.

Nestas partes há muitos escravos e todos vivem em peccado com outras escravas. Alguns dos tais fazemos casar, outros areceam fiquarem seus escravos forros e não ousão há casá-los. Seria seviço de Nosso Senhor mandar V. A. huma provisão em que declare nam fiquarem forros casando, e ho mesmo se devia prover em Santo Thomé e outras partes omde há fazendas com muitos escravos. Com a vinda do Bispo ho esperávamos remedear e agora me parece ser necessário V. A. prover niso por se evitarem grandes peccados. (LEITE, 1955a, p. 101).

Constatando que muitos amancebados eram já casados no Reino, os obrigava a voltar para as esposas ou a buscá-las em Portugal, usando todos os meios de que dispunha: ameaça de danação eterna, excomunhões e, sobretudo, recusa de absolvição nas confissões. No entanto o que mais suplicou o inaciano às autoridades metropolitanas foi o envio de mulheres brancas, base para a construção de uma ordem familiar portuguesa na Colônia e garantia de que as índias ficariam a salvo dos pecados.

Já que escrevi a V. A. há falta que nesta terra há de molheres com que os homens casem e vivão em serviço de N. Senhor apartados dos peccados em que agora vivem, mande V. A. muitas órfãs e, se não ouver muitas, venhão de mestura dellas, e quaisquer porque são tão desejadas as molheres brancas quá, que quaiquer farão quá muito bem à terra, e ellas se ganharão e os homens de quá apartar-se-ão do pecado. (LEITE, 1955a, p. 114).

Nestas partes o moor trabalho que temos he nom podermos socorrer a homens amancebados com suas escravas de que tem filhos, porque pêra os apartarem he grande furturea, pêra se confessarem e absolverem nom são capazes pêra isso. Sperão molheres do Reyno com quem casem. (LEITE, 1955a, p. 133).

É já clássica a obsessão de Nóbrega a esse respeito (lembramos do filme *Desmundo* [2003], que se inicia com fala de Nóbrega), chamando inúmeras vezes pela vinda de órfãs, moças que dificilmente se casariam em Portugal, meretrizes, mulheres erradas, todas enfim, desde que brancas e casaduras.

Todos se me escusão que nom tem molheres com que casem, e conheço eu que casarião se achassem com quem; e tanto, que huma molher, ama de hum homem casado que veo nesta armada, pelevião sobre Ella a quem a averia por molher; e huma scrava do Governador lhe pedião por molher, e dizião que lha querião forrar. Parece-me cousa muy conveniente mandar S. A. algumas molheres, que lá tem pouco remédio de casamento, a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casaram todas muy bem, com tanto que nom seião taes que de todo tenham perdida a vergonha a Deus e ao mundo. (LEITE, 1955a, p. 30).

Muitos cristãos, por serem pobres, se casaram com as mulheres negras da terra, mas bastantes outros voltarão para o nosso Reino por não os querermos absolver, ainda que tenham filhos, por serem casados em Portugal; e nas pregações muito os repreendemos. Se El-Rei determina povoar mais esta terra, é necessário que venham muitas mulheres órfãs e de toda a quantidade até meretrizes, porque há aqui várias qualidades de homens; e os bons e os ricos casarão

com as órfãs; e deste modo se evitarão pecados e aumentará a população no serviço de Deus. (LEITE, 1955a, p. 79-80).

Empenhado em difundir casamentos e concorrer para o povoamento da terra sem prejuízo de Deus, Manuel da Nóbrega acabou cedendo no rigor das regras oficiais. Como nos matrimônios indígenas, mencionado anteriormente – onde pedia dispensa para casar tios maternos e sobrinhas, contrariando o impedimento consanguíneo de segundo grau -, solicitou o afrouxamento das normas que impediam portugueses de casarem com índias, especialmente a que proibia os homens de esposarem mulheres se tivessem dormido com irmãs ou parentas da cônjuge, prática habitual nas relações sexuais dos primeiros colonos. Em agosto de 1553, na mesma carta em que solicitava esse relaxamento da disciplina matrimonial, Nóbrega pedia ao Pe. Luiz Gonçalves da Câmara que confirmasse a morte da primeira esposa de João Ramalho e que obtivesse licença para casá-lo com certa índia, mãe de seus filhos. Dois meses depois de considerá-lo *petra scandali* de São Vicente, percebera o quanto podia usá-lo na conversão destes gentios. Domesticar o pecado de mil faces e convertê-lo em instrumento de fé, assim pretendia o iniciano implantar a Reforma Católica ao Brasil.

Quando veio da terra, que haverá 40 anos e mais, deixou a sua mulher lá, viva, e nunca mais soube dela, mas que lhe parece que deve ser morta, pois há tantos anos. Deseja muito casar-se com a mãe destes seus filhos. Já para lá se escreveu e nunca veio resposta deste seu negócio. Portanto é necessário que V^a. R^a. envie logo a Vouzela, terra do P. Mestre Simão, e de parte de Nosso Senhor Iho requeiro: porque se este homem estiver em estado de graça, fará Nosso Senhor por ele muito nesta terra, pois estando ele em pecado mortal, por sua causa a sustentou até agora. (LEITE, 1955a, p. 184).

Organizar as massas com base na família cristã, fazê-las crer na verdade divina segundo as regras da Igreja. A viabilização desta pastoral pressupunha sistemática intimidação dos fiéis, permanente ameaça com os horrores que Deus reservava aos que ousassem desviar-se de si. A irradiação dessa pastoral do medo, conforme a chamou Delumeau (1984, p. 447), não esteve ausente no Brasil, onde combinaram-se o perigo da danação eterna e o castigo divino na Terra.

Crie V. R. muitos filhos para cá que todos são necessários. Eu hum bem acho nesta terra, que nom ajudará pouco a permanecerem depois na fé, que He ser a terra grossa, e todos tem bem ho que

mester, e a necessidade lhes nom fará perjuizo algum. Estão espantados de ver a majestade com que entramos e estamos, e temem-nos muyto, ho que também ajuda. Muito há que dizer desta terra, mas deixo-o ao commento dos charissimos Irmãos. (LEITE, 1955a, p. 24-25).

Pensamos que será princípio dum bom castigo e para os outros gentios grande exemplo; e talvez por medo se converterão mais depressa do que o não farão por amor, tanto andam corrompidos nos costumes e longe da verdade. (LEITE, 1955a, p. 70).

Aos colonos dos primeiros tempos aplicar-se-ia a mesma pregação, adaptada naturalmente ao verniz da cristandade que traziam de Portugal. Excomunhões e ameaças, eis o que Nóbrega mais despejara nos colonos portugueses do primeiro século, visando especialmente suas ambições escravistas, que tanto afetavam a catequese, e seus desejos libidinosos, que comprometiam toda a obra missionária no além-mar.

4 O SISTEMA DE ENSINO NO BRASIL NO SÉCULO XVI

Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente.

Michel Foucault (1988, p. 98)

Como dito anteriormente, a Manuel da Nóbrega, e ainda não a Simão Rodrigues, caberia a gloriosa, mas delicadíssima e sobrecarregada de encargos, missão de instalar e levar a efeito a catequese, a educação, bem como a educação sexual nos domínios portugueses do Brasil.

O Mestre Simão, como chamavam ao Pe. Simão Rodrigues, primeiro Provincial da Companhia em Portugal e um dos sete fundadores dessa Ordem Jesuítica, não pôde ver triunfante o seu desejo de integrar as missões nas Índias; frustração assublimada com a idéia de chefiar as missões brasileiras. Assim se manifesta conforme relato de Serafim Leite (1938, p. 17) “quero eu ser o primeiro no Brasil, pois não mereci ser o segundo na Índia”. Autorizada a ida do Pe. Simão Rodrigues pelo Rei de Portugal e pelo Superior da Ordem, Inácio de Loyola, e falecendo seu confrade que o substituiria como Provincial de Portugal, surgem dificuldades e ele próprio acaba compreendendo a impossibilidade de sua vinda ao Brasil.

Já às vésperas do embarque da grande e solene Comitiva do Primeiro Governador Geral, da qual participavam, com especial destaque e respeito, os missionários da Companhia de Jesus, o Provincial Simão Rodrigues apresenta um nome, por todos os títulos digno de ser o Superior da missão – o Pe. Manuel da Nóbrega, por isso mesmo aprovado por todos.

Dando sequência aos fatos anteriormente expostos, retomando as gestões para a vinda da Companhia de Jesus às Missões do Brasil, elas culminam com esse embarque da grande comitiva, feito a 19 de fevereiro de 1549, do Porto de Belém. Toda ela sob a chefia do próprio Governador Geral do Brasil, Tomé de Souza (LEITE, 1938).

A 29 de março de 1549, a esquadra chega à Bahia, e desembarca no local chamado “Arraial do Pereira”, depois chamado Vila Velha. Conforme Serafim Leite (1938) há mais de mil homens na armada: homens de armas, degredados em número de quatrocentos, autoridades civis, eclesiástica, judiciária e toda uma hierarquia de funcionários de diferentes órgãos, mas ressalto mais uma vez, nenhuma mulher. Sob a obediência de Nóbrega encontram-se os jesuítas: Pe. Antônio Pires, Pe. João de Aspilcueta Navarro e Pe. Leonardo Nunes; mais os então irmãos: Vicente Rijo (Vicente Rodrigues) e Diogo Jácome.

Chegamos a esta Baya a 29 dias do mês demarco de 1549. Andamos na viagem oito somanas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cinqüenta moradores na povoação que antes era. Receberam-nos com grande alegria; e achamos huma maneira de igrája, junto da qual logo nos apouentamos hos Padres e Irmãos em humas casas a par della, que nam foy pouca consolação para nós para dizermos missas e confessarmos, e nisso nos ocupamos agora. Confessa-se toda haa gente da armada, digo a que vinha nos outros navios, porque os nossos determinamos de hos confessar na não. (LEITE, 1955a, p. 18-19).

Os recém-chegados permaneceram cerca de um mês no arraial do Pereira, mudando-se depois para o sítio chamado “Terrero” onde os jesuítas levantariam uma pequena igreja, donde viria denominar-se mais logo – Terrero de Jesus. Mesmo depois que saíram de Vila Velha, vários locais foram sondados e experimentados, e feitas muitas construções provisórias, até que casas dos religiosos como dos civis se assentassem definitivamente na cidade denominada Salvador (LEITE, 1955a).

O estudo da documentação relativa ao movimento de difusão dos núcleos de catequese e ensino elementar, como secundário, à ereção de casas e vilas da Companhia com a mesma finalidade, ou à evolução dos organismos de educação dos padres, a serviço dos seus objetivos, permite-nos concluir pela seguinte sistematização: geralmente a Casa e a Capela dos missionários eram o ponto inicial. Em torno da casa criavam-se aldeias ou os aldeamentos que evoluíam até à promoção a vilas e estas, no correr dos tempos, assumiam a dignidade de cidades. Nas aldeias jesuíticas está a origem de grande parte das nossas mais velhas cidades, como São Paulo. A casa é, concomitantemente, residência de missionários e escola de ler e escrever e centro catequético. Sem ela no centro inexiste o lugar comum para o relacionamento ou conexão; indígena catecúmeno e jesuíta

evangelizador. Uma das estratégias de sucesso da missão era o estabelecimento da permanente conexão educando-educador para evitar o retorno aos maus hábitos antigos pautados, principalmente, na poligamia e antropofagia indígena, preceitos culturais da população brasileira constantemente perseguidos e intolerados por Nóbrega e os outros inacianos. Preceitos que põem em choque morais sexuais do século XVI (LEITE, 1938; 1955a; 1955b).

Certo ho Senhor quer ser conhecido destas gentes e communicar com elles hos thesouros dos merecimentos da sua paixão, sicut alioquin te audivi prophetantem. E portanto, mi Pater, compelle multas intrare naves ET venire ad hanc quam plantat Dominus vineam suam. Cá nom Sam necessárias letras mais que para entre os christãos nossos, porem virtude e zelo da honra de Nosso Senhor He cá muy necessário. (LEITE, 1955a, p. 23).

4.1 O aldeamento como recurso educacional

O Aldeamento indígena, que tanta controvérsia tem causado, representa o sistema mais eficaz para a sua educação. Dessa maneira se não fosse reduzido ao aldeamento, os educadores jesuítas correriam o risco de não encontrar em algumas tribos, anteriormente visitadas e catequisadas, em dado sítio. Importa ainda lembrar que o aborígine, no estado de natureza em que viveu sempre, desconhecia a obediência e a hierarquia trazida pelos inacianos. Daí o seu disciplinamento tornar-se viável através de certo controle dos seus hábitos. Por exemplo, a qualquer pequeno descuido e já levavam ao fogo a carne do inimigo para comer. No contato do dia a dia, os padres e as autoridades desgastavam-se, os primeiros em aconselhar, demonstrar, impor coação moral; as segundas, em criar dispositivos legais e instrumentais, em ameaçar e até coagir fisicamente. Mesmo sob controle, muito custaram os progressos contra a antropofagia.

Mas é muito de espantar ter dado tão boa terra tanto tempo a gente tão inculta, e que tão pouco o conhece, porque nenhum deus tem certo e qualquer, que lhe dizem, esse crêem. Regem-se por inclinação, a qual semper prona est ad malum, e appetite sensual, gente absque consilio et sine prudentia. Têm muitas mulçheres enquanto se contentam delas e elas deles, sem entre eles ser vituperação. [...]. Se acontece que tomem alguns dos contrários na

guerra trazem-nos presos algum tempo e dão-lhes as suas filhas por mulheres e para que os sirvam e guardem, e depois os matam e comem, com grandes festas e com ajuntamento dos vizinhos que vivem ao redor; e se destes tais ficam filhos, também os comem [...]. E nestas duas coisas, scilicet, em ter muitas mulheres e matar os seus contrários, consiste toda a sua honra e esta é a sua felicidade e desejo, o qual tudo herdaram do primeiro e segundo homem e aprenderam daquele qui ab initio mundi homicida est. (LEITE, 1955a, p. 48-49).

A segregação do gentio atende às diretrizes do delineamento, previamente feito por D. João III, no Regime do Primeiro Governador Geral: “Porque parece será grande inconveniente os gentios, que se tornarem cristãos, morarem na povoação dos outros e andarem misturados com eles” (LEITE, 1955a, p. 43). D. João determina ainda que os já cristãos residam próximos, “perto das povoações das ditas Capitánias”, a fim de conversarem com os cristãos, em fim, para viverem dentro do ambiente sadio e cristão. Mal previra D. João III que a vizinhança branca é que seria o veneno a intoxicar o relacionamento correto do selvagem com o educador. E esta é a grande crítica que se pode levantar ao aldeamento de então. Nem sempre a Casa do Jesuíta encontrava-se junto a um povoado de colonos; Encontram-se Casas a princípio isoladas, onde não existem colonos. Entanto a regra geral é que em todo povoado de colonos instala-se uma Casa Jesuítica com a respectiva escola. Esta regra se cumpria por causa da defesa comum contra tribos mais agressivas. Apesar disto, continuava prevalecendo a idéia do influxo maléfico do colono na nova formação do silvícola. Tanto é verdade que uma das múltiplas causas que levaram Nóbrega a mudar o Colégio de São Vicente para o Planalto foi exatamente a falta de correspondência dos portugueses ao trabalho missionário (LEITE, 1955a).

Nas aldeias encontramos uma organização e um ritmo peculiares. Além da caça e pesca os índios vivem das roças que plantam, sendo certo que muitas glebas lhes foram doadas através de sesmarias por Tomé de Souza, por ordem da Rainha, D. Catarina em 1562, conforme Serafim Leite (1938). Vestiam-se as índias para os ofícios religiosos e, os índios varões, a princípio e dada a sua “inocência” não se cobriam senão com os seus adornos próprios; mais tarde cobrem-se parcialmente e nalgumas aldeias chegam a vestir-se como os portugueses. Viviam sob a legislação disciplinar do Governador, cujo exercício se fez, a princípio, por meirinhos, e depois por capitães. Os padres exerceram por algum tempo essa autoridade.

O desenvolvimento das missões, em circunstâncias tão complexas, não nos permite dizer até onde o aldeamento foi um bem, ou um mal necessário. Insiste Serafim Leite (1938, p. 42):

Se os padres se contentassem com percorrer as aldeias indígenas, além dos possíveis riscos, tirariam precário fruto. O que ensinavam um mês, por falta de exercício e de exemplo, estiolaria no outro. Quantas vezes com o nomadismo intermitente dos índios, ao voltarem os padres e uma povoação que deixaram animada pouco antes, em lugar dela achavam cinzas.

Resumidamente, podemos dispor assim o ordenamento orgânico das missões jesuíticas e a sua evolução: constroem-se Casas, junto dos núcleos de colonos se possível; em torno dessas uma aldeia de naturais, dentro da concepção de aldeamento para efeito da conversão e civilização do silvícola, bem como para efeito de proteção, uma vez que o índio aldeado não pode ser presa da caçada escravagista dos colonos (LEITE, 1955a).

As Casas, melhor que as chamássemos centros, são órgãos de funções polivalentes, uma vez que reúnem o local de abrigo dos missionários, a igreja e a escola. Toda Casa é a princípio uma escola de ler e escrever, logo um centro catequético, logo abrigo de meninos índios e órgãos mamelucos, como de alguns portugueses. A princípio uma sesmaria, uma confraria e no topo de sua evolução orgânica um colégio. Um colégio de fato ou um colégio de direito, de função jesuítica ou de função régia (LEITE, 1938).

A escola elementar – de ler, escrever e de canto – evolui para o Colégio, este, em sua primeira fase, um curso de gramática, latim, teologia; em sua segunda fase, um curso superior de Letras, de Artes ou Teologia. Ao lado da escola de “ler e escrever”, a catequese prosperaria muitas vezes até uma superior formação teológica, levando o jovem ao sacerdócio jesuítico (WREGGE, 1993).

[...] tenho ordenado que se façam casas para recolher e ensinar os moços dos Gentios, e também dos Christãos: e para nelas recolhermos algumas línguas para este feito. Os meninos órfãos, que nos mandaram de Lisboa, com seus cantares atraem os filhos dos Gentios e edificam muito os Cristãos. (LEITE, 1955a, p. 86).

Importa lembrar que se o indígena é o centro das atenções dos educadores, não é por outro lado, exclusivo, também as crianças portuguesas e mamelucas

receberem a educação jesuítica e, geralmente, sem restrição de qualquer natureza, estas são as que com maior frequência chegam ao sacerdócio.

Finalmente, a própria Aldeia, se próspera, torna-se Vila, e esta será no futuro uma das cidades do Brasil.

4.2 O Colégio da Sede do Governo Geral, o processo de sua criação e os seus recursos

Verificamos que, após o desembarque da expedição de Tomé de Souza, os expedicionários se estabelecem por um mês no Arraial do Pereira, Vila Velha. Neste local, mal se instalam os da Companhia e já o irmão Vicente Rijo inicia uma escola de ler e escrever e antes de cumprida a primeira quinzena de sua chegada já leciona aos pequenos brasis, sendo certo que o primeiro aluno foi um índio adulto (LEITE, 1938). Conseqüentemente, na primeira quinzena de abril é fundada a primeira escola brasileira, sendo o primeiro mestre do Brasil o jesuíta Vicente Rijo, o primeiro aluno – um dos “principais” do gentio, como tal, um índio adulto que, segundo o testemunho da carta de Nóbrega, apresentou em dois dias grande avanço em sua alfabetização. Evidentemente, são fatos memoráveis para a história da Educação Brasileira (WREGE, 1993).

Em Salvador, organizada definitivamente a Casa da Companhia com a Igreja, ao lado da escola de catequese e de primeiras letras, criam-se aulas de latim e gramática, como se faziam nos cursos secundários ou colégios. Não se tratava, contudo, de uma criação regulamentar, conforme a oficial institucionalização dos Colégios da Companhia.

Já tenho escripto por vezes a V. R. como nestas partes pretendíamos criar meninos do gentio por ser elle muito e nós poucos, e sabermos-lhe mal falar em sua lingoa, e elles de tantos mil annos e abituados em perversos costumes. E por estes nos parecer meio tão necessário há conversão do gentio, trabalhamos por dar princípio a cassas que fiquem pêra emquanto o mundo durar, vendo que na India isso mesmo se pretende e em outras partes, muitos collegios em que se criem soldados pêra Christo. (LEITE, 1955a, p. 138-139).

No ano de 1560, Tomé de Souza dá a Sesmaria da “Água dos Meninos” para o valimento das crianças da Terra e dos Órfãos recém-chegados de Lisboa. Mas à sesmaria incorporam-se três escravos conseguidos por Nóbrega e alguma vaca de leite, tudo para o sustento dos pequenos e da casa, como vemos no tratado de Serafim Leite (1938).

O Provincial do Brasil, Nóbrega, não aceita muito bem a idéia de terem os padres que mover a lavoura para o seu sustento e aos das dezenas de crianças sob os seus cuidados em cada Colégio. Outros são os objetivos das Missões, o tempo dos padres, que nunca estivera vazio, destina-se ao alimento das almas do rude selvagem, a quem deveria tornar dócil, cristão e civilizado. É exatamente o que alega Nóbrega que, por sua vez, ainda reconhece que de esmolas somente não se poderá viver, uma vez que a população paupérrima de Salvador, como das mais aldeias, não têm condições materiais para dá-las sempre.

Os Gentios, que parece que punham a bem-aventurança em matar os seus contrários e comer carne humana e ter muitas mulheres, se vão muito emendando, e todo o nosso trabalho consiste em os apartar disto; porque tudo o demais é fácil, pois não têm ídolos [...]. Todos querem e desejam ser cristãos; mas deixar seus costumes lhes parece áspero. Vão contudo pouco a pouco caindo na Verdade. (LEITE, 1955a, p. 86).

Já em certa ocasião, o Colégio de Pernambuco passa a viver exclusivamente de esmolas e o mendicante é o Pe. Luiz da Grã que tem, embora dentro do espírito de pobreza de Ordem, impresso na Constituição, essa concepção de sobrevivência das Missões. Aliás, apesar da docilidade, do amor fraterno e da obediência, mais tarde quando a doença alquebra o grande apóstolo, Manuel da Nóbrega e lhe sucede como superior o Pe. Grã, ambos não conseguem conciliar as suas orientações a respeito do sustento das Missões, pedem luzes aos de Portugal (LEITE, 1938; 1955a).

As dificuldades de manutenção das crianças e dos padres nas missões trazem problemas de toda ordem. São penosos os primeiros anos dos jesuítas no Brasil, mas tudo suportam, pois assim lhes competia, apenas não transigindo no que afeta a assistência às crianças. Já Nóbrega chega a queixar-se de muitas vezes haver de comer junto da criadagem, o que não deixa de ser, na época, uma

diminuição do prestígio dos jesuítas perante o próprio gentio, mas principalmente aos colonos portugueses (WREGGE, 1993).

Depois de muitas dificuldades para o provento da Casa do terreiro de Jesus, terras, escravos e gado são recebidos pela Companhia. São exatamente os elementos indispensáveis à produção de bens com que manter o estabelecimento com os seus padres e os seus meninos órfãos e curumins. Cerca de uma década de tranquilidade conheceria Nóbrega e a sua comunidade missionária¹².

Acontece que chegando às terras do Brasil as Constituições da Companhia de Jesus, em 1556, estas, como já vimos, proibiam a Ordem de possuir bens temporais, de raiz, ou renda fixa, com exceção dos colégios que, afinal, deveriam abrigar mestres e alunos, mais pessoal administrativo, e dar cobertura a despesas certas e imprevisíveis, para se cumprirem as finalidades educativas, catequéticas e de formação sacerdotal. Por outro lado, a permanecerem as sesmarias e confrarias em nome dos meninos, elas se fariam gravar do ônus das dízimas em suas rendas. Qual a solução? A criação do Colégio. Daqui para frente o tema constante seria a fundação canônica do Colégio (LEITE, 1938; 1955a).

Fala-se de um Colégio Real, isto é, criado e provido exclusivamente às expensas da Fazenda Real. Todavia, previne Nóbrega: se tiver que se criar um Colégio, que este seja Real, com subsídios certos e perenes. Nóbrega estava escaldado, conhecia as experiências dolorosas de fases anteriores do Colégio dos Meninos de Jesus da dita Bahia, como as experiências que ainda viviam outras casas (LEITE, 1955a).

Nasce daqui para frente um dos mais complexos problemas – a forma pela qual El-Rei proverá o Colégio. Muitos estudos e ensaios surgem. Repudiam-se as prestações em açúcar e outros víveres. Tudo haveria de envolver dotações atrasadas, isto é, que até então não haviam sido pagas pela Fazenda de El-Rei, por incúria dos seus funcionários; dificuldades em receber as redízimas de certos produtos; a má fé, ou quando não, má vontade dos que por aqui prestavam serviços à Fazenda Real. Fatos que muito transtorno levaria à futura manutenção do Colégio. O princípio adotado finalmente por El-Rei foi o das redízimas.

¹² Dirá Nóbrega, em uma de suas cartas: “Esta é a melhor fazenda sem trabalho, que cá há, e dão carnes e couros e leite e queijos, que sendo muitas poderão abastar a muita gente [...]. E assim, “a Casa da Baía, que fizemos para recolher e ensinar moços, vai muito adiante, sem El-Rei ajudar a nenhuma coisa, somente com as esmolas do governador e de outros homens virtuosos” (LEITE, 1955a, p. 66).

O Colégio da Bahia torna-se um grande centro de missões, além de suas funções escolares das mais desenvolvidas. Em torno de Salvador, onde ele se localiza, há um considerável número de Aldeias satélites. Com efeito, estas tinham a sua vida própria, em algumas muito intensa, inclusive a Casa dos Padres, porém, sob o comando do Colégio. O historiógrafo da Companhia de Jesus informa que, além do reitor do colégio, há um superior imediato de todos os padres encarregados das aldeias. Mas outros vínculos materiais, administrativos e principalmente morais existem ainda, entre as aldeias e o Colégio.

4.3 O Colégio de São Vicente – a sua criação e o seu significado de centro de irradiação do ensino

O Colégio de São Vicente é, durante ao menos a primeira década da instalação da Companhia de Jesus no Brasil (de 1549 a 1559), o mais importante e pródigo celeiro dos jesuítas para as Missões brasileiras. É por essa época, o próspero e brilhante centro de irradiação para os mais altos pontos das Missões. É que, por sua vez, a Capitania de São Vicente, a chegada dos educadores inicianos em companhia do primeiro Governador Geral, não perdera a vitalidade de ponto fundamental da colonização brasileira, iniciada em 1532 por Martim Afonso de Souza. Se a Capitania da Baía, mal sucedida outrora em mãos desventurosas passa a ser sede do Governo Geral, isto é, a sua Capital, São Vicente, berço da colonização destes domínios portugueses vem a ser, durante a primeira década, a sede das Missões. A epopéia vicentina e sua decadência são traçadas em poucas linhas por Serafim Leite (1938, p. 260).

Por êste tempo, estava em São Vicente o mais forte núcleo de Padres do Brasil. Começou a declinar em 1556, porque Nóbrega, ao fundar ou reorganizar na Baía, o Colégio, levou alguns, assim como a fundação do Rio de Janeiro, depois da conquista atraiu outros. A resolução de se fundar Colégio no Rio tomou-se em fins de 1567 ou princípios de 1568, numa consult em São Vicente, onde se juntaram os Padres mais importantes: Inácio de Azevedo (visitador), Luiz da Grã (Provincial), Manuel da Nóbrega, Anchieta, etc.

Não se pode deixar de acrescentar que o Colégio e a Vila de São Paulo de Piratininga se fundam com o substrato humano e material da Vila de São Vicente. Daqui partiram os homens – padres, brancos e índios – e os bens e, para completarmos, também a idéia de fundação de São Paulo, a pesquisa do local e as primeiras incursões. Aliás, o relato acima não menciona, porém, uma das mais incisivas causas da decadência de São Vicente é exatamente, a transferência do Colégio e da clientela dos naturais para o planalto em 1554, e, dentre as várias razões deste procedimento, a primordial há de ser sempre o forte desejo de Nóbrega de alcançar o interior e, assim, tirar os gentios da proximidade maléfica dos colonos portugueses. Piratininga seria o primeiro passo.

E, segundo o nosso parecer e experiência que temos da terra, esperamos fazer muito fruto, porque temos por certo que quanto mais apartados dos Brancos, tanto mais crédito nos têm os Índios. E somos cada dia importunados por eles: que como tardamos tanto em os ir ensinar? (LEITE, 1955a, p. 154).

Como vemos, São Vicente é a célula *mater* que alimenta todos os grandes núcleos do ensino e das Missões. Poderíamos dizer que é o facho que ilumina os maiores redutos da conquista da fé e da ciência nos seus primeiros impulsos no Brasil e, à medida que alimenta com suas centelhas vivas, a estes núcleos, vai se consumindo.

Em 1591, é assaltada e incendiada a Vila de São Vicente pelos piratas ingleses. Dir-se-ia com propriedade, que ainda das cinzas de São Vicente se irradiará o calor que estimulará o início do progresso do vizinho povoado de Santos, que não mais cessará até o esplendor e a importância que assume hoje no processo de desenvolvimento econômico do país, como o seu principal porto, e na paisagem urbanística e turística brasileira, como um dos mais importantes centros de atração turística do litoral paulista (LEITE, 1955b).

Com efeito, o declínio de São Vicente, leva Santos a reivindicar-lhe a posição de centro de catequese e educação jesuíticas, junto do litoral sul.

O Colégio de São Vicente funda-se pelas mãos do dinâmico missionário do Brasil, o Pe. Leonardo Nunes, a quem os indígenas chamam “Padre que voa”, dada a sua grande disposição. Chegados ao Brasil, os jesuítas em companhia de Tomé de Souza, após devidamente estabelecidos, Nóbrega envia o Pe. Leonardo Nunes ao sul e, na vila este, em fins de 1549 ou princípios de 1550, funda o Colégio. Em

princípio, como os demais, é uma escola de ler e escrever, bem como de catequese; posteriormente ensina-se aí o latim e outras disciplinas de formação para os da Casa e os demais.

Nesta Capitania de São Vicente adquiriu o Padre Leonardo Nunes, naquele tempo, mais moços dos Índios, por meu mandado, que em nenhuma parte. Estes pus em casa de seus pais, em Piratininga, onde por sua contemplação principalmente fiz aquela Casa, para que nós os doutrinássemos, e seus pais os sustentassem, e com eles ganhássemos e todos os mais. [...], porque muitos filhos dos Índios sabiam ler e escrever, e oficiavam as missas. (LEITE, 1955a, p. 386).

[...] mormente que eu não pretendia recolher nas casas senão os de melhores habilidades, para lhes ensinar também latim, e depois de desbastados aqui um pouco, poderem em Espanha aprender letras e virtude, para voltarem depois homens de confiança: o que parece mui conforme ao espírito de V. P., e se uns hereges franceses, que povoavam certa terra deste Brasil, usavam isto, e enviavam muitos meninos a Calvino e a outras partes, para que ensinados em seus erros voltassem à terra, quanto mais razão será fazermos nós o mesmo? (LEITE, 1955a, p. 390).

O Colégio dos Meninos de Jesus da Vila de São Vicente, em princípio é mal provido pela Corte e tem suas dificuldades, sobretudo porque mantém grande número de pessoas. Nóbrega em carta de março de 1553, escreve ao Pe. Simão Rodrigues, Provincial da Metrópole: “Esta Casa tem 50 meninos e com toda a gente manterá a cinqüenta, cem ou mais pessoas” (LEITE, 1953, p. 27). Após este relato adverte Nóbrega que Portugal necessita ajudar mais. Adiante faz outra queixa: “A provisão e vestido, que sua Alteza nos manda cá dar, nos pagam muito mal, tanto que o que dão para 10, que do Reino viemos, não mantém nem veste a 3, se não fossem esmolas e o que do Reino trouxemos, que ainda nos dura” (LEITE, 1953, p. 28). Nóbrega que sempre foi enérgico com o problema da provisão, por entender que os jesuítas ali foram para ganhar almas para Deus e a vida cristã e não para perder tempo em lavrar a terra e ganhar o sustento próprio e o dos catecúmenos de suas Casas, na carta acima faz referência ao mandado de Provisão de D. João III, Rei de Portugal, a Tomé de Souza, Governador do Brasil, passado de Almeirim, primeiro de janeiro de 1551, e assinado pelo Rei. Este é atencioso para com os membros da Companhia, manda que se lhes dê todo o mantimento e vestido que necessitarem, entanto, parece-nos que mais uma vez, os seus representantes na terra do Brasil são muito restritivos para com os jesuítas.

Após a determinação real a que aludimos atrás, o Governador manda que paguem a Nóbrega a importância de cinquenta e seis mil réis, correspondente ao sustento anual de dez padres, ou cinco mil e seiscentos réis a cada um, mais quatrocentos réis por mês, a cada um dos quatro padres que se encontravam residindo em São Vicente.

Havendo o Irmão Pero Correia¹³ doado ao Colégio dos Meninos de Jesus, de São Vicente, duas glebas de terra, estas passam a ser a base física e imobiliária do Colégio. No entanto, Manuel da Nóbrega que descera ao sul, vindo da Bahia, chega a São Vicente a 17 de janeiro de 1553 e transforma o patrimônio do Colégio numa Confraria, dentro dos mesmos princípios institucionais da Confraria do Salvador. Nóbrega por zelo do nome e da dignidade da Companhia institui e organiza a Confraria, mas a sua administração temporal é entregue a cidadão leigos: “Desde que cheguei ordenei a Confraria do Meninos Jesus e lhe entreguei todo o temporal para a sustentação e serviço desta casa a gente, que serve a esta Casa, para que fiquemos livres de inconvenientes e somente nos ocupemos no espiritual” (LEITE, 1955a, p. 87). Com isto demonstra Nóbrega que o interesse da Companhia pelos bens patrimoniais tem o alcance de simples meios, para que toda a sua obra reverta exclusivamente em favor do ensino e da catequese.

O valor do papel do Colégio de São Vicente não se condiciona à longevidade ou não que alcança, mas à grande contribuição que presta ao processo de organização e difusão dos centros de ensino e catequese, tanto das várias vilas e aldeias de sua região, como dos situados nas mais distantes regiões e Capitânicas.

4.4 Colégio de São Paulo de Piratininga

[...], dizem que a gentildade [índios carijós do sertão] não come carne humana; e aos contrários, que lhes fazem muito mal e os comem, se acertam tomar algum não o matam nem comem e tratam-no muito bem e lhes dizem que como comem sua semelhança? Têm

¹³ Pero Correia era antigo morador da região sul das terras do Brasil. Com a chegada dos missionários da Companhia de Jesus, entusiasma-se pela Ordem e por volta de 1550 ingressa em suas fileiras como irmão. Era homem importante e válido para as missões na qualidade de um de seus maiores línguas. Morre nas mãos dos índios Carijós em 1554 quando cumpria deveres missionários (LEITE, 1955a).

grandes povoações e têm um principal a que todos obedecem. Este reparte as mulheres aos outros [...]. (LEITE, 1955a, p. 166).

Martim Afonso de Souza, em 1532, no seu esforço colonizador, vai além da orla do mar, galga a serra e em local distante nove léguas da Vila de São Vicente, em direção ao interior, estabelece uma população que já por volta de 1550 teria se extinguido. Neste mesmo ano e nas proximidades desta antiga povoação à margem do Rio Piratininga esteve o Pe. Leonardo Nunes que ministra sacramentos e anuncia o Evangelho, depois de reunir os portugueses e índios das cercanias. Está aberto o caminho que levará o Provincial Manuel da Nóbrega até o Planalto, onde festivamente prepara cinqüenta catecúmenos a 29 de agosto de 1553 e determina a ereção de uma Casa. Dali parte Nóbrega para São Vicente, para retornar a Piratininga no início do ano seguinte. Realmente, a 25 de janeiro de 1554, dia da conversão do grande Apóstolo São Paulo que daria o nome da Aldeia, chega Nóbrega com a sua comitiva, reza missa e inaugura solenemente a Casa construída pelos indígenas (Figura 9). Está fundada oficialmente a Aldeia de São Paulo de Piratininga. Esta fundação é o produto dos esforços, desde os dois iniciadores da conquista missionária do interior – Pe. Leonardo Nunes e o Irmão Pero Correia, até Nóbrega, João Ramalho, os caciques Tibiriçá e Caiubí, Irmãos Gragório Serrão, José de Anchieta, Vicente Mateus, e outros (LEITE, 1938; 1955a).

Aqui há escola dos meninos, que são përa isso, cada dia huma só vez, porque tem o mar longe e vão pelas manhãs pescar përa sy e përa seus Paes, que não se mantem doutra cousa, e às tardes tem escola trás oras ou quatro. Destes ahi cento e vinte por rol, mas contínuos sempre há de oitenta përa arriba. Estes sabem bem a doutrina e cousas da fee, lem e escrevem; já cantão e ajudão já alguns há missa. Estes são já todos baupuzados com todas as meninas da mesma ydade, e todos os innocentes e lactantes. Depois da escola há doutrina geral a toda gente, e acaba-se com Salve cantada pólos meninos e as Ave Marias. Depois, huma hora de noite, se tanje o sino e os meninos tem cuydado de ensinarem há doutrina a seus pais e mais velhos e velhas, os quais não podem tantas vezes ir à igreja, e he grande consolação ouvir por todas as casas louvar-se Nosso Senhor e dar-se gloria ao nome de Jesus. (LEITE, 1955a, p. 295-296)¹⁴.

¹⁴ Está clara e exemplarmente resumido, neste trecho, o método de catequese de Nóbrega, usado com leves variantes, em todas as aldeias do Brasil que fundou ou mandou fundar.

Dá-se como transferido o Colégio de São Vicente para o Planalto, mas continuam ainda as atividades jesuíticas naquela **Vila-Mater**, não com a mesma intensidade, é certo. São Vicente lembra-nos papel que, na organização política da Grécia antiga, exerciam as Cidades-Estado na formação de outros núcleos de população, em outros lugares, as suas Colônias. A Metrópole, no seu significado etimológico, contribuía para a formação da Colônia com homens, deuses e as tradições entre outras coisas. De São Vicente a São Paulo de Piratininga vão todas as coisas...



Figura 9: A primeira missa de São Paulo de Piratininga: o marco do nascimento da cidade (FERRAZ, 2004).

O Colégio de São Paulo desenvolve-se no conjunto de suas instalações – Casas, Igreja, Escola -, na importância histórica do Brasil e na grandeza espiritual das missões que imortalizaram Nóbrega, Anchieta, Antônio Rodrigues e outros que empreenderam, com o sacrifício próprio e conscientemente, a perene obra de catequese, de ensino e educação, de unidade política e de fundação de cidades, sempre com reflexos em todo o âmbito nacional. Consegue reunir as crianças outrora educadas no litoral como que no centro geográfico dos sítios habitados pelas tribos, estabelece imediato plano de aldeamento para catequizar e civilizar os silvícolas da região; inicia a formação secundária de doze irmãos trazidos por Nóbrega e destinados ao sacerdócio; envia Anchieta em missão religiosa e política, à frente de um exército indígena que, como valoroso esforço, embarca em São Vicente junto com a armada de Estácio de Sá, dando-lhe condição de superioridade

bélica para impor, em luta difícil e feroz, as suas armas aos franceses do Rio de Janeiro e seus aliados Tamoios, donde a fundação do Rio de Janeiro a 1º de março de 1567¹⁵. No Colégio as forças morais para a fundação da nacionalidade atuam através da fé e do heroísmo de Nóbrega e Anchieta, na ação diplomática de Iperoig, restabelecendo a paz e a unidade na região; imprime as necessárias consciência e vitalidade à Vila para que esta se tornasse o ponto de partida para a fundação das grandes cidades do Brasil, quer no ciclo jesuítico, quer no ciclo bandeirante (SPINELLI, 1987).

Retornando, em 1560 é atraída para a Aldeia de São Paulo de Piratininga a população de portugueses de Santo André. Com sensível aumento da população e dos recursos urbanísticos daquela Aldeia, esta agora se eleva a Vila de São Paulo de Piratininga para preocupação do Pe. Manuel da Nóbrega que vê nesse crescimento o contato tão evitado entre seus gentios e os colonos portugueses.

Ó cruel costume! Ó deshumana abominação! Ó christãos tam cegos, que em vez de ajudarem ao Cordeiro, cujo officio foy tirar os peccados do mundo, elles por todos os modos que podem os metem na terra, seguindo a vandeira de Lucifer, homicida e mentiroso desde o principio do mundo. E não he muyto que siguão a seu capitão gente que não sei se algum ora do ano está sem peccado mortal. (LEITE, 1955a, p. 324).

Do manuseio da documentação do Pe. Manuel da Nóbrega, algumas conclusões sobre sua investida no Planalto podem ser tiradas: Primeiramente o Pe. Nóbrega, manifestamente, quer entrar pelo sertão com a pretensão de alcançar o Paraguai, porém, sistematicamente o Governador opõe-se, ora com um, ora com outro argumento. Embora alegue, em algumas ocasiões, preocupar-se pela segurança dos missionários que no interior estariam sem defesa, parece-nos ser outro o motivo. É correto concluir-se que a questão envolve pacto internacional. Encontra-se em jogo o limite dos domínios portugueses e espanhóis, traçado pelo “Tratado de Tordesilhas” porque apresentar-se-ia como um cerceamento oficial da expansão jesuítica sob a bandeira portuguesa. Evidentemente o Governador como

¹⁵ Iperoig, nome de uma aldeia pertencente ao principal chamado Coaquira, situa-se aproximadamente uns 155 Km a nordeste de São Vicente, localizada geograficamente onde hoje encontra-se Ubatuba. A sua localização não é distante do Rio de Janeiro, habitat do nativo Tamoio. Esse povo, tanto os que habitavam na ilha como os dos continente, eram inimigos dos Tupis. A Batalha de Iperoig foi muito bem retratada por Spinelli (1987) em sua dissertação de mestrado.

representante dos negócios de El-Rei nestes domínios, não poderia admitir, ao menos ostensivamente, o rompimento da demarcação do Tratado de 1494. Em verdade este sempre mereceu fidelidade e respeito por parte dos Governadores Gerais (LEITE, 1955a).

Finalmente, a uma outra conclusão podemos chegar, reservando a ambas a possibilidade de coexistência sem conflitos. É que os fatos, dentro dos documentos, nos encaminham a raciocinar que as minas recém-encontradas aqui e acolá sejam o ponto nevrálgico e comum da questão. Em torno destes dois interesses antagônicos, ao menos imediatamente, um que leva Nóbrega a insistir na interiorização, na entrada mais profunda, o outro que leva o Governador a persistir impedindo a entrada. Não nos cabe aqui a busca das intenções mais profundas do Governador obstante, pensamos, contudo, que se movem por zelo e compromisso do cargo. Quanto às intenções de Nóbrega, cumpre-nos algumas considerações. Em primeiro lugar, não se pode excluir o seu intento apostolar e finalístico de dilatar o império da fé cristã, mesmo sob a proteção temporal do reino de Portugal, como muitas vezes nos revelaram os escritos jesuíticos. Em segundo lugar, nenhum impedimento moral ou da moral histórica haveria com relação à busca de minas de prata e ouro, como meio seguro de realizar as finalidades transcendentais das missões. Evidentemente as explorações das minas, se as fizessem os jesuítas, haveria de ser conforme a legislação do Reino e em estrita obediência aos cânones constitucionais da Ordem, os quais cumpriram sempre com diligência e fidelidade. Não é lícito ignorar que o custeio das missões era muito pesado e que, apesar da seriedade com que assumia El-Rei este encargo, o seu atendimento era sempre irregular, extemporâneo, parcial e incerto. A nossa segunda conclusão, por devotamento à segurança dos fatos, apresenta-se antes como uma hipótese idônea e viável pelos elementos que a informam, do que como uma afirmativa fechada, incontroversa (LEITE, 1938; 1955a; 1955b).

Embora precária e irregular, continuam os padres da Companhia a receber a ajuda “per capita” do Reino. Mas, dentro orientação traçada pelo primeiro Provincial do Brasil, Nóbrega, os Colégios deviam ser auto-suficientes, mantendo lavoura, escravos e gado. Este produzia alimento – leite, carne, queijo - mais matéria-prima como o couro. Dizia Nóbrega que, opondo-se aos métodos mendicantes do seu sucessor no provincianato do Brasil, não haveriam de querer estar sempre na dependência de El-Rei, mesmo porque não se podia prever até quando duraria o

provimento régio. É o espírito do “Pai” das missões brasileiras, cheio de sabedoria, e de provisão, informa Serafim Leite (1938), em sua portentosa “História da Companhia de Jesus no Brasil”; o Colégio dos Meninos de São Paulo de Piratininga teve como patrimônio inicial os bens imóveis doados à Companhia de Jesus pelo Irmão Pero Correia e que constava de duas glebas, uma na Vila de São Vicente e em Iperoibe¹⁶ e que se haviam transformado na Confraria. Posteriormente, Martim Afonso de Souza, a pedido de Manuel da Nóbrega, doa duas léguas de terra ao longo do Rio Piratininga. Com a vinda dos portugueses de Santo André, pede-se mudança das duas léguas, agora deviam estender-se da Vila até o mar, para não estorvarem a fixação dessa população adventícia, o que **o grande colonizador** e fidalgo Martim Afonso não nega.

São inúmeras as casas que se formam da Companhia de Jesus, em cada Aldeia, em cada Vila, trazendo cada qual a sua Igreja e o seu Colégio.

Os Colégios, por sua vez, nós os encontramos na sua instituição de fato – os centros de ensino e catequese em que há sempre um certo número de crianças internas; ou na sua instituição de direito – criados segundo as prescrições institucionais da Ordem, com um currículo uniforme. Os Colégios assim criados ora o são por iniciativa da própria Companhia de Jesus, de acordo com as exigências locais, ora das missões, ou da formação de religiosos, ora o são por determinação de El-Rei, através de alvarás contendo a determinação de sua construção, a dotação para as obras e a forma de manutenção dos mesmos Colégios Régios. Estes além de serem criados, como estamos observando, pela iniciativa do Rei, ainda têm uma provisão própria, tanto para a sua criação, como para a sua manutenção. A Fazenda Régia é o seu fundamento material e o Rei o seu fundamento moral. Já os Colégios instituídos por iniciativa da Ordem também são mantidos pela Fazenda Régia, mas, dentro do sistema rotineiro de subsídios aos padres. Subsídios geralmente deficitários, porque nunca são suficientes para o número de clérigo previsto e porque repartidos entre os padres e o sustento de crianças internas ou despesas diversas com as missões. Os próprios clérigos devem suplementar nos Colégios não Régios, a manutenção da Casa, dos meninos e escravos quando os têm; e esta suplementação é feita pelo cultivo das terras o referido Colégio e pelas esmolas dos particulares. Aqui outro traço distintivo. É

¹⁶ Hoje Peruíbe.

preciso dizer que os ditos Colégios Régios prosperam mais rapidamente e tornam-se centros de estudos de maior importância na Colônia, evidentemente porque o múnus real lhes assegura estas condições (LEITE, 1938; 1955a).

Os mais importantes Colégios do Brasil Colonial do século XVI foram o da Bahia, o de São Vicente, depois transferido para o Planalto, o do Espírito Santo, o do Rio de Janeiro e o de Pernambuco. Dentre estes, os Colégios da Bahia, do Rio de Janeiro e o de Pernambuco são de fundação régia.

Como os demais já estudados, os Colégios acima enumerados como mais importantes, têm as mesmas origens e vivem nas mesmas condições. Nasceram com as Casas dos Missionários, são centro de catequese e do ensino, a princípio das primeiras letras, posteriormente do latim, da teologia, enfim das disciplinas humanísticas. No processo de desenvolvimento encontram as mesmas ajudas e as mesmas dificuldades, recebendo doações de terras que se tornam confrarias ou não, mas, doações de particulares ou de Capitães de donatárias e do Governador Geral em nome de El-Rei. Criam-se-lhes estipêndios régios diversos, porém, mal cumpridos por funcionários indisciplinados e voluntariosos. Estes estipêndios constituem-se da provisão de cada padre como regra, e das redízimas das dízimas de El-Rei na Colônia, ou sobre o açúcar e outros produtos, ou gerais, evoluindo até alcançarem os Colégios, como ideal, uma renda fixa em dinheiro, advinda da fazenda Real. Alcançam-no os Colégios de fundação régia. Poderíamos dizer que são esses os primeiros impulsos econômicos dos Colégios, fase que impôs grandes sacrifícios e tribulações aos educadores jesuítas, posteriormente, os bens imóveis desses estabelecimentos educacionais tornam-se auto-suficientes, possibilitando maior e mais célebre desenvolvimento. Temos a produção das grandes fazendas dos Colégios jesuítas e outros negócios, além das dotações régias que não cessam de chegar, sem contudo, serem tão ansiosamente esperadas, porque nem eram exclusivas fontes de renda, nem vitais, nem as mais propícias, a esta altura de instalação do Ensino no Brasil (WREGGE, 1993).

A organização do ensino é empreendida pela Companhia de Jesus, mas sob o patrocínio do Rei de Portugal. A este cabe a responsabilidade de prover, diríamos, de instituir o ensino colonial brasileiro. À Ordem dos religiosos da Companhia de Jesus cabe a sua instalação e o seu empreendimento consecutivo. Os jesuítas acumulam a dupla função de professores e catequistas. Como professor ensina as letras, as ciências, a ética, como catequistas ensina as verdades religiosas e morais.

Tanto uma como outra dentre estas funções, tomadas de per si dão aos missionários a dignidade de educadores em todo o aspecto que este substantivo possa englobar. Pois bem, o conteúdo programático é transmitido por estes mesmos educadores; todavia, as bases curriculares e as linhas do programa e organização do ensino são traçadas pelos superiores hierárquicos. Os órgãos internos da hierarquia jesuítica estendiam à órbita do ensino os seus poderes, suas atribuições e competência. Em ordem decrescente:

- as “Congregações Gerais” com atribuições geralmente legislativas e o “Geral” com atribuições executivas, normalmente;
- as “Congregações Provinciais” e os “Provinciais”, na mesma ordem de atribuições (legislativas e executivas respectivamente);
- os reitores dos Colégios;
- e em relação, especificamente no Brasil, aos educadores das aldeias, satélites do Colégio, um superintendente.

Importa ainda considerar que o ensino colonial brasileiro não se encontrava afeto somente à autoridade da Companhia de Jesus, o que equivale dizer que, além da hierarquia interna desta organização religiosa, estava sujeito a outros poderes e a outras hierarquias: o poder religioso e o poder civil. O poder religioso representado pela Santa Sé, onde o Papa, abaixo de Deus, exercia sobre a Companhia de Jesus a maior autoridade, sendo mesmo este nexos de obediência desta para com o Sumo Pontífice uma de suas razões de se fundar e de existir. Daí, até certo ponto, o titular das dioceses exercer também sua função hierárquica no Sistema de Ensino Jesuítico. Finalmente, o poder civil. A sua hierarquia, a partir de El-Rei, exercia a mais direta influência sobre o referido sistema. Pela própria natureza da instituição do nosso Ensino, pela extensão de sua organização nos limites do Reino de Portugal (entendendo-se o Reino propriamente e as Colônias), infere-se que na ordem institucional, nunca na ordem curricular, El-Rei exercia a mais direta e imediata influência. Esta chega a ser concorrente com a do poder espiritual, ao menos em tese, uma vez que o Rei de Portugal se investe, repetindo as lições de Waldemar Ferreira (1962, p. 62):

Não somente mercê de seus poderes majestáticos ou reais, senão ainda na qualidade de Governador e administrador perpétuo da Ordem e Cavalaria do Mestrado de Cristo, investido, que foi, por bula

do Papa Júlio III, em 1551, in perpetuum, para si e os reis seus sucessores na dignidade de Grão-Mestre das Ordens Militares.

Evidentemente, como podemos observar, trata-se de um sistema de ensino com uma estrutura muito complexa. Prosseguindo, por extensão, na hierarquia civil, encontram-se abaixo do Rei, para certos assuntos, o próprio Governador Geral.

Repetimos, o ensino na Colônia é instituído pelo próprio Rei de Portugal que vai custear as suas despesas e contratar os serviços educacionais dos filhos da Companhia de Jesus. Por estas razões, às quais podemos somar outras, como sendo o primeiro objetivo de El-Rei o de instruir e educar os indígenas na fé e valores católicos, porque o Catolicismo é a religião oficial do Reino e porque aquele é o mais alto dignitário da “Ordem e Cavalaria do Mestrado de Cristo”, e educação e o ensino do Brasil colonial têm caráter público.

Queremos ainda registrar uma importante observação, embora o conceito de “Sistema de Ensino” nos dias de hoje possa exigir algo mais, os fatos que acabamos de delinear, respeitadas as circunstâncias históricas da educação, não perdem, no conjunto e harmonia de suas relações e, principalmente, funcionalidade, o caráter e a propriedade de sistema do ensino colonial brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica do Pe. Manuel da Nóbrega aos costumes da Colônia nos sugere um quadro de absoluto desregramento em matéria sexual. Não temos a pretensão de fazer um julgamento moral, aliás que não cabe a um historiador, mas nossa historiografia sempre tendeu a endossar essa imagem geral da Colônia. Paulo Prado (1929) juntou à lascívia lusitana a sensualidade das índias; Capistrano de Abreu (2000) acentuava a escassez de mulheres brancas como principal estímulo do interesse libidinoso do português pela índia; Gilberto Freyre (1980) relata-nos o sequioso prazer das indígenas. Em *Casa Grande e Senzala* por sinal, saltam aos olhos colonos entrelaçados com índias pelos matos e justifica-se a poligamia e o interesse por índias por parte dos lusitanos fazendo referência ao mito da moura encantada¹⁷.

Mas esse retrato do Brasil precisa ater-se para uma outra leitura. Seria a Colônia tão desregrada? Desregrada sim, se consideramos o que a Igreja Católica esperava de seus fiéis e o que estabelecia como norma a ser seguida. Mas é superficial e tendencioso adjetivá-la a partir da moral cristã. Seriam os portugueses tão isentos de preconceitos como sugerem as passagens irreverentes de um João Ramalho, *petra scandali* da missão? Os escritos do Pe. Manuel da Nóbrega, que nos contam sobre a vida amorosa e sexual da Colônia parecem, à primeira vista, indicar o retrato clássico do Brasil. Apesar de tudo, pensamos que uma rediscussão da natureza dessas fontes e da primeira situação colonial nos conduz a outra ordem de proposições, que desvendam regras e não o caos de Gilberto Freyre (1980).

A reprovação dos desejos que Nóbrega, bem como que os cronistas faziam no Brasil, ocorria também no viés moral da Europa, colocando a sexualidade e o corpo no palco dos discursos, conforme pontuou Michel Foucault (1988, 2008), observando suas manifestações, tornando-o impuro e inaudito. Sem dúvida boa parte dos alardes de Nóbrega demonstram a especificidade da Colônia, mas não podemos desvinculá-los de uma visão mais ampla que atravessou o oceano. A idéia

¹⁷ As mouras encantadas, também chamadas moiras, são seres encantados com poderes sobrenaturais, são espíritos fantásticos do folclore popular português. De uma maneira geral, as lendas descrevem as mouras encantadas como jovens donzelas de rara beleza ou encantadoras princesas perigosamente sedutoras. Disponível em: <http://www.arte-e-manhas.com/2009/03/mouras-encantadas-parte1.html>. Acesso em: 10 Out. 2009.

de uma Colônia sexualmente intoxicada insere-se nessa nova visibilidade que o sexo adquire: visibilidade que segundo Foucault (1988) assegura a multiplicação de falas sobre desejos, prazeres e corpos. A primeira grande regra desse aparente “caos sexual” da Colônia seria resultado do ânimo moral com que a descreveram os inicianos e cronistas do século XVI e que, infelizmente, adentraram pela porta da frente das narrativas de nossos historiadores posteriores.

O processo colonizatório, por ocupar novos espaços geográficos e culturais, concorria efetivamente com o afrouxamento das regras morais, regras estas que a Igreja se empenhava em difundir. É nisso que reside o paradoxo da colonização portuguesa que tentamos demonstrar no decorrer deste trabalho. De um lado temos, portanto, a ampliação de possibilidades de expansão da Igreja católica do século XVI e de outro a exploração de riquezas operada à base da miscigenação. Este fato comprometendo decisivamente aquele, ou seja, comprometendo o próprio êxito da Contra-Reforma além-mar. Desta forma, mais do que ao gosto português por mulheres “exóticas”, seu apego aos prazeres carnavais ou sua falta de preconceitos, a fornicação generalizada que teve lugar na Colônia deveu-se às injunções da situação colonial.

A poligamia dos Ramalho e Caramurus, por exemplo, revelava tanto uma herança moura, como quer Gilberto Freyre (1980), quanto a adequação portuguesa às moralidades indígenas, típica de uma aculturação ao inverso que Nóbrega não tardou em denunciar. E, na colônia escravista, desde o início confundiu-se no Brasil a exploração e o abuso sexual, consentido ou forçado. A crença popular de que a melhor cura para a sífilis, uma das causas de maior número de mortes na Colônia no século XVI, consistia na “cópula com negrinhas virgens” (FREYRE, 1980, p. 137) nos mostra o perfeito casamento entre processo escravista e sistema patriarcal, o sexo como sinônimo de propriedade. Lógica colonial, ou seja, exploratória e escravista, eis aí nossa suposta liberdade sexual em tempos passados.

Esta terra (como já escrevi a V^a. R^a.) é muito sã para viver; e o confirmo agora, dizendo que me parece a melhor que se possa achar, pois desde que estamos cá não ouvi que nenhum moresse de febre mas sòmente de velhice e muitos de mal gálico¹⁸ ou de hidropisia. (LEITE, 1955a, p. 82-83).

¹⁸ “Mal gálico”: termo usado na época para caracterizar o mal da sífilis (LEITE, 1955a).

Dava-se no Brasil o que, segundo Foucault (2007), marcava a vida das camadas populares na Europa do Antigo Regime: a não aplicação da regra. Pobres da Europa ou colonos da América não tinham privilégios, mas gozavam, no que impunha as leis e costumes, de margens de tolerância conquistadas pela força ou pela obstinação. Assim, corria solto o desrespeito às leis do Estado e da Igreja no dia-a-dia da Colônia e no plano moral, o aparente desregramento sexual dos portugueses funcionava, na prática, como condição inerente ao processo colonizatório.

Assim, esse discurso negativo sobre o corpo e a sexualidade, apropriado como vertente científica pelos historiadores, legou ao instinto o predomínio sobre a razão. O resultado é a construção de um campo discursivo de ordem biológica (FOUCAULT, 2006) que reforça o olhar sobre o outro visto como desviante, monstruoso, diferente. Dando visibilidade à questão, Foucault (1988) afirma a necessidade de compreender porque a sexualidade se converteu, nas culturas cristãs, no sismógrafo de nossa subjetividade ou simplesmente nos perguntarmos por que existe uma conexão tão íntima entre sexualidade, subjetividade e obrigação com a verdade?

Certamente, os historiadores do começo do século XX basearam-se em importantes fontes documentais para construir suas interpretações históricas de nosso passado, mas, todavia, parece-nos, além disso, que é o discurso médico não citado, apenas referido, que constitui as interpretações científicas de autores como Prado (1929) sobre o povo brasileiro. Foucault (1988) nos diz o quanto este discurso, instituído das referências modernas sobre a sexualidade, é severo, moralista e sexista.

Nem o índio, nem o português aventureiro de Sérgio Buarque de Holanda (1994) que para cá vinha, possuíam a capacidade interior de autocontrole, afirmavam os viajantes (LÉRY, 1980; SOUZA, 1971; STADEN, 1999). Pelo contrário, encontravam-se em total abandono, cedendo a todas as tentações e vícios, impulsionados pela forte presença feminina. Obcecados pela sexualidade, voyeristas disfarçados, os homens da ciência não paravam de falar de sexualidade desde o século XIX, como apontou Foucault, principalmente para condená-la. Todas as práticas sexuais foram postas sob o signo do discurso científico, explicadas, analisadas, classificadas, contidas e condenadas. Mas todas ganharam ampla visibilidade. A medicina, nos séculos XVIII e XIX, legitimava-se como ciência curativa

do corpo. Ela contava com o apoio da própria igreja, era o braço científico no combate às feiticeiras, no isolamento dos corpos decaídos e adoecidos. O médico controlava o corpo dos indivíduos e, sobretudo o das mulheres (BARSTOW, 1995; DEL PRIORE, 1994).

Em “Técnicas Corporais”, Marcel Mauss (2003) ilustra, analisa e constata que em diversas sociedades o corpo é um instrumento de reconhecimento social, constrói identidades e ordena a sociedade a partir do valor cultural e educacional que lhe é atribuído. Ele constata como a medicina educa e disciplina os indivíduos no uso correto do seu corpo. O corpo é educado por técnicas de manipulação que as instituições usam no intuito de fazê-lo funcionar bem, segundo seus interesses.

Assim, o discurso médico sobre o corpo e a sexualidade é apropriado como verdade científica, o que equivale dizer, aceito acriticamente pelos historiadores do começo do século XX, servindo de fundamento para constituírem a interpretação de uma psique nacional que, triste ou alegre, passa pela perversão, pelo predomínio do instinto sobre a razão, por tudo aquilo, portanto, que impossibilita a formação do indivíduo nacional, cidadão apto a participar da esfera pública. Do olhar dos viajantes e inicianos, dos inquisidores à historiografia, essas misóginas e fantasiosas representações sobre a **realidade brasileira** foram reproduzidas e repetidas. Especialmente forte é esta estigmatização para as mulheres, vistas desde sempre, no Brasil, como preciosos objetos sexuais, como essencialmente sensuais. Uma linha de descontinuidade nos une, assim, às índias nuas do Pe. Manuel da Nóbrega, prontas a se renderem ao homem branco. Assim, a relevante produção teórica referente à mulher não está acompanhada de análises ou de menções de seus corpos. Elas mostram que a maioria dos estudiosos continuam dissociando cartesianamente os indivíduos em corpos e mentes, privilegiando equivocadamente as mentes, pois parecem desconhecer que qualquer atividade humana necessita de um corpo para realizá-la. E quando se trabalha com agentes sociais, se está falando de seus corpos em ação contínua.

Está claro que nos percebemos, em grande parte, através da sexualidade, seja enquanto indivíduos, seja enquanto sociedade, mas também está clara a dificuldade que a ciência teve em trabalhar a questão, reconhecendo pelo menos a centralidade que assume no discurso científico. Opera-se como que uma invasão do feminino na cultura e uma sobreposição da cultura à sociedade: o dionísico, o instinto, o sagrado, o sexual e o corpo passam a ser objetos de discussão, aceitos

como importantes dimensões constitutivas das formas de experiência e do conhecimento. Parece que mudamos os temas e os procedimentos de análise.

É nesse contexto que a questão da centralidade do discurso sexual na interpretação da identidade e da realidade brasileira pode ser enunciada, forçando uma releitura da historiografia brasileira. Produzida entre as décadas de vinte e quarenta do século XX, esta teve um impacto bastante forte sobre a interpretação do passado, transformando-se em memória oficial, transmitida sucessivamente de geração a geração. Inegavelmente, as formas de compreensão do passado conformam nossa imaginação, definindo uma identidade bastante negativa, pesada herança que acabamos por carregar. Por isso mesmo, é bom que sejam desconstruídas, refeitas e, quem sabe, abandonadas.

Para finalizar, para aqueles que não desejam aterem-se às fontes primárias de nossa história para eliminar as brumas de nosso passado, penso que devemos render homenagem aos **inventores do Brasil**, mas também devemos levar em conta que continuamos a silenciar as vozes alternativas que, no mesmo período de um Gilberto Freyre, um Sérgio Buarque de Holanda ou um Paulo Prado, se recusaram a aceitar as imagens negativas projetadas em espelhos misóginos, como a literária Maria Lacerda de Moura, autora de pelo menos dez ensaios sobre a sexualidade e as mitologias construídas sobre o corpo feminino ou mesmo Patrícia Galvão, nossa Pagu, que descrevia as dificuldades enfrentadas pelas trabalhadoras de sua época. E mais, é de se perguntar por que continuamos a reafirmar traços estigmatizadores que não nos levam a uma autoconstrução pessoal e social positiva e mais saudável?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial**, 1500-1800. 7. ed. Anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

AMADO, Janaína. **Diogo Álvares, o Caramuru, e a fundação mítica do Brasil**, 1998. <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/282.pdf> consultado em 10/05/2009.

BAIRRO DO CATETE, **Pequena história do Catete** – Biografias, Padre José de Anchieta, 2009. 1 figura. Disponível em: <http://www.bairrodocatete.com.br/padrejosedeanchieta.html>. Acesso em: 25 Jul. 2009.

BARSTOW, Anne Llewellyn. **Chacina de feiticeiras**: uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa. Trd. Ismênia Tupy. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulinas, 1985.

BIHLMAYER, Karl; TUECHLE, Hermann. **História da igreja**. Trad. Pe. Ebion de Lima, São Paulo: Edições Paulinas, 1964, v. 1.

BOXER, Charles. **A igreja e a expansão ibérica** (1440-1770). Lisboa: Edições 70, 1981.

BRAGA, Theófilo. **História da universidade de Coimbra**. Nas suas relações com a instrução pública portuguesa. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1898, v. 2.

BROWN, Peter. **Corpo e sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BRY, Theodore de. **Ritual antropofágico**, 1540. 1 figura. Disponibilizado em: http://www.sitededicadas.uol.com.br/indios_costumes.htm. Acesso em: 25 Jul. 2009.

BURNS, Edward Mcnall. **História da civilização ocidental**: do homem das cavernas até a bomba atômica, o drama da raça humana. Trad. Lourival Gomes Machado e Lourdes Santos Machado. São Paulo: Globo, 1952.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel**. São Paulo: Dominus, 1963.

CALMON, Pedro. **História da fundação da Bahia**. Bahia: Museu do Estado, 1949.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CLASTRES, Pierre. **Crônica dos índios Guayaki**: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai. Trad. Tânia Stolze e Janice Caiafa. Editora 34, s/d. (Coleção Trans)

CHAUNU, Pierre. **O tempo das reformas (1250-1550)**. Trad. Portuguesa. Lisboa: 70, 1994, 2 volumes.

CORTESÃO, Jaime. A carta de Pero Vaz de Caminha. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 1999. (Caderno Especial)

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil** – mito, história e etnicidade. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1986.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro/Brasília: Olympio/EDUNB, 1994.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do renascimento**. Trad. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Universitária/Estampa, 1984, 2 volumes.

DESMUNDO. Direção de Alain Fresnot. Columbia Pictures do Brasil, 101 min., 2003.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. In: **Coleção Os Pensadores**, 1ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 373-463.

EMBAIXADA DE PORTUGAL. **Carta de Caminha**, 2008. 1 figura. Disponível em: <http://www.embaixadadeportugal.jp/wp-content/uploads/2008/04/432px-carta-caminha.png>. Acesso em: 15 Jun. 2009.

FAYET, Ana Luisa. Imagens etnográficas de viajantes alemães no Brasil do século XIX. In: **Revista Chilena de Antropologia Visual**, nº 7, Santiago, Jun. 2006. 1 figura. Disponível em: <http://www.antropologiavisual.cl/fayet.htm>. Acesso em: 02 Ago. 2009.

FERNANDES, Florestan. **A organização social dos tupinambás**. São Paulo: Hucitec/UnB, 1989.

FERRAZ, Henrique. **Revista Eletrônica de Ciências**, nº 23, Jan. de 2004. 1 figura. Disponível em: <http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art23/sampa.html>. Acesso em 20 Jun. 2009.

FERREIRA, Tito Lívio. **Padre Manuel da Nóbrega** – Fundador de São Paulo. São Paulo: Saraiva, 1957.

FERREIRA, Waldemar. **História do direito brasileiro**. As Capitâneas de juro e herdade. São Paulo: Saraiva, 1962.

FLANDRIN, Jean-Louis. **Famílias** – parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga. Rio de Janeiro: Estampa, 1984.

_____. **O sexo e o ocidente** – evolução das atitudes e dos comportamentos. Trad. Jean Progrin. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13ª edição. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete, 34ª Ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 25ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2008, p. 243-276.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Schmidt Editor, 1980.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1994.

GRAU, Nuria Cunill. A rearticulação das relações Estado-sociedade: em busca de novos significados. In: **Revista do Serviço Público**, ano 47, vol. 120, nº 1, jan-abr 1996, p. 113-140.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

_____. **Visão do paraíso**: os motivos endêmicos no descobrimento e coonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro)

KING, Desmond. O Estado e as estruturas sociais de bem-estar em democracias industriais avançadas. In: **Novos Estudos**, nº 22, outubro de 1988, p. 53-76.

KRAMER, Heirich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras** (*Malleus Maleficarum*). Trad. Paulo Fróes, 9ª Ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa/Rio de Janeiro: Livraria Portugália/Civilização Brasileira, v. 1 e 2, 1938.

_____. **Nóbrega e a fundação de São Paulo**. Lisboa: Instituto de Intercâmbio Luso-Brasileiro, 1953.

_____. **Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega** (opera omnia). Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955a.

_____. **Breve itinerário para uma biografia do Pe. Manuel da Nóbrega – 1517-1570**. Lisboa/Rio de Janeiro: Editora Brotéria/Livros de Portugal, 1955b.

_____. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1956, v. 1.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1980.

LÈVI-STRAUSS. Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Anhembi, 1957.

MAUSS, Marcel, As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 399-422.

MEIRELES, Cecília. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MOLITOR, Ulrich. **Hexen Meysterey**, 1545, 1 figura. (Série de Arquivos de Pintura de Dôver). Disponível em: <http://www.special.lib.gla.ac.uk/exhibns/damnedart>. Acesso em: 02 Ago. 2009.

_____. **Von den Unholden und Hexen**, Constance, 1489, (Série dos Arquivos de Pintura de Dôver). 1 figura. Disponível em: <http://www.capurromrc.it/devil/7339baciodiav.html>. Acesso em: 26 Jul. 2009.

MOURA, Ana Maria da Silva. **Jesuítas e colonização do Brasil no século XVI: expressões culturais e missionarismo**. Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Em defesa da política**. São Paulo: Editora Senac, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Best-Seller, 1993.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo: Schmidt Editor, 1929.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942.

_____. **Evolução política do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1933.

RAMINELLI, Ronald. Eva tupinambá. In: DEL PRIORI (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 11-44.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a igreja católica. 2ª Ed., trad. P. Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

REIS, Giselle Volpato dos.; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A sexologia e a educação sexual no Brasil no início do século XX: notas preliminares de pesquisa. In: **Anais do XIII Congresso de Iniciação Científica da UNESP**, Bauru, UNESP, 25 e 26 de outubro de 2001, p.226.

REIS, Giselle Volpato dos.; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004, p. 27-71.

REIS, Giselle Volpato dos.; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. José de Albuquerque: pioneiro da educação sexual no Brasil. In: **Anais do I Simpósio Paraná - São Paulo de Sexualidade e Educação Sexual**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, 2005, p. 23-24.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A sexualidade na história. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. São Paulo: Laboratório Editorial Unesp/Araraquara; Cultura Acadêmica Editorial, 2002, p. 9-16.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004, p. 15-25.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa... a educação sexual no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. In: **Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED**. 40 anos da pós-graduação em educação no Brasil. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Educação, 2005.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **O sexo nosso de cada dia...algumas reflexões sobre atitudes e comportamentos sexuais no Brasil Colônia a partir de documentos da Inquisição**. 2007. Tese (Livre Docência em Sexologia e Educação Sexual) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores)

SANTOS, Maria Carolina A. dos. **A noção do corpo na antropologia platônica**. Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 1986.

SENATORE, Regina Célia Mendes. **História da sexualidade no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Araraquara, São Paulo, 2005.

SILVA, Maria B. Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. São Paulo: Edusp, 1984.

SILVA, Oscar Pereira da. Descobrimento do Brasil, In: MELLO, Waldyr Jansen de. **História do Brasil**, São Paulo: Centrais Imppressoras Brasileiras, v. 1, 1980. 1 figura. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/festas/1500d2.htm>. Acesso em: 20 Jun. 2009.

SOUTHEY, Robert. **História do Brasil**. Trad. L. Joaquim Oliveira e Castro, São Paulo: Obelisco, 1965, v. 1.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. 4^o Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SPINELLI, Antônio Babeto. **A conversão dos índios nos primeiros anos de Piratinga**. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-graduação em História Eclesiástica da Facultas Historia e Ecclesiastica da Pontifícia Universitas Gregoriana, Roma, 1987.

STADEN, Hans. **Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes** (século XVI). São Paulo: Terceiro Nome, 2^a parte, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

_____. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Homoerotismo feminino e o Santo Ofício. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 115-140.

WIKIPÉDIA, **Mapa Terra Brasilis**, 2009. 1 figura. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A7%C3%A3o_do_Brasil. Acesso em: 10 Jul. 2009.

WREGGE, Rachel Silveira. **A educação escolar jesuítica no Brasil-Colônia**: uma leitura da obra de Serafim Leite “História da Companhia de Jesus no Brasil”. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 1993.

ANEXOS
Escritos do Pe. Manuel da Nóbrega

Anexo A: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa

Baía [10? De Abril] 1549

A graça e amor de N. Senhor Jesu Christo seja sempre em nosso favor e ajuda. Amen.

Somente darey conta a V. R. de nossa chegada a esta terra, e do que nella fizemos e esperamos fazer em ho Senhor Nosso, deixando os fervores de nossa prospera viagem aos Irmãos que mais em particular a notaram.

Chegamos a esta Baya a 29 dias do mes de Março de 1549. Andamos na viagem oito somanas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cinquenta moradores na povoação que antes era. Receberam-nos com grande alegria; e achamos huma maneira de igreja, junto da qual logo nos apouentamos hos Padres e Irmãos em humas casas a par della, que nam foy pouca consolação para nós para dizermos missas e confessarmos, e nisso nos occupamos agora. Confessa-se toda haa gente da armada, digo a que vinha nos outros navios, porque os nossos determinamos de confessar na nao.

Ho primeiro domingo que dissemos missa foy a 4^a dominga da Quadragesima. Disse eu missa cedo e todos os Padres e Irmãos confirmamos os votos que tínhamos feitos e outros de novo com muita devação e conhecimento de N. Senhor, segundo pelo exterior hé licito conhecer.

Eu prego ao Governador e à sua gente na nova cidade que se começa, e o Pe Navarro à gente da terra. Spero em N. Senhor fazer-se fruito, posto que a gente da terra vive toda em peccado mortal, e nom há nenhum que deixe de ter muytas negras das quaes estão cheos de filhos, e hé grande mal. Nenhum delles se vem confessar ainda; queira N. Senhor que ho fação despois.

Ho Irmão Vicente Rijo insina ha doctrina aos mininos cada dia, e tambem tem escola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer hos Indios desta terra, hos quaes tem grandes desejos de aprender e, preguntados se querem, mostram grandes desejos.

Desta maneira ir-lhe-ey insinando as orações e doctrinando-os na fé até serem habiles para o baptismo. Todos estes que tratam conosco, dizem que querem ser como nós, senão que nom tem com que se cubrão como nós, e este soa inconveniente tem. Se ouvem tanger à missa, já acodem, e quanto nos vem fazer, tudo fazem: assentão-se de gíolhos, batem nos peitos, alevantão as mãos ao ceo; e já hum dos principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado, e em dous dias soube ho A B C todo, e ho insinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão e nom comer carne humana, nem ter mais de huma mulher e outras cousas; soamente que há-de ir à guerra e os que cativar vendê-las e servir-se delles, porque estes desta terra sempre tem guerra com outros e asi andão todos em discordia. Comem-se huns a outros, digo hos contrarios.

Hé gente que nenhum conhecimento tem de Deus nem idolos, fazem tudo quanto lhe dizem. Trabalhamos de saber a língua delles e nisto ho Pe. Navarro nos leva vantagem a todos. Temos determinado ir viver com as Aldeas como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingoa, e i-los doctrinando pouco a pouco. Trabalhey por tirar em sua lingoa as orações e algumas praticas de N. Senhor, e nom posso achar lingoa que mo saiba dizer, porque sam elles tam brutos que nem vocabulos tem. Spero de as tirar o melhor que poder com hum homem que nesta terra se criou de moço, ho qual agora anda muy occupado em o que ho Governador lhe manda e nom está aqui Este homem com hum seu

genro hé ho que mais confirma as pazes com esta gente, por serem elles seus amigos antigos.

Tambem achamos hum Principal delles já christão baptizado, ho qual me disserão que muitas vezes ho pedira, e por isso está mal com todos seus parentes. Hum dia, achando-me eu perto delle, deu huma bofetada grande a hum dos seus por lhe dizer mal de nós, ou outra cousa semelhante. Anda muito fervente e grande nosso amigo; demos-lhe hum barrete vermelho que nos ficou do mar e humas calças. Traz-nos peixe e outras causas da terra com grande amor. Nom tem ainda noticias de nossa fé, insinamos-lha; madruga m uyto cedo a tomar lição e depois vay aos moços a ajudá-los às. obras. Este diz que fará christãos a seus irmãos e molher e quantos poder. Spero em ho Senhor que este há-de ser hum grande menino e exemplo para todos os outros, hos quaes lhe vão já tendo grande enveja por verem hos mimos e favores que lhes fazemos. Um dia comeo comnosco à mesa perante X ou XII ou mais dos seus, os quaes se espantarão do favor que lhe davamos.

Parece-me que nom podemos deixar de dar a roupa que trouxemos a estes que querem ser christãos, repartindo-lha até ficarmos todos iguaes com elles, ao menos, por nom escandalizar aos meus Irmãos de Coimbra, se souberem que por falta de algumas siroulas deixa huma alma de ser christãa e conhecer a seu Criador e Senhor e dar-lhe gloria. Ego, Pater mi, in tanto positus igne charitatis non tremor.

Certo ho Senhor quer ser conhecido destas gentes e communicar com elles hos thesouros dos merecimentos da sua paixão, sicut alioquin te audivi prophetantem. E portanto, mi Pater, compelle multas intrare naves et venire ad hanc quam plantat Dominu vineam suam. Cá nom sam necessarias letras mais que para entre os christãos, os nossos, porem virtude e zelo da honrra de Nosso Senhor hé cá muy necessário.

Ho Pe. Leonardo Nunez mando aos Ilheos e Porto Seguro a confessar aquella gente que tem nome de christãos, porque me disserão, de lá muytas miserias, e asi a saber o fructo que na terra se pode fazer. Elle escreverá a V. R. de lá largo. Leva por companheiro a Diogo Jácome para insinar a doutrina aos mininos, que elle sabe bem fazer; eu ho fiz lá ensayar na nao, hé hum bom filho.

Nós todos tres confessaremos esta gente, e depois spero que irá hum de nós a huma povoação grande, das mayores e melhores desta terra, que se chama Pernambuco, e asi em muytas partes apresentaremos e convidaremos com ho Crucificado. Esta me parece agora a mayor empresa de todas, segundo vejo a gente docel, somente temo ho mau exemplo que o nosso christianismo lhes dá, porque há homens que há muy e x annos que se nom confessão, e parece-me que poem a felecidade em ter muytas molheres.

Dos sacerdotes ouço cousas feas. Parece-me que devia V. R. de lembrar a S. A. hum vigairo geral, porque sey que mais moverá ho temor da justiça que ho amor do Senhor. E nom há oleos para ungir, nem para baptizar; faça-os V. R. vir no primeiro navio, e parece-me que os avia de trazer um Padre dos nossos. Tambem me parece que Mestre João aproveitaria cá muito, porque a sua lingoa hé semelhante a esta, e mais aproveitar-nos-emos cá da sua theologia.

A terra cá achamo-la boa e sam. Todos estamos de saude, Deus seja louvado, mais são do que partimos. As mais novas da terra e da nossa Cidade os Irmãos screveram largo, e eu tambem pollas na os quando partirem.

Crie V. R. muitos filhos para cá que todos são necesarios. Eu hum bem acho nesta terra, que nom ajudará pouco a permanecerem depois na fe, que hé ser a terra grossa, e todos tem bem ho que am mester, e a necessidade lhes nom fará perjuizo algum. Estão espantados de ver a majestade com que entramos e estamos,

e temem-nos muyto, ho que tambem ajuda. Muito há que dizer desta terra, mas deixo-o ao commento dos charissimos Irmãos.

Ho Governador hé escolhido de Deus para isto, faz tudo com muito tento e siso. Nosso Senhor ho conservará para reger este seu povo de Israel.

Tu autem, Pater, ora pro omnibus et presertim pro filiis quos enutristi. Lance-nos a todos a benção de Christo Jesu dulcissimo.

Anexo B: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa

Baía 9 de Agosto de 1549

A graça e amor de N.Senhor Jesu Christo seja sempre em nosso favor. Amen.

Polla I^a via escrevi a V. R. e aos Irmãos largo, e agora tornarey a repetir algumas cousas, ao menos em soma, porque o portador desta, como testemunha de vista, me escusará de me alargar muito, e algumas cousas mais se poderam ver polla carta que escrevo ao Doutor Navarro.

Nesta terra há hum grande peccado, que hé terem os homens quasi todos suas negras por mancebas, e outras livres que pedem aos negros por mulheres, segundo ho costume da terra, que hé terem muitas mulheres. E estas deixam-nas quando lhe apraz, o que hé grande scandalo para a nova Igreja que o Senhor quer fundar. Todos se me escusão que nom tem mulheres com que casem, e conheço eu que casarião se achassem com quem; e tanto, que huma mulher, ama de hum homem casado que veo nesta armada, pelejavão sobre ella a quem a averia por mulher; e huma serava do Governador lhe pedião por mulher, e dizião que lha querião forrar. Parece-me cousa muy conveniente mandar S. A. algumas mulheres, que lá tem pouco remedio de casamento, a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casaram todas muy bem, com tanto que nom sejam taes que de todo tenham perdida a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casaram muito bem, porque hé terra muito grossa e larga, e hurna pranta que se faz huma vez dura X annos aquella novidade, porque, asi como vão apanhando as raizes, prantão logo os ramos e logo arrebenção. De maneira que logo as mulheres terão remedio de vida, e estes homens remediarião suas almas, e facilmente se povoaria a terra.

E estes amancebados tenho amoestado, por vezes, asi em pregações em geral como em particular; e huns se casão com algumas mulheres se se achão, outros com has mesmas negras, e outros pedem tempo para venderem as negras, ou se casarem. De maneira que todos, gloria ao Senhor, se poem em algum bom meo: soamente hum que veo nesta armada, o qual como chegou logo tomou huma india gentia pedindo-a a seu pay, fazendo-a christãa, porque este hé ho costume dos portugueses desta terra, e cuidão nisto obsequium se prestare Deo, porque dizem nom ser peccado tam grande, nom olhando à grande irreverencia que se faz ao sacramento do baptismo. E este amancebado, nom dando por muitas amoestações que lhe tinha feito, se pos a permanecer com ella, o qual eu amoestey no pulpeto que dentro daquella somana a deitasse fora pena de lhe prohibir o ingresso da igreja; o que fiz por ser peccado muy notorio e escandaloso, e elle pessoa de quem se sperava outra cousa, e muytos tomavão occasião de tomarem outras. O que tudo N. Senhor remedeou com isto que lhe fiz, porque *logo* a deitou de casa e os outros que o tinham imitado no malo imitarão tambem nisto, que botarão tambem has suas, antes que mais se soubesse, e agora ficou grande meu amigo.

Agora ninguem de que se presume mal merca estas escravas. Neste oficio me meti em ausencia do Vigairo Geral, parecendo-me que em causas de tanta necessidade, Senhor me dava cuidado destas ovelhas.

Alguns blasfemadores publicas do nome do Senhor avia, os quaes amoestamos por vezes em os sermões, lendo-lhe as penas do direito, e amoestando ao Ouvidor Geral que attentasse por isso. Gloria ao Senhor, vay-se já perdendo este mau costume e, se acontece cair algum pollo mau costume, vem-se a mym pedir-me penitencia. Nestes termos está esta gente. Agora temo que, vindo ho Vigairo Geral, que já hé chegado a huma povoação aqui perto, se ousem a alargar mais. Eu ladrarey quanto poder.

Escrevi a V. R. acerca dos saltos que se fazem nesta terra, e de maravilha se acha cá scravo que nom fosse tomado de salto, e hé desta maneira: que fazem pazes com hos Negros para lhe trazerem a vender o que tem, e por engano enchem os navios delles e fogem com elles; e alguns dizem que o podem fazer por os Negros terem já feito mal aos christãos, O que posto que seja as si, foy depois de terem muitos scandalos recebidos de nós. De maravilha se achará cá terra, onde os christãos nom fossem causa da guerra e dissensão, e tanto que nesta Baya, que hé tida por hum gentio dos peores de todos, se levantou a guerra por hos christãos, porque hum Padre, por lhe hum Principal destes Negros nom dar o que lhe pedia, lhe lançou ha morte, no que tanto imaginou que morreo e mandou aos filhos que o vingassem. De maneira que os primeiros scandalos são por causa dos christãos, e certo que, deixando os maos costumes que erão de seus avo os, em muitas causas fazem vantagem aos christãos, porque melhor moral mente vivem e guardão melhor a lei de natureza.

Alguns destes escravos me parece que seria bom juntá-las e torná-las à sua terra, e ficar lá hum dos nossos para os insinar, porque por aqui se ordenaria grande entrada com todo este gentio. Entre outros saltos que nesta costa são feitos, hum se fez há dous annos muito cruel, que foy irem huns navios a hum gentio que chamão os Charijos, que estão alem de S. Vicente, o qual todos dizem que hé o melhor gentio desta costa, e mais aparelhado para se fazer fruto. Elle somente tem 200 legoas de terra; entre elles estavam convertidos 100 e baptizados muitos por dous clrigos que lá foram. Morreo hum destes clérigos e ficou o outro e prosequio o fruto. Farão ali ter estes navios que digo, e tomarão ho Padre dentro em hum dos navios com outros que com elle vinhão e levantarão as vellas. Hos outros que ficarão em terra vierão empaos à borda do navio, que levassem embora os negros e que deixassem ho seu Padre; e por nom quererem hos dos navios, tornarão a dizer que, pois levarão ho seu Padre, que levassem tambem a elles, e logo ho recolherão e os trouxerão, e ho Padre poserão em terra. E hos negros eles embarcarão em huma Capitania para venderem alguns delles e todos se acolherão à igreja dizendo que erão christãos, e que sabião as orações e ajudar à missa, pedindo misericordia. Nom lhes vale o, mas farão tirados e vendidos pollas Capitancias desta costa, Agora me dizem que hé lá ido ho Padre a fazer queixume; delle poderá saber mais largo ho que passa. Agora temos assentado com ho Governador que nos mande dar estes negros para os tornarmos a sua terra e ficar lá Leonardo Nunez para hos insinar.

Desejo muito que S. A. encomendasse isto muyto ao Governador, digo que mandase provisão para que entregasse todos os escravos salteados para os tornarmos a sua terra, e que por parte da justiça se saiba e se tire a limpo, posto que nom aja parte, pois disto depende tanto a paz e conversão deste gentio.

E V. R. nom seja avarento desses Irmãos e mande muytos para socorrerem a tantas e tam grandes necessidades, que se perdem estas almas à mingoa, petentes

panem et non est qui frangat eis. Lá bem abas tão tantos religiosos e pregadores, muytos Moisés e prophetas há lá.

Esta terra hé nossa empresa, e o mais gentio do mundo. Nom deixe lá V. R. mais que huns poucos para aprender, os mais venhão. Tudo lá hé miseria quanto se faz: quando muito ganhão-se cem almas, posto que carrão todo ho Reyno; cá hé grande manchea.

Será cousa muito conveniente aver do Papa ao menos hos poderes que temos do Nuncio e outros mayores, e poderemos alevantar altar em qualquer parte, porque hos do Nuncio nom são perpetuas; e asi que nos commetta seus poderes acerca destes saltos, para podermos commutar algumas restituções e quietar conscientias e ameaços que cada dia acontecem; e asi tambem que as leis positivas nom obriguem ainda este gentio, até que vão aprendendo de nós por tempo, scilicet, jejuar, confessar cad'anno e ou tras causas semelhan tes; e asi tambem outras graças e indulgencias, e a Bulla do Santissimo Sacramento para esta Cidade da Baya, e que se possa communicar a todas as partes desta costa; e o mais que a V. R. parecer.

Hé muito necessario cá hum Bispo para consagrar oleos para hos baptizados e doentes, e tambem para confirmar os christãos que se baptizão, ou ao menos hum Vigairo Geral para castigar e emendar grandes males, que asi no ecclesiastico como no secular se comettem nesta costa, porque os seculares tamão exemplo dos sacerdotes e o gentio de todos. E tem-se cá que o vicio da carne que nom hé peccado como nom hé notavelmente grande, e consentem ha heresia que se reprova na Igreja de Deus, quod est dolendum. Hos oleos que mandamos pedir nos mande, e vindo Bispo, nom seja dos que quaerunt sua, sed quae lesu Christi. Venha para trabalhar e não para ganhar.

Eu trabalhey por escolher hum bom lugar para ho nosso Collegio dentro na cerca e soamente achey hum, que lá vay por mostra a S. A., ho qual tem muitos, inconvenientes, porque fica muito junto da See e duas igrejas juntas nom hé bom, e hé pequeno, porque onde se há-de fazer a casá nom tem mais que X braças, posto que tenha ao cumprido da costa; e nom tem onde se possa fazer horta, nem outra cousa, por ser tudo costa muy ingrime e com muita sojeição da Cidade. E portanto a todos nos parece muito melhor hum teso que está logo alem da cerca, para a parte donde se há-de estender a Cidade, de maneira que antes de muitos annos podemos ficar no meo, ou pouco menos da gente, e está logo hi huma Aldea perto, onde nós começamos a baptizar, em a qual já temos nossa habitação. Está sobre ho mar, tem agora ao redor do Collegio, e dentro delle tem muito lugar para hortas e pomares; hé perto dos christãos asi velhos como novos. Somente me poem hum inconveniente o Governador: nom ficar dentro na Cidade e poder aver guerra com ho gentio, ho que me parece que nom convence, porque os que am-d'estar no Collegio am-de ser filhos de todo este gentio, que nós nom temos necessidade de casa, e posto que aja guerra Dom lhes pode fazer mal. E quando agora nós andamos lá, e dormimos e comemos, que hé tempo de mais temor, e nos parece que estamos seguros, quanto mais depois que a terra mais se povoar. Quanto mais que primeiro am-de fazer mal nos engenhos, que am-de estar entre elles e nós, e quando ho mal for muyto, tudo hé recolherá Cidade. Mormente que eu creio que ainda que fação mal a todos, que a nós nos guardarão polla affeição que nos começam a ter; e ainda avendo guerra me pareceria a mim poder estar seguro entre elles neste ,começo, quanto mais depois. De maneira que cá todos somos de opinião que se faça ali, e V. R. devia de trabalhar por lhe fazer dar logo principio, pois disto resulta tanta gloria ao Senhor e proveito a esta terra.

A mais custa hé fazer a casa por causa dos offidaes que am-de vir de lá, porque a mantença dos studantes, ainda que sejam, hé muyto pouco, porque com terem cinco escravos Clue prantem mantimento e outros que pesquem com barco e redes, com pouco se manteram; e para se vestir faram hum algodoal que há cá muito. Os escravos são cá baratos e os mesmos' paes am-de ser cá seus escravos. Hé grande obra esta e de pouco custo; nós, vindo agora ho Vigairo, nos passarnas para lá, por causa dos convertidos, onde estaremos Vicente Rodriguez e eu, e hum soldado que se meteo comnosco para nos servir, e está agora em Exercicios, de que eu estou muy contente. Faremos nossa igreja, onde insinemos os nossos novos christãos, e aos, domingos e festas visitarey a Cidade e pregarey.

O Padre Antonio Pirez e o Pe. Navarro estaram em outras Aldeas longe, onde já lhes fazem casas. E portanto hé necessario V. R. mandar officiaes, e am-de vir já com a paga, porque cá diz ho Governador que, ainda que venha Alvará de S. A. para nos dar o necessario, que nom o averá hi para isto. Os officiaes que cá estão tem muito que fazer, e que o nom tenham, estão com grande saudade do Reyno, porque deixão lá suas mulheres e filhos, e nom aceitaram a nossa obra depois que cumprirem com S. A., e tambem no trabalho que tem com as viandas e o mais os tira disso. Portanto me parece que avião de vir de lá, e, se possivel fosse, com suas mulheres e filhos, e alguns que fação taipas e carpinteiros. Cá está hum Mestre para as obras, que hé hum sobrinho de Luis Diaz, mestre das obras d'El-Rey, ho qual veo con trinta mil reis de partido. Este nom hé necessario porque abas ta ho tio para as obras de S. A.; a este avião de dar o cuidado do nosso collegio; hé bom official. Serão cá muito necessarias pessoas que teção algodão, que há muito, e outros officiaes.

Trabalhe V. R. por virem a esta terra pessoas casadas, porque certo hé mal empregada esta terra em degradados, que cá fazem muyto mal, e já que cá viessem avia de ser para andarem afferrolhados nas obras de S. A.

Tambem peça V. R. algum petitorio para roupa, para entretanto cubrirmos estes novos convertidos, ao menos hu ma camisa a cada mulher, polla honestidade da religião christã, porque vem todos a esta Cidade à missa aos domingos e festas, que faz muita devação, e vem rezando as orações que lhe insinamos, e nom parece honesto estarem nuas entre os christãos na igreja, e quando as insinamos. E disto peço ao Pe. M. João tome cuidado, por elle ser parte na conversão destes gentios, e nom fique senhora nem pessoa a que nom importu ne para cousa tam sancta; e a isto se avião de applicar todas as restituções que lá se ou vessem de fazer, e isto agora soamente no começo que elles farão algodões para se vestirem ao diante.

Os Irmãos todos estão de saude e fazem o officio a que forão enviados: somente Antonio Pirez se acha mal das pernas, que lhe arebentarão depois das maleitas que teve, e nom acaba de ser bem são.

Leonardo Nunez mandei aos Ilheos, huma povoação daqui perto, onde dá muito exemplo de si e faz muito fruito, e todos se spantão de sua vida e doutrina. Foi com elle Diogo Jácome, que faz muito fruito em insinar os moços e escravos.

Agora pouco há vierão aqui a consultar-me algumas duvidas, e estiverão aqui por dia do Anjo, onde baptizamos muitos. Tevemos missa cantada com diacono e subdiacono: eu disse missa, e o Pe. Navarro a epístola, outro o evangelho, Leonardo Nunez e outro clerigo com leigos de boas vozes região o coro. Fizemos precissão com grande musica, a que respondião as trombetas. Ficarão os Indios spantados de tal maneira, que depois pedião ao Pe Navarro que lhes cantasse asi como na precissão fazia. Outra precissão se fez dia de Corpus Christi muy solemne, em que jugou toda a artelharia que estava na cerca, as ruas muito enramadas, ouve danças

e invenções à maneira de Portugal.

Agora hé já partido Leonardo Nunez com Diogo Jácome, e lá. me am-de sperar quando eu for com ho Ouvidor, que irá daqui a dous meses pouco mais ou menos. Ho p.e Navarro faz muito fruito entre estes gentios, lá está toda a somana. Vicente Rodriguez tem cuidado ele todos baptizados. Antonio Pirez e eu estamos o mais do tempo na Cidade para os christãos, e nom será mais que até chegar o Vigairo. Todos são bons e proveitosos, senão eu que nunca faço nada, e asaz de bons são, pois meu mao exemplo os nom scandaliza.

Temos muita necessidade de baptisteiros, porque [os que] cá vierão nom valião nada, e am de ser romanos e bracharenses, porque os que vierão erão venezianas; e asi de muytas capas e ornamentos, porque avemos de ter altares em muytas partes, e imagens e crucifixos e outras causas semelhantes, o mais que poder. Tudo o que nos mandarão, que lá ficava, veo a muito bom recado. Folgaríamos de ver novas de Congo; mande-na-las V. R.

A todos estes senhores devemos muyto pallo muito amor que nos tem, posto que o de alguns seja servil. Ho Governador nos mostra muita vontade. Pero de Goes nos faz muitas charidades. Ho Ouvidor Geral hé muito virtuoso e ajuda-nos muyto. Não falo em Antonio Cardoso, que hé nosso pay. A todos mande V. R. os agardecimentos.

Antonio Pirez pede a V. R. alguma ferramenta de carpinteiro, porque elle hé nosso official de tudo; Vicente Rodríguez, porque hé hermitão, pede muitas sementes; ho Pe. Navarro e eu, os livros que já lá pedi, porque nos fazem muita mingoa para duvidas que cá há, que todas se preguntão a mym. E todos pedimos sua benção e ser favorecidos em suas orações com N. Senhor.

Agora vivemos de maneira que temos disciplina às sextas-feiras, e alguns nos ajudam a disciplinar: hé por os que estão em peccado mortal e conversão deste gentio, e por as almas do purgatorio, e o mesmo se diz pollas ruas, com huma campainha, segundas e quartas-feiras, asi como nos Ilheos. Temos nossos exames à noite, e ante-manhã huma hora de oração, e o mais tempo visitar ho proximo e celebrar, e outros serviços de casa. Resta, mi Pater, que rogue a N. Senhor por seus filhos e por mym, ut quos dedisti non perdam ex eis quenquam. Pedimos sua benção.

Anexo C: Ao Doutor Martin de Azpilcueta Navarro, Coimbra

Salvador [Baía] 10 de Agosto de 1549

+

Jesús

La gracia y amor de Christo N. S. sea siempre en nuestro favor. Amen.

Pensando yo muchas vezes en la mercé que nuestro Senor me hizo en em biarme a estas tierras del Brasil por principio de que su santo nombre en ellas fuesse conoscido e loado, me espanto escogerme a my que era escoria de toda esa Universidad en el saber y mucho más en la virtud. Y my entendimiento no alcança razón que pudiesse mover al Senor a me hazer tan grande misericordia, sino si por ventura fué acordarse que soy yo discípulo de doutrina y virtud de v. m., puesto que poco della aprendi; e mucho más acordarse del amor y caridad con que al mismo Sefior siempre me presentava en sus oraciones. Esta creo que deve ser la razón, quanto umanamente se puede sospechar, dexando su gracia, que por mis peceados

semper in me vaeua fuit, a que de lapide isto suscitaret fillium Ysrael. E portanto será razón darle larga cuenta de que el Señor comiença de obrar en esta su nueva vifia: quam forte vult extendere a mari usque ad mare et a flumine usque ad terminos orbis terrarum, para que v. m. tenga su parte de loar a N. S. a quien solo se deve toda la gloria e honrra.

Después que partimos dese Reyno, que fué el primero día de Febrero, traxo N. S. toda esta armada en paz Y en salvo con vientos siempre prósperos hasta llegar a esta Vaya de Todos los Santos en cinquenta y seys días sin acontecer contraste ninguno y con otros muchos favores y mimos, que bien demostravan ser suya la tal obra. Luego se hizieron pazes con las gentes de la tierra y se tomó conse.io adonde se haría la nueva ciudad dei Salvador, en quaal también obrá mucho eJ Señor, porque se hizo en muy buen sitio sobre mar, toda cercada de aguila arredor de la cerca, y con muchas otras fucntes de parte de la mar y de la tierra; y los mismos Ynclios de la tierra ayudan a hazer las casas y demás en que los quieran ocupar, de manera que va todo en grande crecimiento, yavrá ya cien casas hechas, y comiénçanse yngenios de açucar, y plántanse las canas y muchos algodones y muchos mantenimientos, porq ue tod o da la tierra, puesto que de algu n as cosas ela solamente la yerva e de viciosa no da el fruto.

Es muy sana y de buenos ayres, de tal manera que con ser la gente mucha y tener mucho trabajo, y aver mudado las mantenimientos con que se criaron, adolescen muy pocos y esos que adolescen luego son sanos. Es tierra muy fresca, de ynvierno templada, y el calor de verano no se siente mucho. Tiene muchas frutas e de diversas maneras, e muy buenas y que tienen poea embidia a las ele Portugal. Muere en el mar mucho pescado e bueno. Los montes parecen hermosos jardines e huertas, y ciertamente nunca yo vi tapiz de Flandes tan hermoso, en los quales andan animales de muy diversas maneras, de los quales Plinio ni escribió ni supo. Tiene muchas yervas de diverso olor e muy diferentes ele las d'Espafia, e ciertamente bien resplandesce la grandeza, hermosura y saber dei Criador en tantas, tan di versas y herrnosas criaturas.

Mas es mucho d'espantar tan buca tierra averla dado tanto tiempo a gente tal inculta e que tan poco lo conosce, porque ningún dios tienen cierto y qualquiera que le àizen ese creeu. Rígense por inclinación la qual semper prona est ad malum, e apetito sensual, gente absq ue consilio et: sine prudentia. Tienen muchas m ugeres en q uan to se con ten tan d ellas y ellas cellos sin entre ellos ser bituperado. Tienen guerra unos con otros, scilicet una generación contra otra generación, a diez e quinze e veynte leguas, de manera que todos entre si estan divisas.

Si acontece que tomen algunos de los contrarias en la guerra, tráenlos presos algún tiempo y danles sus hijas por mugeres y para que los sirvan y guarden, y clespués las riJatan e comen con grandes fiestas, e con ayuntamiento de los vezinos que biven arredor; y si destas tales quedan hijos también os comen, aunq ue sean sus nietos y hermanos, y a las vezes las propias madres, y elizen quel padre solamente tiene parte eu él y la madre no tiene nada. Esta es la cosa más abominable que entre esta gente ay. Y si matan alguno en la guerra tráhenlo en pedaços y pónenlo ai humo y después lo comen con na misma solemnidad e fiesta, y todo esta por el odio entrafiabile que se tienen unos a outros. Y en estas dos cosas, scilicet, en tene muchas mugeres y matar sus contrarios, consíte toda su honrra, y esta es su felicidad y desea, la gual todo beredaron del primero y segundo hombre, y aprendieron de aguel gui ab initio mundi homicida est. Y no tienen guerra por cobdicia que tengan, porque todos no tienen nada más de lo que pescan e caçan, y el fru to que toda la tierra da: sino solamente por adio y vengança, en tanta manera

que, si dan una topada, se arrojan con los dientes al palo o piedra donde la dieron, y comen piojos y pulgas y toda ymundicia solamente por se vengar dei mal que les hizieron, como gente que aún no aprendió non rreddendum malum pro malo Quando m uere alguno dellos entiérranlo assentado y pónenle de comer con una rede en que ellos àuermen, y dizen que sus ánimas andan por las montes y que vienen allí a comer. Tienen mucha noticia del dertonio y topan con él de noche y ban gran miedo dél. Anclan con lum bre de noche por miedo delle, y esta es su deffensión. Qualquier de los suios que se quiere hazer su dias lo creen y le dan entero crédito Tienen noticia del diluvio de Noé, puesto que según la verdadera historia, porque dizen que murieron todos, sino una vieja que escapá en un arbol alto. Y también tienen noticia de Santo Thomé e de un su compalíero y en esta Baya están unas pisadas en 1Ina rocha que se tienen por suias, y oiras en Sant Vicente, que es en en cabo desta costa. Dizen dél que les dió el mantenimiento que ellos agora tienen, que son raizes de yervas ; están bien con él, puesto que de un su compai1ero dizen mal. Y sé la causa, sino quanto oy dezir que las flechas que le tira van se torna van a los que las tira van y los matavan. Espántanse m ucho de veer el nuestro culto divino y la veneración que tenemos a las cosas de Dios. Los que son amigos biven en grande concordia entre si y ámanse mucho, y guardan bien lo que comunmente se dize que amicorum omnia sumt communia. Si uno dellos mata un pece, todos comen dél, y lo miamo de qualquier animal de caça Es tan grande esta tierra, que dizen que, de tres partes del mundo, tiene ella las dos. Ay en estas ti erras una generación que no biven, en casas, sino en los montes y tienen guerra con todos y de todos son temidos.

Esto ea lo que se me ofrece para contar desta tierra y de la gente que la habita, que ea cosa para tener mucha compassión de tantas ánimas, quien bien lo supiese hazer, mas agora diré las puertas que n uestro Senor abrió para escolger dellos los que tiene predestinados para si.

Començamos a visitar sus Aldeas quatro companeros que somos, y conversar con ellos familiarmente, presentándole el reyno del cielo si hizieren lo que le enseñáremos. Estas son acá nuestros pregones adonde nos hallamos, conbidando a los muchachos a leer yescrivir, y desta manera les enseñamos la doctrina y les predicamos, porque con la misma arte con que el enemigo de la humana generación venciá al hombre, con esa misma sea vencido: «Eritis, inquit, sicut dii scientes bodum et malum». Spántanse ellos mucho de saber nosotros leer y escribir, de lo qual tienen grande imbidia y deseo de aprender, y desean ser christianos como nosotros, a lo qual solamente impide el trabajo de los apartar de sus malas costumbres, en lo que agora es todo nuestro estudio; e ya, gloria a Dios, en estas Aldeas que visitamos aquí arredor de la ciudad se quitan muchos de matar e çomer carne humana, y si alguno lo haze es levas de aquí. Adonde llegamos somos recibidos con mucho amor, mayormente de las nifios a quien enseñamos. Ya sabem muchos las oraciones y las enseñan unos a atras, de manera que de los que hallamos más seguros bautizamos ya cien personas poco más o menos, y començamos en la fiesta del Spíritu Santo, que es tiempo ordenado por la Iglesia. Y avrá bien seiscientos o setecientos catecúrninos para bautizar presto, los cuales aprenden todo muy bien, y algunos anclan ya trás nosotros por los caminos preguntándonos quando los avemos de bautizar con grande desea, prometiendo de bivar como nosotros le dezimos. Acostumbramos a bautizar marido y muger juntamente y luego los casamos :con las amonestaciones quel verdadero matrimonio ha de tener, en lo qual consienten y son contentos, y nos son muy obedientes a quanto les mandamos. Solamente contaré a v. m. una cosa de que mucho me

espanté.

Estando un día el Padre Joan de Azpilcueta, ai quien acá llamamos Navarro, por la difficultosa pronunciación que tiene, enseñando a las niños a leer y a santiguarse, las cuales todos traen unas piedras de colores en los becos forados que días mucho estiman, las cuales hazían impedimento a la pronunciación del santiguarse; y porque el Padre le dió a entender aquel ympidimento, vino la madre de uno de aquellos y quitó a su hijo aquella piedra y hechóla por los tejados, y luego otros hizieron otro tanto. Esta fué J nego en el principio que començamos a las enseñar. Otro día en otra Aldea halló el mismo Padre que stavan guisando un hijo de las contrarias con quien tienen guerra para lo comer. Y porque las reprehendía mucho desto, supimos después que lo enterraron y no lo quisieron comer. Otras cosas semejantes nos acontecen con ellos que serían largas de contar, y las más acontecen al Padre Navarro, porque parece que nuestro Señor tiene hecha mercé a esa generación particularmente de aprovechar al próximo: v. m. entre christianos, Maestre Francisco en las Yndias, y este su sobrino en estas tierras del Brasil. Anda siempre en las Aldeas y hallá duerme y come para les predicar de noche, porque es tiempo en Cjue están juntos y sosegados Ya sabe Ja lengua de manera que se entiende con ellos y a todos nos haze ventaja, porque esta lengua parece mucho a la bizcayna. Anda con grande hervor de Aldea en Aldea, que parece que quiere encender las montes con fuego de caridad. Tiene tres o quatro Aldeas de que tiene cuidado, y en dos de las principales le hazen casa donde biva y enseñe los catecúminos.

En otra Aldea junto desta Ciudad tenemos ya hecha una casa a manera de hermita donde está uno de nosotros que tiene cuidado de enseñar y predicar a los nuevarnente bautizados, y otros muchos catecúminos que en ella biven. Los principales desta Aldeas bautizaremos presto, porque no está en más que en buscar una muger de que esperen que le guardará lealtad, porque. Su costumbre hasta agora fué no estimar el adulterio, y tomar una e dexar otra ad beneplacitum, y por esto me parece que no tiene en estas gentiles lugar el Capítulo «Gaudemus», De divortiis con lo que allí se nota, scilicet, que ayan de tomar por muger la primera que avían tenido, porque nunca las tomavan para las tener siempre, lo qual no tienen los otros infieles de Africa e otras partes, que las toman para siempre, y a lo menos es contrato, lo qual en estos no ay, porque es más tenerlas por mancebas que por mugeres.

De muchas partes somos llamados que los vamos a enseñar las cosas de Dios y no podemos acudir a todos, porque somos pocos, y ciertamente no creo yo que en todo el mundo ay tierra tan aparejada para tanto fruto como esta, adonde veemos perecer las almas por falta, sin poderles valer; a lo menos encendémosle las voluntades para ser christianos, para que, se rñurieren entre tanto, forsitam Dominus rñiseriatur eorum. No sé como los que tienen amor a Dios y desean su gloria pueden tener sufrimiento para no em barcar luego y venir a cavar en la vinha del Señor, que speciosa est nimis et tam paucos habet operarios. Acá pocas letras bastan, porque es todo papel blanco y no ay más que escribir a plazer, empero la virtud es muy necessaria y el zelo q'estas criaturas conozcan a su Criador, y a Jesu Christo su Redemptor.

Estando pues esta en estos términos, el enemigo de la humana generación, que las tales cosas siempre quiere estorvar, ordenó que síete o ocho leguas de aquí matasen a un christiano de los nuestros sin ninguna razón ni causa, lo quoyal nos puso a todos en grande aventura de guerra, Y tomávannos en mal tiempo y desapercebidos y mal fortalecidos. Empero el Señor que de mal sabe sacar bien, quiso

que las mismos negros truxiesen el matador y no entregaron al Governador, el qual pusieron luego en la boca de um tiro y fué hecho pedaços. Esto pusa mucho miedo a todos los otros que presentes estavan y los nuestros christianos escaramentarán tam bién de andar por las Aldeas ; y fué mucho servicio de nuestro Seur por se evitar escándalos que dan las Yndios las nuestros que van a las Aldeas.

Quando nosotros himos a las Aldeas nunca nos desamparan los naturales, mas antes se van trás nosotros adonde quiera que ymos, espantados de lo que les predicamos. Una noche que hazía luna me aconteció que nunca me guisieron dexar estando con grande silencio atentos a lo que le predicava por un moço lengua que tenía conmigo. Entre otras cosas que les dixen, fué una que entre tanto que no les podía más enseñar, tu viessen *lee* en Jesu Christo, y quando se echasen a dormir y se levantasen lo nom brasen deziendo: Jesús, te encomiendo mi alma. Y después que me aparté dellos andando yo passeando por las calles dezían algunos en alta boz el nombre de Jesús, como le yo avia dicho, de que yo no recibía pequena consolación, y ciertamente que aunque el Senhor no me dee el su reyno de las cielos, ya con estas consolaciones semejantes me doy por pagado; y si fuera otro spiritu, que no fuera tan frío como el mio, ya tuviera perdido todo el seso con cosas que el Sefior cada día por su bondad nos quiere com unicar. A las otros mis Hermanos acontecen otras muy aventajadas, porque visitan más las Aldeas que yo, y su virtud merece mucho delante del Senhor.

Uno de los que bautizamos se vino a nosotros diziendo por términos que lo entendimos que aquella noche se halló con Dios en el paraíso en grande contentamiento y venia con grande alborozo a nos lo contar, y es viejo de más de ochenta anos. Solamente de una cosa estamos espantados, que casi quantos bautizarnos adolecieron, unos de barriga, otros de las ojos, otros de hinchazos; y tuvieron ocasión sus hechizeros de dezir que nosotros con el agua, con que los bautizamos, les damos la dolencia con la doctrina la muerte. Mas en todo salen mentirosos porque todos reconbalecen luego. Por ventura quiere nuestro Senor, ya que son sus hijos, adoctados en la sangre de Christo, probalos luego y enseñarles que han de padezcer, y esta es la medicina con que se purgan los escogidos del Senor.

Trabaje por me ver con un hechizero, el mayor desta tierra el qual todos embian a llamar para curar sus enfermedades, Preguntéle in qua potestate hec faciebat, si tenía com unicación con Dios que hizo el cielo y la tierra y reynava en los cielos, o con el demonio que stava en los infiernos? Respondióme con poca verguença, que él era dias y que avía nacido dios, Y presentóme allí uno a q uien dezía aver dado salude, y que el Dios de los cielos era su amigo, y le aparecía en nubes, y en truenos, y en relampagos, y en atras cosas muchas. Trabaíé viendo tan grande blasfemia por aiuntar toda la Aldea con altas bozes; alos quales desengané y contradixen lo que el dezia por mucho espacio de tiempo con una buena lengua que allí tenía, la qual hablava lo que yo le dezía en alta boz con sefiales de grandes sentimientos que yo mostrava. Vióse él confuso y hize que se desdixese de lo que tenía dicho y emendasse su vida y que yo rogaria a Dias que le perdonasse. Entre esta gente que presente estava vi algunos mancebos y mugeres a manera de pasmados de lo que les yo contava de las grandezas de Dios. Después me acometió este que le bautizasse que queria ser christiano, y agora es uno de los catecúminos.

Estas y otras cosas obra el Seíor per ministerium nostrum Inter gentes, de las quales di cuenta a V. M. para que las encomiende a nuestro Senor en sus oraciones, pnes tiene zelo de su honrra, y me avise por carta suia de lo que le pareciere, animándonos ne deficiámus iu via bac qua ambulamus, quoniam

absconderunt laqueum mihi, y enseiándonos lo que nuestro Senor le dyere a sentir. Y pues su doctrína da estas princípíos, sus oraciones las confirmen delante de divina magestad, en las quales y en su bendición de padre y maestro em Christo Jesu me encomiendo.

Anexo D: Informação das Terras do Brasil

[Aos Padres e Irmãos de Coimbra]

[Baía Agosto? de 1549]

A informação, que destas partes do Brasil vos posso dar, Padres e Irmãos caríssimos, é que tem esta terra mil léguas de costa toda povoada ele gente, que anda nua, assim mulheres como homens, tirando algumas partes mui longe donde estou, onde as mulheres andam vestidas ao traje de ciganas, com panos de algodão, por a terra ser mais fria que esta, a qual aqui é mui temperada. De tal maneira que o inverno não é frio nem quente, e o verão, ainda que seja mais quente, bem se pode sofrer; mas é terra mui húmida pelas muitas águas que chove em todo o tempo muito a miúdo. Pelo qual os arvoredos e as ervas estão sempre verdes. E por isso é a terra muito fresca. Em partes é muito áspera pelos montes e matos, que sempre estão verdes.

Há nela diversas frutas, que comem os da terra, ainda que não sejam tão boas como as de lá, as quais também creio que se dariam cá se se plantassem. Porque vejo dar-se videiras, uvas até duas vezes no ano, mas são poucas por causa das formigas, que fazem muito dano, assim nisto como noutras coisas. Cidras, laranjas, limões, dão-se em muita abundância; e figos, tão bons como os de lá.

O mantimento comum da terra é uma raiz de pau, que chamam mandioca, do qual fazem uma farinha, de que comemos todos. E dá também milho, o qual misturado com a farinha faz um pão, que escusa o de trigo.

Há muito pescado, e também muito marisco, de que se mantêm os da terra, e muita caça de matos, e gansos, que criam os Índios. Bois, vacas, ovelhas, cabras, e galinhas, se dão também na terra, e há deles muita cópia.

Os gentios são de diversas castas. Uns se chamam Goianases, outros Carijós. Este é um gentio melhor que há nesta costa, aos quais foram não há muitos anos dois frades castelhanos para os ensinar; e tão bem tomaram a sua doutrina que tinham já casas de recolhimento para mulheres como freiras, e outra de homens, como de frades. E isto durou muito tempo, até que o demónio levou lá uma nau de salteadores e cativaram muitos deles. Trabalhamos por recolher os salteados e alguns temos já para os levar a sua terra, com os quais irá um Padre dos nossos.

Há outra casta de gentios, que se chamam Gaimurés, e é gente que babita pelos matos. Nenhuma comunicação têm com os cristãos, pelo qual se espantam quando nos vêem, e dizem que somos seus irmãos, porque trazemos barba como eles (a qual não trazem todos os outros, antes se rapam até as pestanas) e fazem buracos nos beiços e Tentas dos narizes, e põem uns ossos neles, que parecem demónios. E assim, alguns principalmente os feiticeiros trazem o rosto cheio deles. Estes gentios são como gigantes. Trazem um arco mui forte na mão e na outra um pau mui grosso com que pelejam com os contrários e fàcilmente os despedaçam e fogem para os matos. E são mui temidos entre todos os outros.

Os que comunicam connosco até agora são duas castas: uns se chamam Tupeniques e os outros Tupinambás. Estes têm casas de palmas, muito grandes, e

delas em que pousarão cinquenta Índios casados, com suas mulheres e filhos. Dormem em redes de algodão, sobre si, junto dos fogos, que em toda a noite têm acesos, assim pelo frio, porque andam nus, como também pelos demónios que dizem fugir do fogo, pela qual causa trazem tições de noite quando vão fora.

Esta gentildade a nenhuma coisa adora, nem conhecem a Deus, sômente aos trovões chamam Tupana, que é como quem diz coisa divina. E assim, nós não temos outro vocábulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pai Tupana.

Sômente entre eles se fazem umas cerimónias da maneira seguinte. De certos em certos anos vêm uns feiticeiros de longes terras, fingindo trazer santidade. E ao tempo da sua vinda lhes mandam alimpar os caminhos e vão-nos receber com danças e festas, segundo o seu costume, e antes que cheguem ao lugar, andam as mulheres de duas em duas pelas casas, dizendo públicamente as faltas que fizeram a seus maridos, e umas a outras, e pedindo perdão delas. Em chegando o feiticeiro com muita festa ao lugar, entra numa casa escura, e põe uma cabaça, que traz, em figura humana, em parte mais conveniente para os seus enganos, e, mudando a sua própria voz como de menino, e, junto da cabaça, lhes diz que não curem de trabalhar, não vão à roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará q ne comer, e que por si virá a casa; e que as aguilhadas irão a cavar, e as frechas irão ao mato por caça para o seu senhor, e que hão-de matar muitos dos seus contrários e cativarão muitos para os seus comeres. E promete-lhes larga vida, e que as velhas se hão-de tornar moças, e as filhas que as dêem a quem quiserem; e outras coisas semelhantes lhes diz e promete com que os engana. De maneira que crêem haver dentro da cabaça alguma coisa santa e divina, que lhes diz aquelas coisas as quais crêem. E acabando de falar o feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres com grandes tremores em seu corpo, que parecem endemoninhadas, como de certo o são, deitando-se em terra e escumando pelas bocas; e nisto lhes persuade o feiticeiro, que então lhes entra a santidade, e a quem isto não faz, têm-lho a mal. E depois lhe oferecem muitas coisas.

E nas enfermidades dos gentios usam também estes feiticeiros de muitos enganos e feitiçarias. Estes são os maiores contrários que cá temos, e fazem crer algumas vezes aos doentes, que nós lhes metemos no corpo facas, tesoiras e coisas semelhantes, e que com isto os matamos. Nas suas guerras aconselham-se com eles, além dos agoiros que têm de certas aves.

Quando cativam algum, trazem-no com grande festa com uma soga à garganta, e dão-lhe por mulher a filha do principal ou qualquer outra que mais o contenta. E põem-no a cevar como porco, até que o hão-de matar, para o que se ajuntam todos os da comarca a ver a festa. E um dia antes que o matem, lavam-no todo e o dia seguinte o tiram e o põem num terreiro, atado pela cinta com uma corda, e vem um deles muito bem ataviado e lhe faz uma prática, de seus antepassados; e, acabada, o que está para morrer, lhe responde, dizendo que de valentes é não temer a morte, e que ele também matara muitos dos seus, e que cá ficavam seus parentes que o vingariam e outras coisas semelhantes. E, morto, cortam-lhe logo o dedo polegar, porque com aquele atirava as frechas, e o demais fazem em pedaços para o comer assado ou cozido.

Quando morre algum dos seus põem-lhe sobre a sepultura pratos, cheios de viandas, e uma rede em que eles dormem mui bem lavada. Isto, porque crêem, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sua sepultura. Deitam-nos em covas redondas, e, se são principais, fazem-lhes uma choça de palma. Não têm conhecimento de glória nem inferno, samente dizem que

depois de morrer vao descansar a um bom lugar.

E em muitas coisam guardam a lei natural. Nenhuma coisa própria têm que não seja comum, e o que um tem há-de repartir com os outros, principalmente se são coisas de comer, das quais nenhuma coisa guardam para outro dia, nem curam de entesourar riquezas. A suas filhas nenhuma coisa dão em casamento, antes os genros ficam obrigados a servir a seus sogros. Qualquer cristão, que entre em suas casas, dão-lhe a comer do que têm, e uma rede lavada em que durma. São castas as mulheres a seus maridos.

Têm memória do dilúvio, mas falsamente, porque dizem que cobrindo-se a terra de água, uma mulher com seu marido, subiram em um pinheiro, e depois de minguadas as águas desceram: e destes procederam todos os homens e mulheres.

Têm mui poucos vocábulos para lhes poder bem declarar a nossa fé, mas contudo damos-lha a entender o melhor que podemos e algumas coisas lhes declaramos por rodeios. Estão muito apegados com as coisas sensuais. Muitas vezes me perguntam se Deus tem cabeça, e corpo, e mulher, e se come, e de que se veste, isso e outras coisas semelhantes.

Dizem eles que Santo Tomé, a quem chamam Zomé, passou por aqui. Isto lhes ficou por dito de seus antepassados. E que as suas pisadas estão sinaladas junto de um rio, as quais eu fui ver por mais certeza da verdade, e vi com os próprios olhos quatro pisadas mui sinaladas com seus dedos, as quais algumas vezes cobre o rio, quando enche. Dizem também que quando deixou estas pisadas, ia fugindo dos Índios, que o queriam frechar, e chegando ali se lhe abrija o rio, e passara por meio dele, sem se molhar, à outra parte. E dali foi para a Índia. Assim mesmo contam que quando o queriam frechar os Índios, as frechas se tornavam para eles e os matos lhe faziam caminho por onde passasse. Outros contam isto como por escárnio. Dizem também que lhes prometeu que havia de tornar outra vez a vê-las. Ele os veja do céu, e seja intercessor por eles a Deus, para que venham a seu conhecimento, e recebam a santa fé, como esperamos.

Isto é o que em breve, caríssimos Irmãos meus, vos posso informar desta terra. Como vier a mais conhecimento doutras coisas que nela há, não o deixarei mui particularmente de fazer.

Anexo E: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa

Porto Seguro 6 de Janeiro de 1550

La grazia et amor di Christo Signore Nostro sia sempre iu aiuto et favor nostro. Amen.

Per le navi di Baia scrissi delle occupationi nostre in questo paese, et quanto il Signore Dia si serve delli figliuoli di V. R. che q ua sono. Adesso passará piu otra.

Partite le naví di Baia, sono restata li due mesi o piu con li Fratelli, il qual tempo fu speso in questo modo. p.e Navarro stava (come sta anchora) nelE suoi castelli predicando alli grandi et insegnando a leggere ei fare oratione a piccoli et aiutanda alcuni huomini et cathecumini a infiamarsi nel'amor di Dia et desiderii del batesimo, tra li quali alculn dimandano con molta instantia.

Noi attendiamo per tutte le vie a farli lase:tar assai mall costumi che hanno et desideriamo congregare tutti questi ehe si battezano apartati dalli altri, et per questo haviamo ordinato ehe Diego Alvarez stia fra loro come padre et governatore, essendo egli in buon credito et molta grato a tutti loro.

Non haviam o anche potuto adimpre questo disegno perche si differisse pel' paura di guerra., perche alcuni populi piú lontani hanno molto in odio li christiani, et uno schiavo cheera prima christiano tiene solleva ta la piú gran parte, dicendo che il Governatore li vuol amazzar tutti a fargli schiavi: ehe Doi cerchiamo di gabbarli et varriam o vederli tutti mord, et ehe il battezzarsi e come un farsi schiavo de ehristiani, et altre cose simili. Hanno etiam con lui ru bato li pescatori di portughesi et amazzato in un castello un fígliuolo di un christiano che haveva de una negra di questa terra, il che ha fatto molto risentire il Governatore; et pensiamo che sará principio d'un bllon castigo et pet li altri gentili grande essempro, et forse per pama si convertiranno piú presto che non farauno per amare, tanto sono corro ti nem costumi et lontani dalla verità.

Haviamo fatto fare in un loco piú conveniente una Chiesa clove li christiani sentono messa et appresso una casa dove il Fratello Vincentio Rodriglez et Simon Gonzalez insegnano lí putti, et fra la citta et un castello appressa un tiume, un *luogo* secondo il parere di tutt li Fratelli molto a proposito et convenientte per farei un Collegio, come già bo scritto a V. R Li putti christiani et similmente le donne sanno già fare oratione assai, et cosi li piú delli cathecumini, li quali non battezeremo finche non sia piú pacifica terra.

Il P. e Antonio Perez s ta nella ci ttà in un altra casa che haviamo et ha cura insegnare la dottrina christiana et di poveri nelli hospitali, et dice messl et confessa, in modo che fa vergogna a tutti noi in esser molto diligente a lavorare nella vigna del Signore et in cercare di patire per amare di Christo.

Nella língua di questo paese siamo alcuni di noi molto rucli, ma il P Navarro ha speciale grazia da Nostra Signore in questa parte, perche andando per questi castelli delli negri in puocchi giorni ehe ci sta sjntende con loro et predica nella medesirna lingua, et finalmente in Cosa pare che N. Signore li presl i la vore et grazia pel poter piú aiutare le anime. Il venerdì, quando facciamo la àdisciphna insieme con molti della terra, ehe doppo la prediea, fatta sopra la Passione di Cbristo, fanno il medesimo, anche lui ci viene; li altri giorni visita hor un luog-o hor u n'altro fuori della Città, Fa etiam a la notte cantare a li putti rene orationi che li na insegnato nella loro linguéi, dandoli essa il tuona, et queste iu loco di eerte canzone lascive et diaboliche ehe usavano prima. Rimettendomi ani Pratelli non scrivero molte cose ehe qua opera Il Signore per mezo suo le quali sono pur assai. Non taeeró già questa eh'io ho veduta.

Un figliuolo dun signore di un castello stando in extremis in modo ehe tutti erano disperati della sua vita, et il padre già lo piangeva vedendo ehe ne medicine, ne incanti de fattuechiari giovaavano, il che sapendo il P. Navarro ando a verlerlo, et trovandoli intorno quelli fattucchiari eomillció a riprenderli et feceli useir fuori, pregando il padre del giovane ehe fusse contento di lasciarlo battezzare, et ehe egli avesse solo speranza in Jesu Christo, il quale poteva sanare il suo figliuolo. Il negro dubitando che il Padre piú presto non lo aiutassi a marire, come li havevano detto quelli incantatori, non ne voleva intendere niente et se ne faceva beffe, et cosi il Padre venne da me a domandarmi se lo poteva batte; zare senza consentimento del padre suo. Et perche os Santo Thomasso dice che non restassimo, che prima singegnassi di fare tanto che consentisse, come fece con molte eshortationi efficacissime, et cosi si battezó et e piacciuto poi al Signore renderii sanità, con molta edificatone delli altri et credito grande del P. Navarro. In modo che tutti quasi si vogliano battezzare et imparano la dottrina christiana; et detto signore con tutto il castello non fa piú che quanto il Padre comanda.

Et perche solevano prima per punco amazzarsi l'un l'altro et usare in cibo la carne humana, trovandone il Padre in qualchecasa, subito si scusano dicendo che

non hanno morto nessuno et massime da ehe detto Padre sta la.

In un altro castello di christiani che noi haviamo battezzati un giorno li gentili mangiorno una gam ba del roo nimico che havevano portato dalla guerra, ma secretamente et senza far festa (come costumavano) perche noi nol sapessimo. Et perche ci si trovà una donna christiana fu molto battuta dal marito, il quale venne da noi a scusarsi con dire che non mangia va carne humana. Per questo fece congregare tu tti li christiani per eshortarli a lasciare al tutto questi costumi tanto bestiali, et perche quella donna molto si vergognava a venirci inanzi, fu gwesto di malta edificatione. Quando sono alcuni amalati ci mandano a chiamare perche li met no tiamo sopra la mano et a q uesto modo molti hanno recuperato la sanità per grazia di Dio, il che molta si augumenta in loro la fede de Christo.

Pe. Leonardo Nunez ha fatto molto frutto in Isleos insieme col Pe. Diego Jacome si in prediche come in insegnare li putti. Il giorno di Tutti i Santi partimo lui et io nella armata che venne a visitare la costa et arrivati a Isleos travamo il P. Diego Jacome amalato di febre, ma pochissimo; di poi rihebbe la sanità per grazia di Dia.

Di li andamo alla garnisone di Porto Sicuro dove habbiamo ritrovato tutto il paese sottosopra per molte inimicitie che ci erano, et ha voluto il Signore fare in tal modo che tiltti conoscessimo che lui venne per mettere la pace in terra, perche mol ti si sono accordati con li adversarii rimettendo ogni injuria. Sono restati li il p.e Leonardo et il p.e Diego Jacome procurando di accrescere il frutto nell'anime cominciato inanzi per alcuni Padri spagnoli (come già scrissi a V. R.).

In S. Vincenzo sono andati 10 o 12 col Pe. Leonardo non potendo andar piu per esser la barca piecola; alla venuta del Governatore anderanno delli altri. In questo rnezo il P. Leonardo farà qualehe frutto, et sappi V. R. che e potente nel predicare, et quando siamo insieme tutti due egli pare il mio Aaron et io Moyse suo.

Diego Jaeome et io restamo in qlesto Porto Sieuro. Lo predieo le domeniehe et teste, egli insegna la dottrina christiana et già li putti sono ben instrutti in essa. Questa festa di Natale haviamo confessato molta gente per grazia del Signore, in modo ehe si fa tu tta via qualche fru tto, anchora che li mei peccati ogni cosa im pediscono.

In questo Porto Sicuro et Isleos ho trllovato una gentilità che e generatione delli Topenichini, fra li quali sono piu popoli delli nostri ehe di gentiJi, quantunche hanno havuto delli christiani molti mali essempii et scandali, et mi pare gente piu domestica che quelli di Baia, et ci si hanno mostrati sempre per amici. Et tra qllesti sono circa 20 o 30 christiani et aleuni che furono battezzati da certi Padri che mando la buona memoria del Re Don Manllele in questo paese, li quali Padri furono amazzati per colpa deJli nostri christiani (secando che ho inteso). Costoro vívano come gentili per mancamento diehi mostri loro la verità, benche ale uni vengano a messa nella pieve. Sada neçessario ehe qua fossino alcuni Fratm pel aluto delli christiani et anche pel eonvertire delli gentili.

Io ho visitato alcuni castelli de loro et truovo in essi buoni desiderii di conoseere la verità, et facevano instantia chia vivessi fra loro. Et benche sia difficile far lasciare alli piu vecchi malte male usanze, nelli putti si puo sperare molto frutto, perche non contradicono quasi in niente alla nostra legge, et cosi mi par che Sla aperta la porta pel aiutare molta le anime in questo paese, anchorche quelli, qui dicunt bonum malu m et malum bonum, sentona il contrario, perche non hanno fatto resistentia, ne mazzati quelli ehe volevano farH cristiani et si lassano tirare alla fede quantunche non Slano invitati dalli christiani che qua vengo con esempio ne parole alla cognitione di Dio, ma piu presto li chi a m ano cani et li fanno ogni ale.

Et tutta la loro intentione e eli gabbarli et di gabbarli, et permettano che vi vino

come gentili senza cognitione della legge, et hanno fatto molti insulti et assassinamenti, In modo che quanto piú mal fanno videntur obsequium se prestare Deo. Et cosi il zelo et carità verso le anime ehe tanto ama il N Signore al tutto e perso in questo paese, et di questo viene il puoco credito che hanno li christiani appresso li gentili, li quali adesso non li stlmano punto, an li vituperano dove prima li chiallavano santi et tenevano in molta veneratiane; et pero ogni cosa Che se gli dice adesso credona che sia bugiaa et inganni et pigliano in mala parte.

Questi et altri grandi mali fecero li cbristiani col malo essemplio di vi ta et puoca verità nelle parole et nuove crudelità et abhominations nelle opere. Li gentili desiderano molto la camunicatione delli christiani per la rnercantia che fanno insieme del ferro et da questo naseono tante cose illicite et esorbitanti che non le potrei !Dai scrivere et ne sento non pnoco dolore nell'anima considerando in quanta ignorantia vivono questi poveri gentili, et altra di questa che quelli che domandano il pane nan habbino qui irangat eis. Diro a V. R. una cosa piú presto da Diangere che da scrivere.

Un religioso sacerdote spinto dal demonio condusse un giorno un Principale di un castello al suo ad versaria per iarlo amazzare et mangiare. Il che non valendo far detto adversario, con dire per tal effetto voleva pigliare iu guerra et non per inganno, quel sacerdote eominció a incitarlo chiamandolo vile et pusillanime che non amazzava il suo inimico, tanto ehe lo feee et lo mangió, senza altra utilità di quel religioso, salvo ehe hebbe non so che puoca di robba. Di simili casi ne accadeno molto spesso et per ciò dico che quanto siamo piú lontani da vecchi christiani che qui sono, tanto piu si farà irutto.

Sono arrívatí qua due Padri di Santo Antonio li quali stettero alcuni mesi in questo Porto Sicuro, et hanno lassato molto buono essemplio di se et gran nome per le sue virtu, et erano italiani. Ma volendo passare piú oltra alli gentili, desiderosi di patire per la fede, qui appresso lo miglia si affogó uno in un fiume (il quale ho passa to io ac1esso con assai puoco perieolo) et per questo l'altro e tornato a cercare un compagno. Pare che N. Signore con q uesti segni chiama noi anchora a tal'impresa. ALui piaccia darei le forze et la grazia di servirlo in ogni lu oco.

Visitando ia questi castelli truovai un putto di 3 o 4 anni ehe certi volevano amazzare et mangiare havendolo tolto alli suoi adversarii. Cosa veramente di gran compassione, et e tanto difiicile a iare il riscatto [a] questa generatione de Topenichini che non si potria mai pensare, in modo che non haviamo mai potuto rihaverlo, ma si bene per grazia di Dio operai di sorte che feci battezzare insieme con altri che haveva in pregione per il medesimo effetto.

Visitando li popoli vicini a questa terra ho confessato molti et si e fatto frutto lasCíando molti o maritandosi con la concu bina et lasciando molti peccati, benche di questi ce ne sono molti di christiani che stanno qui in Brasil quali tengono non solarnente una concubina ma malte in casa, facendo' battezzare malte schiave sotto pretesto di buon zelo et per farsele amiche a mal fine, persuadendosi per ciò che non sia peccato, et insieme con q uesti ci sono alcuni religiosi che qui erano nel medesimo errare, di modo che potiamo dire: Omnes commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum.

Molti christiani per essere poveri si sono mario tati con le donne negre deíla terra, ma altri assai ne ritorneranno nel regno nostro li volendo noi assolvere, benche qui habbino fig-liuoli, per essere maritati in Portugallo, ânzí nelle prediche molto li reprendiaro. Se il Re determina di accrescere il popolo in queste terre, e necessario ehe venghino molte donne orphane et d'ogni sorte ancorche siano meretrici, essendo anche qua varie sorte di huomini, perche li buoni et ricchi mariteranno le orfane, et in

questo modo si eviteranno li peccati et crescerà la moltitudine in servitio di Dio.

In questo paese tutti li huomini o la maggior parte hanno la conscienzacarica per causa delli schiavi che tengono contra ragione, oltra che molti ehe erano riscattati da suoi parenti non si rilassano, ma tuttavia restano schiavi per li inganni che usano quelli che permettono di liberarli, et perciò pochi si trovano che si possino assolvere non volendo astenersi dal peccato ne di vendere li parenti ancorche io molta di questo li riprenda, dicendo che il padre non può vendere il figliuolo salvo che in estrema necessità, come permettono le leggi imperiali, et in questo caso ho contrario tutto il populo et etiam li confessori di qua, et così Sathanasso tiene al tutto ligate le anime in questo modo, et è molto difficile levare questo abuso perche li huomini che di qua vengono nou hanno altra vita che di schiavi, quali pescano et cercano il vitto, tanto signoreggia qua la pigrizia et sono dediti alle cose sensuali et vitii diversi, ne si curano di stare scomunicati tenendo detti schiavi. Perché li sacerdoti di qua non ne fanno scrupolo alcuno, il miglior rimedio per questo saria che il Re mandassi inquisitori et commissarii per fare liberare li schiavi, al meno quelli che sono rubati et farli stare fra li christiani perche lassino li mali costumi di gentili già battezzati, et che la nostra Compagnia ha vessa cura di loro ammastrandoli nella fede, nella quale puoco o niente possono imparare in casa delli padroni, anzi vivono come li gentili senza cognitione alcuna di Dio, et con li tali potremo noi principiare la Chiesa del Signore nelle città grosse dove si manterebbono et viverebbono appresso di noi da christiani. V. R. facci raccomandare questa cosa a Iddio dalli Padri et Fratelli, operando etiam con S. A. ehe ci metta qualche ordine conveniente.

Sarebbe ancora molto a proposito et de grande utilità havere licentia dalla Sede Apostolica di fare compositioni et altre cose necessarie sopra la restitutione di detti schiavi bati, perche sono già passati in tertii delli suoi debiti et altre cose injuste clove non si può restituire alli padroni istessi et simili cose che ogni giorno accadeno per li quali saria molto spedito ehe noi havessimo la facultà della Sede Apostolica per assolvere et per consolare molte anime et massime non ci essendo Cjua vescovo o vicario generale benche haviamo speranza che presto ci sarà. Voglia Iddio ehe ci venga di tale edificatione che si possa dire di lui perepiscopatum bonum opus desiderat, id est bonum onus, et non per farsi ricca perche la terra è povera, ma per cercare le peccorelle perse del grege di Jesu Christo. Et anchora molti danno qua Cjui nondum sunt eius ovili, tamen oportet illas adducere ut sit unum pastor et unum ovile., et recum bant cum Abraham, Isaac et Jacob in regno caelorum, si quidem multi filii regni se indignos faciunt. Et se pur per li mei peccati non si potrà introdurre in questo paese ju titia ecclesiastica, dovrebbe al meno S. A. provvedere a questi concubinari sotto quelle pene ehe bisognassino, et questo si farebbe con più ragione come ho detto mandando qua donne, et non si darebbe tanto male essempio alli gentili ehe vedeno queste cose.

Qua habbiamo ricevuto ogni cosa secondo ci havete scritto, cioe due casse con libri et ornamenti per le Chiese quali molto erano necessari perche con l'aiuto del Signore si faranno delle Chiese in molti luoghi. Vorremo che si mandasse anchora alcune campane grosse et piccole, et similmente di calici ancorche siano di metallo nou si potendo più et tutto quello che bisogna per le messe, come vino et farina, ma soprattutto molti Fratelli a piantare questa nuova vigna del Signore.

Aspettiamo etiam risposta da V. R. per comandare il Collegio del Salvatore in Baia nel quale non ci andrà tanta spesa come pensate, ma con scudi si potranno fare stantie di terra ehe bastino in questo principio. Li scolari con puoco si manteranno. Si potrà anche far di pietra si parà a V. R. perche ci sarà della calcina

molta buona.

Alcuni Padri di qua mi hanno dimandato che facultá haviam o di confessare et assol vere et perà bisognel'ia poterli mostrare. V. R. veda di farlo per li primi che veranno qua interponendoci la auctorità del Legato o di qualsivoglia amo purché l'accino fede.

Questa terra (come ho già scritta a V, R.) e molto sana per habitare et così confermo adesso dieendo che mi pare la migliore che si possa trovare, percioche da che siamo qua non ho inteso che sia morto nissuno di febbre, ma solamente per vecchiezza et molti per mal francese o per hidropesia. L'acqua per esser li nutdmenti humidi e molto bona. La terra naturalmente e calda et humida, pel' star piú sano bisogna affaticarsi et sudare come fa il Padre Navarro. Tutti li cibi generalmente sono duri a smaltire, ma Dio ha provisto d'un'herba, il fumo deUa quale molto giova alla digestione et ad altri dolo ri eorporali et a purgare la flegma del stamaco. Nou e già alellno di nostri Fratelli ehe la usi, come anehe nou fanno altri christiani, per non ci conformare con li infideli li quali molto la stimano. Io ne haverei bisogno per la humidità et catarro mio, ma me ne astengo volendo non quod mihi utile est sed quod multis ut salvi fiant.

Finadesso li mercanti et forestieri nou hanno fatto facende temendo de non essere saccheggiati dalli gentili. Si vien gente che tenga sicura la terra ho speranza in Jesu Christo che se ne faranno molte, et non manco frutto in servitio di Dio nelli gentili li quali si battezeranno.

Dicono che qua si trova gran quantità de oro, ma per le puoche forze di christiani non si seuopre, et similmente piene preciose. Piaccia a Dia che il vero thesoro et le vere gioie, cioe le anime sue che sono nelle tenebrecomincino a vedere la luce, come speriamo ehe sarà mediante la sua misericordia.

Li nostri Fratelli stanno tutti sani. Due che ho aceettati in questo Porto Sieuro sono andati in Baia et sono di molte bone qualità. Voglia Iddio N. Signon e che qua venghino molti Fratelli a piantare questa sua vigna et a noi in tanto ci dia grazia abundante et forze per servire Maiestà. Et senza dir altro per adesso dimandando la benedittione di V. R. ci raccomandiamo nelle orationi de tutti li Padri et Fratelli nostri charissimi in Tesu Christo.

Anexo F: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa

Pernambuco 11 de Agosto de 1551

En estas partes despues que acá estamos, charísimos Padres y Hermanos, se a hecho mucho fruto. Los gentiles, que parece que ponían la bienaventurança en matar sus contrarias y comer carne humana, y tener mugeres, se van mucho emendando, y todo nuestro trabajo consiste en los apartar desto. Porque todo lo demás es facil, pues no tienen ídolos, aunque ay entre ellos algunos, que se hazen santos y les prometen salud y victoria contra sus enemigos. Con quantos gentiles tengo hablado en esta costa, en ninguna halle repugancia a lo que le dezía: todos quieren y dessean ser christianos, pelo dexar sus custumbres les parece áspero, van con todo poco a poco cayendo en la verdad. Assí las esclavos de los christianos, y los mismos christianos, mucho se tienen emendado, y cierto que las Capitanías que tenemos visitado tienen tanta diferencia de lo que dantes estavan assí en el conocimiento de Dios como en obrar la virtud, que parece una religión. Házense muchos casamientos entre los gentiles, los quales eu la Baya están junto a la

ciudad, y tienen su iglesia cabe una casa, a donde nos recogemos, en la qual reside aora el P. Navarro. Estos determinamos tomar por media de otros muchos, las quales esperamos con la ayuda del Señor hazer ehristianos. También procuramos de aver casamientos entre ellos y las christianos.

Nuestro Señor se sirva de todo, y nos ayude con su gracia; aunque trabajemos que todos vengan a conocimiento de nuestra fe, y a todos la enseñemos, que la quieren oyr, y della se aprovechar, principalmente pretendemos de enseñar bien los moços. Porque estas bien doctrinados y acustum brados en virtud, serán firmes y constantes, las quales sus padres dexan enseñar, y huelgan con essa. Y portanto nos repartimos por las Capitanías, y con las lenguas que nos acompañan nos ocupamos en esto, aprendiendo poco a poco la lengua, para que entremos por el sertón adentro, adonde aún no han llegado las christianos. Y tengo sabido de un hombre gentil que está en esta tierra, que biven en obediencia de quien los rige, y no comen carne humana. Andan vestidos de pie1es. Lo qual todo es una disposición para más facilmente se convertir y sustentar. Esto será lo primero que acometeremos, como V. R. mandare q uien sustente est'otras partes, en las quales por cada una de las Capitanías tengo ordenado hazerse casas para recoger y enseñar los moços de los gentiles, y tam bién de las christianos; y para en ellas recogermos algunas lenguas para este effecto. Los ninos huérfanos que nos embieron de Lisboa con sus cantares atraen a si los hijos de las gentiles y edifican mucho las christianos.

En esta Capitanía de Pernambuco donde agora estoy, tengo esperança que se hará mucho provecho, porque, como es poblada de mucha gente, ay grandes males y pecados en eHa. Andan muchos hijos de las christianos por el sertón perdidos entre las gentiles y, siendo christianos, biven en sus bestia1es custumbres. Espero en nuestro Señor de tornarias a todos a la virtud christiana, y sacarlos de la vida y custumbre gentilica, y el primo que tengo sacado es esse que allá embio, para que si hallaren su padre se lo den. Los gentiles aqui vienen de muy lexos a vernos por la fama, y todos muestran grandes desseos. Es mucho para holgar de los ver en la doctrina, y no contentos con la general, siempre nos están picliendo en casa que los ensncmos, y muchos dellos con lagrimas en los ojos. Escreviéronme agora de la Baya que a la partida se avíanperdido dos barcos de Indios que yvan a pescar, en los quales yvan muchos assí de los que eran ya christianos, como de los gentiles, y l'aconteció que todos los gentiles murieron, y escaparon los christianos todos, hasta los ninos que lleva van consigo. Parece que l'nuestro Señor haze todo esto, para más augmentar su santa fe.

El Governador determina de yr presto a correr esta costa, y yo yré con él, y de los Padres que V. R. em biare, levaré algunos conmigo para dexar las Capitanías proveydas. El Rey nuestro señor escrevió al Governador que le escreviesse se a vía ya Padres en todas, las quales sin quedar ninguna tenemos visitadas, y en todas estan Padres si no en esta, en que al presente estoy llamada de Pernambuco, que es la principal y mas poblada, y donde mas abierta esta la puerta, a la qual hast'aquí no avíamos venido por falta d'embarcación, y por sermos pocos.

Los clérigos desta tierra tienen más officio de demonios, que de clérigos: porque allende de su mal exemplo y custumbres, quieren contrariar a la doctrina de Christo, y dizen publicamente a los hombres que les es lícito estar en pecado con sus negras, pues que son sus cativas, y que pueden tener los salteados, pues que son canes, y otras cosas semejantes, por excusar sus pecados y abominaciones. De manera que ningún demonio tenemos acá que nos persiga sino estos. Quiérennas mal, porque les somos contrarios a sus malos custumbres, y no puedell sufrir que

digamos las misas debalde en detrimento de su interesse. Pienso que si no fuera por el favor que tenemos del Governador y principales de la tierra, y ansí porque Dios no lo quiere permitir, que nos ovieran ya quitado las vidas. Esperamos que venga el Obispo, que provea esto con temor, pues nosotros no podemos por amor.

La casa de la Baya que hizimos para recoger y enseñar los moços va muy a delante, sin el Rey ayudar a ninguna cosa, solamente con las limosnas del Governador, y de otros hom bres virtuosos. Quísonos el Senor deparar un official pectrero, y este la va haziendo poco a poco, el qual uni mancebo desterrado por onze anos por un desastre que le aconteció en muerte de um hombre. Tiene cumplido un ano y fáltame diez. Ase concertado conmigo de servir a efJta casa cinco anos con su o fficio y que de las atos cinco le alcancemos dei Rey perdón. No tiene parte que lo acuse. Hizolo assí por consejo del Governador, y porque me a prometido que lo alcançará de Su Alteza, quando V. A. eu essa no quisiere hablar. Tiene ya hecho grande parte; tiene también cercadas las casas de una tapia muy iuerte. Christo nuestra Senor nos cerque consagrada en esta vida, para que en la otra seamos recebidos en su gloria.

Anexo G: Aos Padres e Irmãos de Coimbra

Pernambuco, 13 de Setembro de 1551

Porque me quero consolar screvendo-vos, charissimos Irmãos, screvo esta e não por ter novas que vos escrever, porque vossos Irmãos que cá estão tem esse cuidado. De cá vos estou contemplando e pollos cubiculos visitando e com ho coração amando, e somente em os ceos vos desejo ver e lá vos aguardar. E isto porque o Senhor Jesu Christo hé bom e vós, Charissimos, muytas vezes lhe rogaes por mim: porque, segundo crecem meus peccados e descuidos, já tudo se perdera se tantos Moisés não tiverão de continuo cuidado de mym.

Averá hum mes pouco mais ou menos que chegamos a esta Capitania de Pernambuco ho Pe. Antonio Pirez e eu, a qual nos faltava por visitar e tinha mais necessidade que nenhuma outra, por ser povoada de muito e ter os peccados muy arraigados e velhos.

Hé feito muyto fruito, gloria ao Senhor, por meo destes dous pobres, ou, por melhor dizer, por meo de vossas orações e polla fama da Companhia, a qual hé cá tida em muyta veneração. Em somente verem que somos membros della (posto que eu podre e prou vesse a N. Senhor que não cortado) isto faz em todos abalo a emendar-se de suas vidas. Os mais aqui têm indias de muyto tempo, de que têm filhos, e têm por grande infamia casarem com ellas. Agora se vão casando e tomando viela de bom stado. São feitas muytas amizades porque esta Capitania estava em bandos com hos principaes da terra e os fizemos amigos a porta da igreja com que já todos [estão] em paz. Avia muitas moças filhas de christãos [dadas à soldada a solteiros, com que publicamente peccavão] e davallhas a justiça. Fi-las ajuntar em casa de [casados virtuosos e agora se vão casando e amparando. Pollo sertão há muytos [assim] machos [como] femeas e algumas já molheres, filhos de brancos. Damos ordem a se tirarem todos e já são fora alguns, dos quaes já lá mandei hum mancebo, que estava perdido e comia carne humana como ho gentio, pera lá servir e ter alguma notitia da christandade.

Avia cá muy pouco cuidado de salvar almas: os sacerdotes que cá avia estavam todos nos mesmos peccados dos leigos e os demais irregulares, outros

apostatas e excomungados. Alguns conhecerão seu peccado e principalmente hum pediu perdão a todo o povo com muyta edificação. Alguns que forão [contumaces] não dizern missa e andão como encartados sem apparecerem, por seus erros serem muy publicos e escandalosos; os outros nos amão muyto. Estavão os homens cá em huma grande abusão, que não comungavão quasi todos por estarem amancebados, e todavia os absolvião sacramentalmente, de maneira que pollas Constituições ficavão excommungados, e homens que avia XX annos que estavão nesta terra sem commungarem! Tudo se vay remediando como N. Senhor insina.

As indias forras, que há muyto que andão com os christãos em peccado, trabalhamos por remediar por nom se irem ao sertão lá que são christãs, e lhes ordenamos huma casar à custa dos que as tinhão pera nella as recolher e dali casarão com alguns homens trabalhadores pouco a pouco. Todas andão com grande fervor e querem emendar-se de seus peccados e se confessão já as mais entendidas e sabem[-se] muy bem accusar. Com se ganharem estas se ganha muyto, porque são mais de soa nesta povoação, afora muytas outras que estão pollas outras povoações, e accarretão outras do sertão asi já christãs como ainda gentias. Algumas destas mais antigas pregão às outras. Temos feito huma delas meirlnha, a qual hé tam diligente em chamar à doutrina, que hé para louvar a N. Senhor. Estas, depois de mais arraigadas no amor e conhecimento de Deus, ey-de ordenar que vão pregar pol1as Aldeias de seus parentes, e certo que em algumas vejo claramente obrar a virtude (do Altissimo). Ganhamos tambem que estas nos trarão meninos do gentio para insinarmos e [criarmos] em huma casa que para isso se ordena, [e já se faz, e trabalha] nella com muyta pressa e fervor todo ho povo asi homens como mulheres. Muytos casamentos tenho acertado com estas forras. Quererá N. Senhor por esta via acrecentar sua fee catholica e povoar esta terra em [seu temor: e s]erá facil cousa [casar todas, porque como os] não absolverem e lhes mandarem tomar stacio, am-se de casar como poderem hos homens, como a experiencia das outras Capitancias nos tem insinado, onde se casarão todas quantas negras forras avia entre christãos. Há cá muyta somma de casados em Portugal que vivem cá em gr[aves peccados: a huns fazemos] ir, outros mandão buscar suas mulheres.

Porem [de tudo o que me alegra mais o] spiritu hé ver por experiencia o fruto que se faz nos escravos dos christãos, os quaes com grande descuido de seus senhores vivião gentilicamente e em graves peccados. Agora ou vem missa cada domingo e festa, e tem doutrina e pregação na sua língua às tardes. Andão taes, que asi festas como polla somana o tempo que podem furtar vem a que lhes insinemos as orações, e muytos antes de irem pescar ou a seus trabalhos am-de ir rezar à ygreja e o mesmo da tornada antes que entrem em casa. E destes hé a multidão tanta que nom cabem na igreja, e muytas vezes hé necessario fazerem duas esquipações deles, de maneira que asi nós como os meninos orfãos hé necessario o mais do tempo gastá-lo com elles.

Os que estão amancebados com suas mesmas escravas, fazemos que casem com ellas e, por ser costume novo a seus senhores, am medo que casando lhes fiquem forras, e não lho podemos tirar da cabeça. Isto hé cousa muy proveitosa para estas partes, e para São Thomé e outras partes onde há fazendas de muytos escravos. Devia El--Rey de mandar desenganar aos senhores, que nom fiquão forros, porque isto arreceão; que doutra maneira todos os casarião.

Destes escravos e das pregações corre a fama às Aldeas dos Negros, de maneira que vem a nós de muy longe a ou vir nossa pratica. Dizemos-lhes que por

seu respeito principalmente viemos a esta terra e não por os brancos. Mostrão grande vontade e desejos de os conversarmos e insinarmos. Muy facil causa hé serem todos christãos se ouver muytos obreiros que os conservem em bons costumes, porque doutra maneira far-se-á grande injuria ao sacramento.

Vinde, charissimos Irmãos, ou choray tanto que N. Senhor vo-lo outorgue. Em todas as Capitánias se ordenão casas para os filhos do gentio se insinarem, de que se cree resultar grande fruto e para mais em breve o Senhor ajuntar seus escolhidos que nesta gentilidade tem. Eu prego domingos e festas duas vezes a toda a gente da Villa, que hé muyta, e às sextas-feiras tem pratica com disciplina com que se muyto aproveitão todos. Vão-se confessando e juntamente fazendo penitencia; asi em brancos como nos Indios há grande fervor e devoção. Ho Capitão desta Capitania e [sua molher são] muy virtuosos e somente por ignorantia se deixavão de fazer muytas causas do serviço de N. Senhor; muyto nos favorecem e ajudão em tudo.

Isto vos quis escrever asi em breve para que vejaes, Charissimos, quanta necessidade cá temos de vossas orações. Non solum vobis nati estis: hum corpo somos em Jesu Christo, se lá não sustentardes este vosso membro perecerá.

Com as novas e cartas que recebemos nos alegamos muyto no Senhor. Queira elle sempre augmentar o fervor com que se obra, pois hé por seu amor. Grande cousa hé a India e o fruto della, e eu em muyto tenho tam bem o que se cá fará, se vós vierdes, Charissimos. Lá converter-se-ão muytos reynos e quá salvar-se-ão muytas almas, e das mais perdidas que Deus tem em todas as gerações. Até agora pouco podemos con versar ho gentio, porque os christãos esta vão taes que nos occupão muyto suas confissões e negocios com elles. Das outras partes creo que vos terão scripto os Irmãos. Valete, mi Fratres.

Anexo H: A D. João III, Rei de Portugal

Olinda [Pemambuco] 14 de Setembro ele 1551

+

Jesus

Ha graça e amor de Christo Noso Senhor seja com V. Alteza sempre. Amen.

Logo que a esta Capitania de Duarte Coelho achegamos outro Padre e eu, escrevi a V. A. dando-lhe alguma em formação das coussas desta terra, e por ser novo nesta Capitania e nam ter tanta experiencia dela me ficaram por escrever algumas coussas que nesta suprirei.

Nesta Capitania se vivia muito seguramente nos peccados de todo ho genero e tinhão ho pecar por lei e costume, hos mais ou quasi todos nam comungavão nunca e ha absolvição sacramental ha recebiam perseverando em seus peccados. Hos eclesiasticos que achei, que são cinco ou seis, viviam a mesma vida e com mais escandalo, e alguns apostatas; e por todos asi viverem nam se estranha pecar. Ha ignorancia elas causas de nosa fé catholica hé quá muita e parece-lhes novidade ha pregação delas. Quasi todos tem negras forras do gentio e quando querem se vão pera os seus. Fazem-se grandes injurias aos sacramentos que quá se ministrão. Ho sertão está cheo de filhos de christãos grandes e pequenos, machos e femeas, com viverem e se criarem nos costumes do gentio. Avia grandes odios e bandos. Has causas da Igreja mui mal regidas, e as da justiça polo conseginte, finalmente commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum.

Começamos com ha ajuda de Noso Senhor a emtender em todas estas cousas e faz-se muito fructo, e já se evitão muitos peccados de todo ho genero. Van-se confessando e emendando, e todos querem mudar seu mao estado e vestir a Jesu Christo Noso Senhor. Os que estavam em adio se recon[cij]liarão com muito amor. Vam-se ajuntando os filhos dos christãos que andão perdidos pollo sertão, e já são tirados alguns e espero no Senhor que os tiraremos todos. E posto que por todas as outras Capitánias ouvesse os mesmos peccados, e porém nam tão areigados como nesta; e deve ser ha causa porque forão já mui castigadas de Nosso Senhor e pecavão mais a medo, e esta não.

Duarte Coelho e sua molher sam tam vertuosos, quanto hé ha fama que tem, e certo creio que por elles nam castigou a justiça do Altissimo tantos males até agora. E porém hé já velho e falta-lhe muito pera ho boom regimento da justiça, e por iso ha jurisdicção de toda ha costa devia de ser de V. A..

Com os escravos que são muitos se faz multo fructo, os quais viviam como gentios sem terem mais que serem bautizados com pouqua reverencia do sacramento. Das pregações e douctrina que lhes fazem corre ha fama ha todo ho gentio da terra e muitos nos vem ver e ouvir ho que de Christo lhe dizemos e, segundo ho fervor e vontade que trazem, parecem dizer ho que outros gentios deziã ha São Felipe: «VolumuS lesum videre». Esperam-nos em suas Aldeas e prometem fazerem quanto lhe dissermos. Este gentio está mui aparelhado a se nele fructificar por estar já mais domestico e ter ha terra capitão que nam consentia fazerem-lhe agravos como nas outras partes. Ho converter todo este gentio hé mui facil causa, mas ho sustentá-la em boons costumes nam pode ser senam com multas obreiros, porque em causa nenhuma crem, e estão papel branco pera nelles escrever hà vontade, se com exemplo e continua conversação os sustentarem. Eu, quando vejo os poucos que somos e que nem pera acudir aos christãos abastamos, e vejo perder meus proximos e criaturas do Senhor hà mingoa, tomo por rernedio clamar ao Criador de todos e a V. A. que mandem obreiros, e a meus Padres e Irmãos que venhão.

Damos ordem a que se faça huma casa pera recolher todas as moças e molheres do gentio da terra que há muitos annos que vivem antre os christãos, e sam christãs e tem filhos dos homeins branquos; e os mesmos homeins que as tinhão ordenão esta casa, porque ali douctrinadas e governadas por algumas velhas delas mesmas, pollo tempo em diante muitas casarão e ao menos vivirão com menos occasiom de peccados; e heste hê ho milhar meio que nos pareceo por se nam tornarem ao gentio. Antre estas há muitas de muito conhecimento, e se confissão e sabem bem conhecer os peccados em que viverão; e as que mais fervor tem pregão às outras. E asi destas como dos escravos somos importunados de contino pera os ensinar, de maneira que asi os meninos orfãos, que connosco temos, como nós, ho principal exercicio hé ensiná-las. Com estas forras se ganharão muitas já christãs que pao sertão andão, e asi muitos meninos seus parentes do gentio, pera em nosa casa se emsinarem, alem de outros muitos proveitos que disto hà gloria de Noso Senhor resultarã[o]; e ha terra se povoará em temor e conhecimento do Criador.

Por toda esta costa há muitos homens casados em Portugal e vivem guá em graves peccados com muito perjuizo de suas molheres e filhos, Devia V. A. mandar aos capitães que nisto tenham muito cuidado.

Nestas partes há muitos escravos e todos vivem em peccado com outras escravas. Alguns dos tais fazemos casar, outros areceam fiquarem seus escravos forros e não ousão ha casá-los. Seria serviço de Noso Senhor mandar V. A. huma

provisão em que declare nam fiquarem forros casando, e ho mesmo se devia prover em Santo Thomé e outras partes omde há fazendas com muitos escravos. Com a vinda do Bispo ho esperavamos remedear e agora me parece ser necessario V. A. prover niso por se evitarem grandes peccados.

Os moradores destas Capitánias ajudão com ho que podem ha fazerem-se estas casas pera os meninos do gentio se criarem nelas, e será grande meio e breve pera há conversão do gentio.

Ho Colegio da Baiia seja de V. A. pera o favorecer, porque está já bem principiado e averá nelle vinte. no meninos pouquo mais ou menos. E mande ao Governador que faça casas pera os meninos porque as que tem sam feitas por nosas mãos e são de pouqua dura, e mande dar alguns escravos de Guiné hà casa pera fazerem mantimentos, porque a terra hê tam fertil, que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos, se tiverem alguns escravos q ue fação roças de mantimentos e algodoais; e pera nós nam hé necessario nada, porque ha terra hé tal que hum soo morador hé poderoso ha manter a hum de nós.

Pera as outras Capitánias mande V. A. molheres orfãas porque todas casarão. Nesta nam são necessarias por agora por a verem muitas filhas de homeins brancos e de indias da terra, as quais todas agora casarão com ha ajuda do Senhor; e, se nam casavam dantes, era porque consentiam viver os homeins em seus peccados livremente, e por iso nam se curavão tanto de casar e alguns deziã que nam pecavão, porque ho Arcebispo do Funchal lhes dava licença.

Ho governador Thomé de Sousa me pedio hum Padre pera ir com certa gente que V. A. manda a descobrir ouro. Eu lho prometi porque também nos releva descobri-la pera ho tisouro de Jesu Christo Noso Senhor, e ser causa de que tanto proveito resultará hà gloria do mesmo Senhor e bem a todo ho Reino e consolação a V. A. E porque há muitas novas delle e parecem certas, parece-me que irão.

Seja isto tambem em hajuda pera V. A. mandar Padres, porque qualquer que for fará muita falta no começado, se nam vierem Padres pera o sustentar. E, porque por outra tenho dado mais larga conta, e com ha vinda do Bispo que esperamos, a quem tenho escripto ho mais, aguardamos ser soccorridos, cesso, pedindo a Noso Senhor lhe dê sempre a conhecer sua vontade santa pera que comprindo-a seja augmentada sua fé catholica pera gloria do nome santo de Jesu Christo Noso Senhor, qui est benedictus in secula.

Anexo I: A D. João III, Rei de Portugal

[Baía princípios de Julho de 1552]

Jesus

Nosso Senhor Jesu Christo dê muita graça e consolação a V. A. sempre. Amen.

De Pernanbuquo escrevi a V. A. mais largo do que agora farei, porque de Há não avia tantos que informacem da terra a V. A. como á de quá. Ho Bispo nos trouxe Nosso Senhor tão desejado de todos, posto que com muitos trabalhos e prolixa viagem, hapesar do principe das escoridades que bem quizera estorvar sua vinda pois com ella eiicientur foras, e daram muitas almas gloria ao Senhor.

Ja que escrevi a V. A. ha falta que nesta terra há de molheres com que os homens casem e vivão em serviço de N. Senhor apartados dos peccados em que agora vivem, mande V. A. muitas orfãas e, se não ouver muitas, venhão de mestura

dellas, e quaisquer porque são tão desejadas as molheres brancas quá, que quaisquer farão quá muito bem à terra, e ellas se ganharão e os homens de quá apartar-se-ão do pecado.

Esta terra hé tão pobre ainda agora, que dará muito desgosto aos officiaes de V. A., que lá tem, com verem muito gasto e pouquo proveito ir de quá, maiormente haqueles que desejão mais irem de quá muitos na vios carregados de ouro, que pera o ceo muitas almas pera Christo, se se não remedear em parte com V. A. mandar moradores que rompão e queirão bem à terra, e con tirar officiaes tantos e de tantos ordenados, os quais não querem mais que acabar seu tempo e ganhar seus ordenados, e terem alguma auzão de irem inportunar a V. A. E como este hé seu fim principal, não querem bem à terra, pois tem sua afeição em Portugal, nem trabalhão tanto pella favorecer como por se aproveitarem de qualquer maneira que poderem. Isto hé o geral, posto que antre elles averá alguns fora desta regra.

Acresenta[m]-se agora gastos de Bispo e Cabido, o que a terra neste principio não poderá sustentar, juntamente com os officiaes. Abastava quá hum governador com hum ouvidor geral sem asinaturas pera não aver muitas demandas e pouquo mais, pera tudo ho que ao presente na terra há por fazer, porque não sei que parece aver officiaes de dozentos mil reis, com fazerem pouquo mais de nada, dos dizimas da Igreja, e os Padres morrerem de fome com rezarem todo o dia. Ho mais do que aproveitarão até agora foi de representarem gente, elles e seus criados, ho qual bem se escuzará se vie[e]rem moradores. Algumas vezes cuidoo quão bem empregada seria, antretanto que a terra [não] ajuda mais, dar V. A. huma igreja ao Bispo e Cabido, elo Mestrado de Christo ou Santiago, pois hé tanto pera serviço do mesmo Christo.

Temos por nova que manda V. A. ir pera ho anno ha Thomé de Sousa. Obriga-me Nosso Senhor a dizer ho muito que temo vir outro que destrua isso pouquo que está feito, e que favoreça mais os peccados [e] vicios que este, e que queira hir aproveitado à custa da terra. Sei que folgara muito de vi ver nesta terra se q uá tivesse sua molher, ainda que não fosse governador, se huma filha que tem a tivesse casada. Isto tudo não sei como possa ser; os meus desejos em Nosso Senhor são que ou elle se não vaa, ou façam lá outro por elle, porque o maior mal que lhe achamos hé ser mais amigo da fazenda, hum pouco, de V. A., do que deve. Ao menos alembro a V. A. que não mande a esta terra governador solteiro, nem mancebo, se ha não quer ver de todo destruida, e grande bem seria se fosse casado e viesse com sua molher.

Pera daremos principio e fundamento a estas casas das Capitánias que comessamos a ffundar, não somos já idos a descobrir ha terra, segundo as novas que temos, posto que com todos meus Irmãos muito ho, desejamos já, e certo que o espirito do Senhor nos compele e força já muito. Mande V. A. muitos da Companhia que sustentem este pouquo que está ganhado, pera que nós possamos ir buscar tisouro d'almas pera N. Senhor e descobrir proveito pera este Reino e Rei, que tão bem o sabe gastar em serviço e gloria do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

As mais novas da terra averá muitos que as dirão a V. A. Ho que me a mi ocorre pera dizer hé que vai tudo en crescimento, as si no espiritual como no temporal. Alguns se fazem christãos despois de muito provados, e vai-sse pondo em costume de, ou serem boons christãos, ou apartarem-se de todo da nossa converçação. E os que se agora bautizão os apartamos em huma Aldea, onde estão os christãos, e tem huma igreja e casa nossa, onde os emsinão, porque não nos parece bem bautizar muitos em multidão, porque a esperientia ensina que poucos vem a lume, e hê maior condenação sua e pouca reverentia do sacramento do bautismo.

Ho temporal tãobem vai ea crescimento posto que devagar, porque V. A. não manda moradores que aproveitem à terra. Pera mi tenho por averiguado que, se vierem moradores, que este gentio se senhareará facilmente, e serão todos christãos se, vindo elles, se defender resgatar com os gentios, permitindo-se somente resgatar com os christãos e cathecuminos que viverem apartados dos outros, debaixo da obediencia de hum pai que os reja, e de hum Padre nosso que os doutrine: e desta opinião acho quá a todos os que da terra mais sabem, porque gente que não tem Deus por quem morrão e tem tanta necessidade do resgate, sem o qual não terào vida, ainda que muito a seu salvo nos podessem botar da terra não lhes com vinha, e se os obrigarem a serem christãos pera poderem resgatar, facilmente o farão, e já agora o farião se lho defendessem. E porem a necessidade que temos delles e de seu serviço e mantimentos ho nam permite, e se vierem moradores que Tampão ha terra, escusar-se há o trato com elles e ha terra de todo se asegurarà.

Ha terra recebe muito bem ao Bispo e já se comessa de ver a olho ho fructo, o qual esperamos que cada ves mais irá en crescimento, porque da primeira pregação que fez já cada hum começa a cobrir e dar rapas a seus escravos e vem vestidos à igreja. O que fas ha authoridade e magestade de hum Bispo! Espero no Senhor que com sua vinda e doctrina se faça nesta terra hum boom povo christão, favoreça V. A. de lá e não abastem friezas e desgostos de estorvadores ha estorvarem ho sancto zelo e preposito de aumentar a ffee chatolica que Deus N. S. tem dado a V. A.

Anexo J: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa

[Baía fins de Julho de 1552]

Jesus

Pax Christi.

Despois da chegada do Bispo acontecerão algumas cousas de que darey breve conta a V. R. para saber o que passa pera tudo encomendar a Nosso Senhor e nos avisar sempre no que poderemos errar, porque averá pouco mais de hum mês que veyo e eu já temo.

Nesta casa estão meninos da terra feytos a nossa mão, com os quaes confessavamos alguma gente da terra que nom entende a nossa fala, nem nós a sua, e asi escravos elos brancos e os novamente convertidos, e a molher e filhas de Diogo Alvarez Charamelu, que nom sabem nossa fala, no qual a experiencia nos Ínsina a ver-se feyto fruto muyto e nenhum prejuizo ao sigillo da confissão. E nom o acostumey senão pelo achar scripto e ser mais comum opinião, como relatou Navarro in capite Fraires de Paenitentia, distinctione 5 n. 85, alegando Caietano e outros, verbo Confesso cassu nº. Contrariou-nos isto muyto o Bispo, dizendo que era cousa nova e que na Ygreja de Deus se nom acostuma. Acabay com elle que o escrevesse lá e que por a determinação de lá estivessem os. Esta hé cousa mui proveitosa e de muyta importantia nesta terra entretanto que nom há rnuytos Padres que saibão bem a lingoa, e parece grande meyo para socorrer a almas que porven tura nom tem contrição perfeita pera serem perdoados e tem attrição, a qual com a virtude do sacramento se faz contrição: e privá-las da graça do sacramento por nom saberem a lingua e da gloria por nom terem contrição bastante, e outros respeitos que lá bem saberam, devia-sse bem de olhar. Nem me parece novo o que por tantos doctores está scripto, posto que se nom use, porven tura por pouco olhar as causas.

Mande-nos a determinação por letrados, porque nom ousaremos senão obedecer ao Bispo.

Eu cuydey que com a vinda do Bispo ficassemos quietos com a determinação dos escravos salteados e que vendem os parentes e agora estamos erú mayor confusão, e ainda esperamos a reposta do Doctor Navarro durando-nos as mesmas duvidas.

Nesta Casa dos Mininos de Jesu há disciplina muytas sextas-feiras do anno scilicet, Quaresma, Advento e depois de Corpus Christi até a Assumpção de N. Senhora. Faz muyta devação ao povo. Disciplinão-se muytos homens e toda esta casa com Padres e Irmãos e mininos. Nom vêm a ella senão homens, que ninguem conhece quando se disciplinão. Não pareceo bem ao Bispo. E seu pregador nas primeiras pregações reprovou muyto penitencias publicas, por donde toda a cidade entendeo dizê-lo pela disciplina; nom olhando que pessoas publicas, como somos os da Companhia, suas obras am-de ser publicas, quanto mais que nom hé pelas praças. Facta est divisio no povo, huns dizião bem hé, outros não.

Nestas partes o moar trabalho que temos hé nom podermos socorrer a homens amancebados com suas escravas de que tem filhos, porque pera os apartarem hé grande fortuna, pera se confessarem e absolverem nom são capazes pera isso. Sperão mulheres do Reyno com que casem. Scandalizão-se pelos nom absolvermos, dizendo-nos grandes misericordias de Nosso Senhor, e sabem-nas melhor que eu. Em todas as pregações do pregador do Bispo, que lhe eu ouvi, nom achou outros peceados que estranhar na terra, nem outra cousa que dizer, senão as mesmas razões e palavras que nos os amancebados pregão, o que faz assegurar os homens em seus costumes maaos e causou desprezo na Companhia. Disse-o ao Bispo em sua camara com a mais humildade (posto que hipocrita) que eu pude avisando-lhe estas eousas e que a terra nom queria aquilo. Fez-se muyto agastado de que fuy muyto triste; e foy bom pera eu saber sua arte melhor e casar-me com o meu bom proposito; nom se me dá nada, porque este será o menor mal.

Os escravos desta cidade tinhão missa e pregação nesta casa nossa aos domingos, e à tarde doutrina. Fazia-sse muyto fruto. Des que veo nos escusou disto. Manda fazer doutrina cada dia por Antonio Jusarte e nom vay lá quasi ninguem. A missa nom lha dizem. Andão os escravos muy desconsoados; vêm-se aa nossa igreja aqueixando-se; hé pera mym grande dor. Disse-o ao Bispo: diz que proverá; nom sey o que seraa.

Os padres que o Bispo trouxe nom edificação nada este povo, porque cá fazião-lhe tudo de graça e agora vêm outro modo de proceder. O vigairo desta cidade, que agora hé chantre, mandou-o prender o Bispo por huma paixão, porem soltou-se logo. Dahi a X ou XII dias teve outras paixões com o Cabido, scilicet, duas dignidades e hum conego mandou-os prender e estiverão seis dias na cadea da cidade. Elles forão-lhe desobedien tes, e elle que nom sabe fugir a dar occasião que lho nom sejam! e porem aproveitará pera que o temão, os seculares quando virem que asi castiga os seus.

Os mininos desta casa acostumavão cantar pelo mesmo toom dos Indios e com seus instramentos cantigas na língua em louvor de N. Senhor, com que se muyto atrahião os corações dos Indios, e asi alguns mininos da terra trazião o cabelo cortado à maneira dos Indios, que tem muyto pouca difierença do nosso costume, e fazião tudo para a todos ganharem. Estranhou-o muyto o Bispo e na primeira pregação falou nos costumes dos gentios muyto largo, por donde todo o auditorio o tomou por isso. E foy assi, porque a mym o reprehendeo muy asperamente nem aproveitou escusar-me que nom erão ritos nem costumes dedicados a idolos, nem

que perjudicassem a fee catholica. Obedeci-lhe e asi o farey em tudo, porque por menos mal tenho deixarem-se de salvar gentios que sermos ambos divisos.

Este negocio dos mininos e sua confraria favorece-o muito mal e soltou palavras por donde se ficou no entendendo nom levar disso muyto gosto. São eu iam mau, que sospeito que nom há por bem feyto, senão o que elle ordena e faz, e todo o mais despreza.

Diz muitas vezes ser Mestre e ensinar a Mestre Ignatio e a V. R em Paris: Neque magni facit Socie tatem nostram; mordet quum vult et potest, posto que nos exteriores comigo me faz muito gasalhado, e eu peço a N. Senhor me insine a ganhar-lhe a vontade sempre. Julgue agora V. R. minha maldade, que sey escrever estas cousas e nom as sei chorar. Escrevo-as pera que V. R as chore por mim se bem sabe chorar e encomende muyto isto a N. Senhor. E me avise sempre do que devo fazer nisto que tenho scripto, e no mais que a prudencia insinar a V. R que cá succederá. E pois sabe quam mau filho tem em mym, mande outro que melhor se saiba aver nestas cousas.

As nossas mortificações entende pouco o spirito dellas e reprehende-o muito: o que me alegra muyto no Senhor hé obrigá-lo a fazer grandes obras, pois faz pouca conta das nossas, e teremos occasião de nos estender pela terra, cousa tam necessaria e proveitosa e de nós tam desejada.

Hé muyto bom pregador e muy aceito ao povo. Vive muyto desgostoso por ser a terra pobre. Temo que se vá cedo. Favoreça-o V. R. de laa, pois lá nom tem outrem ninguem, e já que V. R. foy seu principio, seja meo e tudo, e encenda carvões sobre sua cabeça pera que nos ame. Está tam acreditada a Companhia nesta cidade, que nom poderá nenhum rosalgar fazer-lhe mal, nem sinto tanto nom nos amar muyto por respeito da Companhia, quanto por respeito do pouco credito que elle ganhará com suas ovelhas se lhe enxergarem qualquer causa destas.

Posto que digo a V. R. na outra que aceitarey visitar, agora me parece, pelo que minha maldade entende de seu coração, que fugirey muito disso, por nom dar occasião de causas que podem succeder. E estou muy arependido de o mandar ao Pe. Antonio Pirez a Pernambuco para que o faça. Tudo atribuo a meus peccados e à mofina do Brasil, que até nisto lhe impide. Consolo-me que todas as cousas grandes que N. Senhor obrou custarão muyto trabalho e teverão outros mayores contrastes.

Anexo L: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa

[Baía fins de Agosto de 1552]

Por todas as vias que posso escrevo a V. R. quia amo Patrem meum qui et ipse amat me T. E porque me parece que tenho já bastantemente escripto, nesta somente darei conta a V. R. de algumas cousas que nas outras fui falto.

Todos os Padres e Irmãos estamos de saude, gloria a Nosso Senhor, corporal, e quietos no spiritu; cada hum trabalha segundo seu talento e graça que Nosso Senhor lhe daa.

Já tenho escripto por vezes a V. R. como nestas partes pretendiamos criar meninos do gentio por ser elle muito e nós poucos, e sabermos-lhe mal falar em sua lingua, e elles de tantos mil annos criados e abituados em perversos costumes. E por este nos parecer meio tao necessario há. conversão do gentio, trabalhamos por dar principio a cassas que fiquem pera emquanto o mundo

durar, vendo que na India isso mesmo se pretende e en outras partes, muitos collegios em que se criem soldados pera Christo T. Comfirmou isto mandarem de lá meninos, os quais, como não fosse[m] pera este fim e pera darem principio hà casa, não sei pera que quá erão.

O que tudo praticando com o Governador e vendo a dificuldade de manter os meninos que de Há vierão, por rezão da terra ser nova e pouqua gente nella que lhes podesse dar esmolos, por serem os mais degradados e outra gente pobre e miseravel, assentamos com ho parecer dos mais Padres nossos de tomaremos terra e ordenaremos cassa de meninos. E logo, as si nós por nossas mãos, como rogando aos Indios da terra, como os escravos dos branquos, e elles mesmos por sua devação, começamos a roçar e fazer mantimentos aos meninos; e entretanto que não erão pera se comerem, soprio o Governador con todo o necessario aos meninos, como zeloso e vertuosso que hé, porque as esmolos que se pedião não bastavão a hum soa comer.

Despois que de llá mandarão o Alvará de El-Rei pera nos darem mantimento e vestiaria, ordenarão os officiais de darem a dez que viemos hum crusado em ferro a cada hum, que saia pouco mais de dous tostõis en dinheiro, pera a manança nossa, e sinquo mil e seissentos reis pera vestido de cada Padre cada anno, o que tudo aplicamos a esta casa pera os meninos, e nós no vestido remedeamo-nos com ho que ainda do Reino trouxemos, porque a mi ainda me serve ha roupa com que embarquei, que V. R. por especial mandado me mandou trazer, a qual já tinha servido no collegio em São Fins, e no comer vivemos por esmolos.

Despois que vierão os escravos d'El-Rei, de Guiné a esta terra tomarão os Padres fiados por dous annos tres escravos, dando fiadores a isso, e acaba-sse o tempo agora cedo. Desta vestiaria fiz mercar outros escravos da terra. Este anno que vierão vaquas d'El-Rei tãobem tomei doze fiadas a El-Rei, dando fiadores pera dahi a hum anno se pagar, pera criação e leite pera os meninos. Tenho principiado casas pera os meninos comtorme a terra. Até agora passamos muito trabalho por os manter; já agora, que os mantimentos se vão comendo, vai a casa em muito crescimento e os meninos tem o necessario cada vez melhor; de maneira que donde antes com muita fortuna mantinhamos a sete ou oito, agora mantem a casa a sinquente e tantas pessoas sem ho sentir. Tem a casa num barquo e escravos que matão peixe.

Alguns escravos destes que fiz mercar pera a casa são femeas, as quais eu cassei com os machos e estão nas roças apartados todos em suas casas, e busquei hum homem leigo que delles todos tem cuidado e os rege e governa, e nós com elles não temos conta, e com ho homem nos entendemos e ho homem com elles. Ha causa porque se tomarão femeas hé porque doutra maneira não se pode ter roças nesta terra, porque as femeas fazem a farinha e todo o principal serviço e trabalho hé dellas, os machos somente roçam e pescam e cação e pouquo mais. E como nesta terra os mais homens sejam solteiros e tem escravas com que peccam, os quais não absolvemos sem que primeiro as não apartão de si, e elles achão outros Padres que os absolvem, tomão occasião de dizerem que tãobem nós temos escravas, que se não escusão.

Acerta-se tãobem algumas veses seremos causa de se forrarem os negros salteados, porque doutra maneira não absolvemos, no que lhes não falam os outros Padres: ajunta-sse tudo pera lançarem mão de murmurarem, e principalmente os Carijós que fizemos forrar por serem salteados, sendo christãos já na sua terra, e os pussemos no Espiritu Sancto casados os machos com as femeas em sua liberdade, e soamente recolhi comnosco dous moços pera a aprenderem comnosco a serem

boons cristãos.

Tãobem nos pedião dizimos do peixe e mantimento dos meninos, o qual por eu não consentir que se pagassem se aqueixarão alguns.

Estas causas e outras, que por serem de pouqua substantia as não digo, e ver que me desenquietava muito porque esta casa fosse avante, e quanto mais a nosso sabor viveramos se foramos e viveramos soos, e com se falar menos que temos terras e escravos, posto que se fizera menos e ganhara menos pera Christo, me detreminei com meus Irmãos de daremos a entender ao mundo que desta casa não quiriamos nada pera nós, senão pera os meninos por todas as vias que podeseamos. E assi ordenamos de hir pedir de comer pollas casas, e os mais dos dias dous que estamos na Cidade himos comer com os criados do Governador, o qual dá de comer com seus criados a todos os que o não tem e o querem ali hir tomar, e antre outros somos nós destes. E em parte nos foi boom ho murmurarem de nós, porque dantes as mais das vezes passavam os como Nosso Senhor no bem sabe, e não sei a vida que levavamos con tanto trabalho se podera muito durar, e agora huma ves ao dia comemos de maneira, que hé melhor que duas que antes comiamos em casa, e nos tiramos de negocios temporais quanto podemos cometendo-os a leigos.

Neste comenos achegou o Bispo tanto de nós e de toda a terra desejado, ao qual achegarão logo as voses dos murmuradores, e elle como zeloso e pai mo disse aconselhando-me o que devia de fazer. Ho que tudo posto em seu parecer e comunicando com ho o Governadar e outros que muito em Christo nos amão, detreminamos escrever assi tudo largo a V. R. e entretanto que em nenhuma maneira desabrisse mão da cassa, a qual eu dava hà Misericordia desta Cidade, e que tivessem cuidado dos meninos, ho que nem elles nem ninguem quizerão acreditar.

Cassas de mininos nestas partes são muito necessarias: não se podem ter sem bens temporais e da maneira que esta casa está fundada, e sendo assi á-de aver estes e outros escandaloso Pera a Companhia se lançar de todo disto, não se podem sustentar estas casas, nem há zelo nem virtude, nem homeins pera isso que abaste; podem-se reger no temporal por homens leigos com ser ha superioridade de tudo da Companhia e do Padre dos meninos no espiritual tiver cuidado. Se lá ouvessem homens ou Padres do espirito e virtude do Padre Domenico, a quem isto tudo encarregassem, tudo estaria em seu lugar. Agora veja V. R. e dê conta disto mui larga a Nosso Senhor e mande-nos o que façamos desta casa e das outras. Tambem me parece que o Bispo disso dará conta a V. R..

Com a vinda do Bispo foi a terra mui alegre e estão todos mui edificados de suas pregações. Hé muito zeloso da gloria e honrra de N. Senhor, e tal que esta terra avia mister, porque a vir hum Bispo passeiro, freimatico e negligente, como tenho visto outros, eu morrera de triste e por ventura fora ao inferno com ter pouca patientia. Disse missa em pontifical dia de N. Senhora de Agosto, causa tão nova e de tanto espanto nesta terra, e eu e outros Padres ministramos ali com, capas, e folgara muito V. R. de nos ver por quão bem o faziamos, não ho avendo feito nunca. Hé mui desconsolado, a terra tão pobre que nem seu ordenado lhe podem pagar, e elle tem obrigações de manter a muitos, e sua idade não sofre já os desemparos desta terra. Hé necessario que V. R. tome nisto a mão, pois lá não tem outrem ninguem que suas cousas alem trem e, fazendo a elle, ia-lo a toda a terra e à honrra do nome de Christo e à Companhia e a todos. Quá nos parecia bem a todos que desse El-Rei alguma comenda de Christo ou S.

Tiago grossa a esta terra ou pensão em ou tro bispado pera o Bispo e Cabido até esta terra dar de ssi mais amor, porque até agora há nella pouco mais de matos e boas agoas e boons ares e alguma miseria, se de llá vem; e pera mi que nunca me fartei de pão e boom, porque me farto nella cada dia de farinha, sem haver medo a que venha anno de fome, nem muita chuiva nem muita sequa, ho que a idade do Bispo não sofre; e doutra maneira nem nós teremos Prelado nem haa terra poderá hir muito avante. Pois V. R. foi principio de tão grande bem, aparelhe-se aos trabalhos de ho levar avante.

Com a vinda do Bispo se moverão algumas duvidas, nas quais eu não duvidava, porque sam soberbo e muito confiado em meu parecer, as quais nos pareceu bem communicá-las com V. R. pera que as ponha em disputa entre parecer de letrados e me escreva o que devo de fazer.

Primeiramente, se se poderão confessar por interpete a gente desta terra que não sabe falar nossa lingoa porque parece causa nova e não usada em ha christandade, posto que Caietano in summam, II^a conditione, e os que alega Navarro, c. Fratres, nº 8^o de penit. Dist. 5^a, digam que pode, posto que não seja obrigado.

Item. Há costume nestas partes de se permitirem os gentios nas igrejas hà missa juntamente com os christãos e não os deirão fora por os não escandalizar: se se guardará o direito antigo, ou se se pimitirá estarem todos de mestura.

Item. Se nos abraçarmos com alguns costumes deste gen tio, os quais não são contra nossa fee catholica, nem são ritos dedicados a idolos, como hé cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingoa pello seu toam e tanger seus estromentos de musica que elles [usam] em suas festas quando matão contrairos e quando andão bebados, e isto pera os atrahir a deixarem os outros costumes essenciais e, permitindo-lhes e aprovando-lhes estes, trabalhar por lhe tirar os outros; e assi o pregar-lhes a seu modo em certo toom andando passeando e batendo nos peitos como elles fazem quando querem persuadir alguma causa e dizê-la com muita eficacia; e assi trosquiarem-se os meninos da terra, que em casa temos, a seu modo. Porque a semelhança hé causa de amor. E outros costumes semelhantes a estes.

Item. Como nos averemos acerca dos gentios que vem nus a pedirem ho bautismo e não tem camisas nem rapas pera se vestirem: se somente por rezão de andarem nus tendo o mais aparelhado lhe negaremos o bautismo e a entrada na Igreja à missa e doutrina, porque parece que andar nu hé contra lei de natura e quem a não guarda pecca mortalmente, e o tal não hé capaz de receber sacramento; e por outra parte eu não sei quando tanto gentio se poderá vestir, pois tantos mil annos andou sempre nu, nam negando ser boom persuadir-lhes e pregar-lhes que se vistão e metê-las nisso quanto poder ser.

Item. Se hé licito fazer guerra a este gentio e cativá-las, hoc nomine et titulo, que nam guarda a lei de natura, por todas vias.

Isto e as mais duvidas que ho anno passado escrevi, as quais ainda me não satisfizerão, faça V. R. pôr em disputa no Colegio de Coimbra e mande-me o parecer dos principaes letrados da Universidade, porque assi como pera quá, como pera ha India e outras partes de infieis será proveitoso saber-se, ou por melhor dizer, mande V. R. que de todo nos tenha cuidado, ensinado, ensaiado e amestrado no que quá devemos de fazer em tudo.

Ho Bispo amostra grande fervor de se entender na conversão deste gentio. Ordena hum pai dos que se converterem, o qual hé muito pera isso, que hé Diogo Alvarez, muito acreditado entre este gentio. Andará comnosco pellas Aldeas pregando; favoreça-o V. R. de llá com fazer que El- Rei lho escreva e agradeça e lhe

ordene algu m pobre ordenado por isso, pois tão bem empregado será.

Anexo M: Ao P. Simão Rodrigues; Lisboa

São Vicente, 12 de Fevereiro de 1553

Pax Christi.

Porque no tengo aún vista la respuesta de V. R. de las cartas que este ano avemos scripto, y también porque scribo ai Pedra Domenech las cosas que a las casas pertenescen, en esta no avra mucho que escrever, solam ente como me quedé en esta Capitanía de S. Vicente después de aver corrido las otras con el Governador, porque N. Senor así me parece que fué servido.

Allé grande casa y muy buena yglesia, a lo menos en Portugal no la tenemos aún tan buena. Hallé 7 Hermanos grandes y muchos niños huérfanos, y otros hijos de los gentiles, de los quales no queremos ya tomar sino hijos de las grandes y principales por no tenernos con que las mantener, que quanto al vestido súffresse las niñas andaren nudas. Allé aqui el p.e Leonardo Nunez y el p.e Paíva, y truxe conmigo al p.e Francisco Pirez, dexando en las capitancias muchos huérfanos con speranza de las Padres que del Reyno speramos.

Y aparéjome con algunos para assentar daqui a 100 legoas donde más conveniente fuere y más fruto speráremos. Toda esta gentilidad se quexa ya de nosotros por tardarnos tanto, y temo que se quexen aún mejor a N. Senor, diciendo nemo nos conduxit. Levamos una tienda de herrero y todos los medias con que mejor los podamos atraher. Si vinieren Padres como tenemos por cierto, y con ellos praepósito, dexarmeé estar allá hasta veer su recado, y si no sermeá forçado tornar, dexando todo assentado, a veer las capitancias.

Desta Capitania se deve de hazer más fundamieto que de ninguna, por quanto por esta gentilidad nos podremos extender por la tierra adentro, y por esso, viniendo Hermanos, a esta Capitanía devrían venir, porque en las otras ya creo que se hará poco más que enseñar niños.

Porque el Obispo lleva otros modos de proceder, con los quales creo que no se quitarán peccados, y se robará la gente de quanto dinero pudieren ganar, y se destruirá la tierra. Sus clérigos absolven quantos amancebados ay y les dan el Senor, y el su predicador, que es el Visitador, predica que pequen y se levanten, haziéndoles el camino del cielo muy largo, y Christo N. S. dize que es estrecho, y por otra parte lévanles de penas essa que tienen. Cosa de evitar peccados no vino a essa, ni se evitarán nunca, sino después que acá uviere tantas mugeres que las no quieran! Otras cosas veo hazer que V. R. y yo devriamos chorar.

El Obispo en el principio desacreditónos mucho y puso muy bravo, pero luego vino a caer algo, tanto que tenía sino los de la Compania. El pueblo asi de la Ciudad del Salvador como de las Capitancias, de ver que les llevan su dinero, le an ganado grande adio al Obispo y a sus visitadores, y todo redundá eu crédito de la Compania, aunque muchos a que absolvemos y hallan quien los absuelva no quieren poco bien, quia testimonium perhibemus quod opera eorum mala sunt, et ideo non possunt non odisse nos.

Yo quando escribo a V. R. no tengo cuenta coli más que hablarle por carta como en presencia sín tener respecto a la orden a lo que escribo si es mal si bien.

Tenemos mucha confiança de por la tierra adentro se hazer mucho fruto, y el Hermano Pero Correa, que en esto es más parte que ninguno de nosotros, nos

promitte mucho. Si asi fuere, parecermeya bien veniesse un Padre de allá nuestro hecho obispo de anel sin ninguna otra cosa más que qualquier Padre, solamente la orden de obispo para ordenar Hermanos nuestras y crismar y hazer otras cosas que solo al orden obispal pertenescen, porque la Baya está lexos y a las vezes es más facil ir a Portugal que no allá.

Mucho desseo saber que se aora allá custumbra hazer con Hermanos que tengan hecho votos de la Compania y no son para ella, o si son quiérense salir, porque allende de lo que por el Instituto de la Compafiía collegi, holgaría saber la plática, si por ventura no viene ya persona que lo declare, y asi lo que haré si caso contigerit aliquem ex nobis infamari ex crimine scandalum generante, quanquam non sit manifestum, que es cosa que podrá acontecer por mis peccados.

Acá nos pagan muy mal el mantenimiento y vestiaria que El Rey manda dar. Seria mejor darse allá y em biarlo acá, como más largo scribo al Pe. Doméneco. Allá embió el Pe. Leonardo Nunez desta Capitanía cinquenta mil maravedis por letra. Y porque quando aora vine no fui contento de la letra y me parece poder ser no se pagar, hize mandar essas dos a V. R., las quales cobrará, y si la otra no se a pagado, de ay se entregará el Collegio de Coimbra de la su deu da, que son cinquenta mil maravedis, y lo más guardará para dar a Luis de Goes a quien se manda dar. Y si ya tuviere cobrado la otra letra, toda vía cobre esta y haga guardarlo a Luis de Goes y darloá a su cierto recado. Y irá por dos vías, y esta primera lleva Pedro de Goes, a q uien m ucho 95 devemos todos por quanto nuestro devoto y amigo es.

El Hermano Peta Correa es acá grande instrumento para por el N. Sefior obrar mucho, porque es virtuoso y sabio, y la mejor lengua del Brasil. Tiene partes para se aver de ordenar de missa, pero tiene impedimento que no puede ser sin dispensación y los nuestros poderes no se extencen a sus casos, que son muerte voluntaria de algunos índios gen tiles desta tierra.

Si el Obispo no las tiene, como se dezía que sperava por ellos, haga V. R. averJos, porque siendo de missa hará mucho más fruto en las confesiones.

Un Álvaro de Magallães moriendo dexó su hazienda al primero monasterio de Santo Antonio que se en esta Capitanía hiziesse, sobre que ya Leonardo Nunez escrivió a V. R. Es hazienda gruessa y dessean daría a esta casa, si del Nuncio o de quien esta pertenesce se uviere licentia para se poder comutar. No se dexe perder por falta de alguna diligentia.

Allá está una muger pobre que tiene acá un su hijo que se llama Sosa, nuestro Hennano, y es una alma bendita. Dé V. R. cuidado al M. Juan de consolarla algunas vezes y ayudarla con alguna lymosna.

Luis de Goes, hermano de Pedro de Goiz, hizo acá un grande movimiento de si y en fervor de espíritu hizieron los votos de la Compania él y su muger estando para tomar el Senor. Determinan desem baraçarse y ella que es ya de dias servir a N. Senor en un monesterio, o como nós le ordenáremos, y él pedir que lo recojamos. No sé lo que el tiempo en esta mostrará. Dél recibió siempre esta casa mucha charidad, paréceme que le tenemos mucha obligaci3n de ayudar a salvar.

Al presente no se me offresce otra cosa para scrivir. Lo que faltare por otra vía irá. De la Ba ya escri virán largo y de las otras Capitanías. N. Sefior nos enseñe a hazer siempre su santa voluntad. Amen.

Anexo N: Ao P. Simão Rodrigues, Lisboa

São Vicente [10 de Março] de 1553

Jesus

Pax Christi.

Por otra vía screví a V. R., aunque creo que esta le será dada primero, y le declarava como estávamos de camino para ir entre la gentilidad y nos hazíamos prestes, y por esta causa yo quedava en esta Capitanía este afio y no volvía con el Governador en la Armada, y según nuestro parescer y experiencia que de la tierra tenemos, speramos hazer mucho fructo, porque tenemos por cierto que quanto más apartados de las blancos, lo tanto más crédito nos tienen las Indios. Y somos cada día importunados dellos: que como tardamos tanto de las ir a enseñar?

Sucedió que a la partiãa del Governador algunos moradores de la tierra así por quedar descontentos del Governador, como por alguna noticia o sperança que tienen de aver en esta tierra ora o plata, sabiendo que nosotros queríamos ir por la tierra adentro a asentar casa, casi que toda esta Capitanía o muchos de los principales della se movían para ir en donde nosotros asentávamos. Lo qual vino a noticia del Governador y, dándome cuenta de lo que pasava en la tierra, con me poner delante la obligación que teníamos a nuestro Rei tan virtuoso, lo impidió, y con mucha razón, porque fuera abrir las puertas para grandes males, y a se esta Capitanía despoblar. Y asentamos a no hazer mudança hasta S. A. mandar recado al Governador de cosas que él screvirá o informará de palabra si allá fuere este ano. De la determinación de las quales depende mucho el modo que avemos de tener de servir a N.S., en esta Capitanía y en las otras.

Yo é pedido al Governador licen tia para nos dexar entrar por alguna otra Capitanía de la costa adonde no oviese los enconvenientes que en esta ai, las quales son ser descubiertas minas, y presumen ser plata, aunque por falta de quien la funda no se save de cierto lo que es. Las quales minas hallaron y descubrieron los castellanos de Paragai, que estarán de aqui desta Capitanía 100 leguas, i está averiguado estar en la Conquista del Rei de Portugal, y por estas y otras cosas a cerrado el Governador el camino así a portugueses como a castellanos. Y así se tiene noticia de una gentilidad en estas partes de mucho oro, em pos del que andan los castellanos por via del Peru; las quales cosas todas y otras muchas yo supe después de estorvada nuestra ida, las quales causas todas cesan en las otras Capitanías.

Respondiéndome el Governador que para entre gentiles asentar casa no lo consentiria en ninguna Capitanía, diciendo que si los gentiles hiziesen algún mal a solos christianos que no lo podrian vengar estando nos otros en la tierra dentro, y también que huirian para nós todos los malhechores; las quales razones cesan pasando nosotros a otra gentilidad que no sea de la Capitanía. Finalmente que por todas las vías estamos como presos y no tenemos libertad de servir a N. S. como entendemos él ser servido.

Dízenos el Governador que podemos ir a predicar el Evangelio y volver a las Capitanías y poblaciones de los christianos. Esta gentilidad no tiene la calidad de la gentilidad de la primitiva Iglesia, las quales o maltratavan o matavan luego a quien les predicava contra sus ídolos, o creían en el Evangelio, de manera que se aparejavan a morir por Christo, pero esta gentilidad como no tiene ídolos por quien mueran, todo quanto les dizen creen, solamente la dificultad está en quitarles todas sus malas costumbres, mudándolas en otras buenas según Christo, lo qual pide continuación entrellos, y que vean buenos exemplos, y que vivamos con ellos y les

criemos los hijos de pequeños en doctrina y buenas costumbres, y por esta manera tenemos por cierto que todos serán christianos y mejores que los blancos que acá ai. Y vale poco irles predicar y volver para casa, porque, aunque algún crédito den, no es tanto que baste a las desarraigar de sus viejas costumbres, y créennos como creen a sus hechizeros, los cuales a las vezes les mienten y a las vezes aciertan a dezir verdad, y por essa como no fuere a vivir entrellos no se puede hazer fundamento de mucho fructo.

Entre los christianos ia se hizo el fructo que se podía hazer, y creo que se hablaron las que dellos N. S. tiene predestinados; en los otros a entrado tanta dureza, que se sentaron en los pecados, de manera que sus esclavos y indias de la tierra por la doctrina que oien se quieren apartar del pecado, y se vienen para nosotros diziendo que temen a Dios, y los señores son tales que unos les mandan que no vengán a la doctrina, y otros les dizen que no ai más que vivir a la voluntad en este mundo, que en el otro la alma no siente. Otros les dizen que nosotros no sabemos lo que les dezimos, que ellos son los verdaderos que les hablan la verdad; otros les dizen muchos vituperios nuestros para nos desacreditar con toda la gentilidad, lo que por muchas vezes acontece, como tengo mandado al Hermano Pero Cone a que scriva a V. R., por lo qual no sólo entrellos no hazemos nada, mas aún perdemos el crédito entre las Indias y gentiles, y esto más es en esta Capitanía que en las otras.

La razón creo es porque la gente desta tierra es flaca en el entender, y de mala creación y de mucho tiempo po habituada en grandes maldades, y gente de menos calidad que toda. Ayuntóse también en esta Capitanía aver muchos indios forçados, otros salteados, y porque nosotros los favorecemos y predicamos contra ellos, y algunos se lívertaron, y no los abovimos si no los livertan, commota est universa gens contra nosotros: digo destas a quien esta plaga alcança, que los otros que deso están libres nos aman mucho. De manera que si alguna cosa aora hazemos, es enseñar niños indios en las Casas de las Capitanías, y criarlos y a los selavas y selavas, aunque con tanta contradición de los blancos no se puede no hazer nada más que desacreditar cada vez nuestro ministerio.

Ajuntase a esta todo llevar el Obispo y su Visitador otro modo de proceder, Como ellos quieren y entienden, lo qual, dado que pueda ser el mejor y el que N. S. quiera es de todo contrario al fundamento que nosotros teníamos eehado en estas partes, y mucho más pudiéramos obrar entre christianos con el temor que les poníamos con la venida de la justicia eclesiástica que agora después de venida. Y solamente diré una cosa general a V. R. para le dar ocasión de llorar, i es que donde podía sacar dinero, aunque no ubiesse pecado, allí avía grandes exámenes, y donde no, aunque ubiese graves pecados, hazíase poca cuenta deso. Yo lo amonesté al Visitador en particular. Dezíame que todo venía por regimiento del Obispo. El scándalo fué tan general en la costa, que creo sanará allá. El Obispo no es letrado y es muy confiado, devíale de mandar un vicario general letrado y bien exercitado.

El Governador tiene hecho en esta costa mucho, tanto que nunca cesamos de loar a N. S. por dar tal saver y tal virtud a un hombre. Todo puso en su lugar en la visitación desta costa, pero como N. S. es perfecto solamente, no puede el hombre tener todo. Digo esta porque, quando la cosa es de calidad que es servicio de Dios N. S., y el Rei también N. S. en la tierra va mesturado, todo junto, no ai que dezir sino que lo haze mejor que quantos hombres lo pudieran hazer, porque quando puede adivinar que es servicio, aunque sea cierto puede prejudicar al servido del Rei, dudoso, no lo haze ni lo permite hazer, y a ver en un hombre tam poco mal es

mucho de loar. Y esta tengo dél conosciado en algunas cosas que cada día acontecen, y principalmente eu esta:

Los hombres desta costa, y principalmente desta Capitanía, las más tienen indios forçados, las quales reclaman livertad y no saven más del judicial que venirse a nós como a Padres y vale Gares acogíendose a la Iglesia, y nós, porque estamos osia scarmetados y no queremos mover scándalos ni que nos apedreen, no les podemos valer, ni aún lo osamos a predicar. De manera que por falta de justida ellos quedan captivos y sus señiores en pecado mortal, y nós perdemos el crédito entre toda la gentilidad por lo que speravan. Dixe al Governador que proveyese en ello y, como él haze todo com mucho consejo, y algunos de su consejo tienen también los Indios en casa, es parescer que no se toque en essa por el prejuizio que verná a muchos hombres, y que mejor es estar en subjección, y que sirvan las haziendas; y que esta es más servicio del Rei y bien de la tierra y de los moradores della; y de otra manera, como esta toca a casi todos, será grande mal para la tierra, y otras razones semejantes. Y a mi parescíame que no se devia dexar de hazer razón y justicia ygualmente por todas sus razones, porque la cosa donde no la ai no la favorece N. S. y por mucho maior bien tengo de la tierra dar a cada uno lo que es suio, que no con pecados de que nunca saldrán sustentarla, y creo que entonces darán las ingenios más açucar y más dézimos a S. A.

Y si esta tierra, siendo la mejor del mundo, es tan poco favorecida de N. S., es por tales y otros sem ejantes pecados. Y si se scogiese un, scilicet, hombre virtuoso que hiziese li vertar las tales, y casase las machos con las hembras, y bibiesen en libertad entre las christianos, haziéndolos cumplirla lei de los christianos y costumbres buenos, esto aprovecharía más a la tierra y sabrían todos los gentiles la verdad de los christianos, que vino con la venida del Governador y de las Padres, pues ja tanto tienen experimentada lamentira dellos, y sería buen camino para nos dar crédito y se hazer christianos. Pero como esta parece a la primera facie no ser mucho servido del Rei, todos lo contradizen, y a mi duéleme el coraçón quando las veo con tanta razón quexarse de su áspero captiverio, y no ai quien les valga. Y porque desta ai en esta tierra mucho, y no lo tenía experimentado tanto como aquí, por eso lo scrivo agora a V. R. para dello dar la cuenta que le paresciere a S. A.

Estas cosas así todas bien pesadas por V. R., aunque las scrivo confusas, nos scriba el modo de proceder, y platique todo con Sua Alteza largamente, porque, a no nos dexar ir entre los gentiles, no nos queda ya que hazer o muy poco. Y por si pasare, determiné dexar esta casa entregada a dos maiordomos y un proveedor della, quitando los Padres de toda la administración temporal, quedándoles solamente una erudición y doctrina de los ninos, y también la suprema obediencia de todos al Rector que en esta casa fuere de las ninas. Y ordené la confadría del Nombre de Jesús, lo qual todo está bien hecho, y quité ocasiones de murmurar malas lenguas, y aunque era sin verdad, no era sin causa.

Aora me torno en la primera embarcación, que será presto, a la Baya, llevando conmigo algunos Hermanos destas nuevos que aquí hallé, entre los quales es un Pero Correa que en esta tierra haze mucho que de ninguno de nosotros, por razón de la lengua y de su seso y virtud, y speramos, no perder tiempo y adonde quiera que fuéremos, hazer mucho fructo por la mucha autoridad y crédito que tiene entre los gentiles. Esta casa tiene L ninos, y con toda la gente manterná a L, C o más personas. Es necesario favorecense mucho de allá. El Governador me dió sperança de le aver de S. A. el diezmo del arós desta Capitanía y que le rende poco, y será mucha provisión para esta casa y para sustentación de muchos ninos, como más largo screviré al Pe. Pedra Doméneco. La provisión y vestido que se manda acá

dar nos pagan muy mal, tanto que lo que dan para X, que del Reino venimos, no mantiene ni viste a, si no fuesen limosnas y lo que del Reino truximos, que aún nos dura.

Anexo O: Ao P. Luís Gonçaves da Câmara, Lisboa

São Vicente 15 de Junho ele 1553

-|-

Jesús

Pax Christi.

Este ano de 53 véspera de Pascha llegó un navío a este S. Vicente en que venían algunas cartas para el p.e Leonardo Nunez y para los Hermanos y algunas para rnym. Entre ellas venía una de V. R. con la qual fui muy consolado y por ventura más que con ninguna otra que en estas partes uviesse de allá recebido, viniendo en ella cosas que parecían que devían mucho intristicer y hazer llorar mucho un corazón aún tan duro como el mío. Pater, non est discipulus super magistrum. Si entre las XII verdaderos Apóstoles uva un Judas, entre 200 razón es que aya 20. Lo que yo temo, y me recelo, es poder ser dexarme N. Señor y ser aún uno dellos, porq ue no puedo enmendarme de mis peccados y vanse ya haziendo mucho en hábito, y lleva ya principias que otros llevaron. Quererá N. S. que no sea tal el fino

Yo vine corriendo la costa con el Governador Thomé de Sosa visitando las capitanías y las Hermanos dellas, hasta llegar a esta de S. Vicente, que es la última, adonde hallé una grande yglesia hecha, la mejor que en la costa ay, y muchos Hermanos y ninas del gentio, pero la más pobre y más mal proveyda que todas por razón que la tierra también fué hasta aora de todos muy olvidada así del señor della como de las más.

Ayuntámonos quatro Padres aquí y algunos Hermanos, y después de hechas muchas oraciones a N. Señor con jejunos y disciplinas, nos determinamos en nuestro Señor de entrar por la tierra dentro, porque esta Capitanía es la más conveniente que todas las otras. Y considerando la qualidad de aquestos gentiles, que es tener poca constancia en dexar las custumbres en que se an criado, assentamos ir cien legoas de aquí a hazer una casa, y en ella recoger las hijos de las gentiles y hazer ayuntar muchos indios en una grande ciudad, haziéndolos vivir conforme a la razón, lo qual no fuera m ucho difficil por lo que de la tierra ya avemos sabido y veemos por experientia, y el Hermano Correa obligava a esso la vida por lo que de los Indios conosce. No se pudo esta esconder a Sathanás, porque avéndome el Governador dicho que le parecía bien entrarnos, des quesupo que llevávamos capilla y cantores y que avíamos de hazer casa, lo estorvó por todas las vias, diziendo que se acogerían alla los malhechores y otros hom bres deudores huyrían para allá, y que quando los Indios hiziessen alguna cosa mal hecha que no podrían vingarse dellos por el peligro en que nos poníamos. Las quales todas y otras muchas parece tener alguna colar, pero no devieran bastar y la principal causa de todas para lo estorvar fué çarrar él el camino por razón de las castel1anos, que están poco más de cien legoas desta Capitanía, y dizen que en la demarcación del Rey de Portugal. Y tiénese por cierto ave r mucha pla ta en la tierra, y tanta que dizen aver sierras dellas, y mucha notitia de oro, por lo qual çarró y atopó el camino hasta S. A. en ello proveer, y que pues lo atopava a las otros, no parecla bien ir nós.

Ni bastó dezir que iríamos a parte de toclo desviada, adonde no uviessse oro ni plata ni camino para allá; lo que mucha tristeza a causado a todos las Hermanos, por razón de las muchos fervores que tenían de emplear sus trabajos y vida en servicio de N. Señor.

Después de partida daqui la Armada, day a pocos días llegaron unos hombres que eran idos a la tierra firme dentro a descubrir la notitia de oro, adonde andaron passantes de dos afias, y nos contaroll grandes nuevas de la gentilidad que hallaron y de lo que deUos supieroll. Y entre otras cosas dizen que la gentilidade no comen carne humana, y a los contrarios, que les hazen mucho mal y los comen, si aciertan tomar alguno no los matan ni comen, y trátanlo muy bien, y les dizen que como comen su semejança? Tienen grandes poblaciones, y tienen un principal a qulen todos obedescen. Este reparte ias mugeres a las otros, y cada día ante mañana de una parte alta manda a cada casa lo que a de hazer aquel día, y deveu de vivir eu communidade. Son labradores y hazen mantenimieltos. Y porque destos ay muchas generaciones, una dellas que está más cerca de las Alamazonas tiene guerra con ellas; y sou estas Alamazonas tan guerreras, que vienen a la guerra con ellos, y las más valientes que pueden tomar, dessas conceben. Y si parell hijo, clanlo a sua padre, o lo matan, y si hija, crianla y córtanle ia teta derecha por razón del arco. Entre estas Alamazonas dizen que está la notitia del oro. De manera que lo que tengo alcançado es que, quitando esta generación o generationes de la orilla del mar, de todas las otras de la tierra adentro muy pocas se comen unos a otros, si no son unos que andan siempre en las matos, y no tienen casas y son de todo salvages. Ha grande aparejo para se hazer en ellos grande fruto. Yo no sé quales son ya las cadenas que tienen alos Hermanos. Si por esta gentilidade se pudiera andar sin levar resgate y ferramenta, ya no speràramos tanto, porque para passar despoblados que ay es menester llevar indios guias, que ensenen el camino y que maten caça y pesquen y quiten la mel de palas, porque no ay otra sustentación, y para llevar cargas de lo que se lleva y para la más sustentación, porq ue sin se lo pagar no lo harán.

Yo por hallar esta casa con mucha gente y me parecer en ninguna otra ser yo más necessario, me dexé quedar en ella y em biaré el Padre Leonardo Nunez a la Baya con Pero Correa para repartir los Hermanos del Reyno como N. Señor las enseñare. Y Pero Correa visitará la costa y las casas, por razón de la mucha autoridade y crédito que tiene con la gentilidad de todas las partes, y se ordenare de missa si el Obispo ya tuviere poder para dispensar con él, sobre homicidios voluntarios que tiene de algunos indios desta tierra. Y si el Obispo no tiene tal poder, de la Baya escribirán para Ir que ayan del Papa, para él y para todos los más destas partes.

Yo me queda haziendo prestes hasta su venida para luego entrarnos, lo que temo mucho es que la codicia así de las castellanos como de las portugueses meta a saco la gentilidad, de manera que danen todo así con grandes escândalos como con malas exemplos, porque esta mesmo tiene danado a la gentilidad de la costa y criado adio y rancor en las coraçones contra las christianos.

Y en el Paragai, ciudad de los castellanos, 500 hombres tienen sobiectos a las gentiles Carijós, que tienen más de 300 legoas de tierra, y no las subiectan al jugo de Christo, sino al de su codicia y tiranía, maltratándolas y haziéndolos servir peor que esclava vos, tomándoles sus mugeres y hijos y hijas, y quanto tienen. Diga V. R. a Su Alteza que si aquella ciudad quedare suya, mande proveer en breve de justicia, y se mandare gente por la tierra adentro leven a N. Señor consigo y un capitán zeloso y virtuoso.

Todo este Brasil es muy facil cosa subiectarlo a Jesú Christo N. S., porque quando 500 hombres castellanos y todos divisas entre si tuvieron poder para subiectar a tan grande gentilidad, que es la mayor de todo el Brasil, que hará donde entrare buena orden y buen zelo de la gloria y honra de Dios?

También devía S. A. de echar mano desta Capitanía de San Vicente, pues es la entrada de dentro la tierra, y proveerla de justicia de que está muy falta, y el Governador de la Baya en XX días que aquí estuvo no pudo hazer quasi nada. La gentilidad de aquesta Capitanía alguna ventage tiene a la de las otras, aunque tiene las mesmas custumbres. Dan los hijos de buena voluntad, y si tuviésemos con que los mantener y crear en Christo todos los darían, pero no se toman sino los que se pueden sustentar de comer, porque del vestido muy pocos lo andan y todos andan nudos.

En el Campo de aquí doze legoas se quieren ayuntar tres poblaciones en una para mejor aprender la doctrina christiana, y muestran grande fervor y desseo de aprender y de les predicar. Con ellos gastaremos el tiempo hasta venir el Hermano Conea de la Baya par entrarnos.

En esta casa é hecho mucho fruto con la gente de la tierra, scilicet hijos y hijas de christianos, mamalucos, que ay muchos y con la esclavaría. Vay grande fervor en las confessiones y muchos vienen llorando pidiendo confesión y con grande dolor de no se saber confessar. Todos saben la doctrina mejor que muchos viejos ehristianos de nación, y cásanse muchos esclavos que estavan en peceado, atras se apartan, muchos se disciplinan con tan grande fervor que ponen eonfusión a los blancos.

En esta casa tienen los ninos sus exercicios bien ordenados, aprenden a leer y escrevir y van muy avante, otros a cantar y taner frautas, y otros mamalucos más diestros aprenden grammática; y ensénala un mancebo grammático de Coimbra que acá vino desterrado. Tienen sus pláticas de N. Señor y modos con que lo alaban, y mucho más se haría si ya uviesse muchos obreros, mas como solo Pero Corre a es el predicador no puede hazer más. Estos que se crían an de ser los verdaderos por la mucha esperança que nos dan sus buenos principias.

De la Baya mandarán algunos de los que allá menos necessarios fueren, porque nos ayudan acá mucho y son las lengoas y las nuestros predicadores; y a algunos no les falta sino la autoridad y edad, porque el saber y el zelo dáselo nuestro Señor.

Quando llegué a esta Capitanía hallé unas indias, dellas forras y libres y dellas esclavas, solteras y algunas casadas, las quales servían la casa y trayan lenha y agoa, y hazían mantenimientos para las ninos. Y aunque estavan bien apartadas de la conversación de las hermanos, todavía por estar en la mesma calle dava escándalo a los de lexos en les parecer que estavan muy familiares, pero los de la vicinia que sabían y veyan la verdad no se escandalizavan, Yo todavía des que llegué ordené la Confradia del Nino Jesú Y entregué todo lo temporal para la sustentación y servicio desta casa. Ay dos mayordomos y un proveedor. Ella tiene toda la gente que a esta casa sirve para que quedemos libres de inconvenientes, y solamente nosotros nos ocupamos en lo spiritual, enseñando y doctrinando a los nifios así las de casa como quantos quieren aprender, porque esta tiena está tan estragada, que es necessario llevar alicece de nuevo.

En esta tiena está un Juan Ramallo. Es más antigo della, y toda su vida y de sus hijos es conforme a la de las Indios, y es una petra scandali para nós, porque su vida es principal estorvo para con la gentilidad que tenemos por él ser muy conocido y rnuy aparentado con los indios. Tienen muchas mugeres él y sus hijos,

andan con hermanas y tienen hijos dellas así el padre como las hijos. Sus hijos van a guerra con las indios, y sus fies tas son de indios y asi viven andando lludos como las mesmos indios. For todas las maneras lo tenemos probado y nada aprovecha, hasta que ya lo dexamos de todo. Este estando escomulgado por no se confessar y no queriendo las nuestros Padres celebrar con él, dixo que también las Padres y Henuanos pecavan con las negras, lo que hizo presumir ser alguna cosa, ayuntándose con esta estar las negras en la mesma calle. Por lo qual como llegué por me N. Senor así enseñar, y cou yo ya conoscer lo que tenía en las Hermanos, y saber la verdad de lo que podía aver, por cumplir con el mundo y quitar alguna presunción espedilos a todos quantos aquí hallé dessas que andavan por fuera, y saqué con el Vicario quasi quantas personas ay en esta Capitanía por testigos de lo que sabían sin hallar cosa ninguna, y hize la verdad pública a todos y ganóse quitar de las coraçones alguna presumpción a costa de muchos me juzgar por mal atentado, y las Hermanos ganaron carona de paciencia y dieron muy buen exemplo de si hasta que las torné a recoger.

Estoi muy alegre con las nuevas que en la suya me da quasi por esperar que estaraa ya en la Baya prepósito con las Padres, yesta fué una de las causas porque no bolvi a correr la costa, y también por esta casa estar por más gente que ninguna. Ni creo que bolveré tan presto, porque daquí quería ir adelante y no bol ver atrás, y por tanto con escrever esta aora me satisfago con nuestro Senor para quitar el sentido de allá.

Si aún no vino venga este afio quien pueda governar estas casas, que ya será razón que no viva tanto sin dar la vida por quien me la dió, y menos es visitárense las capitanlas, del Reyno, que no correllas acá por razón de las embarcaciones que pocas vezes las ay, y tales que es necessario hazer cuenta de morir ahogado más que de dessear de ser comido destos Indios. Y aunque no vengan más que a visitar, es muy necessario porque siempre ay cosas que por cartas no se pueden escrevir. Y crea V. R. que es necessaria la honrra de la Compania y la gloria de Jesú Christo en cada Capitania estar un Padre de las más seguros que en la Companía uviere, porque adonde ay muchos virtuosos bien se suffre quien quiera, y donde ay mayor peligro all a de ser mayor el socorro. Por amor de N. Senor que cesse ya la custumbre de mandar a estas partes de infieles el rebotallo como yo, porque más importa a N. S. Jesú Christo hazerse acá una casa de paja adonde se enseñe la doctrina a X moços, que no en Portugal muy sumptuosos collegios: y con todo esta no sé que digo, por ventura diré esto porque lo de acá me fatiga más.

Esta casa de San Vicente es la más pobre de todas, y padecen las Hermanos y Padres y ninas mucha hambre y irío, y es maravilla no huir para sus padres. Agora me parece que sai pobre de verdad, porque antes quando el mundo pensava que yo lo era, hartávame de carnero y vaca, e bevía buen vino y no me faltava vestido, aora si no es de naranjas y cidras pocas vezes so harto. Nós vivimos de lymosnas, y de lo que tienen los ninas no usamos, antes les damos de nuestras lymosnas, y con todo no parecemos pobres porque ministramos lo que tienen las ninas. Y porque esta casa ha de ser la mejor de todas las que acá por la tierra se hizieren, devía ser abastada para partir con las otras.

Yo hallé en esta Capitanía una demanda en abierto que traya Pero Correa con Brás Cubas, antes que entrasse en la Compania, y quando entró concertóse el Pe. Leonardo Nunez con Brás Cubas, y antes que se assentasse el concierto fuesse Brás Cubas huido para Portugal por cosas mal hechas en esta tierra siendo capitán. .Aora quando vino negó el concierto a Leonardo Nunez y, siendo él el que devía, se

andava quejando que le devían; a cuyas voces acordé yo a saber la cosa como passava, y hallé que Pero Correa a le demandava dos mil y bñ ducados de toda su hazienda que le destruyó evidentemente por lo qual hizo Pero Correa a una donación a las ninos de todo quanto tenía y los mayordomos seguían la demanda. De manera que convino a Brás Cubas venir con lágrimas a pedir misericordia al mismo Pero Correa, y donde antes el p.e Leonardo Nunez se contentava con nada, aora por concierto dió los esclavos que tenía tomado a Pero Correa, y más diez vacas para los ninos tener leche y otras cosas, e creo que le quitaran toda su hazienda, porque, aunque es el más rico de la tierra, ni toda bastava para pagarse la demanda si se acabara. Y dize que será verdadero siervo de los ninos. Yo consenti en el concierto por comprar nossa vexación y otros trabajos grandes, y no destruir un próximo, y es mejor uno con paz que XX con contienda.

No escribo al Pe. Mirón porque aún no vi su carta ni la respuesta de lo que escrevi el ano passado, ni la respuesta de lo que escrevi al Doctor Na varro. Como las viere responderé. Yo quedo en esta Capitanía de S. Vicente, aquí me escrivan, y si aún allá estuviere el Vicario de acá, por él puede venir todo bien. Las más nuevas escriven las Padres de la Baya más largo.

Si allá no pareciere tan mal hazer casas entre la gentilidad, aya de Su Alteza recado para no lo impedir, a lo menos se fuéremos a la gentilidad contraria desta adonde los christianos tienen sus poblaciones, para cessar respectos algunos que acá me ponerí.

Porque a estarnos encerrados en las capitanías tememos poco que hazer daquí adelante, presertim con el Obispo querer llevar un camino que yo no entiendo, y los peccados ganan mayor fuerça en la tierra y los clérigos del Brasil destruen todo aunque mucho se hiziesse y edificasse. Ya cansamos de clamar, ya los que nos avían de oír, de los christianos, nos tienen oydo, no nos queda más que la gentilidad, y si esta nos impiden no haremos nada. Los hombres comunmente no tienen respecto sino a su provecho y proprio interesse y hun poco al servido del Rey; y para N. Señor no ay respecto ninguno.

A esta casa dió N. Señor un hermano herrero muy bendita alma. Este mantiene estas ninos con su trabajo, porque haze algún rescate con que le compran mantenimiento. Esta tierra es muy pobre y no se puede conversar este gentio sin anzoles y facas para los mejor atraer. Haga em biar el más hierro y aço que pudiere para dar que hazer al hermano.

Mando enseñar algunos moços de la tierra para el sertón a ferreiros e a tesselões, y de allá devían de mandar dos ninas huérfanos enseñados a officiaes para acá, porque esto hallamos ser en esta tierra una gran parte para la conversión destes infieles.

Si V. R acá viniere a peregrinar, como en la suya dize, asi me parece que le parecerá; y por essa todo lo que mandare vengoa derecho a esta Capitanía, digo lo desta casa, y quanto más fuere tanto más almas ayuda a salvar.

Aora no se offresce más, todos estamos de salud, salvo Leonardo Nunez que vino muy doliente del Rio de los Patos, adonde fué a hazer venir unas senoras castellanas que vinieron en unas armada que venía para el Rio de la Plata y perdiéronse allí, porque el Governador lo embió.

Esta Capitanía es la más sana de todas. Vale, mi Pater, et ora pro me.

Anexo P: Ao P. Luís Gonçalves da Câmara, Lisboa

Do Sertão de São Vicente 31 de Agosto de 1553

Pax Christi.

Esta escrevo a V^a R^a estando no sertão desta Capitania de S. Vicente, onde fiquei este ano, vindo na armada.

O fruto que nesta terra se faz, pelas cartas dos Irmãos, que estão em S. Vicente, o saberão, porque escreverão de mais perto.

Ontem, que foi festa da Degolação de S. João, vindo a estar numa Aldeia onde se ajuntam novamente e apartam os que se convertem, e onde tenho postos dois Irmãos para os doutrinar, fiz solenemente uns 50 catecúmenos, dos quais tenho uma boa esperança de que serão bons cristãos e merecerão o baptismo e será mostrada por obras a fé que tomam agora.

Eu vou adiante buscar alguns escolhidos que Nosso Senhor terá entre estes gentios: lá andarei até ter novas da Baía dos Padres que creio serão vindos. Pedra Correia foi já adiante a denunciar penitência em remissão de seus pecados.

Levo todos os modos com que mais nos parece que ganharemos as vontades dos gentios. Os moços principalmente vêm-se para nós de todas as partes.

Neste Campo está um João Ramalho, o mais antigo homem que há nesta terra. Tem muitos filhos e mui aparentados em todo este sertão, e o mais velho deles levo agora comigo ao sertão por mais autorizar o nosso ministério. Porque é muito conhecido e venerado entre os gentios e tem filhas casadas com os principais homens desta Capitania, e todos estes filhos e filhas são de uma índia, filha dos maiores e mais principais desta terra. De maneira que, nele e nela e em seus filhos, esperamos ter um grande meio para a conversão destes gentios. Este homem, para mais ajuda, é parente do Padre Paiva e cá se conheceram.

Quando veio da terra, que haverá anos e mais, deixou a sua mulher lá, viva, e nunca mais soube dela, mas que lhe parece que deve ser morta, pois há tantos anos. Deseja muito casar-se com a mãe destes seus filhos. Já para lá se escreveu e nunca veio resposta deste seu negócio. Portanto é necessário que V^a R^a envie logo a Vouzela, terra do P. Mestre Simão, e de parte de Nosso Senhor Iho requeiro; porque se este homem estiver em estado de graça, fará Nosso Senhor por ele muito nesta terra, pois estando ele em pecado mortal, por sua causa a sustentou até agora.

E pois isto é coisa de tanta importância, mande V^a R^a logo saber a certa informação de tudo o que tenho dito.

Nesta terra há muitos homens que estão amancebados e desejam casar-se com elas e será grande serviço de Nosso Senhor. Já tenho escrito que nos alcancem do Papa faculdade para nós dispersarmos em todos estes casos, com os homens que andam nestas partes de infiéis. Porque uns dormem com duas irmãs e desejam, depois que têm filhos de uma, casar-se com ela e não podem. Outros têm impedimentos de afinidade e consanguinidade, e para tudo e para remédio de muitos se deveria isto logo impetrar para o sossego e quietação de muitas consciências.

E o que temos dito para os gentios se deveria também ter e haver para os cristãos destas partes; e, ao menos até que do Papa se alcance geral indulto, se o Nuncio tiver poder hajam dele dispensa particular para este mesmo João Ramalho poder casar com esta índia, não obstante que houvesse conhecido outra sua irmã e quaisquer outras parentas dela. E assim para outros dois ou três mestiços, que querem casar com índias de quem têm filhos, não obstante qualquer afinidade que

entre eles haja.

Nisto se fará grande serviço a Nosso Senhor. E se isto custar alguma coisa, ele o enviará de cá em açúcar, Haja lá algum virtuoso que lho empreste. Porquanto me achei nestas necessidades e com grande desejo de ver tantas almas remediadas, escrevo isto a V^a R^a para na primeira embarcação mandar resposta a esta Capitania de São Vicente.

O demais escreverei para a ida dos navios, se me achar em parte para isso; e senão os Padres e Irmãos suprirão. A uma carta que neste São Vicente recebi tenho já respondido. As que vieram por via da Baía ainda as não vi. É mais fácil vir de Lisboa recado a esta Capitania do que da Baía,

Vale, Pater. Deste sertão adentro, último de Agosto de 1553 anos.

Anexo Q: A D. João III Rei de Portugal

[Capitania de São Vicente (Piratininga ?) Setembro-Outubro de 1553]

A graça e consolação do Spiritu Sancto seja com V. A. sempre. Amen.

Porque mando este anno hum Padre de quá a dar conta a V. A. e hà Companhia das causas destas partes, e por Thomé de Sonsa aver pouquo que de quá partia pollos quais de tudo será bem informado, não tinha eu pera que escrever; mas pera cumprir com a devação de V. A. e com os desejos que em Nosso Senhor eu tenho destas partes serem favorecidas delle, somente lhe darei alguma comta desta Capitania de São Vicente, omde a maior parte da Companhia residimos por ser ella terra mais aparelhada pera a comversito do gentio que nenhuma das outras, porque nunca tiverão guerra com os christãos, e hé por aq ui a porta e o caminho mais certo e seguro pera entrar nas gerações do sertão, de que temos boas informações.

Há muitas gerações que não comem carne humana. As mulheres andão cobertas. Não são crueis em suas guerras como estes da costa, porque somente se defendem; algumas tem hum soa Principal, e outras causas mui amigas da lei natural. Polla qual rezão nos obriga Nosso Senhor a mais presto lhes socorrermos, maiormente que nesta Capitania nos proveo de instrumentos pera isso, que são alguns Irmãos lingoas, e por estas rezões nesta Capitania nos occupamos mais que nas outras. Está principiada huma casa na povoação de S. Vicente, onde se recolherão alguns orfãos da terra e filhos do gentio.

E do mar dez legoas pouquo mais ou menos, duas legoas de huma povoação de João Ramalho, que se chama Piratinim, onde Martin Afonso de Sousa primeiro povoou, ajuntamos todos os que Nosso Senhor quer trazer à sua Igreja e aquelles que sua palavra e evangelho engendra polla pregação. E estes de todo deixão seus costumes e se vão estremando dos outros, e muita esperança temos de serem verdadeiros filhos da Igreja; e vai-sse fazendo huma fermosa povoação, e os filhos destes são os que se adoutrinão no collegio de S. Vicente.

Na Baia não se em tende agora com o gentio por falta de lingoas que não temos, somente se sustenta aquella casa e se doutrinão alguns moços, e as si tão bem porque andão elles agora todos baralhados em tão crueis guerras, que vezinhos com vezinhos e cassa com cassa se comem, que hé grande juizo de Nosso Senhor.

E hé agora o mais conveniente tempo pera a todos subjeitarem e os emporem no que quizerem, e já agora a terra estava honestamente segura e ehea de gente pera se poder fazer, se os Indios o quisessem contradizer, quanto mais que por

serto se tem que assi huns como os outros, que dentro daquella geração de dez ou dose legoas estão, lhes virá já bem e folgarião aseitar qualquer sojeição moderada, antes que viverem nos trabalhos em que vivem. E porem os homens comumente vivem e buscam quae sua sunt non quae lesu Christi e querem mais qualquer repouso seu, que ho muito que Nosso Senhor ganharia; e não querem aventurar qualquer paz sua por ganharem muita pera Christo e pera o bem da terra. E por isso se permite que junto das portas da sidade se espedacem corpos humanos e se comão, ho que hé oprobrio de Christo e deshonrra da nobreza purtugues[a], e todos dizem: pax, pax et non erat pax, Curavimus Babilonem et non est curata.

Parece rezão deixaremos esta parte e quinhão ao Bispo e a seus Padres, o qual quer levar outro estillo com elles diferente do nosso proceder, e ho seu deve ser ho milhar, pois hé muito virtuoso: zeloso e letrado, e em tudo muito experimentado.

Anexo R: Ao P. Inácio de Loyola, Roma

[São Vicente Maio de 1556]

A ssumma graça etc.

Despois de ter escripto a V. P. o anno passado de 555 por duas, veio ho p.e Luis da Grãa no mes de Maio com cuja vinda nos alegamos todos e tomamos novo fervor e esforço para o serviço do Senhor, e eu me detreminei com seu conselho em algumas duvidas que tinha.

Por este navio que veio soubemos como El-Rei mandava hir o Bispo de quá, e creio que já ho não acharei na Baya, e portanto nos detreminamos o Padre e eu de fazermos nossa profissão desta maneira. Elle a fes em minhas mãos como Provincial por não aver outro prelado na terra, ho qual eu despois nas suas como professo, E porque as em barquações nesta terra são difficultosas e não nos esperáremos ver tão cedo o p.e Luis da Grãa e eu, ma aceitou con tal intenção que V. P. o aja por bem, e com vontade de elle e eu ha tornáremos a fazer quando na feita ouvesse alguma duvida. Se eu achar o Bispo na Baia ou outro Provincial, como espero, lá ha tornarei a ratificar, e o mesmo fará o Pe. Luis da Grãa quando tiver quem lha aceite. Se nisto acertamos, ou se ho podíamos fazer, e se ha aceita no-la faça escrever V. P..

Da Baia tenho novas estarem os gentios subjugados por guerra e rnui aptos pera receberem lá doutrina. Levo de quá alguns Irmãos pera nisso se entender de proposito, e ho mesmo crerá N. Senhor que seja por toda a costa.

Ho gentio desta terra como não tem matrimonio verdadeiro com animo de perseverarem toda a vida, mas tomão huma molher e apartão-se quando querem, de maravilha se achará, em huma povoação e nas que estão ao derredor perto, quem se poça cassar dos que se eomvertem, legitimamente, à nossa fee, sem que aja inpidimento de consanguinidade ou afinidade, ou de publica onestidade. E este nos hé o maior estorvo que temos, nem os poder pôr em estado de graça, e por isso não lhe ouzamos a dar o sacramento do bautismo, pois hé forçado fiquarem ainda servos do peccado. Será necessario aver de Sua Santidade nisso largueza destes direitos positivos e, se parecer muito duro ser de todo o positivo, ao menos seja de toda afinidade, e seja tio com sobrinha, que hé segundo grao de consanguinidade, e hé quá o seu verdadeiro casamento. Ha sobrinha digo da parte da irmãa, porque a filha do irmão hé antre elles como filha e não se casão com as tais. E posto que tenhamos poder de dispensar no parentesco de direito positivo com aquelles que

antes de se converterem já erão casados, com forme a nossas bulas e ao direito canonico, isto não pode quá aver lugar, porque não se casão pera sempre viverem juntos como outros infieis, e se disto usamos alguma hora, hé fazendo-os primeiro casar in lege naturae e depois se bautisãm. Nestas causas estamos mui atados e desejamos ver a clareza e hum largo poder, e o mesmo hé dos mestiços da terra que nisto são iguais com o gentio; e tão bem há destes inpedimentos entre os christãos que quá vivem e muitos não podem ter recurso a Roma, e em apartarem-se seria escandalo.

Saberá V. P. como me embarquo pera a Baya muito achegado à morte de huma infirmitade de que nesta terra não tenho visto escapar nenhum, que hé inchação do estarnago. Vou mui confiado de achar na Baia Provincial assi por se me acabarem os tres annos como por ser já rezão que me deixe já refrigerar algum pouco, como por vezes já tenho escripto a V. P. e creio que já deve de ter ouvida a petição deste seu pobre filho.

Anexo S: Ao P. Miguel de Torres, Lisboa

Baía 8 de Maio de 1558

Primeiramente o gentio se deve sujeitar e fazê-lo viver como criaturas que são racionais, fazendo-lhe guardar a lei natural, Como mais largamente já aponteí a Dom Leão o ano passado.

Depóis que o Brasil é descoberto e povoado, têm os gentios mortos e comidos grande número de cristãos e tomadas muitas naus e navios e muita fazenda. E trabalhando os cristãos por dissimular estas cousas, tratando com eles e dando-lhes os resgastes com que eles folgam e têm necessidade, nem por isso puderam fazer deles bons amigos, não deixando de matar e comer, como e quando puderam. E se disserem que os cristãos os salteavam e tratavam mal, alguns o fizeram assim e outros pagariam o dano que estes fizeram; porém há ou tros a quem os cristãos nunca fizeram mal, e os gentios os tomaram e comeram e fizeram despovoar muitos lugares e fazendas grossas. E são tão crueis e bestiais, que assim matam aos que nunca lhes fizeram mal, clérigos, frades, mulheres de tal parecer, que os brutos animais se contentariam delas e lhes não fariam mal. Mas são estes tão carniceiros de corpos humanos, que sem excepção de pessoas, a todos matam e comem, e nenhum benefício os inclina nem abstém de seus maus costumes, antes parece e se vê por experiência, que se ensoberbecem e fazem piores, com afagos e bom tramento. A prova disto é que estes da Baía sendo bem tratados e doutrinados com isso se fizeram piores, vendo que se não castigavam os maus e culpados nas mortes passadas, e com severidade e castigo se humilham e sujeitam.

Depois que Sua Alteza mandou Governadores e justiça a esta terra, não houve saltearem os gentios nem tomarem-lhes o seu como antes, e nem por isso deixaram eles de tomar muitos navios e matarem e comerem muitos cristãos, de maneira que lhes convém viver em povoações fortes e com muito resguardo e armas, e não ousam de se estender e espalhar pola terra para fazerem fazendas, mas vivem nas fortalezas como fronteiros de mouros ou turcos e não ousam de povoar e aproveitar senão as praias, e não ousam fazer suas fazendas, criações, e viver pola terra dentro, que é larga e boa, em que poderiam viver abastadamente, se o gentio fosse senhoreado ou despejado como poderia ser com pouco trabalho e gasto, e teriam vida espiritual, conhecendo a seu criador e vassalagem a S. A. e

obediência aos cristãos, e todos viveram melhor e abastados e S. A. teria grossas rendas nestas terras.

Este gentio é de qualidade que não se quer por bem, senão por temor e sujeição, com o se tem experimentado e por isso se S. A. os quer ver todos convertidos mande-os sujeitar e deve fazer estender os cristãos pala terra adentro e repartir-lhes o serviço dos Índios àqueles que os ajudarem a conquistar e senhorear, como se faz em outras partes de terras novas, e não sei como se sofre, a geração portuguesa que antre todas as nações é a mais temida o obedecida, estar por toda esta costa sofrendo e quase sujeitando-se ao mais vil e triste gentio do mundo.

Os que mataram a gente da nau do Bispo se podem logo castigar e sujeitar e todos os que estão apregoados por inimigos dos cristãos e os que querem quebrantar as pazes e os que têm os escravos dos cristãos e não os querem dar e todos os mais que não quiserem sofrer o jugo justo que lhes derem e por isso se alevantarem contra os cristãos. Sujeitando-se o gentio, cessarão muitas maneiras de haver escravos mal havidos e muitos escrúpulos, porque terão os homens escravos legitimos, tomados em guerra justa, e terão serviço e vassalagem dos Índios e a terra se povoará e Nosso Senhor ganhará muitas almas e S. A. terá muita renda nesta terra, porque haverá muitas criações e muitos engenhos já que não haja muito ouro e prata.

Depois desta Baía senhoreada será fácil causa sujeitar as outras Capitánias porque samente os estrondos que lá fez a guerra passada os fez muito medrosos e aos cristãos deu grande ânimo, tendo-o antes mui caído e fraco, sofrendo cousas ao gentio que é vergonha dizê-lo.

Desta maneira cessará a boca infernal de comer a tantos cristãos quantos se perdem em barcos e navios por toda a costa; os quais todos são comidos dos Índios e são mais os que morrem que os que vem cada ano, e haveria estalagens de cristãos por toda a costa, assim para os caminhantes da terra como para os do mar.

Este parece também o melhor meio para se a terra povoar de cristãos e seria melhor que mandar povoadores pobres, como vieram alguns e por não trazerem com que mercassem um escravo com que começassem sua vida não se puderam manter e assim foram forçados a se tornar ou morrerem de bichos e parece melhor mandar gente que senhoreie a terra e folgue de aceitar nela qualquer boa maneira de vida co mo fizeram alguns dos que vieram com Tomé de Sousa, tendo mui pouca razão de se contentarem dela naquele princípio, quando não havia senão trabalhos, fomes e perigos de Índios, que andavam mui soberbos e os cristãos mui medrosos e por isso muito mais, se virem os Índios sujeitos, folgarão de assentar na terra.

Nem parece que para tanto gentio haverá mister muita gente, porquanto, segundo se já tem experiência dele por outras partes, poucos cristãos bastarão e pouco custo e porventura que com pouco mais do que S. A. gasta em os trazer à fé por paz e amor e outros gastos desnecessários, bastaria para sujeitar toda a costa com ajuda dos moradores e de seus escravos e Índios amigos, como se usa em todas as partes desta qualidade.

Devia de haver um protector dos Índios para os fazer castigar quando o houvessem mister e defender dos agravos que lhes fizessem. Este devia ser bem salariado, escolhido polos Padres e aprovado pala Governador. Se o Governador fosse zeloso bastaria ao presente.

A lei, que lhes hão-de dar, é defender-lhes comer carne humana e guerrear sem licença do Governador; fazer-lhes ter uma só mulher, vestirem -se pois têm muito algodão, ao menos depois de cristãos, tirar-lhes os feiticeiros, mantê-las em justiça entre si e para com os cristãos; fazê-las viver quietos sem se mudarem para

outra parte, se não for para antre cristãos, tendo terras repartidas que lhes bastem, e com estes Padres da Companhia para os doutrinarem.

Isto começou a executar D. Duarte e agora Mem de Sá o faz com maior liberalidade pelo Regimento, que trouxe de El-Rei, que está em glória, mui copioso e abundante, mas todavia será mui conveniente ser nisso alem brado de lá e fazer que lhe escrevam agradecimentos do que faz.

Meninos do gentio não há agora em casa. A razão é porque os que havia eram já grandes e deram-se a ofícios, mas destes os mais fugiram para os seus, e como não havia sujeitá-las lá se andaram até agora que Mem de Sá os começa de fazer ajuntar, outros por não se poderem aqui sustentar por causa da fome, que há dias que anda por esta Baía (não por falta de terra nem dos tem pos senão por falta de quem faça mantimentos e ha ver muitos ociosos para os comer), foram mandados para a Capitania do Espírito Santo, não se tomaram outros, nem se fez por isso, por não se poderem sustentar, todavia já agora começaremos de ajuntar alguns de melhores habilidades nesta casa e tenho um homem muito conveniente para ter cuidado deles.

Cá nos parece bem, além da superintendência espiritual dos moços, convir muito que o Provincial, ou Reitor de nosso Colégio samente, tenha também a superintendência em todo o mais para ordenar as causas, pondo e tirando e escolhendo quem deles tenha cárrago e do seu, por que se de todo os alargarmos, em breve tempo será tudo tornado em nada, segundo a experiência nos tem ensinado e não têm eles, nem sua casal mais ser que quanto nós ajudamos, maiormente por serem filhos dos gentios de que a gente desta terra tem mui pouco gosto, antes comumente se tem grande ódio a esta geração e o que lhes pode fazer maior mal é se cuidar que salva melhor [a] alma; e por isso se não escusa a superintendência que digo ou de todo alargá-los.

Minha tenção, quando se esta casa principiou, foi parecer-me que nunca meninos do gentio se apartariam de nós e de nossa administração e o que se adquiriu foi para eles e para nós. Dos moços órfãos de Portugal nunca foi minha tenção adquirir a eles nada nem fazer casa para eles, senão quanto fosse necessário para com eles ganhar os da terra para os dou trinar e estes haviam de ser samente os que para este efeito fossem necessádose de cá se pedissem.

Torno a dizer que é tão grande o ódio, que a gente desta terra tem aos Índios, que por todas as vias os toma o imigo de todo o bem por instrumentos de danarem e estorvarem a conversão do gentio; porque de Mem de Sá, Governador, ajuntar quatro Aldeias em uma e querer ajuntar outras em outra parte, não saberei dizer quanto o estorvam por todas as vias, mas neste caso parece-me bem o que faz Mem de Sá, e eu e D. Duarte assim lho aconselhamos, porque doutra maneira não se podem doutrinar nem sujeitar nem metê-los em ordem, e os Índios estão metendo-se no jugo de boa vontade, sed turba quae nescit legem e não têm misericórdia nem piedade, e têm para si que estes não têm alma, nem atentam o que custaram, não têm o sentido senão em qualquer seu interesse.

Duas gerações estão aqui junto, as quais de pouco tempo para cá se comem depois que cá somos e estão tão junto de nós e perto uns dos outros que é impossível poderem-se doutrinar nenhuns deles e todos sujeitos ao que o Governador lhes quer mandar e sofreram ate gora grandes agravos dos cristãos até lhes tomarem filhas e mulheres e os matarem; e porque Mem de Sá lhes manda a uns e aos outros que não pelejem nem tão-pouco se entrem, lho contradizem por se temerem que serão amigos e far-se-ão mais fortes contra os cristãos.

Desta opinião era Ambrósio Pires e eu também a tive muitos anos até que vi e

soube a experiência que se tem em outras partes, scilicet no Peru e Paraguai onde está uma cidade de cristãos no meio da geração Carijó, que é maior que todas as desta costa juntas e achega até às serras do Peru, tem mais de trezentas léguas. Destas, cem léguas ao redor, senhoreia aquela cidade donde não há mais gente que do que agora há nesta cidade. E quando começaram a senhoreá-las foi com trinta ou quarenta homens somente. E não sômente se contentam com terem esta senhoreada mas outros que estão antressachadas e fazem amigos uns com os outros e os que não guardam as pazes são castigados e fazem deles justiça os castelhanos como poucos dias há aconteceu que fizeram aos Índios de São Vicente que confinam com os Carijós por quebrantarem as pazes, que o Capitão do Paraguai havia feito uns com os outros, e outras muitas experiências que se têm tomado desta geração, que eu tenho ouvido e lido e alguma causa visto.

Mas os portugueses destas partes como ategora estiveram sujeitos e medrosos dos Índios illie trepidant timore ubi non est timor, porque não há perigo propinco, nem longínquo tão-pouco. É gente a desta terra que desejam a terra senhoreada e sujeita e terem serviço dos Índios, mas isto que seja sem eles aventurarem nem uma raiz de mandioca. A este estorvo tão grande não sinto remédio se não se mandar gente que senhoreie a terra como me dizem que a Câmara desta cidade pede, e senão ao menos devem animar muito nisto a Mem de Sá, o qual parece que nisto é alumiado por Nosso Senhor e está bem na cousa, mas comurnente estão todos contra a sua opinião e minha.

Também se devia de haver u ma carta de Suas Altezas para a Câmara em que declare quanto pretende a conversão do gentio, na qual não estorvem tanto; porque se isto vai como foi atequi eu sou de voto que será escusado Colégio da Companhia e deviam-nos dar licença para ir ao Peru ou Paraguai, porque nem com cristãos nem com gentios aproveitaremos nada desta maneira, ou se aqui apartar alguma nau da Índia passarmo-nos lá, porque há doze anos que cada ano vem uma.

Acerca do apartamento dos meninos já tenho feito apartamento antre eles e nós, posto que apertadamente. Como houver que dar-lhes de comer, recebê-los-emos.

Não me parece bem apertar agora muito por Colégio, porque, por mais propício que D. Duarte vá, há-de dizer que se acuda a outras maiores necessidades da terra e que nós estamos bem agasalhados; e na verdade se a terra não for em maior crescimento, eles têm razão; e para os Padres e Irmãos que houver, haverá bem honesto agasalhado, maiormente que hão-de residir nas povoações dos Índios os que não estudarem. Estes quatro anos, que dura a provisão, parece bem que não se deve lá pedir vestiaria, a qual cá se não paga como verão pela certidão do escrivão da fazenda; e mandarem-nos uma esmola de pano e o mais como mandaram este ano e *sufficit nobis* salvo se lá virem tão boa conjunção que haja algum dote perpétuo para o Colégio ou de dízimos ou do que parecer, segundo informação do P. Ambrósio Pires que vai.

A renda, que El-Rei cá tem nesta Baía, é esta, scilicet: as miunças que rendem cento e vinte mil réis em que andam arrendadas; o peixe e mandioca e algodão andam em cento e trinta mil réis; pagos em ordenado, que é um terço menos, pode valer em dinheiro oitenta mil réis; o açúcar do Engenho anda em cento e cinquenta cruzados. Nestas rendas manda El-Rei pagar aos cónegos da Sé seus ordenados.

A melhor causa que se podia dar a este Colégio seria duas dúzias de escravos de Guiné, machos e fêmeas, para fazerem mantimentos em abastança para casa, outros andariam em um barco pescando, e estes podiam vir de mistura

com os que El-Rei mandasse para o Engenho, porque muitas vezes manda aqui navios carregados deles.

Para os meninos se podia negociar sua manutenção segundo os quisessem ter. Eles têm agora trinta mil réis que abastarão a uma dúzia deles para se manterem afora vestido que de lá deviam mandar desses alambéis e outros panos que lá se perdem. Afora esta dúzia quer o Governador Mem de Sá manter à sua custa outra dúzia deles e já os começo de ajuntar.

O que em todas as casas é já mui necessário é estanho lavrado, tachos e caldeirões de cobre e alguidares de cobre para fazer farinha como o Padre dará a menção.

Para a Igreja virá o sino aqui à Baía, e o relógio para São Vicente, campas para as Aldeias e os ornamentos convenientes como o Padre dirá ser cá necessário

A doutrina da cidade nos tirou o Vigário, não por se lá fazer melhor, nem por ser maior glória de Nosso Senhor, porque cá além da doutrina tinham práticas e declarações na sua língua, que eram de que se mais aproveitavam, o que agora se não pode fazer tao comodamente. O mesmo usou o Bispo que Deus haja connosco e veio tu do a tanta frieza que a largaram; nós agora se eles a largarem torná-lamos a tomar.

O Padre dará relação do que cá passamos com os clérigos da Sé acerca de um legado que nos deixou um Diogo Álvares Caramelu, o mais nomeado homem desta terra, o qual, por nos ter muito crédito e amor, nos deixou a metade da sua terça, o que eles tomaram tão mal e fizeram uma petição de muitas falsidades como lá verá polo treslado [que] dele vai; e se algum do cabido não queria assinar por lhe parecer tudo falsidade, o Vigário geral o fazia assinar com dizer que era obrigado a assinar o que a maior parte assinava, de maneira que por experiência temos visto, danar-nos e desacreditar-nos o que pode. Eu e todos os mais da Companhia tratamos com ele ategora simplesmente e fielmente e sempre no público e no secreto acreditamos e escusamos suas cousas, mas a ele sempre o amoestei fraternalmente do que me parecia, mas ele nunca tomou meu conselho, nem emendou cousa que eu lhe dissesse, antes tomava ocasião de meter zizânia antre nós e aquelas pessoas que lhe eu dizia; e como disto era muito, avisando-o do escândalo e mau exemplo dos seus clérigos para ele remediar, não somente o não remediou, mas contra nós os encendia e amotinava. E, porque disto o Padre Ambrósio Pires sabe muitas particularidades, dele poderá V. R. saber o necessário.

Muito necessário nos será cá um conservador nosso, porque pois cá fazem conta de Colégios, não podem deixar de nascer cousas por onde ele seja muito necessário; e porque cá não sabemos o estilo que nisto se deve ter, mandem-nos disto larga informação.

Depois que fui entendendo por experiência o pouco que se podia fazer nesta terra na conversão do gentio, por falta de não serem sujeitos, e pouca esperança de se a terra senhorear por ver os cristãos desta terra como sujeitos ao mais triste e vil gentio de todo o mundo, e ver a pouca ajuda e os muitos estorvos dos cristãos destas partes, cujo escândalo e mau exemplo é bastante para não se converterem posto que fôra o melhor gentio do mundo, sempre me disse o coração que devia mandar aos Carijós, os quais estão senhoreados e sujeitos dos Castelhanos do Paraguai e mui dispostos para se neles frutificar, e em outras gerações que também conquistam os Castelhanos; e, juntamente com isto, fazerem-me de lá instância grande por muitas vezes o capitão e os principais da terra, prometendo-me todo o favor e ajuda necessária para bem empregar nossos trabalhos, assim com cristãos como com os gentios. Tive também cartas de pessoas, que esperavam nossa ida

com desejos de servirem a Nosso Senhor nesta Companhia, de muito boas partes para isso, e com isto ver que a Capitania de São Vicente se vai pouco e pouco despovoando, polo pouco cuidado e diligência, que El-Rei e Martim Afonso de Sousa nisso poem; e considerar eu os muitos Irmãos, que há em São Vicente e o pouco que se faz aí, parecia-me devia a Companhia ter lá alguma entrada donde se fosse, quando de todo São Vicente se despovoasse. Também me parecia que estando lá a Companhia se apagaram alguns escândalos que os castelhanos têm dos portugueses e a meu parecer com muita razão, porque usaram mui mal com uns que vieram a São Vicente, que se perderam de uma armada do Rio da Prata. Vivendo eu com este desejo, o deixei de pôr por obra por não ter quem mandar e algumas vezes estive determinado para eu mesmo ir a saber o que lá se poderia fazer. Nisto chegou o P. Luís da Grã, o qual desejei muito que fosse, mas porque o achei de opinião contrária *aquievi consilio eius* e tive o meu espírito por suspeito.

Depois que vim a esta Baía, achei cartas ao que sobre isto eu tinha, as quais depois de lidas aos Padres que aqui estávamos, pedi a todos seu parecer, os quais mandei com as cartas ao P. Luís da Grã, tirando-me a mim a fora, sem dar parecer de sim nem de não, por me sentir nisso mui afeiçoado, dizendo .. -lhe que fizesse fazer oração e, aconselhando-se com as cartas, que lhe mandava, de Portugal, e, com o parecer dos Padres e Irmãos, se lhe parecesse bem, entrasse.

Agora pouco há recebi carta sua em como se determinara com os Padres e Irmãos, se o caminho que em aquele tempo estava perigoso, se segurasse mais. A ida me parece de muito serviço de Nosso Senhor e também por se ordenarem alguns Irmãos de São Vicente que serão cinco ou seis com o Bispo que já lá é; e é muito mais conveniente ordenarem-se lá que virem à Baía, quanto mais que não sabemos quando cá teremos Bispo. Até o presente não tenho certeza da sua ida; espero cedo por recado certo, o qual mandarei em outro navio que se espera que irá.

As roças, que os Índios da nova vila de São Paulo agora roçam, é nas terras do Conde da Castanheira as quais lhe servem de pouco, por não ter água nem maneira para fazer Engenho. Parece-nos cá bem pedi-las ao Conde, para estes Índios desta nova povoação. Com a informação, que o Padre disso der, verão lá o que se sobre isso deve fazer.

Agora não se me oferece mais que pedir a bênção de V. R. e ser encomendado a suas orações.

Desta Baía, a 8 de Maio de 1558 anos.

Rodrigo de Freitas, homem honrado, criado de El-Rei, escrivão do tesouro: este deu sempre de si boa conta e bom exemplo em sua vida e depois da morte de sua mulher e sogra entrou Nosso Senhor muito nele de tal maneira que está determinado entrar na Companhia se o quiserem; e, porque tem alguns em barços e obrigações, eu o tenho tomado para ter cuidado dos meninos, ficando leigo e provido o seu ofício até o trespassar a um seu Irmão, que manda chamar, o qual quer deixar com o mesmo cãrrego dos moços.

Filho inútil

Anexo T: Ao P. Miguel de Torres e Padres de Portugal

Baía 5 de Julho de 1559

A paz e amor de Christo etc.

As novas, que de nós há, escreverei a V. R. e a nossos dilectissimos Padres e Irmãos pera que, como verdadeiros membros, se alegrem no Senhor connosco de nossa consolação e se compadeção tambem connosco de nossas tristezas e trabalhos.

Pelos derradeiros navios, que desta Bahia partirão ho anno passado, escrevi largo do que até aquele tempo passava, agora direy o que depois succedeo. E espante-sse V. R. e meus Irmãos como tenho entendimento, nem mãos pera o fazer, por a desconsolação que caa temos de não podêmos ter reposta das muytas cartas que são escritas, porque as que trazia este navio de João Gomez nam nos derão porque o principal maço em que devião de vir se perde o ou alguem as tomou, de maneira que não vierão a nossa mão; as que trazia o navio de Domingos Leitão tão pouco, porque o navio não aportou caa. Ha armada d'El-Rey, que esperamos, tarda tanto que não se espera este anno, e por isso não poderey contar as causas com todas suas circunstancias, mas contentar-me-ei com as dizer de qualquer maneira que poder.

Despois da vinda de Men de Sá, Guovernador, se fizerão tres igrejas em tres povoações de Indios e muytas mais se fizerão se ouvera Padres e Irmãos pera nellas residirem; outras (duas ou tres) Aldeias de Indios estão juntas esperando por Padres pera os doutrinarem: estas sam visitadas de nós quando podemos por se deterem assi até serem socorridos. A primeira igreja que se fez, ha huma legoa desta cidade, chama-se Sam Paulo; a segunda, Sam João, tres legoas; a outra Sane ti Spiritus, sete legoas. Mas será rezão dizer o que em cada huma aconteceo em particular.

E començando em Sam Paulo, que foy a primeira, clirey primeramente ha ordem que teve e tem em proceder. Aqui há escola dos meninos, que são pera isso, cada dia huma só vez, porque tem o mar longe e vão pelas menhãs pescar pera sy e pera seus paes, que não se mantem doutra cousa, e às tardes tem escola tres oras ou quatro. Destes ahi cento e vinte por rol, mas continuos sempre há de oitenta pera arriba. Estes sabem bem a doutrina e cousas da fee, lem e escrevem; já cantão e ajudão já alguns hà missa. Estes são já todos baupuzados com todas as meninas da mesma ydade, e todos os innocentes e lactantes. Despois da escola há doutrina geral a toda gente, e acaba-sse com Salve cantada polos meninos e as Ave Marias. Despois, huma hora de noite, se tanje o sino e os meninos tem cuydado de ensinarem ha doutrina a seus pais e mais velhos e velhas, os q uais não podem tantas vezes ir hà igreja, e hé grande consolação ouvir por todas as casas louvar-se Nosso Senhor e dar-se gloria ao nome de Jesus.

Aos domingos e sanctos tem missa e pregação na sua lingoa e ele contino hé tanta a gente que não cabe na igreja, posto que hé grande; ali se toma conta dos que faltão ou elos que se ausentão e lhes fazem sua estação. Ho meirinho, que hé hum seu Principal delles, prega sem pre aos domingos e festas polas casas de madrugada a seu modo. A obediencia que tem hé muyto pera louvar a Nosso Senhor, porque não vão fora sem pedir licença, porque lho temos asy mandado por sabêmos onde vão, pera que não vão comunicar, ou comer carne humana, ou embebedar-se a alguma Aldea longe; e se algum se desmanda, hé presso e castigado pelo seu merinho, e o Governador faz delles justiça como de qualquer outro christão e com maior liberdade. Se algum adocece, hé obrigado a mandar-nos

chamar e hé de nós curado e remedeado asi no corpo como n'alma ho melhor que podemos, e assi poucos morrem Cijue não sejam bautizados no artigo da morte, quando elles amostrão sinaes oiee e de contrição, e assi destes corno dos inocentes regenerados com a agoa do baptismo se sal vão muytos.

Os feitizeiros são de nós perseguidos e outras muytas abusões que tinham se vão tirando, mas dos casos particulares que contarey poderão entender milhar o que digo. Aconteeeo que hum innão do meirinho e Principal da Villa se foy a huns matos onde huma velha estava guardando a fructa e ha matou, dizendo que esta velha e o seu spirito o fizera estar doente muyto tempo. Este foy preso e, por ser a primeira justiça e por amor de seu irmão, ho meirinho, foy açoutado e lhe cortarão certos dedos das mãos de maneira que podesse ainda com os outros trabalhar. Disto ganharão tanto medo, que nenhum fez mais delicto que merecesse mais, que estar alguns dias na cadea.

Em hum Engenho se alevantou huma sanctidade por hum escravo que desenquietou a toda a terra, porque os escravos dos christãos são os que nos fazem caa a principal guerra por o deseuydo de sens senhores. Aconteceo que vindo hum indio de outra Alelea a preg'ar a santidade que andava, hum o recolheo e lhe ajuntou gente em terreiro pera ouvir. E a sanctidade que pregava era que aquele sancto fizera baylar o Engenho e ao senhor com elle que converteria a todos os que queria em paxaros, e que matava a lagarta das roças que entoncos avia, e que nós não eramos pera a matar, e que avia de destruir a nossa igreja, e os nossos casamentos que não prestavão, que o seu sancto dizia que tivessem muytas molheres, e outras cousas desta qualidade. E estando em esta pratica não pode ser tão secreta que alguns não o viessem dizer ao Irmão Pedra da Costa que ali residia com outro, o qual mandou lá o meirinho que o tomasse e o levasse ao Governador. Mas elle fogia pelos matos des que vyo que era sentido; mas prendeo o que o recolheo e outros culpados nisso, os quais se sol tarão e fogirão ele noi te. Sabendo o Governador onde estava, o mandou buscar, mas elle tambem fogio dos homens brancos, ferido em hum braço. Despois tomou no por seu conselho vir pidir misericorclia, e foy-lhe dada penitencia que se disciplinasse hum domingo na igreja e pedisse perdão a Deus e ao povo dó escandalo que dera em recolher ao que trazia a feitiçaria, o que elle fez melhor do que lhe foy mandado, não som entes elle mas tambem os outros culpados; e meteo nos outros tanto fervor e devação asi verem-no como se açoutava cruamente, como a pratica que fez, que moveo a muytos que se sentião culpados em suas consciencias, a virem confesar seu peccado secreto e a disciplinarem-sse tambem com elle em publico, que foy auto de muyta devação a todos, e alguns brancos, que ahi estaváo, ficarão pasmados de verem o que virão. O que trouxe a santidade fogio pera longe e não se pode mais aver.

Na Somana Santa me fuy pera esta igreja de Sam Paulo com alguns Irmãos pera hi fazerem os os oifícios daquelle tempo. Achou-se ahi todos estes dias Simão da Gama e sua molher e filhas, e seu cunhado Bastião de Ponte, os quais com seu exemplo muyto nos ajudarão. Fizemos a picissão de Ramos muy solemne e todos os mais oifícios das trevas e encerramos o Senhor, porque Simião da Gama tomou por sua devação cuydado de ha armar muyto bem e de acompanhar o Senhor com toda sua casa e criados. Mas o que aconteceo em ha noyte das trevoas é muyto pera louvar ao Senhor, porque, quando veo ao Miserere mei Deus que se diz por derradeiro, os Irmãos se deciplinarão todos quando o dezião às escuras. Os Indios que da paixão de Nosso Senhor Jesu Christo já tinham alguma noticia, irrui spiritus Domini in iis, e movidos de grande compunção se davão de bofetadas muy asperamente, derramando muytas lagrimas, segundo soube de todos os christãos

brancos que na igreja esta vão. Ao seguinte das Endoenças vierão todos ou a maior parte da gente, asi pequenos como grandes, disciplinando-sse hà cidade, e achegarão a tempo que entrarão na pecissão que os christãos fazião o que foi de muyta edificação de todos os christãos.

Mas sempre nossas consolações desta qualidade se bebem com mestura de fezes amargossas, porque aconteceu, no mesmo dia d'Endoenças, estando eu pera emçarar o Senhor, mandou o Cabido hum monitorio a mim e a todos os christãos que presente estavam que não ençarrasse ahi o Senhor, e a Simão da Gama e a Bastião de Ponte sob pena d'escumunhão e de vinte cruzados que logo sse viesse à cidade. Mas eu declinando o foro não deixei de o emcerrar, nem Simão da Gama se quis hir, mas demos gloria a Deus, posto que com desconolação e turbação. Na cidade tambem lançarão fama que erão descomulgado[s] quem viesse visitar ho Senhor a Sam Paulo. Estes são os favores e ajudas que dos Padres desta terra recebemos na conversão do gentio.

Ao sabado sancto loguo seguinte fizemos ho officio das fontes muy solene e bautizamos naquelle dia a muytos, os quaes estavam confessados e aparelhados asi pera o bautismo como pera o casamento que avião de receber despois dia da Resureiçam. Ouve muitos desposados e fizemos a picissão muy solene, porque veio folia da cidade que Simão da Gama ordenou e Bastião da Ponte seu cunhado: os meninos cantando na lingoa [e] em portugues cantigas a seu modo dando gloria a Nosso Senhor; e farão todos os lmdyos em pecissão asi homens como mo1heres, tendo as ruas limpas e bem emramadas, de que muyto se alegrou meu spiritu em ho Senhor.

Dia de Corpus Christi seguinte se fez outra picissão solemne da mesma maneira e muytas vezes se faz polas necessidades que acorrem com sua ladainha, a qual dizem os meninos e respondem todos; principalmente huma fezerão pedindo chuva pola grande secaa que avia, de maneira que se secavão os mantimentos e farão ouvidos de N. Senhor. Todos tem jaa per costume quando seus filhos adoecem trazerem-nos à igreja com suas pobres offertas a offerecer e dos que morrem fazemo-los enterrar com ponpa funeral, e dizem-lhe seus officios de que se elles muyto edeficão; quando podemos tem missas cantadas em festas principaes.

Ha carne humana que todos camião e muy perto da cidade hé agora tirada, e muitos tomão já por injuria alembrar-lhe aquelle tempo, e se em alguma parte se comem são amoestados e castigados por isso; isto em partes onde ainda não pode chegar a doutrina, como foy pola bahia adentro sete ou oyto legoas desta cidade, hum Principal não quis senão comê-la com festas. Mandou o Governador prendê-la e teve-o hum anno presso por isso e por desobedecer, e hé agora melhor indio que há na terra. Outros forão à guerra e matarão contrarias e deixarão-nos de trazer por medo do Governador; e estes são os de Apacé e de Cerigipae e da ilha de Taparica, entre os quaes se far[i]ão já igrejas se ou vesse Padres pera sustentarem. Os do Paraçu estavam muy soberbos e não querião paz com os christãos, mas antes vinhão a salte ar os brancos e tomarão hum [barco] sen gente, porque se lhe acolheo a gente. Mas pagarão-no muyto bem, porque forão tres vezes à guerra a elles e matarão muytos e cativarão grande soma, queimando-lhe suas casas e tomando-lhes seus barcos, polo qual pedirão paz e lha derão com trebuto de certa farinha e galinhas, e que não comerrão carne humana, e serão christãos quando lhes mandarem Padres e estarão à obediencia do Governador. O mesmo quiserão os de Tinharê, que são da mesma geração, por estarem bem com os christãos.

E hé esta huma cousa tão grande, que nunca os christãos desta terra souberão desejar nem querer tanto, porque tinham por inposivel poderem-se domar

aquelles, nem poderem-se-lhes dar guerra em suas Aldeas, por serem os caminhos de muytos matos e agoas e serras fragosas. E fez isto hum mancebo, que se chama Vasco Rodriguez de Caldas, por mandado do Governador, com bem pouca gente, que não erão oitenta pessoas, mas ajudarão muy bem os nossos cathecumenos destas três povoações, os quaes, com muyta fi[de]lidade e deligencia, servem nestas guerras e à sua custas, e pelejão já de outra maneira, porque vão armados com ho nome de Jesu, e quando partem se encomendão a Deus e pede[m]-nos que roguemos a Deus por elles, e Nosso Senhor ouve a elles e a nós, porque sempre, ategora, lhe tem dado vencimentos grandes com não lhes matarem lá ninguém, posto que vem delle .ferridos e são curados de nós com a charidade que podemos.

Hum Principal, dez ou doze legoas daqui, tendo dez ou doze contrarios pera matar, sendo amoestado pelo Governador, não quis senão comê-llos com muita soberba, e queria, sobre tudo, vir dar guérria a huma fazenda dos christãos; mas loguo lhe foy socorrer em breve e elle não ousara a chegar, antes todos os daque1la comarca e parentes de aquelles que se acharão nas festas, de medo despovoarão e deixarão roças e casas e forão-se fazer todos fortes no sartão com este. Estava deterrinado darem nelles por ser terra pera cavalos lá poderem ir e, fazendo-sse prestes a gente, sobreveo a nova dos Ilheos que estava em guerra e quatro Engenhos que hi avia despovoados e roubados do gentio. Foy necessarló acudir laa o Governador levando consigo alguns christãos e os nossso cathecumenos e outros gentios; mas este indio e todos estão amendontrados e pedem prazes; e peitão escravos aos christãos pera que os fação amigos do Governador.

Na Villa de Sam João se procede da mesma maneira, posto que com menos fervor, porque o Principal delles, que tambem servia de meirinho, não ajudava, m as estorvava e desobedecia muytas vezes ao Governador e aos Padres; e sendo contraio dos do Paraaçu, entrava com elles desobedecendo nisso ao [man]dado do Governador, do qual se temia alguma treição por ser indio muy sabia [e muy] estimado e por isso muy soberbo. Este se chama Mirangaoba. Pelo [qual, de] conselho dos christãos, que todos suspeitavão mal dele fazer pazes com seus [contrari]os, foy presso e humilhado, e agora foy ajudar ao Governador com todos os seus [e dizem que] o faz tambem que vay merecendo soltarem-no de todo.

Nesta Villa de Sam [João me] achei dia de S. Antonio onde me derão novas das victorias que o [Governador ouve] nos Ilheos, e fizemos com os Indios procissão solene dando graças [a Nosso] Senhor, onde se acharão alguns christãos e suas mulheres presentes, por [estar] esta casa perto de algumas fazendas e alguuns domingos e festas irem ali missa.

Desta igreja se visita outra Vila de tanta gente e mais que esta, huma legoa pequena, a qual ajuntamos de outros indios que erão contrarios destes de Sam Joam, que ainda quando se foy o p.e Ambrosio Pirez se comião con grande crueldade, a que não podemos fazer mais que bautizar os lactantes e saber dos doentes, pera que não morrão sem lhes offerecer a Jesu Christo N. Senhor.

A terceira igreja, que se chama Sante Spiritus, sete legoas desta Cidade, principyou o p.e Joam Gonçalvez ee nella começou a lançar os primeiros fundamentos em companhia do Irmão Antonio Rodriguez, o qual como hé lingoa e muy fervente obreiro, vay sempre diante a esmoutar a terra. Aqui se ajuntou mais gente que em nenhuma; aqui há cento e cincoenta moços de escola, afora outros muytos que ainda se não poderão ajuntar. Aqui bautizou o Padre Joan Gonçalvez grande numero de meninos lactantes, dos quais falecerão muytos: este hé hum fructo grande e seguro de almas regeneradas que a Nosso Senhor mandamos de todas estas tres povoações e de ou tras vizinhas.

Mas ante que va adiante quero contar do tra[n]sito glorioso do Padre Joham Gonçalvez. Sendo mandado, como digo, a Sant Spiritus a doutrinar aquelas almas e bautizar os lactantes, porque a estes baptizamos logo, polo perigo que correm, ele o acceptou com muita alegria, como acceptua tudo o que lhe era mandado, e de lá escrevia cartas de sua consolação grande, por ser lugar onde juntamente com doutrinar se podia dar à oração, de que elle era mui zeloso, e por ser o sitio mui aprazível. E como era devoto de N. Senhora da Comcepção, determinou em aquelle dia baptizar os innocentes e fazer aquelas almas limpas à homrra da pureza de Nossa Senhora; e escreve[u]-me que me pedia que pregasse em seu dia as grandezas desta Senhora, e que dicesse que soubessem negoçar com Noso Senhor por meo della, que não podia aver outro melhor negacear, e outras palavras, o que eu fiz o melhor que soube porque ho amava e reverenciava muito por suas virtudes.

Aconteceo que no mesmo dia de Nosa Senhora, acabando de baptizar os meninos, avendo sido largo o officio, e solemne, lhe deu grande febre, e todavia acabou a missa de N. Senhora da Concepção, a deradeira que dixeu com muito trabalho; e des que dixeu a primeira missa até aquella nunca deix[ou] dia por dizer missa, por mais trabalho e mais fraco e doente que e[stivesse]. Foy tam grande a febre e trazia tam grande febre a chamá-lo, [que] em treze ou quatorze dias aspirou neste Colegio, and[e foi] trazido já muy mortal; e dia de Nosa Senhora ante Natal esteve [tão bom] e rezou comigo e falamos louvores de Nossa Senhora, que me parecia [a mim] que mo queria N. Senhor dar, mas logo sobre a noite entrou em trang[ia de sono] no qual expirou a noite [de] S. Thomé. Foy levado à igreja pera lhe [fazerem os] officios, onde por ser dia sancto e porque pra amado de todos, [concorreu] toda a Cidade a seu enteramento, e fazião todos grande pranto nã[o cessando] de lhe beijar os pés e as mãos, e com trabalho ho tiramos pera lhe dar sepultura.

Mas eu a mim chorava e não deixo de chorar quando me acho sem elle, porque de todas as partes fiquei orfão: elle era meu exemplo, minha coluna em que me arrimava e consolava; seus conselhos sempre me forão saudaves, tão fiel companheiro nunca ninguem perdeo como eu! Elle me descansava e me íazia dormir meu sono quieto, porque tomava todos meus trabalhos sobre sy, por elle e pola graça que N. Senhor lhe deu vivia eu asi no spirito como no corpo! Quid amplius de fratre nostro? Nos trabalhos o primeiro, no descanso o derradeiro, na conversão dos gentios fervente e zeloso, com os ehristãos muyta ehaddade e humildade, no serviço de seus Irmãos e dos pobres muy deligente, na obediencia muy pronto, nos conselhos muy maduro, na governança da casa que teve muy vigilante, na observancia das regras mui cuidadoso: O irater, quis mihi daret ut pro te morerer! Porque asi acabara hurn mao de escandalizar e ficara huma candea de luz e boam exemplo nesta casa e nesta terra.

Mas pois jaa comecei de contar o castigo com que N. Senhor me castigou a mim e a meus Irmãos levando-nos tal companheyro, proseguiré esta materia até acabar. Forão este anno tantas doenças e trabalhos que ouve nesta casa que não saberei contar, porque todos os Padres chegarão às portas da morte e passarão pelignem et águam.

O Padre Francisco Pirez, depois do falecimento do p.e João Gonçalvez, adoeceo tambem muito.

O Irmão António Rodriguez da mesma maneira, e porgue não foi sangrado, foi sua infirmitade mais prolixa, porque le sayo aquele sange em postemas e sarna por todo o corpo e durou muyto tempo; mas asi não deixava de falar e tratar com os

Indios o negocio de N. Senhor, estando em Sant Paulo.

O Padre Antonio Pirez veio de S. Joam, onde resedia ajudar as confissões da Coresma, mas no fim dela adoeceu estando eu em San Paulo a Somana Sancta, e foi tão grande e perigosa sua ynfirmitade que eu o tive por morto, e permitio Nosso Senhor porque, já que eu não sentia a morte de meu [Senho]r Jesu Christo por si, siquer asi atribulado me alembrasse dela. Não [vi]nha portador nem escrito da Cidade que eu não fosse sobresalteado, maior[me]nte por ser em tempo de Endoenças, não avendo quem armasse [a] igreja nem quem fizesse os officios e encerrasse o Senhor, porque ainda a este tempo Francisco Pirez não era bem são; e eu desejava que na Cidade e em São Paulo se glorificasse Nosso Senhor naqueles dias, e via-me eu só, também com minhas mangueiras, de tal maneira que com muyto trabalho podia andar se me não levavão. Mas tudo Nosso Senhor ordenou de maneira que tudo se cumprisse, posto que com muyto trabalho.

Deixo de contar de outras ynfirmitades de Irmãos e gente desta casa, que seria nunca acabar, por tornar a contar da casa de Sant Spiritus, na qual se procede com a mesma ordem que nas outras. Esta casa trabalhou o imigo mais por estrovar que nenhuma, porque aconteceu, depois do falecimento do Padre Joam Gonçalves, que os officiaes que lá trabalhavão adoecerão alguns e punhã,o-no ao sitio, sendo elle o melhor que há na terra, polo, que ninguem lá queria ir trabalhar; e ao Governador e a todos parecia que do sitio viria, e querião impeli-la a pasar-se dali, o que nunca me pareceo, antes muyto confiado em Nosso Senhor mandei lá Antonio Rodriguez mal são, com ter os mais dos dias febre, e foi são, e o Padre Antonio Pirez, que tão bem não podia reconvalecer e recaya muytas vezes, foy-se lá e deu-lhe Nosso Senhor saude perfeita. De maneira que donde os outros fugião por não adoecer, mandava eu os enfermos a sarar, no que se vio ser aquilo estrovo do imigo porque desta casa é elle muyto quonquistado.

Aqui acontecerão casos muyto notaveis que eu não poderei dizer todos, mas somente me contentarei com alguns poucos. Huma criança esteve morta, chorada de seu paye mãy, e, estando pera espirar, foi bautizada do Irmão e logo sarou, de que todos ficarão espantados e muyto edificadados e com credito de bautismo.

Estando eu lá hum dia, aconteceu que estando os meninos na escola dizendo a oração do Patel nostre, achegando àquele passo de et ne nos inducas in tentationem, foy arrebatado do spiritu maligno, segundo que todos julgamos pelos sinaes que fez naquela ora e tres dias continuos; e elle mesmo como asombrado das visões que via, bramava e não queria estar senão com os olhos tapados, dizendo que via demonios, e foi muyto cruelmente atormentado de tal maneira que parecia que morria, e tornei, a bautizá-lo, e sa[rou] pela misericordia de Nosso Senhor.

Aconteceu que daly me fuy a outra povoação adiante, que está duas Jagoas des[ta], onde não podemos residir por não aver quem, onde chamão o Chor[ão], e bautizei os latantes pelo perigo que passão, e fizemos, rol de aguel[a] gente toda. Algumas crianças doentes se escondião, porque os feiticeiros diz[em] que com o bautismo as mataremos, mas, pola muyta deligencia do Irmão e porque sempre há alguns boons que ajudão bautizamos todas, mandando-as buscar onde as escondião e depois de bautizados muytos destes enfermos viverão, outros entrarão no ceo.

Aconteceu hum dia que estando hum feiticeiro tirãodo huma palha a hum doente, hum menino da escola se achegou e estando o feiticeiro gloriando-sse de aver tirado a palha que era a doença daquele, o moço movido por Nosso Senhor e com zelo da fee, porque era já christão, lha arrebatou da mão, dizendo que era grande mentira, e lança a fugir e mostrá-la ao Irmão Antonyo Rodriguez, que não

levava folego pera lhe contar daquilo. Mandou chamar aquele feiticeiro e os principaes e, depois de feita pratica e reprimir aquilo, disse aos principaes que levassem o feiticeiro ao Governador pressa. Elle ou vindo isto rompeo a casa de palha e foy-se e andou pelos matos maltratado, mas tomando boom conselho se veo a ohumilhar e pedir penitencia, e derão-lhe que trabalhase nas obras da igreja que se fazia.

A hum principal morreo hum filho pequeno sem bautismo por não chamarem ao Irmão, porque estes meninos de Sant Spiritus ainda não são bautizados até não serem mais instruidos na fee mas ten-se tento que não morão sem bautismo. Foi logo chamado a juizo perante todos os principaes e depois de bem reprimido mandou aos principaes que em ferros o levassem ao Governador. E obedecerão-lhe, mas juntarão-se todos os moradores da Villa e, postos de giolhos, pedirão ao Irmão que o não mandasse, mas ali lhe desse penitencia, e prometerão que nunca nenhum morreria sem o chamarem; e desta maneira se vai tirando seu custume e vão tomando obediencia e aborrecendo os feiticeiros e tomando credito ao bautismo.

Passando nós por huma Aldea onde nunca se ensinou, achamos hum menino muyto doente e na casa onde estava muitas feitiçarias e laços armados pera prender a morte se aly viesse. E falando de Nosso Senhor, não queria o pay nem a mãy que lhe bautizassem seu filho, porque hum feiticeiro seu que ali estava dizia que não; fiz o chamar, e perguntado por manha quem lhe ensinara a sciencia, disse que seu pay, e começou-sse a vangloriar de sua sciencia, e que dava saude aos doentes. Depois de tomada sua confissão fiz ajuntar a gente da Aldea toda e disse-lhes o Irmão: «Vinde a ver o vosso feiticeiro e vosso deus em quem credes», e sobre isso lhes falou largo; e depois disse que cada hum levasse seu tição de lume e a lenha que pudessem e que o queimassem no meo do tereiro, que asi o mandava o nosso Deus verdadeiro. E todos rogavam-lhe pola vida, e vendo que não aproveita vão, dizia que o queimassem fora da Aldea por não feder. Huns christilos que se ali acharão, o puserão no terreiro e achegavam-lhe lume já, o que se fazia por fazer medo aos outros: até que vierão h uns principaes velhos e. postos os jiolhos em terra, lhe pedião a vida e que o levasse comigo pera taipar nas taipas de Sant Spiritus que se fazia, e eu o levei, não pera taipar, mas pera se doutrinar na fee, e doutrina, com os outros. Desta maneira está a terra agora e esta hé a condição do gentio; e todavia o pay e a mãy do menino consentia depois que lhe bautizassem o filho.

Com os christãos desta terra se faz pouco, porque lhe temos cerrada a porta da confissão por causa dos escravos que não querem senão ter e resgatar mal, e porque geralmente todos ou os mais estão amancebadas das portas adentro com suas negras, casados e sulteiros, e seus escravos todos amancebados, sem em hum caso nem no outro quererem fazer consciencia, e achão lá outros Padres liberaes da asolvição e que vivem da mesma maneira; mas com tudo não deixei o Advento passado e a Coresma e festas e os mais dos domingos, de lhes pregar e alembra a ley de Deus. Somente as mulheres e gente pobre, que não alcanção escravos, são confessados de nós.

Escola de leer e escrever se tem em casa; estudo Duve muyto tempo, até que os estudantes, que era gente da Se e, não quizerão vir. Espera-sse palo Bispo pera pôr tudo em seu lugar. Isto hé, amado Padre, o que agora se pode escrever depressa e com tristeza, por tardar tanto a consolação e remedio que esperamos. Nas orações, sacrificios de V, R. e de nossos charissimos Padres e Irmãos queremos ser encomendados em Christo Jesu Nosso Senhor.

De São Vicente não são chegados navios nem temos novas que escrever;

aguardam-sse cada dia. Novas do Espírito Sancto saberão pela copia que com esta vay.

Anexo U: A Tomé de Sousa, Portugal

Baía 5 de Julho de 1559

+
Jesus

A pax e amor de Christo N. Senhor seja sempre em seu continuo favor e ajuda. Amen.

Rezão hé que, pois Vossa Mercê, por sua boa condição, se tanto comunica comigo tam yndigno, e me dá conta con tanto amor de seus gostos e desgostos, por suas cartas palas quais N. Senhor me muyto consola, que eu tambem não deixe causa de consolação ou desconolação de que lhe não dê parte. E, se for mais largo e prolixo do necessario, V. M. o atribua há charidade com que ho amo, ha qual está muy desejosa de se dilatar por carta, pois mais nam pode, sendo certo que ha muyta que em V. M. há, terá paciencia e folgará de ler carta prolixa, aynda que nisso se perqua algum tempo.

E primeiramente quero fazer pranto sobre esta terra e dar-lhe conta dela particular de cousas que mais tenho na alma des o tempo que a V. M. leixou, e aynda que isto não sirva de mais que de mover as orações de V. M. a que com mais fervor e piedade roguem a Nosso Senhor por ela, com isso me contentarei, porque devem elas agora ser muyto aceptas diante ho divino acatamento, como de viuvo, velho e prudente, que cada dia espera pala conta que lhe há-de tomar cedo, cu:ios desejos sou eu certo que serão os do outro Simeão, que desejava lumen ad revelationem gentium, et gloriam plebis tuae, Ysrael: defecerunt prae lachrymis oculi mei, conturbata sunt viscera mea, effusum est in terra iecur meum, porque vejo o mao caminho que esta terra leva, cada vez .vai merecendo a N. Senhor grandes castigos, e castigada por seus peccaclos espera outros mayores castigos, porque cada vez se faz mais yncorregivel e lança mayores rayzes em sua obstinação.

Des que nesta terra estou, que vim com V. M., dous desejos me atormentarão sempre: hum, de ver os christãos destas partes reformados em bons costumes, e que fossem boa semente tresplantada nestas partes que desse cheiro de bom exemplo; e outro, ver disposição no gentio pera se lhe poder pregar a palavra de Deus, e eles fazerem-se capaces da graça e entrarem na Ygreja de Deus, pois Christo N. Senhor por eles tãoobem padeceo. Porque pera isso fuy com meus Yrmãos mandado a esta terra, e esta foy a yntenção de nosso Rey tam christianissimo que a estas partes nos mandou. E, porque pera ambas estas causas eu via sempre por esta costa toda mao aparelho, ó quantos calices de amargura e de angustia bibia a minha alma sempre! E disto alguma cousa alembrará a V. M. porque eu communicava com ele sempre minha dor, posto que aynda naquele tempo não me amargvão tanto as fezes deste calix por não entrar tanto nelas.

Destes dous desejos que digo, me nacião outros, que era desejar os meios para que isto tivesse effeito, e destes escolhia dous que me parecião milhares: hum, era desejar Bispo, tal qual V. M. e eu ho pintavamos quá pera reformar os christãos; e ou tro, ver o gentio sujeito e metido no jugo da obediencia dos christãos, pera se neles poder ym primir tudo q uan to q uisesemos, porque hê ele de qualidade que domado se escreverá em seus entendimentos e vontades muyto bem a fé de

Christo, como se fez no Piru e Antilhas, que parece gentio de huma mesma condição que este, e nós agora o começamos de ver a. olho por experiencia, corno abaixo direi, e, se o deixão em sua liberdade e vontade, corno hé gente Qfuta, não se faz nada com eles, como por experiencia vimos todo este tempo que com ele tratamos com muyto trabalho, sem dele tiráremos mais fructo que poucas almas ynnocentes que aos ceos mandamos.

Trouxe N. Senhor o Bispo Dom Pedra Fernandez, tal e tam virtuosso qual o V. M. conheceo, e muy zeloso da reformação dos custumes dos christãos, mas quanto ao gentio e sua salvação se dava pouco, porque não se tinha por seu Bispo, e eles lhe parecião incapazes de toda a doutrina por sua bru teza e bestialidade, nem as tinha por ovelhas de seu curral, nem que Christo N. Senhor se dignaria de as ter por tais; mas nisto me ajude V. M. a louvar a N. Senhor em sua providencia, que permittio que fogindo ele dos gentios e da terra tendo poucos desejos de morrer em suas mãos, fosse comido deles, e a mym que sempre o desejei e pedi a N. Senhor, e metendo-me nas occasiões mais que ele, me negado. Ho que eu nisto julgo, posto que não fuy conselheiro de N. Senhor, hé que quem isto fez, porventura quis pagar-lhe suas virtudes e bondade grande, e castigar-lhe juntamente o descuydo e pouco zelo que tinha da salvação do gentio. Castigou-o, dando-lhe em pena a morte que ele não amava, e renunerou-o em ela ser tam gloriosa como já contariam a V. M. que ela foy, pois foy em poder de ynfieis com tantas e tam boas circunstancias como teve.

Ho Bispo, posto que era muyto zelador da salvação dos christãos, fez pouco porque era só, e trouxe consigo huns clerigos por companheiros que acabarão, com seu exemplo e mal usarem e dispensarem os sacramentos da Ygreja, de dar com tudo em perdição. Bem alembra a V. M. que antes que esta gente viesse, me dizia: está esta terra huma religião, porque peccado publico não se sabia que logo por o zelo de V. M. e diligencia de meus Irmãos não fosse tirado, e dos secretos retinhamos ha absolvição a alguns até tirarem toda occasião e perigo de tornar a peccar. Mas como eles vierão, introduzirão na terra estarem clerigos e dignidades amancebados com suas escravas, que pera esse effeito escolhião as melhores e de mais preço que achavão, com achaque que avião de ter quem os servisse, e logo começarão a fazer filhos e fazer-se criação: porque convinha muyto ao Brasil aver quá este treslado de dignidades e conegos, como os há em outras ygrejas da Christandade, e não sem muyto descuydo dos prelados, a quem N. Senhor castigará a seu tempo. E este lhe sey dizer que tem quá por o melhor proceder e mais quieto, por- no que quando eles não tinham escravas, nem com que as comprar, era pior, porque eram forçados de seus peccados a buscarem-nos com escandalo da terra e de seus vezinhos, e porque já disto no tempo de V. M. avia muyto e muy notorio, me dizia muytas vezes; melhor nos fora que não vierão quá.

Começarão tambem de usar de suas ordens e dispensar os sacramentos e desatar as ataduras com que nós detinham os as almas, e dar jubileos de condenação e perdição às almas, dando o sancto ha cãis e as pedras preciosas a porquos que nunca sou berão sair do lodo de seus peccados, pala qual não somente os maos, mas algum bom, se o avia, tomou liberdade de ser tal qual sua má ynclinação lhe pedia. E asi está agora a terra nestes termos, que se contarem todas as casas desta terra, todas acharão cheas de peccados mortais, cheas de adulterios, fornicções, yncostos e abominações, em tanto que me deito a cuydar se tem Christo algum limpo nesta terra, e escasamente se offerece hum ou dous que guardem bem seu estado, ao menos sem peccado publico. Pois dos outros peccados que direi? Nam há paz, mas tudo odio, murmurações e detrações, roubos

e rapinas, enganos e mentiras; não há obediencia nem se guarda hum soa mandamento de Deus e muyto menos os da Ygreja.

Bem alembrará a V. M. que, vendo eu isto logo em seu principio, cuydei de dor perder o siso, e asy como desesperado de poder na terra nem com christãos nem com gentio fazer fructo, me fuy com V. M. a Sant Vicente, correndo a costa, desabrindo a mão de tudo, encomendando a Deus a Baya e a seu Prelado, e somente ficou hum Padre na casa com hum Irmão ou dous pera ensinarem dous meninos e olharem por ella.

Pala costa que corremos achamos asaz de miserias e peccados que chorar, até chegar a S. Vicente, onde por eu ahy achar Irmãos da Companhia e muytos meninos do gentio em casa e algum pouco melhor aparelho pera com o gentio entender por achar ahy Irmãos que en tendião a lingoa e o gentio menos escandalizado dos christãos, me deixei ficar e V. M. se tornou em paz.

Nesta Capitania se fez algun fructo, posto que muyto à força de braço, porque N. Senhor favorecia a salvação de alguns predestinados que tinha, que outra ajuda nenhuma não tínhamos, porque geralmente nesta terra todos são pera estorvar o serviço de Nosso Senhor, e hum só se não acha pera favorecer ho negocio de salvar almas.

Em todas estas Capitancias, alem destes peccados que tenho dito, notei outros que muyto mais que todos offendem a divina Bondade e mais lhe atirão de rastro, porque sam contra a charidade, amor de Deus e do proximo. E estes peccados tem sua raiz e principio no adio geral que os christãos tem ao gentio, e não somente lhe avorecem os corpos, mas tambem lhes avorecem as almas, e em tudo estorvão e tapão os caminhos que Christo N. Senhor abrio pera se elas sal varem, os q uais direi a V. [M.]. pois já comecei a lhe dar conta de minha dor.

Em toda a costa se tem geralmente, por grandes e pequenos, que hé grande serviço de N. Senhor fazer aos gentios que se comão e se travem huns com os outros, e nisto tem mais esperanza que em Deus vivo, e nisto dizem consistir o bem e segurança da terra, e isto aprovão capitães e prelados, eclesiasticos e seculares, e asi o põem por obra todas as vezes que se offerece; e d aqui vem que, nas guerras passadas que se tiverão com o gentio, sempre da[v]am earne humana a comer não somente a outros yndios, mas a seus proprios escravos. Louvão e aprovão ao gentio o comerem-se huns a outros, e já se achou christão mastigar carne humana pera dar com isso bom exemplo ao gentio.

Outros matam em terreiro hà maneira dos Yndios, tomando nomes, e não somente o fazem homens baixos e mamalucos, mas o mesmo capitão, às vezes! Ó cruel costume! Ó deshumana abominação! Ó christãos tam cegos, que em vez de ajudarem ao Cordeiro, cujo officio foy (diz S. Joam Baptista) tirar os peceados do mundo, elles por todos os modos que podem os metem na terra, seguindo a vandeira de Lucifer, homicida e mentiroso desde o principio do mundo. E não hé muyto que siguão a seu capitão gente que não sei se algum[a] ora do ano está sem peccado mortal.

Alembra-me que o ano passado disputei em dereito esta opinião e amostrei sua falsidade por todas as rezões que soube e o mandei a meus Irmãos pera se ver por letrados.

Deste mesmo adio que se tem ao gentio, nasce não lhe chamarem senão cãis e tratare[m]-nos como cãis, não olhando o que dizem os Sanetas que a verdadeira justiça tem compaixão e não yndignação, e quanto mayor hé a cegueira e bruteza do gentio e sua erronia, tanto se mais avia o verdadeiro christão apiadar a ter dele

misericórdia e ajudar a remedear sua miseria quanto nelle fosse, à imitação daquele Senhor, qui venit quaerere ovem quae perierat deixando as noventa e nove no deserto; et manducabat cum peccatoribus et publicanis; o que veio a buscar não justos mas peccadores pera salvar; et venit quaerere et saluum facere quod perierat; e disse: Beati misericordes, q uoniam ipsi misericordiam consequentur. E apiadou-se do roubado e ferido dos ladrões, deixado deles meo morto no deserto, qual estes sacerdotes e levitas desta terra deixão, passando sem delle fazer caso nem usarem de misericórdia com ele.

Outro peccado nasce também desta ynferral raiz, que foy ensinarem os christãos ao gentio a furtaren-se a sy mesmos e venderen-se por escravos. Este costume, mais que em nenhuma Capitania, achei no Spirito Sancto, Capitania de Vasco Fernandez, e por aver aly mais disto se tinha por milhar Capitania.

Em Sant Vicente não usão isto aq ueles gentios Topinachins; mas os christãos de Sant Vicente no Rio de Janeiro avião do gentio do Gato muytas femeas que pedião por molheres dando a seus pais algum resgate, mas elas ficavão escravas para sempre. Em Pernambuco há tambem muyto trato deste, principalmente depois das guerras passadas, que os Yndios, por mais não poderem, davão.

Ho mesmo se yntroduzio nesta Baya em tempo de Dom Duarte, porque aynda em tempo de V. M. não avia disto nada, e isto depois da guerra passada, da qual os Yndios ficarão medrosos e por medo e sujeição dos christãos, e tambem por cobiça do resgate, vendem os mais desamparados que há entre eles. Os de Porto Seguro e Ylheos nunca se venderão, mas os christãos lhes ensinarão que aos do sartão, que vinhão a fazer sal ao mar, os salteassem e vendessem, e asy se pratica lá os do mar venderem aos do sertão q uantos podem, porque lhes parece bem ha rapina que os christãos lhe ensinarão.

E porque isto hé geral trato de todos, me conveo cerrar as confissões, porque ninguem quer nisso fazer o que é obrigado, e tem toda a outra clerizia que os absolve e lho aprova.

Desta mesma raiz nasce darem-se pouco os christãos pola salvação dos escravos que tem do gentio, deixando-os viver em sua ley, sem doutrina nem ensino, em muytos peccados; e se morrem os enterrão nos monturos, porque deles não pretendem mais que o serviço, e pera terem mais quem os sirva trazem gentios a casa pera se contentarem de suas escravas, e asy estão amancebados christãos com gentios.

E porque não aja peccado que nesta terra não aja, também topei com opiniões luteranas e com quem as deffendesse, porque, já que não tinhamos que fazer com o gentio em lhe tirar suas erroneas por argumentos, tivessemos hereses com que disputar e defender a fé catholica.

Pois que direi das tyrantias, agravos e semrezões que se fazem aos Yndios, mayormente nesta Capitania e outras donde os christãos tem algum dominio sobre os Yndios? V. M. as poderá julgar, pois já quá esteve: de maneira que a sujeição do gentio não hé pera se salvarem e conhecerem a Christo e viverem em justiça e rezão, senão pera serem robados de suas roças, de seus filhos e filhas e molheres, e desa pobreza que tem, e quem disso usa mais, maior serviço lhe parece que faz a Nosso Senhor, ou, por milhar dizer, a seu senhor, o príncipe das escuridades. Muy mal olhão que a yntenção do nosso Rey saneto, que está em gloria, não foy povoar tanto por esperar da terra ouro nem prata que não ha tem, nem tanto polo ynteresse de povoar e fazer emgenhos, nem por ter onde agasalhar os portugueses que lá em Portugal sobejão e não cabem, quanto por exaltação da fé catholica e salvação das almas.

Mas, pois V. M. ouviu os peccados da terra, ouça agora o cuydado que teve a divina Justiça de os castigar. Ha Capitania do Spiritu Saneto, onde mais reinava a yniquidade dos Christãos e onde os Yndios estavam mais travados entre si com guerras, porque vissem que sua esperança que tinham nos Yndios estarem diferentes não era boa, permittio N. Senhor que se destruisse por guerra dos Yndios, morrendo nela os principais, como foy Dom Jorge e Dom Simão e outros, e todos perderem com isso suas fazendas; e a terra, despois que de novo se tornou a povoar, sem a ver emenda do passado, não deixa a vara do Senhor de castigar, porque poucos a poucos os vay consumindo, e misericordia hé do Senhor muy grande que de todo os não destrue; mas não tem quietação com guerras e sobresaltos até agora de yndios e agora de franceses, e os Topinachins de Porto Seguro que tinham por sy e achega vão lá, tem agora levantados. E nestes trabalhos pereceo Bernaldo Pimenta e Manoel Ramalho, que erão os que mais zelavão contra o gentio, que V. M. bem conheceo: e sobretudo de contino tem guerras civis antre sy, que pouco a pouco se consumem, e pirmitio a justiça divina, a qual faz seu officio.

Esta Capitania da Baya me parece que tem o segundo lugar na maldade, e os peccados desta se parecem mais com os daquela, porque aqui há o ménos gentio que em nenhuma, e esse se dividio em tempo de V. M. antre sy; mas, porque nella avia os peccados que bem sabe, foy destruyda e seu capitão Francisco Pereira, comido dos Yndios. E despois que El-Rey, que está em gloria, ha tornou a povoar com tanto zelo e con tanto custo, mandando a V. M. a lançar bons fundamentos na terra, e Bispo e clerigos e religiosos pera fazerem serviço a Nosso Senhor, e pera que todos entendessernos em curar esta Babilonia. Mas ela não ficou curada. Mas permittio o Senhor que fosse huma nao que levava Bispo e a principal gente da terra e fosse toda comida dos Yndios. Ali acabarão clerigos e leigos, casados e solteiros, molheres e meninos! Aynda escrevendo isto se me renova a dor que tive quando vi que não avia casa em que não ouvesse prantos de muytas viuvas e orfãos.

Pernãobuco tambem por seus peccados foy muy castigado e muytas fazendas perdidas, como hé notório.

Sant Vicente, da mesma maneira, sempre perseguida dos contrairos, e em huma guerra que com elles tiverão morrerão os principais nella, mas não permittio o Senhor que de todo se perdesse, tendo hum gentio tam grande e tam unido, sem aver antre elle as divisões que há no das outras Capitánias; mas porque tambem não conhece o dia de sua visitação, hé cercada de todas as partes de seus ynimigos, scilicet, contrairos e franceses.

Pois que direi da Capitania dos Ylheos e Porto Seguro, as quais tambem tem hum so gentio todo conforme e grande? A estas duas Capitánias dilatou mais N. Senhor o castigo, mas agora achegou o tempo em que pagou alguma cousa do que deve, e disto direi abaixo mais largo.

Deixo de dizer hum geral açoute, que cada dia vemos nesta terra Com perdas de barquos e gente comida dos Yndios, a qual por experiencia vejo ser mais a que nisso se gasta, que a que se de novo acrescenta à terra. E disto podera contar muytas particularidades, as quais, asy porque V. M. sabe já muytas, como por vir a outras, que mais folgará de saber por serem de mais perto, as deixarei de dizer.

E todavia não deixarei de relatar ho açoute de Nosso Senhor que deu a esta Baya nas guerras civis que permittio que ouvesse autre o Bispo e Governador Dom Duarte, ho qual eu não tenho por o mais somenos castigo, e que mais dano fizeram na terra que as guerras que se teve com o gentio, porque naquellas não morreo nenhum home, e nestas se engendrou a morte a muytos e perderão a honrra e

fazenda, e a terra perdeu muitos povoadores.

E nisto note V. M. a bondade de N. Senhor, juntamente com sua justiça, que de tal maneira castigou, que também ouviu misericórdia: não quis que os Índios prevalecessem contra os cristãos, porque tem almas suas criaturas que salvar entre eles, e da guerra, bem dada ou mal dada, soube tirar este bem, que os Índios ficassem sujeitos e medrosos e despostos para agora receber o Evangelho, e a doutrina de Christo poder entrar com eles, como abaixo direi, e contentou-se seu furor com levar aqueles cento a ser comidos dos Índios.

Estando eu em Sant Vicente e sabendo a vitória dos cristãos e sujeição do gentio e que ao Bispo mandavam yr, parecendo-me que já se poderia trabalhar com o gentio e tirar algum fruto, tornei a esta Cidade trazendo comigo alguns irmãos que soubessem a língua da terra. E entre outras cousas, que pedi a Dom Duarte governador para bem da conversão, foram duas, scilicet, que ajuntasse algumas aldeias em uma povoação, para que menos de nós abastassem a ensinar a muitos, e tirasse o comer carne humana, ao menos àqueles que estavam sujeitos e ao redor da Cidade, tanto quanto seu poder se estendesse. Não lhe pareceo a ele bem, nem a seu conselho, porque Sua Alteza lhe tinha mandado que desse paz aos Índios e não os escandalizasse: mas todavia nos favoreceo em duas igrejas que fizemos de palha, das quais se visitavam quatro Aldeias aqui perto da Cidade, e lhes mandou que não comessem carne humana, de tal maneira que, ainda que a comessem, não se fazia por isso nada, e assim ha comião a furto de nós e pelas outras Aldeias ao redor, muy livremente.

Nós, por ter que fazer alguma causa, ensinavam os a doutrina; avia escola de mininos em cada uma das duas igrejas; pregavamos o Evangelho com muita descon[so]lação, pedindo a Nosso Senhor que alguma ora tivesse por bem que nosos trabalhos não fossem sem fruto. Neste tempo nos levou N. Senhor ao nosso companheiro o Padre Navarro, que era um grande operaria desta obra, e como tinha atrevesado nas entranhas o zelo e amor da conversão do gentio usque in finem dilexit eos, porque morrendo disse que por isso somente partia triste deste mundo, por não ver cumpridos seus desejos.

Mas eu creio que N. Senhor ouviu lá suas orações mais perto, e concede-nos que dahi a pouco tempo viesse Men de Sá com um Regimento de Sua Alteza, em que o mandava muy de proposito ajudar a conversão, por paz ou por guerra, ou como mais conveniente fosse. E agora começarei a contar o estado desta terra mais pello meudo se V. M. tiver paciencia para o ouvir, porque o dito até agora foy relatar cousas e trazer-las à memoria, que V. M. já saberia. Como Mem de Sá tomou a governança, começou a mostrar sua prudencia, zelo e virtude, assim no boom governo dos cristãos como do gentio, pondo tudo na ordem que N. Senhor lhe ensinou. Primeiramente cortou as longas demandas que avia, concertando as partes, e as que de novo nascião atalhava da mesma maneira, ficando as audiencias vazias e os procuradores e escrivães sem ganho, que era uma grande ymundicia que comia esta terra e fazia gastar mal tempo e engendrava odios e paixões. Tirou quanto pode o jogo, que era outra traça, fazendo a todos entender em seus trabalhos com fruto e, evitado este, se evitarão muitas offensas de N. Senhor, como blasphemias e rapinas que na terra avia; finalmente mostrou-se muy diligente em todo o que pertencia a serviço de Deus e d'El-Rey. Acabou o Engenho, e acabará cedo a See, e com o exemplo de sua pessoa convida a todos a Doom viver, de tal maneira que sabe N. Senhor quanta enveja lhe eu tenho.

Na conversão do gentio nos ajudou muyto, porque fez logo ajuntar quatro e cinco Aldeias que estavam darredor da Cidade, em uma povoação junto ao Rio

Vermelho, onde pareceo mais conveniente, pera que toda esta gente podesse aproveitar-se das roças e mantimentos que tinham feitos, e aqui mandou fazer huma ygreja grande, em que coubesse toda esta gente, ague chamão Sant Paulo. Mandou apregoar por toda a terra, scilicet, oito e nove legoas ao derredor, que não comessem carne humana, e por se amostrar ao gentio foy ouvir a primeira missa dia de S. Paulo, acom panhado de todos os principais da terra, e naquele dia se baptizarão muytos, onde deu a todos de comer grandes e pequenos; esta será hurna legoa da Cidade. Outra ygreja mandou logo fazer, de S. Joam Evangelista, quatro ô cinco legoas da Cidade onde se ajuntarão outras tantas Aldeas do gentio de Mirangaoba. A terceira mandou fazer onde chamão o Rio de Joanne, esta se chama Sant Spiritus; aqui há mais gente junta que em todas; está sete ou oito legoas da Cidade, perto da costa do mar. Nestas tres ygrejas se faz agora muyto serviço a Nosso Senhor, e o gentio vay conhecendo que só a Jesu Christo se deve crer, amar e servir.

As cousas que nisto há particulares pera muyto dar graças a Nosso Senhor, faço eu escrever a meus Irmãos; se muyto desejo tiver de as saber, elles lho dirão lá.

En todas há escola de muytos meninos; pequeno nem grande morre sem ser de nós examinado se deve ser baptizado, e asy N. Senhor vay ganhando gente pera povoar sua gloria e a terra se vai pondo em sujeição de Deus e do Governador, o qual os faz viver em justiça e rezão, castigando os delinquentes com muyta moderação, com tanta liberdade como aos mesmos christãos. E cada povoação destas tem seus merinhos, os Principais delas, os quais por mandado do Governador prendem e lhe trazem os delinquentes, e asi lhes tira a liberdade de mal viver e os favorece no bem.

Alem destas tres estão juntas outras muytas Aldeas em duas povoações grandes, e estas não tem ygrejas, porque esperão por sacerdotes e quem resida antre elles, mas somente são visitados, a tempo, elas ou tras Casas, porque somos poucos e não podemos supprir a muyta messe que há, e por esta causa não entendemos em Apacê e Cirigype, e na ylha de Tapariqua, e no Paraaçu, nos quais há já aparelho pera se tratar com eles se tivessemos Padres: tudo isto se deve a N. Senhor e ao bom zelo do Governador. E des que eu isto vi na terra, comecei a resuscitar e já não queira ser ethico, nem morrer, por dar graças muytas a N. Senhor e ter que o louvar em suas misericordias, e me alegrar não sobre hum só peccador que faz paenitencia, mas sobre muytos que de sua ynfedilidade se convertem a Christo.

Mas o ymigo da humana geração, a quem muyto magoarão estas obras, trabalha polas estorvar e nos desconsolar, tomando por seu ynstrumento muytos maos que há nesta terra, os guais não favorecem nada esta obra, mas por muytas maneiras trabalhão cerrar as portas todas hà salvação do gentio, polo odio que comumente se tem a esta geração. E o primeiro golpe que começou a dar foy desenquietar os yndios de S. Paulo, tomando-lhe suas terras e roças, em que sempre estiverão de posse e nunca fizeram por donde as perdessem, antes na guerra passada estes ajudarão aos christãos contra os seus proprios. Ha causa que tinham os christãos por sy não era outra senão que as avião mester, e porque nisto ho Governador e eu estorvamos esta tyrania, contra ele e contra my conceberão má vontade, o que me fez alembrar da dada de terras que V. M. deu a este Collegio, e fiz as marcar e achou-se que as mais de aquelas terras que os Yndios pessuião, estavam na nossa dada, e por isso abrandou alguma cousa sua perseguição; mas os Yndios que acertarão a ter terras fora da nossa dada aynda agora são perseguidos,

e sendo agora os Yndios com ho Governador à guerra dos Ylheos, quá lhes tomão suas roças e os perseguem aynda.

Outra grande desenquietação se dá aos Yndios, por gente de mau viver, que anda antre eles, que lhes furtão o que tem e lhes dão pancadas e feridas polos caminhos, tomando-lhe seu peixe, furtando-lhe seus mantimentos. E nisto não pode aver justiça, porque recebe quá o Ouvidor Geral huma opinião muy prejudicial, que sem prova de dous ou tres christãos brancos não se castiga nada, aynda que seja notorio palos Yndios, ha qual prova hé ympossivel aver-se, e asy fica tudo sem castigo. Outros muytos estorvos temos, os quais conhecerá polos casos particulares que contarei.

Bem alernbrará a V. M. como em seu tempo se dividirão estes yndios desta Baya, seilicet, os do Tubarão com os de Mirangaoba, com que V. M. folgou muyto e os christãos todos, e em tempo de Dom Duarte se encarniçarão tan to em tam grande crueldade, que cada dia se matavão e camião, porque não estavam mais de mea legoa huns dos outros, e desta Cidade duas ou tres, e tão desasosegados anda vão que não era possível poder-se-lhes ensinar doutrina a huns nem a outros. Polo qual mandou o Governador ajuntá-los os de huma parte em povoações sobre sy, e mandô-lhes que ementes se ajuntavão, não guerreassem, nem tambem queria que fossem amigos, a que eles obedecerão; e depois de juntos, tendo já contentamento do bem da paz, não quizerão guerrear, nem tam pouco estão amigos, posto que alguns parentes se entrão a furto, os quais com as guerra dantes ficarão divididos, por se acharem de aquela vanda. Estes, asy huns como outros, são agora doutrinados, e todos bem sujeitos à obdiencia do Governador.

Por esta causa se alevantou tambem grande murmuração antre os christãos, dizendo que os deixassem comer que nisso estava a segurança da terra, não olhando que, aynda pera o bem da terra, hé melhor serem eles christãos e estarem sujeitos, que não como de antes estavam, pondo mais confiança nos meios de Satanás que nos de Christo, mayormente em tempo que os christãos estão tão poderosos contra eles, e elles tam sujeitos e abatidos que sofrem a quem quer dar-lhe muyta pancada, posto que seja longe daqui. E cuyda esta gente do Brasil que, estando os Yndios diferentes, nam poderá Nosso Senhor castigá-las se quiser, e não escarmentão aynda vendo quam mal foy à terra toda, e quanto castigou N. Senhor ho pôr nisso, e em tomarem as filhas dos yndios por mancebas e em outros semelhantes ardis, e não nelle a confiança: pois nas Capitania em que eles esta vão mais divissos e mais amancebados com as filhas do gentio, deu mayores trabalhos, como acima disse.

Na guerra em que a Capitania do Spiritu Sancto se destruiu, estando todos os Yndios antre sy divisos, se fizerão amigos pera contra os christãos, porque a justiça divina ho queria asy. Milhar conselho seria fazer penitencia e emenda de seus peccados, e asy terião a Nosso Senhor de sua parte e deixava sua justiça de os castigar; e porque eu isto não vejo, antes se multiplicão os peceados e a gente se diminue, temo perder-se tudo.

Outros, zelando por parte dos Yndios ou por parte de Sathanás, murmurão por serem presos e castigados por seus delictos, e por serem apremiados hà doutrina e a bons costumes, temendo que por isso se alevantem, e não murmurão pelas semrezões que eles fazem aos Yndios, que hé mayor ocasião de se eles amotinarem, porque nós, posto que por huma parte os apremiamos a bem viver, por outra lhe amostramos entranhas de amor, pugnando por eles em tudo e defendendos de tyrantias e servindo-os e curando-os de suas ynfirmidades com muyto amor, de que eles são bem em conhecimento; e por outra parte estes

christãos, se algum yndio lhe perjudica em huma palha de sua fazenda, querem logo que seja crucificado.

Acima disse como o Governador mandara notificar a estes da Baya que não comessem carne humana; muytos obedecerão mas não hum Principal da ylha de Corurupeba, que está pola Baya adentro sete ô oito legoas, que matou e comeo com festas seus escravos, e sobre isso não quis vir a chamado do Guovernador, falando palavras de muyta soberba, porque estes nunca avião conhecido sujeição, e entrava-sse com estes de novo, pala qual mandou o Governador a Vasco Rodriguez de Caldas com quinze ou vinte homens buscá-la por força, e trouxerão ao pay e filhos presos sem os seus ousarem a os defender. Este foy o formento de grande esca[nda]llo nesta terra, porque tiverão logo os maliciosos que murmurar e ocasião de alevantar mentiras: disserão que aqueles yudios avião morto certos escravos do Engenho, que foy de Antonio Cardoso que lá estavam perto, e como se conbecio ser mentira, disserão que hum barquo, que o Governador avia mandado a Tatuapara o avião os yndios tomado e morto a gente, tudo por entristecerem ao Governador, ho que tambem logo se soube ser mentira. Este Principal esteve presso perto de hum anno e agora hé o melhor e mais sujeito que há na terra.

Por estas causas tem concebido todos grande avorrecimento ao Governador, huns porque lhes tirou o ganho das demandas que antes avia, outros porque perderão a liberdade que antes tinham de julgar e adulterar, outros porque os obriga a trabalhar nas obras d'El-Rey e em prol da terra, mayormente aos que tem soldo d'El-Rey, os quais antes vivião muy à larga, e os outros porque lhes não paguão à sua vontade, e nisto só tem alguma rezão; mas não sei se tem nisso o Governador culpa, pois não ho há tanto que abaste a contentar a todos, mas ha mayor ocasião que tem de o aborrecerem de graça hé isto que tenho dito dos Yndios, e aynda direi mais por onde conheça o que tenho dito e o estado da terra.

Ho ajuntar dos Yndios, que o Governador faz pera se milbor poderem doutrinar, deu tambem muyta ocasião de escandalo a muytos que tinham yndios perto de suas fazendas, dos quais se ajudavão em seus serviços deixando-os viver em seus costume[s] e morrer sem baptismo, nem aver quem lhes alembrasse a Jesu Christo N. Senhor. Outros, depois que virão o gentio, com estas causas que se fizerão antre eles, domados e metidos no jugo e sujeição que nunca tiverão, cobiçarão ser repartidos pera seu serviço, como se fez nas Antilhas e Peru, e asy ho pedio ha Camara ao Governador: mas a ele não lhe pareceo bem por não aver causa pera isso justa, porque os mais deles nunca fizerão por donde merecessem isso, antes na guerra passada se lançado da vanda dos christãos, e pera os que forão na guerra passada tão pouco avia causa justa, pois a guerra se não ouve lá por justa da parte elos cbristãos, e mandou El-Rey, que está em gloria, restituy-los em suas terras como de antes estavam.

E já que lhos ouvessem de repartir, como no Peru, avião de ser o brigados a terem h um Padre pera sua doutrina como lá tambem se acostuma, ho que esta gente não pode fazer, asy por nam terem possibilidade de manterem hum capellão, como tambem porque não se trata de salvar almas nesta terra, senão de qualquer seu interesse, e dos proprios seus escravos se tem tam pouco cuydado, que os deixão viver como gentios e morrel como bestas, e asy os enterrão polos monturos; e não hé muyto, pois eles de suas proprias tem tam pouco cuydado de as salvar e muyto por enriquecer e levar boa vida segundo a carne nos vicios e peceados que, segundo a pobreza da terra, se pode ter nela.

Bem me pareceria a my conquistar-se a terra e repartir-se os Y ndios por os moradores obrigando-sse a doutriná-los, que ahy muytos que podiam sujeitar, mas

nam ahy homem que por isso queira levar huma má noite, e se o Governador por segurança da terra quer fazer alguma cousa ou castigar algum yndio todos lho estorvão e ninguem o ajuda; e agora que vem os Yndios sujeitos sem custar sangue de christão nenhum, nem guerra (posto que da passada ficarão amedrentados), agora que estão juntos com ygrejas pera se doutrinarem, agora os querem repartidos, e asy não falta quem vá tirar nossos yndios que temos juntos com muyto trabalho e levá-las a suas roças a viver, e muytos vão por fugir à sujeição da doutrina e viverem como seus avós, e comerem carne humana como de antes.

Estas cousas todas e outras desta qualidade que o Governador não consinte e outras que faz, conformando-se connosco no que nos parece gloria de Deus e bem das almas e proveito da terra, engendrão escandalo em todos e tumulto no povo contra ele e contra nós, porque sempre no serviço de N. Senhor há cousas contrarias ao que pretendem de seus ynteresses, e a estas acrecentão mil falsidades e mentiras que alevantão, porque asy hé custume do povo, quando está mal affeioado.

Agora entrão os queixumes que eu tenho de Garcia d'Avila: hé elle hum homem com quem eu mais me alegrava e consolava nesta terra, porque achava nelle hum rasto do spirito e bondade de V. M. de que eu sempre muyto me contentei, e com ho ter quá me alegrava, parecendo-me estar aynda Thomé de Sousa nesta terra. Tinha elle huns yndios perto de sua fazenda. Quando o Governador os ajuntava, pedia-me lhe alcançasse do Governador que lhos deixasse, promettendo elle de os meninos yrrem cada dia à escola a Sant Paulo, que estará mea legoa dele, e os mais yrião aos domingos e festas à missa e pregação. Concedera-lho, mas ele teve mau cuydado de o cumprir, sendo de my muytas vezes amoestado, antes deixava vi ver e morrer a todos como gentios; e tinha aly hutn homem que lhe dava pouco por ele nem os escravos, e muyto menos o gentio yrem à missa. Polo qual fuy forçado de minha condencia a pedir que os ajuntassem com os outros em Sant Paulo, e posto que aynda lhos não tirarão, contudo ele muyto se escandalizou de my asy que, nem a elle, nem a outro nenhum já tenho, nem quero mais que a Deus N. Senhor e a rezão e justiça, se ha eu tiver.

Também começou a entender com os do Paraaçú e com os da ylha de Tapariqua que são todos huns: e isto por rezão dos escravos dos christãos que pera eles fugião e não os davão, e isto contentou a todos porque lhes tocava em seu proveito. Os de Tapariqua obedecerão, mas os do Paraaçú muytos deles não quizerão paz nem dar os escravos, antes tomarão hum barquo de Pelo Gonçalvez, de S. Thomé, com ferramenta que levava, e os negros de Guiné fugirão e esconderão-se pelos matos, e por isso escaparão. Despois sendo requeridos com paz e com restituirem o barquo e os escravos, nam quizerão, palo qual lhe pareceo mandar a eles com conselho de muytos a tomar-lhes os rodeiros que tinhão feitos com que determina vão fazer a guerra aos christãos, e mandou a Vasco Rodriguez de Caldas com a gente de barquos que pode, o qual deu neles, sayndo em terra, mattando muytos e trazendo outros cativos. Aqui se quebrou o desencantamento do Paraaçú, onde ninguem ousava sayr em terra, e perderem os christãos o medo que tinhão àquele gentio, vindo com muyta victoria sem lhe matarem nmguem.

Não poderão muytos, que avorrecião ao Governador, dissimular sua paixão do bom successo e porventura folgarão mais de succeder alguma desgraça ao Governador pera ficar mais desacreditado em suas obras.

Com esta boa fortuna alguns yndios principaes do Paraaçú vierão a pedir paz ao Governador, trazendo-lhe o barquo dos christãos que avião tomado aos outros

pera com ele alcançarem paz pera sy, ficando os ou tros em sua pertinacia e fazendo-se fortes. Tornou a eles Vasco Rocriguez e deu em huma Aldea que estava mea legoa do mar, por hum caminho muy aspero que andarão de noite e derflo nela, que era grande e toda a gente matarão, porque os tomarão dormindo, salvo vinte ou trinta pessoas, meninos e molberes, que trouxerão por escravos, de que não escapou mais de hum yndio ou dous mal feridos pera levarem novas aos outros.

Outra vez, terceira, tornou lá Vasco Rodriguez já com mayor animo dos christãos e todo perdido o medo; queimou muitas Aldeas, matando muytos sem lhe matarem ninguem. E com esta se renderão os mais e pedirão paz e se fizerão tributarios a El.Rey, obrigando-sse a pagar certa farinha e galinhas, e de não comerem carne humana e serem sujeitos e christãos, como lá lhe mandassem Padres, os quais eu desejo que aja pera lhes dar e fazer-lhes lá ygrejas, dando eles quá alguns filhos pera segurança e reffens, agora pelo principio que eles darão de boa vontade; o mesmo fizerão os de Tapariqua e os de Tinbarê, e todos desejao estar bem com os christãos e se obrigão a pagar o tribu to que tenho dito.

A mi me alembra ser este mesmo ho siprito que regia a V. M. quando governava esta terra e comigo o praticava muytas vezes, desejando sujeitá-los e c1ar-lhes qualquer jugo, e tinha entonces muyto mayor aparelho e muyta mais gente que agora, mas estorvarão os meus peceados e a gente desta terra, a qual tinha tão ympresso na mente o medo que lhes ficou da guerra de Francisco Pereira e do Spiritu Sancto, que por ali q uerião medir tudo, nam lançando suas contas com Deus, nem lhe alem brando sua gloria e honrra e salvação das almas, e que N. Senhor sempre favorece quem anda por seus caminhos e dá graça aos humildes e resiste aos soberbos que fora dele põem sua confiança, porque amão a paz que o mundo dá, mas Christo ha avorrece.

Ó si entonces V. M. começara, quantas almas se ganharão! E Nosso Senhor favorecera e povoara a terra melhor do que ha povoou, e levava tudo melhor fundamento, porque se fundarão na pedra viva, que hé Christo N. Senhor. E pera mayor prova desta verdade, que só em Christo e com Christo se devem fundar estas causas, lhe contarei outro caso que aconteceu.

Ha Capitania dos Ylheus e Porto Seguro, as quais têm ho gentio Topinachim grande e todo amigo, e que mais Javoravel se amostrou sempre aos christãos, e em cuya amizade ao christãos confiavão muyto e mais perseveravão que outro nenhum da costa, avendo nestas Capitancias muyta gente, mas muy pouco temor de Deus, nem zelo de sua honrra, mas muytos peccados, e favorecião o comer da carne humana e ensinavam-lhe outros peccados que eles nem seus avós têm - porque esta gente do Brasil não tem mais conta que com seus Engenhos e ter fazenda, aynda que seja com perdição das almas de todo o mundo -, aconteceu que por matarem hum yndio em Porto Seguro e outro nos Ylheos, sem lhes fazerem satisfação de justiça, elles se alevantarão e matarão dous ou tres homens que acharão no caminho dos Ylbeos pera Porto Seguro, e derão em huma roça de christãos nos Ylheos. E passando pollo Engenho de S. Joam, em que estava Thomás Alegrer, meteo N. Senhor tanto medo nos ossos dos christãos, que despovoão o Engenho sem yndio atirar frecha, antes se cree que, já satisfeitos da morte dos seus, se contentavão, porque a muytos christãos que poderão matar e roubar muy liberalmente deixarão yr. Como isto se soou, entrou o mesmo medo nos outros Engenhos e sem verem yndio despovoão e alargão tudo, recolhendo-se na Vila; o que vendo os Yndios, ao recolher de Thomás Alegre, lhe tomarão alguns escravos que poderão alcançar e entrarão e roubarão o que acharão nas fazendas. E asy, posto os christãos em cerquo, mandarão pedir socorro a esta Baya ao

Governador, de gente e munição e mantimentos, porque não comião senão laranjas. E agora ouça o que succedeo.

Pondo o Governador isto em conselho, huns dezião que ele devia de yr e outros que não mas, finalmente, por hum só voto de mais, se determinou que fosse, Mas como as principais pessoas erão de opinião que não fosse, e esta openião agradava mais aos proves, porque estes são por derradeiro os que se levão e deixão suas casas e temião levarem-nos, despois de todavia se determinar sua yda, contentando-sse mais de suas rezões que não da obediencia e parecer do Governador e dos outros, emtrou em muytos a murmuração, semelhante hà de Judas que dizia: Potuit unguentum istud venandari multo et dari pauperibus, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat. E asy esta gente, avendo de consolar e animar aos pobres que avião de yr, dezião que pera que era levá-los e tirar a gente ele suas casas? E isto não por se tanto doerem deles, como por temerem que poderia cayr o ceo e suas fazendas correrem ventura, não vendo que ho Governador levava muyta gente dos Yndios e os que fica vão não avião de ousar de bolir consigo, mayormente estando tam sujeitos, nem olhavão que em tempo de tam extrema necessidade como estavam, avia obrigação de lhes socorrer. E com este desgosto que todos os principais tinhão e a gente popular bramava se embarcou o Governador sem aver quem o ajudasse naquela armada, pobre, feita mal e por mal cabo e mal aviado, com muyta desconolação, que ouvera V. M. lastima se o vira como ho eu vi, porque huns não ajudavão, outros estorvavão, outros mordião, e todos com fastio, e outros ho desacatavão, ele maneira que, como a homem de capa cayda, quem quer se lhe atreve, porque dizem que não tem lá no Reyno ninguem por sy e tudo lhe convertem em mal, até a morte de seu filho r que elJe sacrificou por esta terra. Mas neste negocio, de Garcia d'A vila só sey que se lhe offereceo pera yr com elle, porque quando hé tem po sabe bem usar da boa criação que V. M.. nele pôs; mas o Governador o excusou. Ou tro se lhe offereceo, parecendo-lhe que tambem o excusasse o Governador, mas lançando mão por sua palavra, se tornou a excusar querendo mais padecer vergonha no rosto que magoa no coração. Desta maneira o tratão, mas ele se há com muyto sofrimento e paciencia em tudo.

Despois de embarquado, ventando sudueste e sendo a força do ynverno, quis N. Senhor aver piedade daquelas almas, que nos Ylheos estavam, e se mudou ao nordeste, vento prospero com que em dous dias chegou lá, e achou-os em tanto aperto, que se mais tardara oito dias, dizem que os achara comidos dos Yndios, e se tiverão embarquação todos ouverão já despovoado. E logo que achegou, tomada a emformação da terra, desembarcou à mea noite, começou a caminhar pala praya com a sua gente e outra ela terra, que toda estava sem alma e sem spiritos vitais, e com sua yda tornarão em sy. E foy-se pala praya, palo caminho que vai pera Porto Seguro, e tomarão humas espias dos Yndios que forão logo mortas e presas; forrão dar em huma Aldea onde matarão tres ou quatro pessoas, porque os mais fogirão e não poderão mais fazer que queimarem-lhe as Aldeas. Tornando-sse a recolher pera a Villa, vinhão os Yndios ladrando detrás às frechadas. Meteo-sse Vasco Rodriguez que levava a dianteira em cilada no mato e deixou-os passar e, como os teve dentro deu neles e matarão hum só os christãos, porque todos se acolherão ao mar, com os quais se lançarão tambem os nossos yudios da Baya, que o Governador levou, e forão nadando huma grande legoa e lá tiverão huma forte batalha; mas os nossos, ajudando-os o favor divino, sendo já alguns deles christãos, amostrarão muyto esforço e matarão lá alguns e outros trouxerão mal feridos que na praya acabarão de matar. Outras vezes farão a outras partes e não acharão já yndias, que todos se

afastarão longe. De todas estas vezes foy o Governador em pessoa, e todos se espantão de seu animo e forças, porque ele amostrou sentir menos a caminho, sendo ele de muytas sobidas e muytas agoas e matos rnyu bravos.

Despois veo outra nova, e hé que parecendo aos Yndios dos Ylheos que o Governador seria ydo, porque virão sayr do porto alguns barquos e navios, os quais mandava o Governador buscar mantimentos e a buscar yndios que pedião pazes e se offerecião a peleijar contra os outros, dizendo que não farão consintidores do que os outro[s] fizerão, determinarão ele vir ao salto e vierão ter a huma roça de André Gavião, onde estavam oito negros de Guiné, doentes e tristes. E foy mandaria Vasco Rodriguez com a gente a fazer-lhes cilada, e puserão-se em quatro partes pera não poderem escapar por nenhuma, e entrarão na cilada sesenta negros valentes, homens e mancebos, e todos forão tomados sem nenhum escapar: os quarenta matarão ali logo, os vinte trouxerão, os qnais o Governador tem pera por eles aver algumas crianças que aynda estão em poder dos negros e alguma fazenda dos christãos; mas todavia os oitos negros de Guiné acharão mortos por estes sesenta antes que a cilada se clescubrisse. Dizem que dahy, jornada de dous dias, se fazyão fortes os Yndios com cerqua; esperava-sse por boom tempo pera darem nela, e se estes forem vencidos, pala miserieordia de N. Senhor acabar-se-á aqui, porque todos os mais pidem pazes e na verdade amostram-se sem culpa e sometem-se à obediencia.

Vinhão humas canoas de yndios do Rio das Caravelas e forão tomadas, em que vinha huma grande santidade sua. Estes todos e seus parentes se querem vir viver aos Ylheos pera os guardarem e defenderem, os quais dizem que são de outra geração, que já em outro tempo se comião com estes que derão a guerra, do que eu tambem coligo que, quando Deus quer ajudar, os aroigosse fazem ynimigos em favor dos christãos e, quando quer castigar, faz dos ynimigos amigos, e huma causa e ou tra se via nesta terra por experiencia. E por isso em N. Senhor só se deve esperar, como diz o Sabia no Ecclesiastico: Respici te, filii, nationes homin um et scitote quia nullus speravit in Domino et confusus est; e o Propheta diz: Spera in Domino et fac bonitatem.

Deste negócio se deve muito a Vasco Rodriguez dê Caldas, a quem N. Senhor deu tamboa fortuna, como até agora tem dado, e por seu esforço tira o medo aos christãos desta terra e se crê que os Yndios não são serpes, mas gente nua, nos quais estou espantado, porque não parecem que são da casta dos portuguesses que lemos nas coronicas e sabemos que sempre no mundo tiverão o primado em todas as geraçõis e polas historias antigas e modernas se lê. Estando tanta gente nos Ylheos, sem verem mais que quemarem huma casa de huma roça, alargão Engenhos e fazendas e quanto tinhão e põem-se em hum oiteiro, vendo que lhes matavão o gado e lho camião peraante eles, e todos encorrelaclos que seria mais de mil almas de peleja com escravos e tudo.

E o mesmo será de todas as outras Capitancias em mentes o gentio não for senhoreado por guerra e sujeito, como fazem os Castelhanos nas terras que conquistão, e no Paraguay o fizerão com muy pouca gente senhoreando o mayor gentio que há na terra. E asy estão as fazendas e vidas dos homens na mão dos Yndios cada vez que quiserem, se não se for nesta Baya, onde já o gentio está sujeito e medroso, este que está perto dos christãos. Meu conselho seria ô bem se ganhar e se segurar, ou alargá-la, porque se se espera que con qualquer paz se yrá povoando, eu vejo que cada vez há menos gente e menos resistencia aos Yndios, e mais gente vay do que vem e outros que morrem a mãos de yndios em barquos que se perdem. Se isto fosse, os Yndios serião christãos e ha terra se povoaria em ser-

viço de Deus N. Senhor, scilicet, e em prol do Reyno.

Em Sant Vicente, onde eu creio que há mais gente pera senhorear yndios que em nenhuma Capitania, porque alem de aver muytos brancos e mamalucos, há ahy muyta escravaria, nam se trata de ganhar a terra, senão de se darem à boa vida, e com ardis e manhas muy perjudiciaes a suas almas e com peítarem os Yndios querem lograr suas cãas com suas queixadas sãas, e asy vivem à mercê dos Yndíos.

Ho ano passado me escreverão que vierão os castelhanos a vingar a morte de alguns christão e yndios carijós que os Tupis de S. Vicente avião morto, avendo o capitão do Paraguay feito pazes antre os Tupis e Carijós que não lhe cumprirão, polo qual vierão castelhanos e carijós a vingar isto, e foy a monandade tanta que fizerão nos Tupis que despovoarão o Rio Grande e vinhão fugindo pera o mar de S. Vicente com medo dos castelhanos. Antre estes castelhanos vinha algum portugues, dos que fugirão ele S. Vicente, o qual conhecerão os Yndios, e por isso determinarão de se vingarem nos portugueses de S. Vicente, e vinhão com determinação de matarem os christaos de Gerabatiba, e lá ouverão de yr tam bem meus Irmãos de Pyratininga se N. Senhor não socorrera, e foy que meteo na vontade a dous Principais do Campo, os quais detiverão a muyta gente que já caminhava com aq uele mao preposito e fizeram-os tornar.

A gente de S. Vicente e Sanctos ouvindo estas novas, mandarão lançar fama que era achegacla huma caravela ehea de castelhanos, que avião de yr por terra e outros aviam de vir do Paraguay e tomarião no meo a todos e os matarião. Ho que nisto pretendião era por meter medo ao gentio que não viesse, mas como souberão da mentira, não servio de mays que de ficarem mais desacreditados com os Yndios; de maneira que aquela Capitania está em grande pendura; e não está em mais que em quererem os Yndios, porque, aynda que há muyta gente, hé toda triste e desarmada; e agora se lhe acrecentou outra desventura, que forão os franceses, e temo vir alguma triste nova e estou muy arrependido de não aver já tirado meus Irmãos de lá, porque, segundo parece muy claro, está aquela terra com a candeia na mão, porque cada vez se lhe acrecenta a desventura e lhe falta o socorro. Ho capitão do Paraguay se mandou offerecer por vezes, que sobjetaria os Tupis a Sant Vicente, se lhe dessem licença, e querem com os portuguesses trato e conversação, e ajudá-los contra o gentio e outros ymigos, e nem o querem aceitar nem querem ganhar a terra, mas deixam-se estar esperando que por huma parte os matem os franceses e os contrairos por outra, e os Yndios da terra que se alevantem e os acabem de consumir e comer a todos. Este segredo eu não ho entendo, mas vejo yr-se a perder tudo.

Já tenho dito muyta parte de minha dor a V. M.; muytas mais dores me fica vão pera com ele desabafar que por carta se não podem dizer. Peço-lhe pala charidade de Christo N. Senhor com que sempre me amou, que a soberba e ygnorancia que nesta conhecerá, emende paternalmente e, quanto nele for, faça socorrer a este pobre Brasil do que ele bem sabe que lhe será necessario pera tantas ynfirmitades quantas tem, pera que esta piquena faisca de fee e amor divino, que agora se começa acender nos corações deste gentio, se continue e não se apague, pois Christo N. Senhor venit hunc ignem mittere in terram et vult ut accendatur, Ele lhe dê por sua misericordia a sua paz na terra e a gloria nos ceos. Amen.

Anexo V: Ao Cardeal Infante D. Henrique de Portugal

São Vicente 1 de Junho de 1560

Jesus
Senhor

A paz de Christo Noso Senhor seja sempre em Contino favor e ajuda de Vossa Alteza.

O anno passado de 1559 me derão huma de Vossa Alteza em que me manda que lhe escreva e avise das cousas desta terra que elle deve saber. E pois assi mo manda lhe darei con ta cio que V. A. mais folgará de saber que hé da conversão do gentio a qual depois da vinda deste Governador Men de Saa, creceo tanto que por falta de operarios muytos, deixamos de fazer muyto fruyto. E todavia Com esses poucos que somos se fizerão quatro igrejas em povoações grandes onde se ajuntou muyto numero ele gentio pola boa ordem que a isso deu Men de Saa com os quais se faz muyto fruyto, pala sogeiç[io e obediencia que tem ao Governador e em mentes durar o zelo delle se irão ganhando muytos, mas cessando em breve se acabará tudo, ao menos entretanto que não tem ainda lançadas boas raizes na fee e bons costumes.

A causa porque no tempo deste Governador se faz *isto* e não antes, não hé por agora aver mais gente na Bahia, mas porque pode vencer Men de Saa a contradicção de todos os Christãos desta terra que era quererem que os Indios se comessem, porque nisso punhão a *segurança* da terra e quererem que os Indios se furtassem huns aos outros pera elles terem escravos e quererem tomar as terras aos Indios contra rezão e justiça e tiranizarem-nos por todas as vias, e não querem que se ajuntem pera serem doutrinados por os terem mais a seu proposito e de seus serviços, e outros inconvenientes desta maneira, os quais todos elle vence, a qual eu não tenho por menor victoria, que as outras que Nosso Senhor lhe deu; e defendeo a carne humana aos Indios tão longe quanto seu poder se estendia, a qual antes se comia ao redor da cidade e às vezes dentro nella, prendendo os culpados, e tendo-os presos até que elles bem conhecessem seu erro, sem nunca mandar matar ninguém.

E isto soo abastou pera asogiguar a muytos e obriguá-los a viver segundo ley de natureza como agora se obrigão a viver, mas isto custou-lhe descontentar a muytos e por isso ganhar inimigos, E certifico a V. A. que nesta terra mais que nenhuma outra, não poderá hum Governador e hum Bispo, e outras pessoas publicas contentar a Deu s Noso Senhor e aos homens, e o mais certo sinal de não contentar a Nosso Senhor, hé contentar a todos, por estar o mal muy introduzido na terra por costume.

Depois socedeo a guerra dos Ilheos a qual começou por matarem hum Indio no caminho de Porto Seguro, e creio que por desastre, ou por melhor dizer querer Nosso Senhor castigar aquelles Ilheos e feri-los pera os curar e sarar, e foy assi que estando os Engenhos todos quatro queimados e roubados e a gente recolhida na Vila em muyto aperto; lá o Governador a socorrer com lho contradizerem os mais ou todos da Bahia por temerem que ido elle se poderião alevantar os da Bahia. Mas com elle levar muytos Indios da Bahia consigo, cessava todo este inconveniente e o que hé muyto pera louvar a Nosso Senhor hé que sendo isto no inverno em tempo de monçõis contrairas pera *ir* aos Ilheos, na hora que foy embarcado lhe concertou o tempo e lhe veio vemto prospero tanto quanto lhe era necessario e não mais nem menos; e lá deu-se tam boa mão que em menos de dous meses que lá esteve deixou os Indios sogeitos e tributarios e restituirão o mal todo que tinham feito assi

aquelle presente como todo o passado e obrigados a refazerem os Engenhos e não comerem carne humana, e receberem a doutrina quando ouvesse Padres pera lha dar. De maneira que já agora a geração dos Topinaquins, que hé muyto grande, poderá também entrar no Reyno dos Ceos.

Neste tempo, que o Governador era ido ao socorro dos Ilheos, socedeeo que huns pescadores da Bahia se desmandarão e forão pescar à terra dos Indios do Parauaçu, os quais sempre forão inimigos dos Christãos posto que a este tempo alguns tinham feito pazes com o Governador e lá farão tomados e mortos quatro pesoas. Depois tornando o Governador lhes mandou pedir os matadores e por lhos não quererem dar lhes apregoou guerra e a elles com toda a gente da Bahia que era pera pelejar e com muytos Indios e entrou polo Parauaçu matando muytos, queimando muytas Aldeas, entrando muytas cercas e destruindo-lhes seus mantimentos, cousa nunca imaginada que podia ser, porque geralmente quando niso se falava dizião que nem todo Portugal abastaria por ser terra muy fragosa e chea de muyta gente, e foy a vexação que lbes derão que elles ganharão entendimento pera pedirem pazes, e derão-lhas com elles darem dous matadores que tinham e com restituírem aos Christãos quantos escravos lhes tinham comido, e com ficarem tributarios e sogeitos e obrigados a receberem a palavra de Noso Senhor quando lha pregassem, Esta gente está agora muy disposta pera nelles se frutificar muyto.

Disto poderá V. A. entender quantos operarias de nosa Companhia há mister tão grande messe como esta e cada dia se irá fazendo mayor tanto quanto a sojeição dos gentios se continuar.

Depois sendo o Governador de muytos requerido que fossem vingar a morte do Bispo e dos que com elle hião, por ser hum grande opprobrio dos Christãos e ser causa dos Indios ganharem muyta soberba porque morreo ali muyta gente e muyto principal: elle se fazia prestes aparelhando muytos Jndios da Bahia, mas isto estorvou las a vinda da armada que veyo. Com a vinda da qual se determinou de ir livrar o Rio de Janeiro de poder de franceses todos lutheranos e partio visitando algumas Capitancias da costa até chegar ao Spirito Santo, Capitania de Vasco Fernandez Coutinho, onde achou huma no pouca de gente em grande perigo de serem comidos dos Indios e tomados dos franceses, os quais todos pedirão que ou tomasse a terra por El-Rey ou os levasse dali por a não poderem já mais sustentar, e o mesmo requeria Vasco Fernandez Coutinho por suas cartas ao Governador. Depois de tomado sobre isso conselho a aceitou, dando esperanças que da tornada a fortaleceria e favoreceria no que pudesse, por não ter tempo pera mais e por não se estrovar do negocio, a que vinha, do Rio de Janeiro. Esta Capitania se tem por a milhar cousa do Brasil depois do Rio de Janeiro, nella temos huma casa onde [se] faz fruyto com os Christãas e com os escravos e com huma geração de Indias que ahi estaa, que se chamão do Gato que ahi mandou vir Vasco Fernandez do Rio de Janeiro; entende-se também com alguns Topinaquins e se Noso Senhor der tam boa mão ao Governador à tornada, como lhe deu em todas as outras partes, que os ponha a todos em sojeição e obediencia, poder-se-há fazer muyto fruyto porque este hé o melhor meyo que pode aver pera sua conversão.

Dali nos partimos ao Rio de Janeiro e asentou-se no conselho que darião de supito no Rio de noite pera tomarem os franceses desapercibidos, e mandou o Governador a hum, que sabia bem aquelle Rio, que fosse diante guiando a armada e que ancorasse perto donde podessem os bateis deitar gente em terra, a qual avia de ir por certo lugar, mas isto aconteceo de outra maneira do que se ordenava; porque esta guia, ou por não saber, ou por não querer, fez ancorar a armada tam

longe do porto que não poderão os bateis chegar se não de dia com andarem muyta parte da noite e foy logo vista e sentida a armada.

No mesmo dia que chegamos se tomou huma nao que estava no Rio pera carreguar de brasil, a gente della fugio pera terra, e recolheo-se na fortaleza, tomou-se conselho no que se faria e, vendo todos a fortaleza do sitio em que esta vão os franceses e que tinham consiguio os Indios da terra, temerão de a com baterem e mandarão pedir ajuda de gente a S. Vicente, mas os de Sam Vicente sabendo primeiro da vinda do Governador ao Rio já vinhão por caminho e como chegarão determinou-se o Governador de os combater, mas toda a sua gente lho contradizia porque tinha já bem espiado tudo e pareciaolhes cousa imposivel entrar cousa tam forte e sobre isso lhe fizerão rnytos desacatamentos e desobediências.

Mas eu sobre isto tudo, a mayor dificuldade que lhe achava era ver aos capitães da armada tem pouco unidos com o Governador, e ver tam pouca obediencia em muytos toda aquella viagem em que me achey presente. E isto naceo de se dizer publicamente e saberem que o Governador estava mal acreditado no Reyno com V. A. e que se avião lá dado capitulos delle por pesoas que com paixão emformarão lá mal a V. A e parece que com pouca rezão, porque as mais das causas me passavão pola mão, como terceiro que era nellas, pera as remediar. E por isso quem quer se lhe atrevia e por dizer que tinha lá imigos no Reyno e poucos que favorecessem sua causa, o que lhe tirou muyto a liberdade de bem governar, mas agora ouça V. A. as grandezas de Nosso Senhor.

E a primeira me parece que foy dar Nosso Senhor graça ao Governador pera saber sofrer tudo e dar-lhe prudencia pera em tal tempo saber trazer as vontades ele todos, tam contrairas à sua, a condescenderem com aquillo que elle entendia e Nosso Senhor lhe inspirava, e foy assi que a huns por vergonha a outros por vontade lhe pareceo bem de cometerem a fortaleza.

A 2^a maravilha de Nosso Senhor foy que depois de combatida dous dias e não se podendo entrar e não tendo já os nossos polvora mais que a que tinham nas camaras pera atirar e tratando-se já corno se poderião recolher aos navios sem os matarem todos, e como poderião recolher a artelharia que avião posto em terra, sabendo que na fortaleza estavam passante de 60 franceses de peleja e mais de 800 Indios e que erão já mortos dos nossos 10 ou 12 homens com bombardas e espinguardas: mostrou então Noso Senhor sua misericórdia e deu tam grande medo nos franceses e nos Indios que Com *elles* estavam que se acolherão da fortaleza e fugirão todos deixando o que tinham sem o poderem levar.

Estes franceses seguião as heresias de Alemanha principalmente as de Calvino que está em Genevra, segundo soube aqueelles mesmos, e polos livros que lhe acharão muytos, e vinhão a esta terra a samear estas heresias palo gentio, e segundo soube tinham mandados muitos meninos do gentio a aprendê-las ao mesmo Calvino e outras partes pera depois serem mestres, e destes levou alguns o Villagalhão que era o que fizera aquella fortaleza e se intitulara Rey do Brasil.

Deste se conta que dizia que quando El-Rey de França o não quisesse favorecer pera poder ganhar esta terra, que se a via de ir confederar com o Turco, prometendo-lhe de lhe dar por esta parte a conquista da India e as naos dos Portugueses que de lá viessem, porque poderia aqui fazer o Turco suas armadas com a muyta madeira da terra, mas o Senhor olhou do alto tanta maldade, e ouve misericórdia da terra e de tanta perdição de almas et mentita est iniquitas sibi r, e desfez-lhe o ninho e deu sua fortaleza em mãos dos Portugueses, a qual se destruyo o que della se podia derubar, por não ter o Governador gente pera logo povoar e fortificar como convinha.

Esta gente ficou antre os Indios e esperão gente e socorro de França, mayormente que dizem que, por El-Rey de França o mandar, estavam ali pera descobrirem os metais que ouvesse na terra, assi há muytos franceses espalhados por diversas, pera milhar buscarem.

Parece muyto necessario povoar-se o Rio de Janeiro e fazer-se nelle outra cidade como a da Bahia, porque com ella ficará tudo guardado, assi esta Capitania de Sam Vicente como a do Spirito Santo que agora estão bem fracas, e os franceses lançados de todo fora e os Indios se poderem milhar sojeitar.

E, pera isso, mandar mais moradores que soldados porque doutra maneira pode-sse temer com rezão, ne redeat immundus spiritus cum aliis septem nequioribus se, et sint novissima peiora prioribus porque a fortaleza, que se desmanchou, como era de pedras e rocha que cavarão ao picão, facilmente se pode tornar a reedificar, e fortalecer muyto melhor.

Depois de tomada a fortaleza, deu o Governador em huma Aldeia de Indios e matou muytos, e não pode fazer mais porque tinha necessidade de concertar os navios, que das bombardadas ficarão mal aviados e fazê-los prestes pera se tornarem; o que veo fazer a esta Capitania de S. Vicente, onde eu fico por assi o ordenar a obediencia. O que mais ouver pera escrever o Provincial, que agora hé, o Padre Luis da Grã, o fará da Bahia. Nosso Senhor Jesu Christo dê a V. A. sempre a Sua graça. Amen.

Anexo X: Ao P. Diego Laynes, Roma

São Vicente 12 de Junho de 1561

+

Jesús

La summa gratia y amor de Jesú Christo N. Senor sea siempre en nuestro continuo favor. Amen.

El modo de proceder el tiempo que yo fui Provincial en esta Provincia del Brasil, se haa variado de muchas maneras quanto a su gobierno, porque yo seguía um camino y después, por cartas y avisos que tuve de Portugal:, y mucho más después de la venida del P. Luis de Grãa, por su consejo carninava por otro en algunas cosas y en otras dudava y las communicava a Portugal, ro y dava la informati3n que avía, y respondíanme así de Roma como de Portugal y aque1 camino seguía después.

Aora que el P. Luis da Grãa tiene el cargo de Provincial no se satisfaze con las determinaciones que vinieron, y es de opinión que no se pueden de acá dar informat1ones bastantes por cartas, y desseava que viniessse un Visitador o Commissario para que de más cerca pudiesse juzgar las cosas que tienen duda, y llevaba propósito de escribir de la Baya largo a V. P.

Parecióme a mi tarn bién que dessearia V. P. tener tam bién de mi informati3n como de persona por q uien todas passaron por la mano y a más tiempo que con ellas trato, assí en el entendimiento como en la executi3n dellas, y assí en esta daré cuenta de lo que se duda, aunque sean cosas antiguas que ya por vezes se an escrito, para que no faltando informaciones de todas partes, puecla escoger y proveer como in Domino le paresciere.

El ano de 49 fui em biado por el P. Maestro Simón a estas partes con mis cinco compafieros, el qual me dió entre otros avisos este, que si en estas partes

oviesse disposición para aver collegios de nuestra Compaffia, o recogimiento para hijos de las gentiles, que yo pidiesse tierras al Governador y escogiesse sitios y que de todo le avisasse. El primel ano no me pude resolver en nada. mas solamente corrí la costa y tome las pulsos a la tierra.

Luego en el siguiente afio mandaron quatro Padres con algunos mochachos huérfanos, y esta me hizo creer mi opinión, y que N. Senor era servido de ave r casa para mochachos de los gentiles, y aquellos veníam para dar principio a otros muchos de acá de la tierra que se recogeríam con ellos. Y comencé de adquirir algunos con mucho trabajo, por estar en aquel tiempo muy indomitos, y pedí sitios para casas y tierras al Governador, y uve algunos esclavos y entreguélos a un secular para con ellos hazer mantenimientos a esta gen te.

Luego en el siguiente afio vinieron más huérfanos con bullas para se ordenar cofradia, lo que luego se hizo en la Baya y en la Capitanía del Spíritu Sancto y en esta de S. Vicente, repartiendo los mochachos por las casas, los quales eran acceptos en la tierra a la gente portoguesa por causa de los officios divinos y doctrina que dezían. Y con estos se ayuntaran otros de los gentiles y huérfanos de la tierra mestizos para a todos remediar y dar vida.

Y desta manera caminamos hasta la venida del Luis de Grãa, del qual supe como en Portogal no se aprovava tener nosotros el assumto destos mochachos, y menos ordenar sus cofradías. Y con esto me vino una carta de Antonio de Quadros escrita por eommissioll. del Provincial, que en aquel tiempo era en Portogal, en que me avisava no se dever adquirir nada para mochachos, ni hazer dellos tanto caso, como en la verdad lo que se adquirió, assí de tierras como de vaccas, no fué mi intención ser solamente para mochachos, mas para lo que la Compafiía dello dispudiesse como le pareciesse más gloria del Señor, aora fuesse en nuestros collegios, aora en casas de mochachos, aora en todo junto; y por no aver estudiantes nuestros se gastava con los moehaehos assí de la tierra como con las que em biaron de Portogal.

Y puesto que yo tenía. contraria opinión, y me parecía que las causas por donde en Portogal se dexa van las mochachos no avían acá tanto lugar, con todo comencé a desandar la rueda que tenía andado, y apoquentar los ninos y quitar cofradías, quánto pude sin scándalo, maiofmente después que vinieron las Constitutiones, las quales en las reglas del Rector dezían que no se recibiesen en casa, ni aún infieles para doctrinar, e pareció al Padre Luis de Grãa, que en aquel tiempo era mi collateral, ya todos las más Padres, que avla aquello acá lugar también.

En esta Capitanla de S. Vicente adquirió el P. Leonardo Nunez en aquel tiempo los más moços de los Indios por mi mandado que eu ninguna parte. Estas puse en casa de sus padres en Piratininga, onde por su contemplación principalmente hize aquella Casa, para que nosotros los doctrinásemos y sns padres los sustentassen, y con ellos ganássemos a todos las más. Mas succedió que, sus padres como tíenen de costumbre no vivir en una parte más de 4 o cinco afios, y ellos crescieron, y ni estos ni otlos se adquirieron, y assí se perdió todo.

Y aconteció a uno destos pedimos con palabras de piedad no le apartássemos de nosotros, y todavía se apartó por obedescer, puesto que can assaz compassión mía y dolor, porque muchos hijos de los Inclios sabían leel' y escri vir, y officia lan las missas, que era m ucha edificación para todos assí Portogueses como Indios. Lo mismo se hizo en las otras partes, y se quitaron las cofradías, sino fué en e1 Spíritu Santo, onde por roa devoción de la gente la sustentaron, diziendo las missas su vicario, hombre devoto los moradores los

sustentaron con limosnas, dando dellos cargo a un hombre, mas esto también duró poco.

En la Baya también se diminuíó todo. Los mochos que dexé, se dieron a oficios, y no se recogieron otros, así por esto, como por no a ver sustentación para ellos, porque los esclavos que yo dexé y mantenimientos, todo felleció y no se procuraron otros. Y quando volví allá desta Capitanía de S. Vicente, onde residí por tres o quatro años, hallé que de Portugal avían embiado algunos veinte huérfanos, y con ellos recogió el P. Ambrósio Perez a otros de la tierra; y quedé perplexo por parecer que tenían ya otro consejo, y por esso lo conservé hasta que tuve carta del P. Maestro Polanco escrita por comisión de V. P. en que parecía aprovar la obra, y pedía que lo avisassen si se podrían criar hijos desta tierra eu la Europa, lo que concordava con lo que de Portugal después me respondieron a mis cartas. Y con esta entré más de propósito y clime priessa a recoger mochos de buenas habilidades de las Indios, y di orden a se hazer mantenimientos assi para nuestro collegio como para la casa de las mochos, a los quales híze hazer un aposentamiento apartado de la habhatión tanto quanto la pobres a de la tierra dava lugar.

Este año de 60 siéndome mandado de Portugal que residiese en este S. Vicente, onde estava el P. Luis de Grãa, y comunicándolo todo no le parece bien lo que se gasta con mochos, ni la ocupación de mirar por ellos, y algunas razones que dél pude coligir porné aqui, él escribirá las más.

La primera. Estos mochos después que crescen, vuelven a la misma vida de sus padres que antes tenían, eu partes donde no tienen su bjección, ni ay posibilidad en la tierra para se le dar, como es esta Capitanía de S. Vicente; y adonde tienen subjección abasta enseiñarlos en sus propias poblaciones, adonde tenemos yglesias, como se haze, y así en ninguna parte parece ser convenientes casas de mochos.

Estos mochos, maxime los de los Indias, no son acceptos a la gente portuguesa, que mucho los querrían para sus esclavos; y si nosotros no los sustentamos y miramos por ellos, así en lo temporal como en lo spiritual, se pierde la obra, y hazer esto nosotros es mucha inquietación, y se haze injuria a la sancta pobreza, porque se requiere buscar esclavos y tener hazienda, la qual aunque se gaste con ellos el nombre que tiene es ser nuestra.

Estas razones y todas las más no me conducen mi entendimiento, porque aunque muchos mochos vuelven a seguir las costumbres de sus padres adonde no tienen su bjección, a lo menos esto se gana, que no vuelven a comer carne humana, antes lo estrañan a sus padres, y en el entendimiento salen capaces y alumbrados para poder recibir la gratia y tener contrición de sus peccados estando en peligro de muerte, y saben procurar mejor su salvación, como la experientia a mostrado en algunos, que es tener grande camino andado. Porque, según estos son brutales, si no van doctrinados quando pequesos, de los grandes nunca hombre se satisfaze de su fe, ni de su contrición para los baptizar aún en la hora de la muerte, ni tienen capacidad para entender lo que se les predica. En tanto que alguno de nosotros, por su bruteza, fué de opinión se debia baptizar ninguno de las grandes, por no ser capaces para el baptismo, si no se doctrinan y crían de pequesos, que es otro extremo; la qual opinión aunque yo del todo no la apruebo, la rehero a V. P. porque sepa que alguna razón tiene esta opinión. Y todo su volver a seguir el camino de la carne y andar desnudos, y por esso con verguença no venir a la iglesia: como hijos de Adam huyen de la iglesia porque solían andar vestidos quando

los teníamos y después no tienen industria para aver otros vestidos, y los que la tienen andan vestidos. Y de los que se han recogido no se perdieron todos, porque algunos morieron durando la inocencia, otros se han dado a oficios, otros se pasaron a otras partes adonde perseveran en la fe recibida.

Ni tampoco se debe tener por mal empleado el trabajo que se toma por librar ánimas de perdición de todo pérdidas y que otro remedio no tienen, y están en extrema necesidad deste. Ni su assunto es tan dificultoso, porque como andan desnudos y en pequeños no se extraña tanto, escusan muchos dellos vestidos. Su conducto también lo escusan porque ellos tienen tiempo, después de su lección, para ir a pescar su comida a los ríos que tienen mucho pescado y a la mar. La harina de la tierra les han de dar, la qual pueden hazer pocos esclavos para muchos dellos si oviere un hombre que por su devoción o salariado desto tenga cargo. En esta Capitanía de S. Vicente las redes, que son sus camas, es más dificultoso por ser caras, mas estas podían venir de otras Capitanías adonde son muy baratas, mas a P. Luis de Grãa paresee esta especie de mercadería.

También podríamos dar a estas lo que sobrasse de nuestros collegios, como las Constituciones permiten darse a estudiantes pobres. Yo quisiera suscitar esta obra en esta Capitanía, onde se podieron sustentarse con lo que nos sobra de la limosna del Rey y otras ayudas, a quantos yo pudiera ayuntar, mas a el Padre no le ha parecido bien.

Lo mesma se devia hazer en Darte onde tienen los Indios subjección, como es aora en la Baya y otras partes, porque mucha diferencia ay de doctrinarlos en sus poblaciones, estando conversando con sus padres, a doctrinarlos estando ellos en todo a nuestra obediencia. Quanto más que allende destes ay otros muchos a que no es posible acudir, ni hazerles allá casas y iglesias, que sería mucho servido de N. Señor entre tanto averles los hijos; maiormente que yo no pretendía recoger en las casas sino las de mejores habilidades para les enseñar también latín y después, de acá algo desbastados, poder en Hespana aprender letras y virtud, para que vuelvan después hombres de confianza, lo que parece muy conforme al espíritu de V. P. Y si unos herejes franceses que poblavan cierta tierra deste Brasil usavan desta, y en ella van muchos niños. a Calvino y a otras partes para que enseñados en sus errores bolviessen a la derra, quanto más razón será hazer nosotros lo mismo?

Este modo sería también util para seguridad de la tierra, porque si los Indios tuviessen esta prenda de sus hijos en nuestro poder, no se temerían tanto los christianos dellos quando algunos se arruinassen, como aconteció este alla en esta Capitanía de S. Vicente, que parecía que querían las Indias dar guerra a los Portugueses.

En esta tierra, Padre, tenemos por delante mucho número de gentiles y gran falta de operarios, devense abraçar todos los modos posibles de los buscar y perpetuar la Compañía en estas partes para remediar tanta perdición de ánimas. Y si acá es peligroso criarlos porque tienen más ocasiones para no guardar la castidad después que se hazen grandes, mándense antes deste tiempo a Europa assí de los mestizos como de los hijos de las gentiles, y de allá nos embíen quanto estudiantes moços pudieren para acá estudiar en nuestros collegios, porque eu estas no ay tanto peligro, y estas juntamente van deprendiendo la lengua de la tierra, que es la más principal scientia para acá más necessária. Y la experiencia ha mostrado ser este util medio, porque algunos de los huérfanos que de Portugal embiaron, que después acá admitimos a la

Compañía, sou aora muy útiles operarias. Esta trueca quería yo bazel al principio y em bié algunos mestizas, y dellos uno está agora en Coimbra, mas fui avisado que no mandasse más. Si no se a de hazer cuen ta sino de los operarias que se em bían de Hespafía, según vienen pocos y se acaban las que acá estáo, muy de spatio yrá la conversión desta gentilidad.

El P. Luis de Grãa parece querer llevar esta por otro espíritu muy diferente, y quiere edificar a la gente portoguesa destas partes por vía de pobreza, y converter esta gente de la mismo. manera que S. Pedra y los Apóstoles hizieron, y como S. Francisco ganó a muchos por penitencia. y exemplo de pobreza. Y esta opinión me persuadía siempre quando yo tenía el cargo y aún aora desseava introducirlo quanto fuesse possible, y siempre a tenido escrúpulos, porque es él muy zelador de la sancta pobreza, la qual quería ver en no poseer nosatros nada, ni a ver grangeerías, ni esclavos, pues éramos pocos, y sin essa, con las limosnas mendiga das, nos podíamos sustentar repartidos por muchas partes y deseava casas pobrezitas.

Y esta fué causa que, partiéndome yo desta Capitania para la Baya y dexando esclavos y esclavas entregados a un hombre con mantenimientos para las Hermanos, alcansando de mi licencia para hazer lo que le paresciesse, se concertá con aquel hombre dexándole todo con le dar cierto mantenimiento, sacando los esclavos muy necesarios para el servido de casa, el qual acabado, quedasse la Casa sin esclavos y sin mantenimiento y sin la criación, exceptode las vaccas. El mismo propósito llevaba para hazer aora en la Baya adonde quedó mucho mantenimiento hecho assi para las nuestros como para las ninas, y algunos esclavos de que un hombre tenía cargo, porque tiene él por mejor mercar el mantenimiento que tener quien lo haga. Bieu creo que los Padres de la Baya le irán a la mano, si no m udaren su opinión conformándose con la de su Provincial.

También me dexó mandado aora partiéndose para la Baya que yo no mercasse esclavos ni aún para trabajar en .las obras del Collegio que el dexava mandado que se hiziesse, mas que se alquillasen, que es cosa muy costosa y requiere mucha renta, y no ay cosa dessa manera que baste. Tiene también el Padre por grande inconveniente tener muchos esclavos, los quales aunque sean todos casados multiplicarán tanto, que será cosa vergonçosa para religiosos multiplicando mucho su generatió, ultra de la poca edificatió de las christianos. Esta razón no me concluye mucho, porque como un hombre lego las tiene a cargo sin nosotros entender con ellos, por más inconveniente tengo tener dos o tres necesarios para el servi tio de la Casa de que la Casa tenga cuidado, que tener muchos más sin nosotros entender con ellos, porque todos confessamos no se poder vivir sin algunos que busquen la lena y agua, y hagan cada día el pan que se come, y otros servidos que no es possible poderse hazer por las Hermanos, maxime siendo tan pocos, que sería necessario dexar las confessiones y todo lo demás.

Esta opinión del Padre me hizo mucho tiempo no firmar bien el pie en estas cosas, hasta que me resolví y soy de opinión (salva siempre la determinatió de la sancta obediencia) de todo lo contrario, y me parece que la Compafiía deve tener y adquirir justamente, por medios que las Constitutiones permiten, quanto pudiere para nuestros Collegios y Casas de mochachos, y, por mucho que tengan, harta pobreza quedará a las que discorrieren por diversas partes, y no devemos de querer que siempre el Rey nos provea, que no sabemos quanto esto durará, mas por todas vías se perpetue la Compafiía en estas partes, de tal manera que las operarias crezcan y no menguen.

Y aún si fuesse tanto, no ternía por desacertado adquirirse para casa de nifias

de las gentiles, de que tuviessen cargo mugeres virtuosas, con las quales después casassen estos moços que doctrinásemos. Y temo que íuesse esta grande inventión del enemigo vestirse de la sancta pobreza para im pedir la sal vatiõn de rnuchas ánimas.

Estamos eu tierra tan pobre y miserable que nada se gana con ella, porque es la gente tan pobre, que por más pobres que seamos, somos más ricos que ellos. No es poderosa toda la gente del Brasil a sustentarnas a los de la Compañía de vestido, aunque sea más vil que de Frayles de S. Francisco. Y si enferma uno de la Compañía, si no tiene remedio de Portogal, en la tierra no ay quien se lo dé, antes lo esperan todos de nosotros, y estas no solamente gentiles, sino también christianos. Acá no ay trigo, ni vino, ni azeite, ni vinagre, ni carnes, sino por milagro; lo que ay por la tierra, que es pescado y mantenimiento de raizes, por mucho que se tenga, no dexaremos de ser pobres, y aún esta no lo ternemos si no se trabaja, porque ni desto ay limosnas que basten. Quien acá a de trabajar en la vífia dei Sefior a menester sustentar el subjecto, porque Jos trabajos son muy maiores que en otras partes y los mantenimientos son muy flacos. Y puesto que la charidad y juventud hagan no sentirse tanto, todavía dévese tener respecto a les conservar la salud, y es grande pérdida perder uno de la Compafiía la vida y salud con que mucho se sirve N. Señor.

Las gratias y facultades recebimos de que usamos. Una duda nos quedó, y es si avrán también las dispensationes circa matrimonia contrahenda conlos hijos de las christianos mestizos, porque algunos deltas son tales que dellos alos mismos gentiles ay poca diferencia.

N. S. Jesú Christo nos dé su copiosa gratia para conoscer su sanctíssima voluntad y aquella perfectamente cumplir.

Deste Collegio de Jesú de S. Vicente a 12 de Junho de 1561 annos.

Anexo Z: Certificado do P. Manuel da Nóbrega

Rio de Janeiro 3 de Julho de 1568

Certifico eu, Manoel da Nobrega, da Companhia de Jezuz, que Diogo Martines cazou e recebeo por molher a Maria Bras, contheuda na petição digo na provizão do Senhor Governador dia do Espirito Santo, este anno de mil e quinhentos e secenta e oito annos. E por assim passar na verdade, fiz este e assinei. Hoje, tres dias de Julho de mil quinhentos e sessenta e oito.

Manoel da Nobrega